



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA**

**AS REDES E AS CONEXÕES POLÍTICAS DE ESPARTA E AGESILAU II NO  
SÉCULO IV: UM EXERCÍCIO DE HISTÓRIA CRUZADA.**

Prof. Doutorando Luis Filipe Bantim de Assumpção

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa

Rio de Janeiro

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA**

**AS REDES E AS CONEXÕES POLÍTICAS DE ESPARTA E AGESILAU II NO  
SÉCULO IV: UM EXERCÍCIO DE HISTÓRIA CRUZADA.**

Luis Filipe Bantim de Assumpção

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ) como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor.

**Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa**

Rio de Janeiro  
Junho de 2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

A851 Assumpção, Luis Filipe Bantim de  
Assur As redes e as conexões políticas de Esparta e  
Agesilau II no século IV: um exercício de História  
Cruzada / Luis Filipe Bantim de Assumpção. -- Rio de  
Janeiro, 2019.  
259 f.

Orientador: Fábio de Souza Lessa.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós  
Graduação em História Comparada, 2019.

1. Grécia Antiga. 2. Esparta. 3. Agesilau II. 4.  
História Cruzada. 5. Teoria de Redes. I. de Souza  
Lessa, Fábio, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

LUIS FILIPE BANTIM DE ASSUMPÇÃO

As redes e as conexões políticas de Esparta e Agesilau II no século IV: um exercício de História Cruzada.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada no Instituto de História da UFRJ, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História Comparada.

Data da provação: 29 de junho de 2019.

**Banca examinadora**

---

Orientador(a): Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa

---

Prof. Dr. Paulo Duarte Silva (PPGHC)

---

Prof. Dr. Deivid Valério Gaia (PPGHC)

---

Prof. Dr. Alexandre Moraes (UFF)

---

Prof. Dr. Pedro Peixoto (Pós-Doc)

**Suplentes**

Profa. Dra. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (PPGHC)

Profa. Dra. Adriene Baron Tacla (UFF)

*Dedico esta tese a Aquiles Filipe Tex Bantim, por me fazer acreditar verdadeiramente em mim mesmo.*

## AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para o desenvolvimento desta tese, porém, diferentemente de outrora, preferi me utilizar do “laconismo” para não pecar pelo excesso de palavras.

De imediato, agradeço ao meu orientador — o Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa —, que me preparou e forneceu as bases científicas para a produção dessa tese. Foi uma experiência de quatro anos, mas de muito aprendizado, formação e ensinamentos, o que me faz respeitar e admirar imensamente sua atuação profissional e sua empatia.

Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ e o seu corpo docente que, com excelência, contribuiu para a realização desta pesquisa. Do mesmo modo, ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ, cujas disciplinas me ajudaram a aprimorar o trabalho que vinha desenvolvendo junto ao PPGHC.

Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Anderson Martins Esteves pela amizade e a confiança mesmo nos momentos mais “nebulosos” desta trajetória acadêmica. Ao Prof. Dr. César Fornis (Universidad de Sevilla) e ao Prof. Dr. Stephen Hodkinson (The University of Nottingham) pelas conversas e esclarecimentos que surgiram ao longo da pesquisa. Agradeço também a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Violaine Sebillotte Cuchet por me receber nas instalações do ANHIMA — *Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques*, na ocasião de um estágio de pesquisa no ano de 2018. Aproveito para destacar a minha gratidão aos funcionários da *Bibliothèque Gernet-Glotz*, vinculada ao ANHIMA, pela paciência e a amabilidade com que me trataram e auxiliaram durante a minha estada em suas dependências.

Aos amigos do Laboratório de História Antiga da UFRJ, pelo companheirismo e a cumplicidade, além da seriedade em nossos estudos. Vocês me ajudaram muito. Do mesmo modo, aos membros do ATRIVM–UFRJ, pelas conversas divertidas e pelo compromisso de suas contribuições com o estudo do grego e do desenvolvimento de pesquisas científicas.

Outra pessoa que merece destaque nesse agradecimento é o Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos, cujo incentivo, admiração, amizade, carinho, paciência e companheirismo me impossibilitam de encontrar uma palavra no dicionário que defina a nossa relação. Obrigado por tudo.

Aproveito a ocasião para agradecer a minha amiga, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Cristina Lacerda Ribeiro, pela confiança e a contribuição com o meu trabalho acadêmico. Que possamos ampliar as nossas parcerias “espartanas”.

Agradeço também a todas as pessoas do meu convívio familiar que, nessa trajetória, souberam suportar o meu isolamento, o meu distanciamento e o cansaço físico-mental. Aos meus amigos-irmãos pessoais, que em muitos momentos me fizeram rir e tornaram as coisas mais leves quando, na verdade, parecia carregar o mundo nas costas.

Por fim, agradeço imensamente à Capes, que através de seu financiamento tornou possível a realização desta pesquisa.

I never lost sight of my fate  
Many tried to block my ways  
But persistence kept me going on  
Now we trespass the line of time  
Going back but I'm right here,  
Now and then, all done  
Kairós  
(SEPULTURA, 2011)

## RESUMO

Nesta pesquisa analisamos as conexões e as redes políticas de Esparta no reinado de Agesilau II, em virtude dos desdobramentos políticos, sociais e econômicos vivenciados pela Hélade com o fim da guerra do Peloponeso. Ao considerarmos os trabalhos historiográficos especializados sobre a trajetória de Esparta na primeira metade do século IV, verificamos que os autores — Charles Hamilton e Paul Cartledge — consideraram Agesilau como o responsável pela desestruturação de sua *pólis*. Nesse sentido, defendemos que Esparta vivenciou um desgaste oriundo das transformações vivenciadas pelo Pequeno Mundo helênico no decorrer do século V, tornando Agesilau um agente social no interior de um sistema políade que o superava em tamanho e poder.

Para fundamentarmos o nosso posicionamento, empregamos o método comparativo da História Cruzada proposto por Michael Werner e Bénédicte Zimmermann, ao destacar a possibilidade de se efetuar análises qualitativas entre indícios documentais sincrônicos e diacrônicos, além de favorecer análises simétricas e assimétricas entre os objetos investigados. Entretanto, complementamos as premissas deste método comparativo com a Teoria de Redes de Charles Kadushin, cujo arcabouço teórico-conceitual nos ajudou a materializar as conexões entre agentes históricos e sociedades para verificarmos o aspecto relacional de atuação do poder político de Esparta e Agesilau na Hélade do século IV. Isso se tornou possível em virtude do cruzamento de indícios de textos de variadas temporalidades históricas, os quais contribuíram para uma percepção ampla das redes políticas espartanas.

Do mesmo modo, em virtude da especificidade da documentação empregada utilizamos a teoria de Análise do Discurso desenvolvido por Dominique Maingueneau, a qual foi adaptada como método de pesquisa. Essa escolha nos permitiu romper a superficialidade dos documentos antigos para abordarmos a cena enunciativa, a representação e a intencionalidade dos autores clássicos ao descreverem as ações e práticas espartanas de acordo ao lugar social que ocupavam em suas sociedades e no período em que viveram.

O levantamento dessas informações nos permitiu afirmar que, em todas as sociedades politicamente organizadas, as decisões políticas são tomadas em grupo, o que impede um único sujeito de ser considerado o culpado por todo um processo de desestruturação política vivenciado pela a sua sociedade. Portanto, em nossa análise,

Agesilau foi um nó no interior de uma densa e ampla rede de conexões fomentada por Esparta.

**Palavra-Chave:** Antiguidade; Grécia Antiga; Esparta; Agesilau; História Cruzada; Teoria de Redes.

## ABSTRACT

In this research we analyze Spartan connections and political networks during Agesilaus II's reign, due to the political, social and economic developments experienced by Hellas with the end of the Peloponnesian War. When we consider specialized historiographical works on Spartan trajectory during the first half of the fourth century, we note that the authors — Charles Hamilton and Paul Cartledge — considered Agesilaus as responsible for the destruction of his *polis*. In this sense, we defend that Sparta experienced wear from the transformations experienced by the Hellenic Small World during the fifth century, transforming Agesilaus into a social agent within the political system of *polis* that surpassed Agesilaus in size and power.

In order to base our positioning, we used the comparative *Histoire Croisée* method proposed by Michael Werner and Bénédicte Zimmermann, emphasizing the possibility of a qualitative analysis between synchronic and diachronic source evidence, as well as favoring symmetrical and asymmetric analyses among the investigated objects. However, we complement the premises of this comparative method with Charles Kadushin's Network Theory, whose theoretical-conceptual framework aided in materializing the connections between historical agents and societies in order to verify the relational aspect of the political power between Sparta and Agesilaus during fourth century Hellas. This was possible due to the intersection of evidence obtained from texts originating various historical temporalities, contributing to a broad perception of Spartan political networks.

In the same way, due to the specificity of the Classical source assessed herein, we applied the Discourse Analysis theory developed by Dominique Maingueneau, adapted as a research method. This choice allowed us to break the shallowness of the ancient documents to address the enunciative scene, the representation and the intentionality of classical authors in describing Spartan actions and practices according to the social place they occupied in their societies and the period in which they lived.

The survey concerning this information allowed us to affirm that political decisions are taken in groups in all politically organized societies, preventing a single subject from being considered the culprit for an entire political disruption process experienced by his/her society. Therefore, in our analysis, Agesilaus was a knot within a dense and wide connection network fostered by Sparta.

**Keywords:** Antiquity; Ancient Greece; Sparta; Agesilaus; Histoire Croisée; Network Theory.

## SUMÁRIO

<b>Lista de Gráficos.....</b>	<b>16</b>
<b>Abreviaturas.....</b>	<b>17</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo I – Formando e promovendo conexões políticas – Lisandro, Agésilau e a <i>pólis</i> de Esparta.....</b>	<b>28</b>
1.1 – Considerações sobre a Hélade na passagem do século V ao IV.....	28
1.2 – As <i>póleis</i> no interior da Hélade – um espaço de conexões políticas.....	33
1.3 – Esparta, Lisandro e os antecedentes do poder político de Agésilau II.....	40
1.4 – Agésilau e as suas conexões políticas na Lacedemônia.....	49
1.5 – Agésilau e a cooptação dos magistrados lacedemônios.....	74
1.6 – Considerações parciais.....	77
<b>Capítulo II – As conexões de Esparta com a Hélade – a busca por <i>status</i>, recursos e influências.....</b>	<b>79</b>
2.1 – As redes políticas de Esparta com o Império Aquemênida – as ações de Lisandro e Ciro.....	79
2.2 – Esparta e os helenos – assimetria política após a guerra do Peloponeso.....	87
2.3 - A inserção de Agésilau nas redes políticas de Esparta e dos bárbaros – a expedição à Ásia Menor.....	96
2.4 – Desfazendo conexões políticas – as tensões entre Agésilau e Lisandro.....	101
2.5 – Agésilau como modelo de conduta entre os seus aliados da Hélade.....	105
2.6 – As conexões políticas de Esparta para além do Peloponeso.....	113
2.7 – O retorno de Agésilau, as novas conexões políticas na Hélade e a guerra de Corinto.....	116
2.8 – Considerações parciais.....	132
<b>Capítulo III – A Paz de Antálcidas e o abuso de poder espartano.....</b>	<b>135</b>
3.1 – Antecedentes à Paz de Antálcidas.....	135
3.2 – A Paz de Antálcidas e os seus efeitos nas redes políticas de Esparta.....	147
3.3 – Agésilau e a Paz de Antálcidas.....	151

3.4 – A Paz de Antálcidas como instrumento político-militar de Esparta.....	157
3.5 – Os excessos e a fragilidade das redes de Esparta.....	170
3.6 – Considerações parciais.....	184
<b>Capítulo IV – A nêmesis de Esparta e o fim do reinado de Agesilau II.....</b>	<b>186</b>
4.1 – O descomedimento das ações de Esparta e a retomada de Tebas.....	186
4.2 - Os efeitos das ações de Esfódrias para a supremacia espartana.....	194
4.3 – As novas investidas de Esparta e a fragilidade de suas conexões políticas...	200
4.4 – O desgaste da supremacia de Esparta e as resistências ao seu poder político	206
4.4.1 – Esparta: entre excessos políticos e a batalha de Leuctra.....	216
4.5 – Os efeitos de Leuctra sobre Esparta e as ações de Agesilau.....	226
4.6 – O mercenarismo de Agesilau: considerações parciais.....	238
<b>Conclusão.....</b>	<b>241</b>
<b>Documentação literária.....</b>	<b>248</b>
<b>Inscrições epigráficas.....</b>	<b>250</b>
<b>Dicionários.....</b>	<b>250</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>250</b>
<b>Anexo I – Mapa do Peloponeso.....</b>	<b>259</b>
<b>Anexo II – Mapa do Mar Egeu.....</b>	<b>260</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Árvore genealógica da provável relação de parentesco entre Agesilau II e Antálcidas.....	59
<b>Gráfico 2</b>	Conexões de Agesilau com as demais magistraturas de Esparta.....	76
<b>Gráfico 3</b>	Conexões de Tebas após a batalha de Leuctra.....	229
<b>Gráfico 4</b>	Conexões de Esparta após a batalha de Leuctra.....	234

## ABREVIACÕES

Aristóteles = ARIST.

*Política* = *Pol.*

*Ética a Nicômaco* = *Et. Nic.*

Cornélio Nepos = NEP.

Diodoro da Sicília = DIOD.

Anônimo

*Helênica Oxirrinca* = *Hel. Ox.*

Pausânias = PAUS.

Plutarco = PLUT.

*Ditos de Mulheres Espartanas* = *Dit. Mulh. Esp.*

*Vida de Agesilau* = *Ages.*

*Vida de Artaxerxes* = *Art.*

*Vida de Licurgo* = *Lic.*

*Vida de Lisandro* = *Lis.*

*Vida de Pelópidas* = *Pelóp.*

Tucídides = TUC.

Xenofonte = XEN.

*Agesilau* = *Ages.*

*Anábasis* = *Anáb.*

*Constituição dos Lacedemônios* = *Cons. Lac.*

*Helênica* = *Hel.*

*Hieron* = *Hier.*

## INTRODUÇÃO

Nas últimas três décadas houve um crescimento dos estudos sobre Esparta, assim novas perspectivas e tendências foram lançadas sobre esse objeto de pesquisa. Essa situação também se ampliou com a difusão da representação de Esparta na cultura popular, cuja ênfase recai sobre o HQ *300* de Frank Miller (1998), o filme homônimo dirigido por Zack Snyder (2006), o romance *Gates of Fire* de Steven Pressfield (1998) ou ainda o jogo *God of War*, cuja saga foi desenvolvida em 2005 pela Sony Computer Entertainment. Todas essas obras serviram de atrativo para muitos curiosos se aproximarem de Esparta enquanto um objeto de análise, além de dar visibilidade a uma temática de pesquisa que se manteve sem expressão historiográfica do final da década de 1940 até 1980.

Ainda que muitas pesquisas tenham se desenvolvido no cenário acadêmico nacional e estrangeiro<sup>1</sup>, existe um número significativo de obras que ainda tratam a cultura e a história de Esparta como coadjuvante de Atenas. Isso foi o reflexo da associação das práticas espartanas com os valores nazistas antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Stephen Hodkinson (2006, p. 112-113), Esparta foi apropriada pelo partido nazista em conformidade ao seu *ideal guerreiro*, aos pressupostos relacionados à preocupação com o território ancestral e a necessidade de se morrer pelo seu líder. Dessa maneira, a identificação de Esparta com o nazismo fez com que os estudos sobre essa sociedade apenas fossem retomados no Ocidente, com maior contundência, durante a década de 1980.

Sendo assim, mesmo com os avanços historiográficos das décadas de 1980 e 1990, os nossos esforços pretendem dar continuidade a uma investigação sobre Esparta que

---

<sup>1</sup> No cenário nacional, podemos citar os esforços de José Francisco de Moura em sua análise das prospecções arqueológicas na Esparta do período Arcaico; de Maria Aparecida de Oliveira Silva, cuja ênfase recai no discurso de Plutarco e na sua maneira de representar a sociedade espartana; de Isabel Sant'Anna Martins Romeo, que desenvolveu uma pesquisa relativa à mulher da aristocracia de Esparta, sobretudo as esposas dos esparciatas; Ricardo Barbosa da Silva defendeu, em 2017, uma dissertação preocupada em abordar a formação de uma identidade espartana atrelada à guerra; de Gabriel Cabral Bernardo, que elaborou uma dissertação interessante sobre a relação de Esparta com a ideia de “amor pela honra” nos discursos oriundos do século IV e como essa imagem acabou sendo reforçada como mecanismo identitário; e de Márcia Cristina Lacerda Ribeiro, que vem desenvolvendo investigações arqueológicas sobre as *póleis* periecas na região da Lacedemônia. Como o número de pesquisadores no ambiente internacional são muitos, iremos nos restringir a citar alguns, tais como o espanhol César Fornis e a sua abordagem voltada para relações políticas de Esparta com a Hélade; os britânicos Stephen Hodkinson e Andrew Bayliss que, respectivamente, investigam a relação entre política e economia na sociedade espartana e as questões relativas às representações líricas de Esparta no período Arcaico; o americano Paul Anthony Rahe, com a sua ênfase às questões políticas espartanas; o italiano Marcello Lupi e a sua ênfase em relações políticas associadas ao matrimônio no período Arcaico; o francês Nicolas Richer e as questões relativas à religião de Esparta entre os períodos Arcaico e Clássico.

considere a sua representação aos olhos dos autores clássicos e as problematize através de um arcabouço teórico-metodológico adequado. Feito isso, queremos abrir novas possibilidades de interpretação e investigação, as quais favoreçam o desenvolvimento de novos trabalhos e pesquisas sobre essa temática. Dessa forma, almejamos criar instrumentos de reflexão sobre a sua relação com a Educação Básica, de tal maneira que os avanços das pesquisas contribuam para o aprimoramento do ensino em todos os níveis. Esse aparente apelo também corresponde ao fato de grande parte dos materiais didáticos do ensino básico fomentarem a ideia de que Esparta foi uma sociedade belicosa e com um limitado desenvolvimento cultural.

Diante dessa conjuntura, Kostas Vlassopoulos (2009, p. 13-14) denunciou que a história helênica vem sendo pensada e desenvolvida de forma assimétrica, considerando unicamente a trajetória das sociedades helênicas e ignorando as entidades culturais com as quais estas se relacionaram no Mediterrâneo. Vlassopoulos enfatiza que precisamos romper com as divisões e polaridades estáticas com as quais a história da Hélade foi tratada — tais como: mestres e escravos, cidadãos e estrangeiros, homens e mulheres, helenos e bárbaros. Em nossa abordagem, verificamos que a denúncia de Vlassopoulos reside na maneira como muitos pesquisadores dependem dessas categorias para se pensar as relações interpessoais no mundo antigo. Nesse sentido, declaramos que as mesmas podem ser chaves analíticas úteis, desde que haja ponderação e que as investigações sejam capazes de observar alternativas para além de uma relação binária de oposição.

Mediante os apontamentos de Vlassopoulos, evidenciamos que o nosso objeto de pesquisa reside nas conexões e nas redes políticas de Esparta no reinado de Agesilau II. Em nossa análise abordamos como as conexões — simétricas e assimétricas — engendradas pela aristocracia espartana influenciaram nas tomadas de decisões de Esparta. Para tanto, Agesilau será o referencial de nossa pesquisa pela influência, o *status* e o poder que este *basileús* adquiriu ao final da guerra do Peloponeso, aspecto que influenciou na dinâmica política da Lacedemônia. Diferentemente da historiografia de referência utilizada, não partilhamos da ideia da responsabilidade de Agesilau pela desestruturação dos valores espartanos.

O argumento de Vlassopoulos também consolida uma parcela dos nossos objetivos, pois já não somos capazes de pensar as práticas político-culturais de Esparta de maneira isolada. Portanto, uma das formas mais adequadas para se perceber a especificidade de uma sociedade seria a lógica comparativa. Para tanto, Vlassopoulos (2009, p. 17-18) tenta

perceber o contato das *póleis* da Hélade com as demais culturas mediterrâneas, naquilo que o pesquisador denominou de *sistema mundo helênico*<sup>2</sup>. Os apontamentos de Vlassopoulos se inserem na Teoria de Redes<sup>3</sup>, cujos estudos nos permitem convergir estrutura e instituições, bem como as suas dinâmicas, e não somente seres humanos. Na condição de um sistema de relações, a Hélade seria composta por redes políticas, as quais se desdobravam em conexões. Segundo Charles Kadushin (2012, p. 3-8), as redes fundamentam as relações entre as pessoas através da conexão que estabelecem mutuamente. Como a formação de redes e conexões entre pessoas e sociedades não se restringem ao tempo e ao espaço, esse arcabouço teórico se mostrou fundamental aos nossos objetivos de pesquisa acerca de Esparta.

Mediante o exposto, o método comparativo da História Cruzada, proposto por Michael Werner e Bénédicte Zimmermann (2006, p. 37-38), se mostrou profícuo aos nossos interesses. Isso porque a História Cruzada nos permitirá escapar da *dimensão unilateral* que simplifica e homogeneiza as interseções históricas, haja vista que o seu princípio ativo garante que os objetos e entidades da pesquisa sejam considerados por meio da conexão e da circulação que estabelecem entre si. A História Cruzada nos permite demonstrar a relação que as sociedades helênicas mantiveram entre si, no interior do seu Pequeno Mundo<sup>4</sup>, além de enfatizar as possibilidades investigativas oriundas do cruzamento/entrelaçamento dos mais variados documentos. Isso se tornou possível pelo fato de a História Cruzada valorizar as escalas de observação entre os elementos pesquisados, as quais nem sempre são as mesmas.

A singularidade de nosso arcabouço teórico-metodológico reforça a importância de nossa pesquisa sobre Esparta, a qual terá como recorte temporal a primeira metade do

---

<sup>2</sup> As análises de Vlassopoulos convergem com a proposta de Charles Kadushin (2012, p. 28, 44, 57), cujas análises serviram de base para a nossa pesquisa. Verificamos que existe uma correspondência entre o sistema mundo helênico de Vlassopoulos e o Pequeno Mundo de Kadushin. Portanto, em virtude de nossa seleção teórico-conceitual utilizamos o conceito de Kadushin, ao invés de Vlassopoulos, embora reconheçamos que esses sejam correspondentes. Em conformidade à opinião de Kostas Vlassopoulos e Charles Kadushin, afirmamos que a dinâmica política, social, econômica e cultural de Esparta ocorreu de modo bastante singular, onde a repercussão de suas interações não teria se limitado a realidade geográfica da Hélade, chegando a integrar um Pequeno Mundo.

<sup>3</sup> No decorrer desta pesquisa utilizamos alguns gráficos em rede para esquematizar estas conexões. Para tanto, empregamos o programa Social Network Visualizer (SocNetV), versão 2.5, desenvolvido por Dimitris V. Kalamaras. O mesmo se encontra disponível em: <http://socnetv.org>.

<sup>4</sup> Conjeturando através de Kadushin (2012, *passim*) e de Irad Malkin (2011, p. 5-9, 27), o conceito de Pequeno Mundo (*Small World*) se define pelo fato de as redes serem capazes de conectar os atores e os nós que as compõem tornando o mundo um lugar pequeno. No que tange aos helenos, essa situação ainda se reforçava em virtude da conectividade garantida, muitas vezes, pelo Mar Mediterrâneo e a sua capacidade de encurtar distâncias entre as sociedades do seu entorno.

século IV<sup>5</sup>. Com o final da guerra do Peloponeso, Esparta obteve a supremacia entre os helenos e, para isso, teve que adequar as demandas oriundas das conexões com outras sociedades nas imediações do Mar Egeu. David Lewis (2006, p. 24) argumentou que entre as transformações mais sensíveis pelas quais a Hélade perpassou, podemos citar a desestruturação do poder ateniense sobre as *póleis* do Egeu e da Ásia Menor, o que produziu a transmissão de sua autoridade política sobre estas regiões para Esparta. Em conformidade a Lewis afirmamos que o governo espartano passou a ocupar uma posição central na rede política que existia entre as *póleis*. Com isso, os seus interesses e demandas se transformaram profundamente, pois a centralidade em uma rede pressupõe um conjunto de compromissos e deveres entre os nós conectados.

A conexão de Esparta com outras sociedades, no entanto, evidenciou a fragilidade de suas instituições, cujo equilíbrio e ordenamento se faziam presentes somente no discurso de pensadores tradicionais em sua tentativa de combater o avanço da democracia nos moldes atenienses. Tal perspectiva demarca a necessidade de um instrumento de investigação documental que nos permita superar a superficialidade dos textos analisados. Assim, empregamos a Análise do Discurso francesa. Segundo Dominique Maingueneau (1997, p. 14), devemos interpretar os discursos literários em conformidade aos seus respectivos contextos históricos, ou seja, o seu lugar social. Sendo assim, a afirmação de Maingueneau reforça a necessidade de aprofundarmos o nosso conhecimento sobre os autores dos documentos utilizados nessa pesquisa. Por outro lado, para entendermos a sua intencionalidade devemos considerar a sua formação discursiva.

A tentativa de se problematizar a formação discursiva dos autores antigos também destaca a sua vinculação com todo um grupo de sujeitos, a sua audiência, o qual também estabelece o que pode ser dito em sua obra. Dessa forma, as conexões que os pensadores clássicos mantiveram com as sociedades mediterrâneas demarca a relevância da Teoria de Redes até mesmo na interpretação das cenas enunciativas criadas pelas obras da Antiguidade. Dito isso, defendemos que esta pesquisa aborda a maneira como as conexões espartanas foram representadas na documentação literária da Antiguidade, através de um viés diacrônico que trata os indícios documentais em conformidade ao lugar social de seus autores e pondera acerca das informações para ampliar as possibilidades interpretativas.

---

<sup>5</sup> Todas as datas relativas à Antiguidade serão anteriores à Era Comum, salvo aquelas que indiquemos o contrário.

Ao aproximarmos a História Cruzada do arcabouço teórico de Kadushin e da metodologia de Análise do Discurso, declaramos que o nosso objetivo fundamental é pensar as conexões de Agesilau II na Lacedemônia, no Peloponeso e na Hélade. A escolha desse objeto teve como pressuposto a historiografia contemporânea, cuja produção se restringe ao século V. Diante da escassez de trabalhos sobre o pós-guerra do Peloponeso, um levantamento realizado recentemente certificou que poucos foram os pesquisadores que se debruçaram sobre a trajetória de Esparta na primeira metade do século IV, e o número se torna menor quando pensamos o reinado de Agesilau II. Abordar esse período da história de Esparta sem tangenciar Agesilau é praticamente impossível se considerarmos a sua posição política e a preponderância espartana nas relações interpolíades. No entanto, os poucos autores que o fizeram estabeleceram uma investigação de *causa e efeito*, na qual a deterioração dos valores espartanos foi atribuída ao *basileús*. Nesse cenário se destacam Paul Cartledge com *Agesilaos and the Crisis of Sparta* e Charles Hamilton em *Agesilaus and the Failure of Spartan Hegemony*.

Em seu livro de 1979, Charles Hamilton desenvolveu análises bastante contundentes acerca da dinâmica político-social no Pequeno Mundo helênico quando Esparta obteve a supremacia entre as *póleis*, no século IV. No entanto, como os esparciatas defenderam a propaganda política de libertadores da Hélade, durante a guerra do Peloponeso (TUC. I, 139.3), as medidas espartanas do século IV foram julgadas como contraditórias e injustas por Hamilton (1979, p.27). As suas investigações nos foram úteis à medida que o autor tomou as conexões de Esparta — tanto dentro quanto fora do Peloponeso — como o seu objeto de pesquisa, durante a guerra de Corinto (395-387). Hamilton (1979, p. 21) ressaltou que muitos pesquisadores que o precederam deram pouca atenção as interações das *póleis* no século IV, sendo este o diferencial de seu trabalho. Contudo, ao observarmos o título desta obra — *Sparta's Bitter Victories* —, pontuamos que Hamilton estabeleceu certo juízo de valor para com a *pólis* de Esparta e as suas práticas político-militares entre os helenos na guerra de Corinto. Hamilton julgou as vitórias espartanas como amargas, o que nos levou a pensar sobre os pressupostos político-sociais vinculados aos conflitos militares na Antiguidade. Desta maneira, em que medida a vitória em uma guerra pode ou não ser identificada como amarga?

Clemente Ancona esclareceu — por meio da relação com os escritos de Carl von Clausewitz — que a guerra é uma interação entre homens visando a um determinado objetivo. Ancona (1989, p. 348-349) destacou que a guerra poderia ser compreendida em

um viés de causa e efeito, em que as ações de um grupo seriam uma reação às atitudes de outro. Ao relacionarmos os pontos de vista de Hamilton e Ancona sugerimos que as ações tomadas em um contexto de guerra obedecem às circunstâncias e aos interesses dos grupos envolvidos.

Com isso, não seria adequado qualificarmos as vitórias espartanas na guerra de Corinto como amargas, mas, unicamente, como vitórias oriundas de uma conjuntura bélica. John Keegan (2006, p. 19-20) demonstrou que os parâmetros e os valores culturais de determinados grupos estabelecem que algumas guerras sejam *civilizadas*. Assim, manifestamos que os elementos culturais e rituais vinculados à guerra fez com que muitos teóricos qualificassem um comportamento militar como *civilizado* ou *bárbaro*. As considerações de Keegan nos fez pontuar que Hamilton tomou como aspecto basilar a ideia de que Esparta não obedeceu a critérios *civilizados* e honrosos ao batalhar com os helenos na guerra de Corinto. De todo modo, os escritos de Charles Hamilton foram fundamentais para a nossa pesquisa ao nos fornecer reflexões precisas sobre as conexões políticas de Esparta e Agesilau durante a guerra de Corinto.

Em sua segunda obra *Agesilaus and the Failure of the Spartan Hegemony* (1991), Charles Hamilton foi ainda mais incisivo sobre as conexões e as redes políticas que Esparta desenvolveu no Pequeno Mundo helênico no reinado de Agesilau II. Diferentemente do livro de 1979, Hamilton optou por uma abordagem política e diplomática em suas considerações. Para tanto, as associações históricas que estabeleceu entre Agesilau e inúmeros atores sociais de Esparta, da Hélade e do Império Aquemênida foram essenciais para edificarmos as redes políticas deste governante e de sua *pólis* no período por nós selecionado. Contudo, ainda no prefácio desta obra, dois pontos específicos nos chamou a atenção, sendo eles: 1) o fato do autor pretender realizar uma psico-história de Agesilau e; 2) a responsabilidade que direciona ao *basileús* lacedemônio pela desestruturação dos valores ancestrais de Esparta (HAMILTON, 1991, p. x-xi).

Em certa medida, estes tópicos estão atrelados, afinal, como nos demonstrou Ernst Breisach, a psico-história teria como uma de suas características fundamentais abordar elementos psicológicos dos agentes históricos tidos como os seus objetos, para daí expor como a sua personalidade foi determinante para os rumos de sua sociedade. Nesse caso, Breisach (2007, p. 384-385) evidenciou que esse modelo de psico-história esteve voltado aos feitos dos grandes líderes de uma época.

A partir de Breisach reiteramos que a psico-história empregada por Charles Hamilton esteve interessada na formação e nas escolhas de Agesilau que levaram Esparta à sua ruína. Verificamos que Hamilton adotou uma lógica de causa e efeito, tomando Agesilau como o elemento basilar para se perceber as transformações vividas por Esparta no século IV. Embora Hamilton tenha desenvolvido uma análise aprofundada sobre os documentos que versam sobre Esparta, Agesilau e o contexto histórico-social em que estiveram inseridos, a sua abordagem foi condicionada a uma conclusão específica e previsível. De todo modo, por ser uma das poucas obras que tomam Agesilau II como o seu objeto de investigação, os escritos e as considerações de Hamilton serão essenciais para o desenvolvimento de nossos apontamentos históricos na presente tese.

Passando de Charles Hamilton para Paul Cartledge, notamos que as suas abordagens são mutuamente complementares. Em seu *Agésilaos and the Crisis of Sparta* (1987), Cartledge elaborou uma investigação densa sobre Agesilau II e a sua dinâmica política, cultural, social e econômica na Hélade do século IV. Interessante notar que, diferentemente de Hamilton, Cartledge não manifestou de imediato os métodos pelos quais comprovou as suas hipóteses. Contudo, Cartledge (1987, p. 8-33) concordou com Charles Hamilton ao traçar a formação do *basileús* Euripôntida, o contexto que antecedeu o seu nascimento e a sua ascensão ao trono de uma das dinastias lacedemônias como relevantes para as suas escolhas futuras como governante.

Cartledge (1987, p. viii) esclareceu que a sua obra estaria alinhada aos estudos biográficos, na tentativa de entender a conexão direta entre o sujeito e o seu meio-social. Mediante à leitura de seus escritos, notamos que o autor fundamentou o processo pelo qual Agesilau teria se desenvolvido — partindo da guerra do Peloponeso até o momento em que ascendeu ao trono — para exprimir a ideia de que o destino de Esparta já estava traçado em virtude das escolhas e do caráter do Euripôntida (CARTLEDGE, 1987, p. 399). Embora Paul Cartledge e Charles Hamilton tenham adotado vieses historiográficos distintos, ambos concluíram as suas investigações de maneira semelhante<sup>6</sup>.

Após a leitura dessas obras tomamos como pressuposto a comparação entre os indícios documentais e o cruzamento dessas informações com a historiografia para verificarmos se os seus argumentos foram demasiadamente plausíveis. Sendo assim, nos

---

<sup>6</sup> Dentre as equivalências evidentes podemos salientar a forma como consideraram os processos de interação entre Esparta e Tebas. Tanto Hamilton (1991, p. 117, 257) como Cartledge (1987, p. 212, 232) defenderam que os excessos espartanos, frente aos tebanos, estiveram vinculados aos interesses e às escolhas de Agesilau. Logo, as análises de Cartledge e Hamilton são complementares pela lógica adotada na construção de seus respectivos escritos. No entanto, ambos os autores concluem de forma semelhante as suas análises.

questionamos se: em que medida Agesilau foi o responsável pelo colapso das redes políticas de Esparta? Qual a relação entre as suas atitudes pessoais e o desenvolvimento de buracos estruturais nas conexões de Esparta? Podemos perceber Agesilau como o promotor da crise político-econômica de Esparta ou essa foi o resultado das transformações vivenciadas no decorrer do período Clássico?

Para respondermos a esses questionamentos mobilizamos fundamentalmente a documentação de Xenofonte, do historiador de Oxirrinco, de Diodoro da Sicília e de Plutarco. Em Xenofonte verificamos como a formação discursiva de um sujeito influenciou na sua percepção da realidade histórico-social que o circundava. Ateniense de família abastada, Xenofonte vivenciou a guerra do Peloponeso e o desgaste que esta causou no Pequeno Mundo helênico. Conjeturando através de George Cawkwell (1979, p. 8-9) e Luciano Canfora (1994, p. 369-371, 375-379), as estadias de Xenofonte em diferentes póleis somadas ao seu olhar crítico permitiram que este autor se transformasse com as experiências que vivenciou, as quais se manifestaram nas linhas de seus escritos. Dessa forma, como Xenofonte experimentou as mudanças da Hélade, do início da guerra do Peloponeso até a segunda metade do século IV, as suas obras nos fornecem um panorama dos eventos políades e das suas escolhas como ator social.

O historiador de Oxirrinco, por sua vez, nos permitiu contrapor e complementar muito daquilo que foi exposto por Xenofonte sobre o período entre 396 e 395. Jesús Lens Tuero (1988, p. 584-585) afirmou que o historiador de Oxirrinco desenvolveu o seu relato com perspicácia e sobriedade, contribuindo amplamente para a nossa compreensão sobre algumas das omissões de Xenofonte. Contudo, Peter Rhodes (2007, p. 60-4) expôs que devemos compreender cada sujeito conforme a sua formação discursiva e o seu lugar social, o que influencia diretamente como este constrói o seu conhecimento histórico-literário. Logo, o discurso de Xenofonte detém especificidades das quais o historiador de Oxirrinco não partilha e vice-versa, tornando as suas obras relevantes para a produção histórica de Esparta.

Em seu objetivo de fazer uma *História do Mundo*, Diodoro da Sicília consultou e citou inúmeras obras de autores que o precederam. Segundo Albin Lesky (1989, p. 809), a obra de Diodoro nos permite materializar os indícios de muitas obras que não nos chegaram — tais como Éforo, Teopompo e Posidônio — e que em sua totalidade poderiam contrapor inúmeras considerações oriundas de autores como Tucídides e Xenofonte. Nesse sentido, Diodoro nos fornece indícios do interdiscurso que perpassa a sua formação

discursiva, aspecto que nos leva a identificar grande parte de suas escolhas teóricas e temáticas, em conformidade à relevância de seu lugar social. Os escritos de Diodoro acrescentam informações aquelas de Xenofonte e do historiador de Oxirrinco, tornando a nossa análise sobre as conexões e as redes políticas de Esparta ainda mais densa.

Plutarco foi um autor helênico do período romano com uma vasta obra literária. Volker Losemann (2010, p. 224) enfatizou que a importância de Plutarco para os estudos sobre Esparta reside no fato deste ter produzido uma ampla descrição dos valores, das instituições e da conduta de pessoas ilustres dessa *pólis*. Segundo José García López (1988, p. 1033) e Philip Stadter (2007, p. 529), as informações que Plutarco utilizou em suas análises são imensamente valiosas para o ofício do historiador, haja vista que um texto biográfico fornece indícios de práticas, pensamentos e costumes de um personagem historicamente situado.

Sendo assim, ao cruzarmos os indícios documentais e os nossos pressupostos investigativos, temos como hipótese que Agesilau e a elite esparciata integravam uma estrutura político-social que os superava. Com isso, embora as atitudes de Agesilau e das conexões que compunham as suas redes políticas pudessem impactar nas decisões de sua *pólis*, foram as transformações político-econômicas de Esparta e o desgaste do Pequeno Mundo helênico que deterioraram a posição, o *status* e a influência que esta *pólis* detinha na Hélade. Para correspondermos a essas hipóteses abordamos no primeiro capítulo a maneira como Agesilau edificou as redes políticas através da influência que obteve da conexão com Lisandro. Nesse momento, a posição de Esparta diante das *póleis* foi uma variável importante nas possibilidades do navarco<sup>7</sup> e no fluxo de bens e informações que este dispunha para alcançar os seus objetivos.

No segundo capítulo nos dedicamos a analisar as conexões e as redes que Esparta, enquanto *pólis*, edificou com os helenos. Para essa abordagem consideramos a sua posição hegemônica entre os helenos e as conexões que estabeleceu com sociedades como Siracusa e o Império Aquemênida. Por outro lado, consideramos as suas escolhas e demandas político-institucionais que levaram à fragilidade de sua conexão com os persas que culminou na guerra de Corinto. Já o terceiro capítulo investigou o impacto da guerra de Corinto sobre Esparta. Nesse momento, a atuação de atores sociais importantes como Antálcidas, Agesípolis e Agesilau determinaram os rumos de nossas investigações, afinal

---

<sup>7</sup> Entre os lacedemônios o título de navarco correspondia à magistratura responsável pelo comando das embarcações de guerra.

todas as suas escolhas estiveram atreladas aos interesses de sua *pólis*, embora estes se beneficiassem diretamente com estas conexões. Por fim, o quarto e último capítulo trata de como os excessos políticos, militares e econômicos de Esparta com os seus aliados culminaram na sua derrota na batalha de Leuctra (371) e na sua infrutífera tentativa de recuperar a Messênia. Aqui Agesilau reforçou o seu papel como ator social e evidenciou a sua sujeição aos desígnios de sua *pólis*.

Em suma, o nosso objetivo fundamental é refletir sobre os mecanismos empregados pela aristocracia espartana para edificar conexões políticas com homens influentes de toda a Hélade. Nesse sentido, tanto os seus interesses individuais como a supremacia de sua *pólis* estavam em jogo, portanto havia uma estrutura política, social, cultural e econômica que impossibilitava a tomada de decisões de sujeitos isolados. Do mesmo modo, pretendemos enfatizar que Esparta esteve em conexão com a Hélade, enquanto um Pequeno Mundo, o que nos permite considerar as suas práticas em conformidade aos interesses de seus aliados, bem como a conservação de sua supremacia entre os helenos. Logo, afirmamos que Agesilau e os esparciatas envolvidos nessas conexões espartanas atuaram em concomitância a sua *pólis*, a qual conhecia e apoiava as medidas de seus homens mais influentes para expandir as suas redes pelo Mediterrâneo.

## **CAPÍTULO I – FORMANDO E PROMOVENDO CONEXÕES POLÍTICAS – LISANDRO, AGESILAU E A *PÓLIS* DE ESPARTA**

Nesse momento analisaremos os efeitos do final da guerra do Peloponeso nas redes de Esparta. Para isso, problematizamos a figura de Lisandro, o navarco esparciata que liderou a Confederação do Peloponeso em sua última batalha, e como a sua conexão com Agesilau favoreceu a emergência deste como *basileús*. Com isso, abordamos as atitudes empregadas por Agesilau para angariar conexões no interior de Esparta e tornar a sua rede política ainda mais densa, tendo a possibilidade de influenciar a dinâmica do governo espartano. Nesse sentido, fazemos referência ao matrimônio, a pederastia e a outros jogos políticos inerentes à postura de Agesilau enquanto líder em uma Esparta que se caracterizava como um Pequeno Mundo. Para isso utilizamos a documentação de Tucídides, Xenofonte, Diodoro e Plutarco, os quais nos ajudaram a compreender os mecanismos políticos de Esparta e de seus atores políticos para ampliar o seu poder e influência na Lacedemônia e no Peloponeso.

### **1.1 Considerações sobre a Hélade na passagem do século V ao IV**

Não há como negar que a guerra do Peloponeso (431-404) foi um grande marco na história da Hélade. No entanto, foram poucos os pesquisadores brasileiros que se dedicaram às relações políticas, sociais, culturais e econômicas dos helenos após esse conflito. Efetivamente, as transformações enfrentadas pelas *póleis* com o passar deste conflito nos ajudaram a problematizar o desenvolvimento da Hélade no século IV. O nosso objetivo fundamental com este capítulo será discorrer sobre os mecanismos que o *basileús* lacedemônio Agesilau II elaborou para promover a sua autoridade em uma Esparta, a qual vivenciava os efeitos da guerra do Peloponeso. Todavia, as ações de Agesilau estiveram conectadas aos interesses de sua *pólis*, de grupos políticos influentes entre os esparciatas e além dos limites geográficos do Peloponeso.

Nesse contexto, a conclusão da guerra do Peloponeso transformou a percepção que os helenos tinham do seu lugar no Mediterrâneo, afinal, se com as guerras Greco-pérsicas<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> A guerra Greco-pérsica foi o momento no qual os helenos estiveram empenhados em derrotar o Império Aquemênida que, liderado por Xerxes I, tinha a pretensão de submeter a Hélade em virtude de uma ofensa ateniense. De todo modo, este conflito se iniciou em 499 com a Revolta da Jônia e terminou com a Paz de Cálias, em 449, quando Atenas e a Confederação de Delos estabeleceram um tratado de paz. Todavia, essa

havia um inimigo comum que legitimava a identidade helênica, a guerra do Peloponeso restabeleceu as fronteiras étnicas da Hélade. No enfrentamento que se deu entre a Confederação de Delos e a Confederação do Peloponeso os persas já não eram aqueles que deveriam ser combatidos, e sim os grandes financiadores, cujos investimentos permitiram que atenienses, espartanos e os seus respectivos aliados se enfrentassem por aproximadamente 27 anos. Portanto, defendemos que a guerra do Peloponeso serviu como um *divisor de águas* na trajetória histórica da Hélade.

Através de Charles Kadushin (2012, p. 9) destacamos que esta relação entre os helenos se caracterizou como uma rede de homofilia<sup>9</sup>, isto é, onde os sujeitos se unem por partilharem de gostos e características em comum. No entanto, com o passar do conflito a influência mudou as feições desta rede político-social entre os helenos. Um grupo acabou modificando a sua posição diante dos demais nós da rede e obteve uma preponderância que afrouxou a simetria entre os líderes helênicos, aspecto que teria culminado na guerra do Peloponeso.

A vitória dos helenos nas guerras Greco-pérsicas (499-479)<sup>10</sup> não somente reafirmou a identidade helênica como também promoveu o enriquecimento progressivo de algumas sociedades, com ênfase em Atenas. Entretanto, o momento de paz que se seguiu a derrota dos persas não durou muito tempo. As divergências político-econômicas entre os atenienses e os coríntios levaram ao embate entre a Confederação do Peloponeso e a Confederação de Delos, cuja liderança cabia aos atenienses. Esse posicionamento sugere uma alternativa a tendência historiográfica, cuja perspectiva tradicional tornou a guerra do Peloponeso um conflito exclusivamente ideológico entre Atenas, Esparta e os seus respectivos aliados<sup>11</sup>.

---

guerra não foi realizada por um período ininterrupto, muito pelo contrário, a mesma se organizou por momentos distintos e, por vezes, distantes no tempo fazendo com que muitos considerem efetivamente o seu fim após a batalha de Mícale, em 479.

<sup>9</sup> Este é um conceito proposto por Kadushin (2012, p. 9) que lida com a tendência de pessoas com gostos comuns e características semelhantes estarem mais propensas a se conectarem.

<sup>10</sup> Essa datação marca o início do enfrentamento com a Revolta da Jônia e a sua aparente conclusão com a batalha de Mícale, na qual os helenos — liderados por Esparta — tiveram uma vitória decisiva sobre o que havia restado da frota persa. Entretanto, até 449, outras escaramuças continuaram ocorrendo no Egeu tendo Atenas e a Confederação de Delos como líderes da Hélade contra o Império Aquemênida.

<sup>11</sup> Como via de exemplo citamos *Athens and Sparta: Constructing Greek Political and Social History, from 478 BC.* de Anton Powell; em certa medida a série elaborada por Donald Kagan, que inclui *The Outbreak of the Peloponnesian War*, *The Archidamian War*, *The Peace of Nicias and the Sicilian Expedition* e *The Fall of the Athenian Empire*; e Victor Davis Hanson com *Uma Guerra Sem Igual*. Todas essas obras são fundamentais para se pensar o século V e a guerra do Peloponeso, contudo os autores consideraram este conflito como de ordem ideológica entre a Atenas democrática e a Esparta oligárquica.

Se considerarmos a ideia de relações simétricas na rede político-social formada pelos helenos com as guerras Greco-pérsicas, a riqueza de Atenas acabou desequilibrando as relações no interior desse Pequeno Mundo que era a Hélade. Por isso, ao expandir o seu *status* e, conseqüentemente, o seu poder, Atenas se tornou preponderante entre os helenos e se tornou uma força centrípeta em virtude de seus recursos e influência. Tal situação fez com que muitas *póleis* se distanciassem ou se aproximassem de Atenas, o que impactou nos nós centrais da aliança inicial que combateu os persas, levando ao conflito de interesses entre redes político-sociais específicas e fundamentadas em interesses comuns — as Confederações de Delos e do Peloponeso.

Esparta liderava a Confederação do Peloponeso, que se constituía de redes de alianças defensivas entre as sociedades e regiões que residiam na península peloponésia — com exceção de Argos. Portanto, uma ameaça direcionada a algum dos seus membros levaria o líder da Confederação a um enfrentamento militar visando aos interesses dos integrantes de sua coligação<sup>12</sup>. Para endossarmos o nosso viés, mobilizamos Tucídides (I, 80-85), o qual mencionou que os coríntios enviaram uma embaixada a Esparta para que esta, enquanto líder (*hēgemón*)<sup>13</sup> da Confederação do Peloponeso, tomasse alguma providência junto aos atenienses. Afinal, se os lacedemônios obtinham benefícios político-militares como líderes dos peloponésios, era fundamental que estes agissem como tal. Caso o governo espartano se negasse a atuar, a postura de Corinto ameaçaria o reconhecimento da liderança de Esparta perante os demais membros da Confederação do Peloponeso.

Vale destacar que Atenas havia se tornado a maior potência marítima do Egeu e captava grande parte dos recursos advindos das atividades navais, o que ameaçava a economia coríntia. Quando os atenienses atacaram Potidéia, colônia<sup>14</sup> de Corinto com a

---

<sup>12</sup> Aqui percebemos que a Confederação do Peloponeso foi uma rede que se constitui por um princípio híbrido de simetria e assimetria, porém de compromissos mútuos (KADUSHIN, 2012, p. 14-15). Isso ocorria uma vez que todos os membros desta confederação tinham o direito de se manifestarem sempre que houvesse a necessidade. Entretanto, o fato de Esparta ser a líder reforçava a assimetria de poderes desta junto aos demais membros da Confederação. Por outro lado, ao adaptarmos a teoria de Kadushin (2012, p. 31-33) e considerarmos as conexões como os princípios de análise, o compromisso mútuo entre as *póleis* tornava a Confederação do Peloponeso uma aliança simétrica composta por nós imersos em uma *zona de primeira ordem*. Afinal, todos os envolvidos se conectavam, se conheciam e eram proibidos de agirem em prejuízo de algum dos outros membros. Em virtude desses vínculos afirmamos que a Confederação do Peloponeso foi uma rede político-social densa.

<sup>13</sup> O termo utilizado por Tucídides foi *hēgemón*, cujo significado seria condutor de algo ou alguém e, em um contexto militar, o comandante e soberano do(s) exército(s) (CHANTRAINE, 1970, p. 405; LIDDELL; SCOTT, 1996, p. 763).

<sup>14</sup> Conjeturando através de Kostas Vlassopoulos (2007, p. 151), o termo helênico para colônia seria *apoikía*, cuja acepção não se assemelha à concepção moderna de colonização. No caso das *apoikíai*, estas eram fundadas por representantes de outras *póleis* e, ao se estabelecerem, poderiam manter relações com a cidade que lhe serviu de matriz cultural ou não. No caso da Antiguidade helênica, a fundação de uma colônia

qual mantinha relações econômicas, Esparta foi mobilizada para evitar que Atenas se tornasse mais proeminente entre os helenos. O discurso atribuído ao *basileús* Arquídamos II<sup>15</sup> por Tucídides (I, 80-85) ressalta a prudência do governante diante de uma sociedade lacedemônia, cujos jovens pretendiam demonstrar o seu valor. Segundo o autor ateniense, Arquídamos era demasiadamente cauteloso e preferia que Esparta se mantivesse isolada no interior da Lacedemônia ao invés de integrar um conflito de grandes proporções, o qual escapava as pretensões tradicionais desta *pólis*. Ainda assim, o éforo Estenelaidas, ao se manifestar diante do *dēmos*<sup>16</sup> lacedemônio — que já havia escutado as palavras de Arquídamos II —, optou por expor aquilo que a maioria dos esparciatas pretendia ouvir, induzindo a *ekklēsia* votar pelo conflito contra Atenas.

Por meio de Tucídides observamos que uma parcela da sociedade espartana era completamente avessa à guerra por (re)conhecer os seus malefícios, tais como a morte de seus cidadãos, a perda de recursos ou mesmo a escravidão pela qual os derrotados eram submetidos. Por outro lado, a juventude espartana estava ansiosa por enfrentamentos para demonstrar que era valorosa como seus pais, avós e/ou ancestrais. Esses jovens também buscavam a distinção social que uma guerra poderia trazer com a vitória ou a *bela morte* que obteriam se caíssem em combate.

Esse tipo de conflito asseguraria proeminência para aqueles que realizassem grandes feitos, ampliando a distinção social entre os guerreiros e as possibilidades de acesso a cargos militares de prestígio. Portanto, a busca por influência e *status* era um instrumento para que os esparciatas obtivessem privilégios que normalmente não o teriam. Outra possibilidade interpretativa lida com o impacto que as guerras Greco-pérsicas tiveram entre os lacedemônios, entre os quais muitos perderam familiares, recursos e propriedades, o que culminaria na privação dos seus direitos político-sociais. Nesse cenário, a guerra seria não somente uma forma de se obter reconhecimento como também recursos para se manterem na condição de cidadãos de Esparta. Com isso, notamos que a perspectiva historiográfica que tratou Esparta como estritamente belicosa deve ser repensada, sobretudo por haver diversos grupos políticos nesta *pólis* cada qual com os seus respectivos interesses e motivações políticas. A pluralidade político-social da Lacedemônia

---

culminava em uma nova *pólis* que mesclava elementos autóctones das regiões onde foram formadas e daqueles oriundos da sua sociedade fundadora.

<sup>15</sup> Arquídamos II foi um dos *basileis* da dinastia Euripôntida e o pai de Ágis II e Agésilau II.

<sup>16</sup> A ideia fundamental de *dēmos* pressupõe o povo de uma *pólis*, o qual também poderia ser compreendido como o corpo de cidadãos de uma sociedade. No caso de Esparta, somente os esparciatas eram identificados como cidadãos e, por isso, são eles que correspondem ao *dēmos* da Lacedemônia.

foi simplificada por uma perspectiva generalista responsável por limitar a nossa percepção das práticas e relações políticas espartanas no interior da Hélade.

Por sua vez, quer Esparta tenha sido considerada uma sociedade voltada unicamente para a guerra, quer Atenas tenha sido um marco da cultura helênica, não podemos negar os efeitos da guerra do Peloponeso para a trajetória histórica dos helenos. Se tomarmos as guerras Greco-pérsicas como um referencial de desenvolvimento étnico, econômico e social da Hélade, a guerra do Peloponeso seria o início da desestruturação de todas essas conquistas.

Segundo César Fornis (2008, p. 9), a guerra do Peloponeso foi *sui generis* por se desenvolver entre sociedades helênicas e mobilizar povos e culturas oriundas de outras regiões do Mediterrâneo — com ênfase aos persas e sociedades do norte da África, como o Egito. Isso demonstrou aos helenos o quanto um confronto poderia ser desgastante para as suas *póleis*. Já Stephen Hodkinson (1995, p. 146-148) afirmou que a guerra do Peloponeso modificou a dinâmica das sociedades mediterrâneas, as quais tiveram que adaptar as suas práticas político-sociais em virtude dos anos sucessivos de combate.

O posicionamento de Fornis e Hodkinson apenas reforça a ideia de que o Mediterrâneo constituía um Pequeno Mundo, haja vista que a conectividade assegurada pelo mar e a interação das redes entre as *póleis* ao longo do tempo facilitaram o envolvimento de um grande número de sociedades helênicas. Essa situação também endossa que muitos dos envolvidos neste conflito, e não somente o Império Aquemênida, almejaram benefícios com o conflito. Entretanto, mesmo aquelas *póleis* que não se envolveram diretamente no conflito se viram diante de mudanças qualitativas em suas relações político-sociais no interior da Hélade, em virtude da mudança da centralidade das redes políticas que ali existiam.

Vale destacar que havia um aparente equilíbrio de forças entre a Confederação do Peloponeso e a de Delos. Contudo, como destacou Charles Kadushin (2012, p. 37), as redes se organizam em função das circunstâncias estruturais e culturais. Dessa forma, quando os peloponésios se aliaram aos aquemênidas temos a manifestação dos interesses persas com a guerra do Peloponeso, levando a formação de uma rede político-militar ainda maior — formada por peloponésios e os seus aliados — diante de uma já desgastada Confederação de Delos. A vitória da Confederação do Peloponeso modificou as feições das redes existentes na Hélade continental e nas Cíclades, tornando Esparta um dos nós

centrais desta rede e exigindo desta uma postura que, em muitas ocasiões, o seu governo não foi capaz de corresponder.

De todo modo, ao cruzarmos os apontamentos de Stephen Hodkinson e as considerações de César Fornis, propomos que a guerra do Peloponeso exauriu todas as sociedades envolvidas ainda que os conflitos não tenham ocorrido por vinte e sete anos ininterruptos. Por isso, a documentação do período Clássico sublinhou que a guerra do Peloponeso trouxe mudanças para a Hélade, a qual vivenciou a hegemonia de Esparta diante dos helenos, mas, também, um progressivo empobrecimento das *póleis* — o que culminará na conquista macedônica em 338/337.

## **1.2 As *póleis* no interior da Hélade: um espaço de relações políticas**

Na *História da guerra do Peloponeso*, Tucídides (II, 39.1) promove uma cena enunciativa diante de sua audiência. Nesse sentido, uma das personagens que articula esse ambiente *cenográfico*, e acaba ocupando um papel central na representação tucidideana, é o ateniense Péricles. Este ator social foi um político e um comandante de Atenas em meio à guerra do Peloponeso, e o seu lugar social histórico garantia a credibilidade deste personagem na cena enunciativa criada por Tucídides. Segundo Dominique Maingueneau (1997, p. 34), a cena enunciativa se utiliza da metáfora teatral para refletir uma parte da realidade, mobilizando uma cronografia — a guerra do Peloponeso —, uma topografia — Atenas — e um momento propício para o surgimento do discurso — a tentativa de mobilizar os atenienses a continuar a combater na guerra contra os peloponésios.

A definição proposta por Maingueneau nos permite correlacionar a cena enunciativa com o conceito de representação, ambos tomados como referência ao espaço teatral. Logo, Tucídides construiu uma representação de Péricles que partiu das imagens mentais que a sua audiência teria do verdadeiro Péricles e de sua oração fúnebre. Diante disso, Tucídides veiculou a imagem de que Esparta era uma sociedade isolada e para assegurar os seus costumes expulsava os estrangeiros de seu território. Essa ideia do isolamento espartano foi ampliada com uma passagem anterior da mesma obra:

As cidades fundadas mais recentemente, quando a navegação afinal tornou-se mais segura, e que estavam conseqüentemente começando a ter recursos excedentes, foram construídas no litoral e nos istmos ocupados e isolados por muralhas, com vistas ao comércio e à proteção dos habitantes contra seus vizinhos. As cidades mais antigas, todavia, tanto nas ilhas quanto no continente,

havam sido construídas a maior distância do mar por causa da pirataria que predominou por longo tempo, pois os piratas não somente pilhavam-se uns aos outros, mas também os habitantes do litoral, mesmo os que não viajavam por mar e até hoje permanecem no interior (TUC. I. 7)<sup>17</sup>.

Tucídides caracterizou que a posição geográfica de Esparta tinha um objetivo específico, além de ressaltar que esta seria uma das *póleis* mais antigas do continente. Nesse sentido, o autor exaltou os “feitos inovadores” de Atenas que além de ser uma sociedade mais nova pôde se estabelecer no litoral, em contato com outras regiões e enriquecendo com as duas atividades marítimas.

O discurso de Péricles na obra de Tucídides é um elogio, diante de sua comunidade discursiva<sup>18</sup>, à identidade de Atenas em detrimento da espartana. Se considerarmos o lugar social de Tucídides e o fato deste ser ateniense em pleno conflito que se propôs a relatar, muito do seu posicionamento se torna justificável diante de sua comunidade discursiva. Ainda assim, Tucídides destacou a importância da interação das *póleis* com o seu entorno para o estabelecimento de práticas políticas, sociais e econômicas, chegando a estabelecer uma relação de causa e efeito entre a cidade, o seu território e os espaços geograficamente contíguos. De todo modo, cabe-nos afirmar que Esparta, assim como as demais *póleis*, somente existiu em virtude da interação com outras sociedades.

Esse viés salienta a importância das redes político-sociais para a organização das *póleis* helênicas. Nesse sentido, a identidade espartana teria se edificado em função do lugar que passou a ocupar no interior das redes políticas, sociais, econômicas e culturais na Hélade continental e no mar Egeu. Tal proposição nos ajuda a romper com a tendência documental e historiográfica de isolamento de Esparta. A própria organização da rede político-militar reconhecida como Confederação do Peloponeso — por volta do século VII — se deu em virtude da expansão dos interesses espartanos para além de seu território. No que concerne às conexões entre os nós da Confederação do Peloponeso e da Hélade enquanto um Pequeno Mundo, concebemos que o papel que cada sociedade exercia nesse ambiente de interação influenciava na configuração das redes. Com a *pólis* espartana não

---

<sup>17</sup> No texto em grego temos: τῶν δὲ πόλεων ὅσαι μὲν νεώτατα ᾠκίσθησαν καὶ ἤδη πλωιμωτέρων ὄντων, περιουσίας μᾶλλον ἔχουσαι χρημάτων ἐπ’ αὐτοῖς τοῖς αἰγιαλοῖς τεύχεσιν ἐκτίζοντο καὶ τοὺς ἰσθμοὺς ἀπελάμβανον ἐμπορίας τε ἔνεκα καὶ τῆς πρὸς τοὺς προσοίκους ἕκαστοι ἰσχύος· αἱ δὲ παλαιαὶ διὰ τὴν ληστείαν ἐπὶ πολὺ ἀντίσχευον ἀπὸ θαλάσσης μᾶλλον ᾠκίσθησαν, αἱ τε ἐν ταῖς νήσοις καὶ ἐν ταῖς ἠπείροις (ἔφερον γὰρ ἀλλήλους τε καὶ τῶν ἄλλων ὅσοι ὄντες οὐ θαλάσσιοι κάτω ᾠκουν), καὶ μέχρι τοῦδε ἔτι ἀνφικισμένοι εἰσίν.

<sup>18</sup> Este conceito foi concebido por Mainueneau (1997, p. 56) como o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos os discursos. Entretanto, a comunidade discursiva não corresponde somente aos grupos (instituições e relações entre agentes sociais), mas também a tudo aquilo que lida com a organização material dos modos de vida.

foi diferente e os anos que vivenciou a guerra do Peloponeso transformaram as suas práticas, costumes e valores de modo irreversível.

Contudo, o fato das *póleis* serem caracterizadas como helênicas impediu que muitos estudiosos abordassem as diferenças imediatas que existiram entre elas, levando-nos a pensar a Hélade como uma unidade territorial distinta das culturas que a rodeava. Tal assertiva nos leva a pensar a Hélade como plural, edificada pelas múltiplas culturas que a integravam e impossibilitando uma perspectiva simplista e unitária acerca das sociedades que ali existiram.

Os avanços dos estudos sobre as relações interpolíades — com ênfase à década de 1990 — nos permitiu investigar as redes que as sociedades helênicas desenvolveram na Antiguidade por outra perspectiva. Lawrence Tritle (1997, p. 1-3) nos levou a enfatizar que a guerra do Peloponeso foi um conflito de característica interpolíade, ou seja, não pode ser compreendido fora do contexto das relações políticas entre as *póleis*. Essa perspectiva teórica foi trabalhada por Polly Low (2007, p. 1-3), ao pontuar que os helenos do período clássico não chegaram a desenvolver um manual que discorresse sobre as relações políticas entre as *póleis*. Todavia, quase a totalidade de seus escritos abordou as interações entre as sociedades da Hélade, ressaltando que os helenos se representavam de forma conectada e relacional com as demais sociedades do Mediterrâneo.

Enfatizamos que Tucídides optou por caracterizar a dinâmica político-social de Esparta como dotada de excessos e com práticas inadequadas à *eunomia*. Enquanto um ateniense em meio a um conflito político-militar de grandes proporções, era de se esperar que Tucídides estivesse alinhado com a sua formação discursiva. Dominique Maingueneau (1997, p. 14) argumentou que a formação discursiva seria um conjunto de regras anônimas expressas em conformidade ao contexto e ao território em um dado período histórico, sendo responsável por fornecer e assegurar as condições de exercício de sua enunciação discursiva. Essa concepção se vincula diretamente ao conceito de lugar social de Michel de Certeau. De Certeau (1982, p. 66) definiu o lugar social como o ambiente que estabelece o que pode e o que não pode ser feito/dito. No caso de Tucídides, o seu lugar social seria o posto de comandante que ocupou outrora, o grupo social no qual esteve inserido entre os atenienses, o próprio contexto de guerra e as obrigações inerentes à sua cidadania.

De todo modo, o ateniense se utilizou dos seus escritos como uma propaganda política ou mesmo uma denúncia dos problemas vivenciados ou perpetrados por sua pátria, mas, também, daqueles que os espartanos acabaram por realizar. Para Tucídides era

adequado representar as práticas político-culturais de Esparta como imperfeitas, para que assim Atenas se compreendesse como um contraponto ideal aos espartanos no Pequeno Mundo helênico, durante a guerra do Peloponeso. Ampliando esse viés, consideramos que a circularidade dos textos de Tucídides e as representações que estes criaram de Atenas e Esparta almejavam exaltar a conduta ateniense para angariar apoiadores para o conflito com os peloponésios.

Se considerarmos que Tucídides escreveu nos últimos anos da guerra, já não havia sentido buscar apoiadores para um conflito que perdurava há mais de vinte anos. Possivelmente, Tucídides tenha tentado edificar uma visão otimista dos feitos atenienses nos últimos anos de conflito, em detrimentos das atitudes da Confederação do Peloponeso. Como os peloponésios angariaram o apoio de Dario II e Atenas passou por inúmeros reveses — como o desastre da expedição da Sicília em 413 e a revolta oligárquica de 411 —, o discurso da historiografia de Tucídides tentou enaltecer os feitos de sua *pólis*, de tal maneira que a sua audiência interiorizasse os motivos daquele conflito e o que representaria perdê-lo. Ainda assim, toda a obra de Tucídides destaca a natureza relacional dos helenos, seja em guerra seja na paz.

Esta lógica relacional nos remete a Platão no *Fédon*, em que Sócrates afirmou acreditar que o mundo era muito maior do que o conhecido na época e, por isso, os helenos seriam como formigas ou sapos ao redor de uma pequena poça, o Mediterrâneo:

Eu acredito que a Terra é muito grande e nós que moramos entre as colunas de Hércules e o rio Fásis vivemos em uma pequena parte desta sobre o mar, como formigas ou sapos em uma poça, e que muitas pessoas vivem em muitas outras regiões (PLATÃO. *Fédon*. 109a–109b)<sup>19</sup>.

As considerações atribuídas a Sócrates por Platão nos permitem conjecturar que as relações políticas entre as *póleis* eram inevitáveis por vivenciarem um espaço geográfico muito bem delimitado. A nossa assertiva se relaciona com os apontamentos de Irad Malkin (2011, p. 10-11) ao declarar que as relações políticas entre as sociedades do Mediterrâneo eram irremediavelmente necessárias, tendo em vista que o mar atuava como um recipiente relativo e relacional, no qual os helenos fizeram cruzar os seus interesses, valores e

---

<sup>19</sup> No texto grego temos: ἔτι τοίνυν, ἔφη, πάμμεγά τι εἶναι αὐτό, καὶ ἡμᾶς οἰκεῖν τοὺς μέχρι Ἡρακλείων στηλῶν ἀπὸ Φάσιδος ἐν συμκρῶ τινι μορίῳ, ὥσπερ περὶ τέλμα μύρμηκας ἢ βατράχους περὶ τὴν θάλατταν οἰκοῦντας, καὶ ἄλλους ἄλλοθι πολλοὺς ἐν πολλοῖσι τοιοῦτοις τόποις οἰκεῖν.

identidades. Malkin também nos chama a atenção para a pluralidade das *póleis* e pelo fato das suas interações ocorrerem de forma simultânea.

Imersos nesse viés, identificamos que o método comparativo adotado nessa pesquisa é fundamental para percebermos as relações políticas que Esparta desenvolveu com outras sociedades no interior desta *poça d'água* chamada mar Mediterrâneo. Uma vez que as ações políades ocorriam de forma simultânea, temos a necessidade de cruzarmos os dados e os discursos documentais, no intuito de aprofundarmos a percepção de nosso objeto. Isto é, a maneira como Esparta articulou as suas relações políticas com outras *póleis* e como essas interações acabaram fomentando densas redes políticas<sup>20</sup> ao redor do Egeu com outras sociedades mediterrâneas.

Com isso, o mar Mediterrâneo se constituiu em um espaço relacional por excelência por tornar inevitável o contato entre helenos e não-helenos. A tentativa de tornarmos essa abordagem distinta das demais nos levou a tomar as interações de Esparta e Agesilau no século IV em sincronia às atividades político-sociais de outras *póleis* no Mediterrâneo. Entretanto, o uso de documentos literários oriundos de períodos históricos para além do Clássico denota a diacronia presente em nossa investigação, aspecto que a História Cruzada não condena em sua postura investigativa. Sendo assim, é importante que o pesquisador mantenha um ponto de vista externo ao objeto, capaz de abranger e problematizar a totalidade dos indícios documentais na construção de sua pesquisa (WERNER; ZIMMERMANN, 2003, p. 90-91). Embora essa diacronia documental seja criticada por muitos especialistas sobre a História de Esparta, reforçamos, em conformidade a Dominique Maingueneau (1997, p. 11-12, 17), que cada texto foi/é/será produzido conforme o seu contexto, sendo produto de um tempo determinado e o resultado de esforço de muitas mentes. Ao nos utilizarmos da Análise do Discurso enquanto método de tratamento documental, defendemos que a diacronia não inviabiliza a produção do conhecimento historiográfico desde que as variáveis espaço-temporais nas quais as obras antigas se inserem sejam consideradas em suas especificidades.

Para evitarmos anacronismos históricos, adotamos uma visão assimétrica de análise que têm a Esparta do século IV e Agesilau II como os elementos centrais de nossa

---

<sup>20</sup> Kadushin (2012, p. 32) afirmou que as redes densas são mais comuns em pequenos grupos de nós, sendo adjetivada desta forma em virtude da multiplicidade de relações que os seus nós mantêm entre si. A teoria e o método estabelecido por Kadushin foram desenvolvidos para se pensar as redes em sociedades contemporâneas, fazendo com que o autor chame de *tradicionais* as relações estabelecidas anteriormente a contemporaneidade. Uma vez que Kadushin aborda sociedades em meio a globalização, as redes formadas na Antiguidade nas imediações do Mediterrâneo podem ser definidas como pequenas e densas.

abordagem, mas que torna essencial a análise relacional de outras *póleis* e atores sociais nas imediações do Mediterrâneo — tais como Tebas, Corinto, Atenas, Argos, Orcômeno, Siracusa, as regiões sob a autoridade da dinastia Aquemênida etc.. Com isso, as trajetórias políticas de Esparta e de Agesilau se modificaram em virtude da interação que estabeleceram com as sociedades do Egeu e do continente, bem como através da relação com a dinastia Aquemênida. Conjecturando através de Werner e Zimmermann (2003, p. 96), o cruzamento como um princípio ativo e dinâmico é fundamental para entendermos a interação, a circulação e as relações inerentes ao nosso objeto e aos grupos/atores sociais com os quais se vincularam no período Clássico. Ressaltamos também que esta abordagem, além de estar formalmente atrelada ao estudo das redes e relações políticas de Esparta no século IV, têm como pressuposto fundamental confrontar uma concepção particular promovida pela historiografia contemporânea.

Autores como Paul Cartledge, Charles Hamilton e John Buckler<sup>21</sup> foram alguns dos que se debruçaram sobre a realidade político-social da Hélade no século IV. Dentre eles, somente Buckler manteve o seu enfoque nas relações políticas de Tebas, enquanto que os demais se dedicaram apenas à sociedade espartana. Entretanto, os três pesquisadores detêm uma característica em comum, ou seja, eles consideraram que Esparta se desestruturou em virtude das ações do *basileús* Agesilau II. Nos intriga o fato destes helenistas não deixarem de considerar que Esparta estava inserida em um processo político de grandes proporções que envolvia uma parcela significativa das *póleis* do Egeu. Afinal, as suas obras demonstram que Esparta perdeu a sua hegemonia em virtude do ímpeto *infantil* de um governante despreparado e impulsivo.

Sem dúvida, estes autores<sup>22</sup> desenvolveram análises elementares para o nosso estudo, porém devemos manifestar que os mesmos concluíram as suas observações de

---

<sup>21</sup> As obras aqui referidas são *Agesilaos and the Crisis of Sparta* de Paul Cartledge (1987), *Agesilaus and the Failure of Spartan Hegemony* de Charles Hamilton (1991) e *Aegean Greece in the Fourth Century BC.*, de John Buckler (2003). Buckler não foi utilizado como um dos pressupostos desta pesquisa porque o seu enfoque não foi Agesilau, e sim depreciar os feitos do Euripôntida para enaltecer os feitos de Tebas e da Beócia no século IV.

<sup>22</sup> Tanto Hamilton (1991) quanto Cartledge (1987) e Buckler (2003) também devem ser considerados em conformidade ao seu lugar de fala. No que concerne aos dois primeiros, os seus estudos foram dois dos primeiros elaborados acerca de Esparta em países anglófonos após a Segunda Guerra Mundial, onde os valores espartanos foram associados ao ideário nazista. Nesse sentido, a obra de ambos atribuiu os excessos de Esparta ao navarco Lisandro e a Agesilau. Em certa medida, esse posicionamento poderia minimizar a imagem negativa que ainda havia sobre os espartanos, uma vez que a *pólis* não seria completamente responsável pela ambição desmedida de seus homens. Já Buckler parece estar lutando para promover o seu objeto de pesquisa, isto é, a Beócia e a *pólis* de Tebas. Ainda que os estudos sobre Esparta sejam diminutos se comparados às análises sobre Atenas, as pesquisas sobre Tebas e a Beócia conseguem ser menores que

forma demasiadamente parcial. Identificamos também que estes seguiram a vertente literária de Plutarco em sua *Vida de Agesilau*, onde o autor beócio caracterizou Agesilau como um homem ganancioso e implacável. Essa abordagem historiográfica produziu um julgamento de uma personagem histórica sem considerar diversas variáveis. Dessa forma, as atitudes deste *basileús* em conformidade aos seus próprios interesses, as determinações de sua *pólis* e as intervenções de seu contexto histórico são fundamentais para realizarmos a nossa investigação. Em vista disso, as relações e as redes políticas de Agesilau estiveram diretamente vinculadas aos interesses de sua *pólis*, em um século IV onde a Hélade vivenciava os efeitos de décadas de conflito e desgaste econômico.

Claire Lemerrier (2015, p. 285-291) afirmou que a Teoria de Redes está preocupada com os vínculos formados com as relações entre os sujeitos/sociedades. Para tanto, somente uma análise qualitativa da documentação nos permitirá conceber e reconhecer uma rede “padronizada” de abordagem, passível de uma investigação adequada. Por fim, a autora defendeu que as análises de redes podem fazer cruzar estruturas e instituições, não somente seres humanos e as suas dinâmicas. Charles Kadushin (2012, p. 3-15) corrobora o ponto de vista de Lemerrier e o amplia, destacando que o propósito das redes é formar conexões entre pessoas, sociedades e instituições.

Por sua vez, as redes se constituem de relações e dependências mútuas que vinculam pessoas umas às outras. Kadushin (2012, p. 10-15) declarou que as relações entre atores sociais podem surtir efeitos concomitantes em outras áreas de atuação através da sua dinâmica e do poder que esse é capaz de exercer sobre outros indivíduos. Portanto, as relações entre sujeitos acabam gerando resultados inesperados e para além do controle dos pontos de maior preponderância de uma rede. A situação comentada pode culminar no desenvolvimento de relações e/ou redes de tensão, as quais são pensadas como uma correspondência direta de relações de reciprocidade.

Tanto Claire Lemerrier quanto Charles Kadushin nos levam a conjecturar que a amplitude das redes política e das relações que as fundamenta depende do cruzamento de indícios documentais. Logo, sustentamos que a compreensão das relações políticas de Agesilau e Esparta na primeira metade do século IV se tornou possível através do método comparativo proposto pela História Cruzada. Isso destaca a associação direta entre os pressupostos da Teoria de Redes e os instrumentos metodológicos fornecidos pelos

---

aquelas sobre os espartanos. Dessa maneira, Buckler parece querer enaltecer os feitos tebanos em detrimento a Esparta para endossar a importância de se desenvolverem estudos sobre Tebas e a Beócia.

processos relacionais da História Cruzada. Mediante o exposto iremos abordar brevemente as redes políticas que Esparta edificou com a passagem do século V ao IV com ênfase, inicialmente, nas relações políticas do esparciata Lisandro e como essas influenciaram a emergência política de Agesilau ao trono dos Euripôntidas.

### **1.3 Lisandro e Esparta na passagem do século V para o IV – os antecedentes do poder político de Agesilau II**

Os últimos anos da guerra do Peloponeso já evidenciavam os desgastes de todas as *póleis* envolvidas neste conflito. Contudo, os recursos persas investidos na Confederação do Peloponeso somados à habilidade político-militar do esparciata Lisandro foram determinantes para a conclusão deste enfrentamento. Não somente Lisandro se destacará pelo bom desempenho junto à frota dos peloponésios, mas também pelo poder político que angariou com homens influentes em toda a Hélade. No entanto, a maior de todas as relações políticas que Lisandro edificou foi com o irmão mais novo de Ágis II, Agesilau, ampliando as redes políticas do Euripôntida pela Hélade e obtendo destaque pessoal entre os lacedemônios.

Esparta iniciou o século IV como a detentora da hegemonia militar entre os helenos ao vencer definitivamente os atenienses na batalha de Egospótamo (405). Este enfrentamento marcou o fim da guerra do Peloponeso e a grande ascensão política do navarco esparciata Lisandro. A figura de Lisandro também pode ser identificada como o efeito direto das transformações pelas quais Esparta e a Hélade perpassaram ao longo da segunda metade do século V. Não estaríamos exagerando ao afirmarmos que Lisandro foi um ator social cujas ações ajudaram a modificar a dinâmica política espartana, uma vez que o seu prestígio impactará na realeza lacedemônia<sup>23</sup>.

O navarco esparciata foi um típico exemplo de como as transformações espartanas impactaram nas determinações políticas que esta *pólis* passou a tomar no interior da Hélade com o final da guerra do Peloponeso. Muito embora Esparta, enquanto *pólis*, e a sua aristocracia, em particular, mantivessem relações políticas de cunho diplomático com toda a Hélade e com uma parcela da elite persa, Lisandro ampliou esta realidade promovendo uma rede política ainda mais densa e difusora de poderes relacionais. Se

---

<sup>23</sup> Lisandro e as suas conexões políticas serão responsáveis pela escolha de Agesilau como *basileús* da dinastia Euripôntida, muito embora este não fosse o herdeiro imediato ao trono.

considerarmos que Esparta integrava uma rede pequena e densa, no Mediterrâneo, não seria estranho que a sua vitória tenha modificado o cenário político-social da Hélade. Charles Kadushin (2012, p. 89) destacou que em redes assimétricas a intensidade das conexões entre os elos influencia na estrutura da rede. Deste modo, ainda que a Confederação do Peloponeso tenha se caracterizado como uma rede híbrida, em virtude da mescla entre simetria e assimetria na autoridade de seus membros, a conclusão da guerra do Peloponeso tendo Lisandro como o ator social de maior proeminência alterou a intensidade das conexões espartanas junto aos helenos.

Esta lógica nos leva a problematizar a motivação dos jovens espartanos, como citado por Tucídides (I, 80-85), pois a possibilidade de sucesso na guerra poderia fomentar a preponderância política de suas respectivas famílias, seja no interior de Esparta seja com a aristocracia da Hélade. Como a rede espartana era pequena e densa, as relações políticas de Lisandro impactaram diretamente nas determinações do governo de sua *pólis*. Afinal, não se podia negar a influência obtida pelo navarco e nem mesmo o impacto de suas ações para a Hélade e a Lacedemônia.

No final da década de 410, o Império Aquemênida governado por Dario II se aproximou dos helenos e financiou grande parte dos gastos espartanos na guerra contra Atenas. Isso porque Dario II não se agradava com a influência ateniense em uma parcela dos seus domínios no Egeu. Em 405, o *grande rei* dos persas enviou o seu filho mais novo, Ciro, na condição de *káranos*<sup>24</sup> dos domínios aquemênidas no Mediterrâneo, para que este pudesse auxiliar os espartanos no que fosse necessário. Nesse momento, Lisandro — na condição de navarco e representante dos interesses de Esparta — formou laços pessoais com Ciro e este beneficiou o esparciata da melhor maneira que pôde com os recursos aquemênidas (XEN. *Hel.* I, 5.6). Essa aproximação levou a formação de redes políticas por Lisandro que, ao receber o apoio do *káranos* persa, assegurou os interesses da aristocracia da Jônia. Nos cabe enfatizar que a relação política entre Lisandro e Ciro foi um nítido desdobramento da rede política existente entre Esparta e o Império Aquemênida.

Ao adaptarmos a proposta de Kadushin (2012, p. 82-83), notamos que a relação de Lisandro e Ciro se deu por uma via informal, cujas características fundamentais seriam a busca por segurança, efetividade nas relações e o *status*. Contudo, a rede informal acaba sujeita às intempéries do ambiente externo, o que justificaria a necessidade de Lisandro

---

<sup>24</sup> Segundo Rüdiger Schmitt (2011), o termo *káranos* seria uma derivação do termo persa *kara-* cuja acepção seria exército. Em Xenofonte o *káranos* era o grande comandante dos exércitos persas.

tomar decisões visando ao benefício de Esparta e dos seus companheiros. Esse posicionamento nos permite afirmar que Lisandro era um nó que participava de diversas redes pequenas, a saber, a de Esparta, a dos seus aliados helenos e a dos persas. Com Ciro a situação se dava na mesma proporção, haja vista que a sua liderança sobre as satrapias da Ásia Menor aumentou o poder dos aquemênidas contra a expansão ateniense, mas também lhe fez angariar apoiadores para os seus interesses pessoais<sup>25</sup>.

Por sua vez, Lisandro não perdeu as oportunidades que apareceram, haja vista que a sua presença entre os aristocratas jônios se tornou necessária e fundamental para assegurar as relações políticas junto a Ciro em prol da Hélade. No que concerne à elite jônica, a posição que passou a ocupar nas relações de forças mediterrânicas fez com que esses homens reconhecessem a debilidade de sua situação e tentassem obter a segurança mínima para a conservação de seus interesses políticos na rede que envolvia Esparta e o Império Aquemênida. Nesse contexto, as redes políticas de Lisandro junto a homens de renome além da Lacedemônia permitiram que a influência de Esparta também se difundisse. Todavia, não podemos negligenciar o fato de que parte dos inimigos de Lisandro também se tornou opositora de Esparta<sup>26</sup>. Neste caso, em particular, a relação política que Lisandro e Ciro estabeleceram foi de *xenía*<sup>27</sup>, e isso pressupunha que os lados envolvidos auxiliassem o *amigo estrangeiro* em condições de dificuldade.

No interior das redes políticas<sup>28</sup> do Império Aquemênida, Ciro rivalizava com o sátrapa Tissafernes, cujas pretensões pessoais fizeram com que se tornasse aliado dos atenienses. Isso levou os lacedemônios, líderes dos peloponésios, a denunciarem o sátrapa a Ciro que, enquanto *káranos*, tinha o poder sobre todos os governantes persas da Jônia (XEN. *Hel.* I, 5.2). As possíveis motivações de Tissafernes foram expostas por Plutarco, tanto na *Vida de Alcibíades* (25.1) quanto na *Vida de Lisandro* (4.1). Nos dizeres do

---

<sup>25</sup> Defendemos que em algumas ocasiões as redes de um sujeito sobreponham ou eram sobrepostas por outras redes. No caso de Lisandro e Ciro, não podemos negar que as suas respectivas redes pessoais tinham o potencial para ampliar as conexões de suas sociedades, mas também poderiam atuar como contrapesos aos seus respectivos governos em situações de tensão.

<sup>26</sup> Como Lisandro representava os interesses de Esparta no Egeu e na Ásia Menor, todas as suas decisões político-militares foram consideradas – até certo ponto – como reflexos das decisões espartanas. Portanto, os inimigos de Lisandro se tornaram inimigos de Esparta e vice-versa. Do mesmo modo, o fato de Lisandro ter aumentado a densidade de suas conexões na Hélade gerou tensões no interior de Esparta, pois o fortalecimento do navarco representava o enfraquecimento de alguém e/ou algum grupo.

<sup>27</sup> A *xenía* seria uma forma de *amizade ritualizada* estabelecida entre sujeitos de territórios e sociedades diferentes, os quais pressupunham a solidariedade mútua e a troca de bens e serviços.

<sup>28</sup> O termo está no plural porque as redes do Império Aquemênida se constituíam por redes menores, isto é, as conexões políticas que os seus *sátrapas* desenvolviam visando ao fortalecimento persa, e além de serem redes particulares se tornavam parte integrante de uma rede muito maior que tinha o governo do Império Aquemênida como o nó central dessas conexões.

beócio, Tissafernes foi enviado por Dario II para auxiliar os espartanos em seu conflito contra os atenienses, e não o contrário. Plutarco ainda comentou que a pretensão de Tissafernes seria enfraquecer os helenos para que assim fossem dominados mais facilmente, ao invés de fortalecê-los uns contra os outros.

A postura circunstancial de Tissafernes fez com que diversos autores da Antiguidade o qualificassem como um modelo de homem sem honra, incapaz de obedecer às determinações de seu *basileús* em decorrência de seus próprios interesses político-econômicos<sup>29</sup>. Embora as críticas a Tissafernes sejam amplas e oriundas de diversos momentos da Antiguidade, devemos recordar que a comunidade discursiva na qual autores como Tucídides, Xenofonte, Platão, Diodoro e Plutarco estiveram inseridos ainda consideravam os persas como um sinônimo de descomedimento político, social, econômico e cultural. Contudo, como alguns líderes persas foram considerados exemplos de líderes militares, a figura de Tissafernes cumpria a função de materializar todos os excessos esperados de um bárbaro. Por isso, o seu papel na documentação corresponde a um *algoz*, cujas atitudes são ruins e geram efeitos negativos mesmo quando pensadas em prol de sua sociedade.

Lisandro se destacou entre os helenos ao fornecer-lhes esperanças contra os atenienses com a vitória na batalha de Notium (XEN. *Hel.* I.5.11; *Hel. Ox.* 4.3; DIOD. XIII. 71.1-4; PLUT. *Lis.* 5.1-2). O seu êxito foi recompensado pelo apoio dos homens mais influentes da Jônia, mas também do Egeu e da Trácia. A principal controvérsia acerca de Lisandro e das inúmeras formas pelas quais foi representado lida com a sua aparente ânsia pelo poder, seja ele político, econômico ou militar. Como o navarco era uma manifestação do poderio militar de Esparta fora do Peloponeso, muitos aristocratas se aproximaram do mesmo almejando benefícios com a *pólis* lacedemônia.

As redes políticas que Lisandro formou junto à aristocracia helênica da Ásia poderiam ser compreendidas como *hetaireîai*<sup>30</sup>. Nessas *confrarias*, os homens dotados de uma mesma estirpe ou detentores de poderes políticos, sociais e/ou econômicos

---

<sup>29</sup> Tanto na *Helênica* quanto no *Agésilau*, Xenofonte edifica essa imagem de Tissafernes, a qual parece ter sido partilhada por Diodoro em sua *Biblioteca de História* e por Plutarco nas *Vidas Paralelas*.

<sup>30</sup> Ao se utilizar dos estudos de Eugene Cavaignac, James DeVoto (1982, p. 28) definiu as *hetaireîai* como uma associação de homens de tendência política oligárquica detentores de uma idade aproximada e que partilhavam interesses comuns em arte, música e política. Estes se reuniram para se protegerem dos excessos dos democratas radicais, estando interessados na estabilidade social e na paz. Dessa maneira, as associações oligárquicas que Lisandro formou com a elite da Jônia teria se fundamentado na promessa de uma estabilidade político-social caso Esparta saísse vitoriosa na guerra do Peloponeso. Isso justificaria o apoio incondicional que o navarco recebeu na Ásia Menor.

semelhantes se reuniam para discutirem assuntos de interesse comum, beneficiando-se mutuamente sempre que necessário. Charles Hamilton (1979, p. 37-39) afirmou que os aristocratas jônios se vincularam a Lisandro devido à boa relação que este mantinha com Ciro, além de acreditarem que os peloponésios poderiam vencer a guerra, o que acabaria lhes dando algum tipo de privilégio político-econômico. Essa situação justifica o que havíamos comentado anteriormente, pois os líderes jônios reconheciam a posição desprestigiada que estavam ocupando junto aos nós de maior proeminência entre Esparta e Império Aquemênida e se aproximaram de Lisandro para obter benefícios e segurança. Complementando o exposto, as redes políticas de Lisandro também teriam se estendido à Sicília, onde manteve vínculos pessoais com Dionísio I (PLUT. *Lis.* 2.5). Sendo assim, não podemos negar que Lisandro foi um dos homens mais poderosos da Hélade em decorrência de suas ações e de suas relações políticas nos últimos anos da guerra do Peloponeso.

Entretanto, Plutarco nos informou que Lisandro foi o responsável por introduzir riquezas em abundância no interior de sua *pólis*, fazendo com que os esparciatas desenvolvessem o vício da ambição (PLUT. *Lis.* 2.4). Xenofonte (*Cons. Lac.*, 14.3) destacou que os esparciatas do século IV se orgulhavam de possuírem riquezas, aspecto que outrora era reprovado e desdenhado pelos mesmos. Ao cruzarmos a documentação verificamos que o discurso de Xenofonte acabou endossando a perspectiva de Plutarco, sem que o ateniense mencionasse o nome dos responsáveis pela introdução de riquezas em Esparta. Se a afirmação de Plutarco estiver correta, Lisandro foi quem promoveu a entrada de metais preciosos na *pólis* espartana, cujo efeito foi sentido no período em que Xenofonte conviveu com os esparciatas. De fato, quando os espartanos passaram a valorizar a riqueza, já não era necessário um Lisandro para proporcionar-lhes o acesso a esta. Xenofonte expôs que os esparciatas do século IV eram homens gananciosos que ansiavam pelo poder político e militar fora de sua *pólis* como *harmostai*<sup>31</sup>, pois assim não estariam limitados por suas leis (XEN. *Cons. Lac.* 14.4).

No que concerne a Lisandro, a posição política que detinha junto a Esparta e a maneira de agir diante dos aliados de sua *pólis* e dos seus próprios *phíloi*<sup>32</sup> eram o reflexo da proeminência que a navarquia adquiriu no cenário geopolítico da Hélade. Nas palavras de Aristóteles, o cargo de navarco acabou adquirindo influência o suficiente para rivalizar

---

<sup>31</sup> Entre os lacedemônios, os *harmostai* seriam os intermediários político-militares que atuavam no estrangeiro em benefício de sua *pólis*. Em certos casos, estes eram enviados para exercerem o poder político com o auxílio de guarnições militares, aspecto que levou a historiografia a designá-los como governadores.

<sup>32</sup> Substantivo cuja acepção seria “amigos”. O seu singular é *phílos*.

com os diarcas<sup>33</sup> da Lacedemônia (ARIST. *Pol.* 1271a40). César Fornis (2016, p. 188) ampliou o nosso escopo ao ressaltar que a autoridade e a influência da navarquia em Esparta se tornaram extensas em virtude da importância que o combate marítimo adquiriu nos últimos anos da guerra do Peloponeso. Efetivamente, sem a estratégia marítima adotada por Lisandro, os atenienses teriam conservado a guerra do Peloponeso por mais tempo.

Efetivamente a vitória peloponésia somente foi possível pela atuação singular de Lisandro como navarco (XEN. *Hel.* II, 1.20-31). Através do cruzamento dos vestígios documentais e da historiografia, observamos parte da motivação dos autores clássicos e contemporâneos ao considerarem Lisandro como um *grande problema* para Esparta. A postura e as decisões de Lisandro impactaram diretamente nas relações de poder no interior de Esparta e destas com os demais nós que compunham as suas redes. Nesse sentido, Lisandro representava os interesses de inúmeros grupos, mas também a discórdia de outros tantos em Esparta quanto na Hélade.

Se considerarmos os escritos de Eurípides (*Andrômaca*, v. 147-154), por exemplo, a riqueza era tida como um dos atributos fundamentais da sociedade espartana<sup>34</sup>. Através de uma conclusão, Isócrates afirma que o descomedimento para com a riqueza foi um problema para todas as *pólis* que constituíram uma hegemonia, tais como Atenas e Esparta:

[...] a dominação operou ruínas não somente em Atenas, mas também na *pólis* dos lacedemônios, de tal maneira que aqueles que têm o hábito de exaltar as virtudes de Esparta não podem argumentar que nós administramos mal os nossos negócios devido ao governo democrático, enquanto que os lacedemônios assumiram a supremacia e tiveram resultados felizes para todos e para si mesmos. Isso porque esse poder [a dominação] revelou a sua natureza [a ruína] muito mais rápido do que no nosso caso (ISÓCRATES. *Sobre a Paz.* 95)<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> Esta palavra seria um composto duplo formado pelo prefixo *di* + *arkheía*, um nominativo plural neutro que provém de *arkheion* e significa “magistratura”.

<sup>34</sup> De acordo com Jacqueline de Romilly (1998, p. 166-167), a peça *Andrômaca* teria sido encenada entre 426 e 424. Considerando que o discurso de Eurípides estivesse fazendo uma denúncia acerca dos excessos espartanos, a riqueza seria um problema em Esparta já no início da guerra do Peloponeso e antecedendo as ações de Lisandro.

<sup>35</sup> No texto grego temos: οὐ γὰρ μόνον ἡμᾶς ἀλλὰ καὶ τὴν Λακεδαιμονίων πόλιν διέφθειρεν, ὥστε τοῖς εἰθισμένοις ἐπαινεῖν τὰς ἐκείνων ἀρετὰς οὐχ οἷόν τ' ἐστὶν εἰπεῖν τοῦτον τὸν λόγον, ὡς ἡμεῖς μὲν διὰ τὸ δημοκρατεῖσθαι κακῶς ἐχρησάμεθα τοῖς πράγμασιν, εἰ δὲ Λακεδαιμόνιοι ταύτην τὴν δύναμιν παρέλαβον, εὐδαίμονας ἂν καὶ τοὺς ἄλλους καὶ σφᾶς αὐτοὺς ἐποίησαν. πολὺ γὰρ θᾶττον ἐν ἐκείνοις ἐπεδείξατο τὴν φύσιν τὴν αὐτῆς:

O que nos chamou a atenção foi o fato de autores em momentos distintos enfatizarem que um dos problemas fundamentais dos lacedemônios foi a incontinência para com a riqueza, sem que o nome de Lisandro fosse citado. Todavia, um elemento nestas redes políticas nos chama a atenção. Se de fato Lisandro foi um homem ganancioso, cujas atitudes acabaram prejudicando a *pólis* de Esparta direta ou indiretamente, o que teria motivado esta sociedade a mantê-lo como comandante em diversas circunstâncias, mesmo após o fim da guerra do Peloponeso? Aqui tangenciamos uma parte do nosso pressuposto de pesquisa junto a Agesilau II.

Tanto Lisandro quanto Agesilau teriam sido culpados por inserirem a *pólis* de Esparta e os seus cidadãos em uma condição de crise, da qual nunca mais os espartanos puderam sair. Não partilhamos desse posicionamento tão característico junto à historiografia tradicional e atenocêntrica, pois, como esses homens poderiam ser os reflexos das mazelas espartanas se as suas ações estavam diretamente vinculadas aos interesses e as redes de sua *pólis*?

Essa perspectiva da historiografia acabou minimizando as ações coletivas e o fato destes sujeitos integrarem redes políticas que determinavam a maneira como deveriam agir. Se as afirmações de Xenofonte (*Cons. Lac.* 8.1-5) estiverem corretas, o que diferenciava as autoridades de Esparta daquelas que existiam em outras *pólis* era o fato de que mesmo os magistrados mais proeminentes se preocupavam em obedecer às leis. Com os *basileús* não seria diferente, pois, quando um dos heráclidas descumpria as determinações legais o mesmo poderia ser multado e até mesmo condenado a morte<sup>36</sup>.

Diante dessas considerações verificamos que Lisandro e Agesilau estariam submetidos aos valores e às prescrições que as leis de Esparta estabeleciam. De fato, seríamos ingênuos se acreditássemos plenamente que os mesmos não poderiam subverter ou adaptar as ordens de sua *pólis* visando ao benefício pessoal. Todavia, consideramos que qualquer atitude de proporções exacerbadas e que fosse exponencialmente contrária aos interesses de Esparta levariam esses homens a serem punidos. Sendo assim, acusar o *basileús* Euripôntida e o navarco esparciata pelas suas ações nos levaria a concluir, de

---

<sup>36</sup> No que tange à submissão dos *basileús* à constituição espartana, podemos destacar o caso de Ágis II. Este foi multado pelos éforos, ao negligenciar um sacrifício em represália à oposição que estes últimos fizeram a um pedido seu (PLUT. *Lic.* 12.3). Outro exemplo emblemático foi a condenação à morte sofrida pelo *basileús* Pausânias, o qual foi acusado de não cumprir os interesses de sua *pólis* diante de Atenas e Tebas (XEN. *Hel.* III, 5.25). Temos também Agesilau que fora multado por manipular os cidadãos de Esparta e torná-los seus clientes (PLUT. *Ages.* 2.3).

maneira precipitada, que a *pólis* espartana era indiferente à qualquer medida política tomada por ambos.

Contudo, Esparta e os éforos foram os responsáveis por apoiarem a conduta e as atitudes que ambos os comandantes tiveram ao longo de suas vidas. Até mesmo as alianças que Lisandro edificou com persas, trácios e jônios tiveram o consentimento dos magistrados lacedemônios. Do mesmo modo, Agesilau recebeu todo o respaldo necessário para realizar uma expedição à Jônia no início do seu reinado, além de atuar como mercenário no Egito já no final de sua vida<sup>37</sup>. Tais argumentos pretendem minimizar a forma como a historiografia interpretou as atitudes de Lisandro e Agesilau, uma vez que Esparta se beneficiou amplamente com as conquistas obtidas pelos mesmos. Logo, munidos do arcabouço teórico das redes políticas pretendemos evidenciar que Agesilau e Lisandro<sup>38</sup> foram sujeitos de seu tempo e estiveram submetidos à dinâmica política, social, econômica, militar e cultural de sua *pólis*, bem como agindo em conformidade a esta — na maioria das circunstâncias.

Independentemente de qualquer ameaça que Lisandro pudesse representar, muitas de suas atitudes receberam o apoio e o respaldo do *basileús* Ágis II. O referido Euripôntida foi identificado como um dos homens mais poderosos de sua época, tendo em vista a sua experiência militar e o fato de ter herdado as redes políticas de seu pai, Arquídamos II. Na *Helênica* (II, 2.7-8), Xenofonte nos forneceu indícios da relação política que havia entre o navarco e Ágis II, pois, ao vencer os atenienses em Egospótamo, Lisandro se dirigiu a Samos e, dali, enviou uma mensagem direta ao *basileús* Euripôntida notificando-o do feito militar. Em seguida, Lisandro pontuou que estava partindo com embarcações para o Pireu, visando promover um cerco a Atenas. Nesse período a dinastia dos Ágidas era governada por Pausânias, o qual foi designado por Esparta para liderar um contingente de apoio para ampliar a ofensiva aos atenienses. Esse trecho do discurso de Xenofonte merece atenção pelo fato de Lisandro notificar, primeiramente, Ágis e depois sua *pólis* sobre a vitória em Egospótamo. Mesmo assim, se o navarco não tivesse relações políticas com o Euripôntida, nada o impediria de avisar Pausânias de suas ações militares.

---

<sup>37</sup> As conexões políticas de Agesilau no interior de Esparta serão analisadas ainda neste capítulo.

<sup>38</sup> Vale destacar que Lisandro será abordado com maior ênfase no decorrer desse capítulo devido à conexão política e de pederastia que manteve com Agesilau II. Para maiores informações verificar a obra *Lysandre de Sparte: Histoire et Traditions* de Jean-François Bommelaer (1981), na qual o autor se dedicou a desenvolver um estudo voltado unicamente para Lisandro e a sua dinâmica política no interior da Hélade. Do mesmo modo, os manuais historiográficos que abordem Esparta entre os séculos V e IV sempre fazem referência ao navarco e merecem atenção.

De todo modo, a documentação literária nos chama a atenção para o fato de que Lisandro, por ter nascido em uma família sem recursos, não tinha direitos políticos em Esparta (PLUT. *Lis.* 2.1, 2.3). Paul Cartledge (2003, p. 183-184) destacou que ele obteve a cidadania e, conseqüentemente, a indicação para um cargo militar proeminente por ter integrado a rede política de clientelismo<sup>39</sup> da dinastia Euripôntida. Jacqueline Christien e Françoise Ruzé (2007, p. 129) expuseram que a prática do clientelismo era comum entre os membros da realeza lacedemônia, através da qual poderiam ampliar as suas redes políticas no âmbito políade. Como em Esparta os jovens que não realizassem a *paidéia* esparciata estavam excluídos da cidadania, homens de recursos e/ou da realeza financiavam a educação e os gastos que esses sujeitos teriam para se tornar cidadãos em troca da lealdade dos mesmos e de suas famílias. As considerações apresentadas ressaltam que entre os espartanos e lacedemônios a formação de redes políticas eram mecanismos adequados para se alcançar objetivos políticos, sociais e econômicos.

No interior da Teoria de Redes, ao invés de abordarmos essa prática como clientelismo, poderíamos falar de auxílio social. Essa característica emerge em redes densas, nas quais os seus membros tentam obter benefícios com aqueles que estão em um nível político-social mais elevado. Para os líderes (nós centrais) de uma rede é interessante os benefícios atribuídos aos atores de menores recursos, tendo em vista a importância desses para que se desenvolvam sentimentos com a sua liderança e legitimem o seu poder junto aos demais nós da rede. Afinal, a autoridade de um líder se amplia pela influência social que exerce junto ao seu grupo social (KADUSHIN, 2012, p. 60-61, 87). Diante do cenário político de Esparta e tomando o exemplo das casas reais da Lacedemônia, o financiamento de jovens de famílias sem recursos era uma estratégia política admirável, haja vista que os *basileis* lacedemônios careciam de plenos poderes políticos. Essa atitude garantia-lhes a ampliação do seu poder político através da influência sobre os cidadãos mais pobres e pela confiança que estes atribuíam aos seus benfeitores.

---

<sup>39</sup> Segundo Susan Stokes (2007, p. 605), o clientelismo seria definido como um mecanismo político no qual pessoas com recursos e de grande influência fornecem benefícios a outros para ampliarem a sua preponderância política. Entretanto, Stokes destacou que o critério para essa aparente *doação* de benesses seria a capacidade dos favorecidos em assegurar o apoio ao seu *patrão*. David Konstan (2005, p. 192-197) nos advertiu que existia uma diferença entre a amizade e o clientelismo, afinal as pessoas buscam amigos que tenham posições sociais semelhantes. Na relação de amizade (*philia*) não haveria uma hierarquia entre os seus membros. Já no clientelismo temos uma nítida distinção entre os envolvidos, em que o mais poderoso se torna o protetor dos interesses de seus clientes, enquanto esses favorecem e ampliam a autoridade de seu senhor.

Com isso, destacamos que as redes políticas são compostas pelas relações/conexões promovidas por um sujeito e/ou o seu grupo social. Essas relações acabam atuando como os nós destas redes. Todavia, uma vez que um grupo de pessoas junto de seus principais representantes forma relações políticas, estas acabam sendo o reflexo, direto ou indireto, de sua autoridade no interior de sua sociedade ou de seu período histórico. Nesse caso, sugerimos que Arquídamos II, cujo governo durou de aproximadamente 469 a 427, teria inserido Lisandro e a sua família em sua rede política de clientelismo. A partir de então, todas as atitudes promovidas por Lisandro e os seus parentes mais próximos estariam vinculadas à dinastia dos Euripôntidas. Com a morte de Arquídamos o cargo de *basileús* coube ao seu filho mais velho, Ágis II, o qual herdou todas as suas redes políticas — tanto dentro quanto fora da Lacedemônia. Essa conjuntura fez com que Lisandro se aproximasse de Ágis II, passando a representá-lo e a obedecê-lo como uma dívida de gratidão hereditária.

#### 1.4 Agesilau e as suas redes políticas na Lacedemônia

Aqui iniciamos a nossa análise de Agesilau, afinal a sua primeira aparição na documentação literária se deu pela associação direta que manteve com Lisandro. Contudo, o futuro *basileús* dos Euripôntidas apenas se inseriu no discurso de Xenofonte no terceiro livro da *Helênica*. Antes de chegarmos a esse momento, as redes políticas de Lisandro haviam se expandido ao ponto de englobar grupos políticos na Líbia<sup>40</sup>, o governante Dionísio I de Siracusa<sup>41</sup>, quase a totalidade de Trácia e da Jônia, além de *hetaireíai* no Egeu e na Hélade central. Sendo assim, Agesilau poderia se beneficiar — como de fato o fez — com o poder político e a influência que as conexões de Lisandro exerciam na Hélade, entre o final do século V e início do IV.

---

<sup>40</sup> Plutarco (*Lis.* 20.5-6, 25.3) expôs que Lisandro mantinha relações políticas com homens importantes da Líbia. Esse indício poderia ser endossado pelo fato do irmão de Lisandro se chamar Libis, sendo esta uma possível comprovação de que o pai do navarco tenha tentado honrar um território que o beneficiaria com a condição de *próxenos* (*XEN. Hel.* II, 4.28).

<sup>41</sup> Quanto à relação política entre Lisandro e Dionísio I, Plutarco (*Lis.* 2.5) faz referência ao momento no qual Lisandro foi à corte de Dionísio I, na condição de embaixador (*presbeutês*). Devemos considerar que uma *pólis* escolheria como seu representante alguém dotado de atributos diplomáticos evidentes ou que tivesse boas relações com a sociedade a qual se pretendia tornar aliada. Nesse contexto, podemos afirmar que Lisandro se enquadrava nas duas condições, afinal, após a visita realizada a Siracusa, o navarco pôde fortalecer as conexões políticas que já tinha ou estabeleceu uma conexão dotada de novos parâmetros e demandas com Dionísio.

Agesilau era o filho mais novo de Arquídamos II, proveniente do seu segundo casamento com Eupolia, filha de Melessípidas. Plutarco (*Ages.* 1.1, 2.3) chega a afirmar, citando Teofrasto, que o casamento de Arquídamos com Eupolia não foi apoiado por Esparta. Por isso, os éforos multaram o *basileús* Euripôntida por se casar com uma mulher muito baixa, a qual geraria *pequenos basileús* a Esparta. Como os helenos da Antiguidade compreendiam a aparência física como um reflexo do interior de uma pessoa, uma mulher baixa não seria capaz de gerar nada grandioso. Entretanto, Arquídamos teria bons motivos para contrair laços de matrimônio com Eupolia.

Pausânias, na *Descrição da Grécia* (III, 9.3), afirmou que o pai de Eupolia se chamava Aristomélidas, ao invés de Melessípidas. Se o geógrafo helênico estiver correto, Aristomélidas era *próxenos* dos tebanos já no século V, tendo influência sobre o destino dos sobreviventes da batalha de Platéia em 427. Em virtude da importância política que um *próxenos* detém junto às *póleis* e reinos estrangeiros, o casamento de Arquídamos com Eupolia permitiria que o *basileús* Euripôntida também se aproximasse dos tebanos, os quais vinham se consolidando como uma potência militar na Hélade. O fato de Agesilau ser mais novo que Ágis tornava mínima a sua possibilidade de ascensão ao trono. Em vias normais, o que poderia ocorrer era Agesilau ocupar o cargo de regente (*pródikos*) se Ágis falecesse e o seu herdeiro ainda fosse muito jovem para assumir a *basileía*. Algumas situações, entretanto, favoreceram a atuação política de Agesilau entre os lacedemônios.

No ano 400, Ágis II veio a falecer a caminho de casa após realizar uma expedição militar contra Élis<sup>42</sup>. Na referida ocasião Ágis teria afirmado diante de muitas testemunhas que o jovem Leotíquidas era seu filho legítimo (XEN. *Hel.* III, 3.1). Essa passagem do autor ateniense acaba fazendo mais sentido quando relacionada aos escritos de Plutarco. O autor beócio declarou que Leotíquidas era considerado filho do ateniense Alcibíades, o qual seduzira a esposa de Ágis II enquanto esse realizava alguma expedição militar (PLUT. *Ages.* 3.1-2). Como o *basileús* Euripôntida duvidava da paternidade de Leotíquidas, o mesmo só reconheceu o jovem como filho legítimo no leito de morte.

A decisão de Ágis pode ser problematizada diante da conjuntura política na qual a dinastia dos Euripôntidas se encontrava, ou seja, a influência desmedida das conexões de

---

<sup>42</sup> A expedição contra Élis foi promovida quando Esparta já havia sido reconhecida como a *pólis* detentora da hegemonia militar entre os helenos, ainda que Corinto e Tebas estivessem receosas com esse posicionamento. Em um artigo singular, James Roy (2009, p. 39-40) expôs que a mobilização espartana contra Élis visava assegurar a influência lacedemônia sobre grande parte do Peloponeso. Portanto, Ágis II promoveu a liberação de uma parcela significativa das *póleis periecas* de Élis, para que estas se tornassem parte das redes políticas de Esparta e formassem um *cinturão* contra as pretensões político-militares dos eleus.

Lisandro e as possíveis pretensões de Agesilau. Essas são apenas especulações, mas a atitude de Ágis II parece ter sido um tanto precipitada por saber o que aconteceria com Leotíquidas, caso Agesilau e Lisandro se unissem.

Com o início da disputa, o argumento de Leotíquidas diante da assembleia se fundamentou no conhecimento que a sua mãe, Timéia (XEN. *Hel.* III. 3.2), tinha das coisas relativas ao universo feminino — como o período de gestação, que só as mulheres sabiam —, enquanto que Agesilau utilizou os deuses para endossar a sua causa, afinal o terremoto<sup>43</sup> de Posidão (HOWATSON, 2011, p. 469-470) serviu como uma testemunha e um acusador do adultério de Timéia.

Entretanto, Leotíquidas recebeu o apoio das conexões de seu pai que eram contrárias aos interesses de Agesilau. Assim, o advinho Diopites emergiu na cena enunciativa criada por Xenofonte (*Hel.* III. 3.3)<sup>44</sup> argumentando haver um oráculo de Apolo Pítio aconselhando os espartanos sobre os riscos de uma realeza defeituosa, uma vez que Agesilau era coxo de uma das pernas. A disputa fomentada por Agesilau e Leotíquidas demonstra a existência de grupos distintos que, no interior de Esparta, rivalizavam pelo poder. Estes podem ser considerados como redes políticas cujas conexões centrais eram vinculadas a Ágis II. Com a morte deste iniciou-se uma contenda em busca da centralidade dessas redes. Em certa medida, como nos esclareceu Kadushin (2012, p. 27-34), quando um nó dotado de conexões de alta densidade deixa de existir temos aí um buraco estrutural, o qual se manifesta quando as relações dos nós com o seu líder ocorrem através do *ego*. O autor destaca que em uma rede cuja centralidade reside em um único indivíduo em particular é chamada de *rede-ego*.

Em virtude do desequilíbrio ocasionado pela morte de Ágis, o nó com o maior apelo e popularidade poderia ocupar essa posição. No entanto, o cenário político exposto apenas ressaltava a necessidade de apoio para que ambos os candidatos pudessem ocupar este cargo. Considerando o *status* de Lisandro e as suas conexões dentro e fora da Lacedemônia, a sua proximidade com Agesilau favoreceu a escolha deste, pois o navarco argumentou que a realeza defeituosa exposta por Apolo ter um *basileús* oriundo de uma estirpe que não fosse heráclida. A cena enunciativa criada por Xenofonte se fundamentou em um artifício retórico, típico dos sofistas, para legitimar a coroação de Agesilau. Verificamos que a representação proposta de Lisandro o caracterizou como um ator social

---

<sup>43</sup> Esse seria o terremoto citado por Tucídides (VIII. 6.5) (MARINCOLA, 2010, p. 96).

<sup>44</sup> Plutarco (*Lis.* 22.5; *Ages.* 3.4) fez referência a essa mesma situação.

atípico para os parâmetros lacônicos, aspecto que favorecia a sua caracterização como um sujeito excessivo diante de uma dada audiência.

A vitória de Lisandro em Egospótamo e a influência que passou a exercer no cenário político helênico em virtude das suas conexões com homens poderosos das Cíclades, da Ásia Menor e do Império Aquemênida garantiu a projeção de um dos nós com os quais mantinha conexões. Conseqüentemente, as redes políticas de Lisandro na Lacedemônia contribuíram para que Agesilau fosse aclamado *basileús* pelos esparciatas (XEN. *Hel.* III. 3.4). Plutarco (*Lis.* 22.6) deixa esse aspecto um tanto mais explícito, enfatizando que a influência de Lisandro junto aos esparciatas fez de Agesilau *basileús* dos Euripôntidas.

A relação política entre Agesilau e Lisandro apenas legitima a ideia de que o poder é relacional, pois seria impossível que um ou outro exercesse a sua influência e autoridade sem o reconhecimento de todo um grupo de pessoas. Todavia, embora Lisandro estivesse conectado com muitos atores sociais, faltava-lhe a prerrogativa real para obter um *status* sem precedentes entre os espartanos, lugar que foi ocupado por Agesilau enquanto um nó na rede de Lisandro. No entanto, a vinculação entre Agesilau e Lisandro merece um pouco mais de nossa atenção. Em seus escritos, Plutarco garantiu que ambos mantiveram relações de pederastia na juventude, mas, o que isso pressupunha?

Em linhas gerais, a pederastia seria uma relação entre duas pessoas do mesmo sexo, sendo uma delas mais velha (*erastês*) e a outra jovem (*erómenos/paidiká*). Este tipo de interação presumia meios para assegurar a plena formação do sujeito mais jovem, embora o seu caráter sexual fosse inquestionável. Na *Constituição dos Lacedemônios* (2.13), Xenofonte pontuou que a pederastia em Esparta era um meio de garantir ao jovem uma formação mais adequada, tendo em vista que não desonrava os envolvidos. A singularidade da pederastia lida com o período no qual essa prática deveria ocorrer, isto é, durante a juventude. No entanto, para os homens adultos era politicamente vantajoso manter relações eróticas com cidadãos proeminentes após o período da pederastia. Assim, salientamos que a pederastia integrava o processo educacional formal dos jovens, identificado como *paideía*, bem como a dinâmica políade de reciprocidade entre homens da aristocracia.

David Halperin (1990, p. 30-33) nos esclareceu que a relação erótica entre os helenos do sexo masculino manifestava aspectos de sua vida político-social, expressando as suas experiências e anseios como agentes sexuais e como homens políticos. Desse modo, as identidades sexuais dos helenos do período Clássico pareciam inseparáveis de

suas respectivas posições políticas. Daniel Barbo (2008) evidenciou que o erotismo na Hélade expressava as relações de poder dos sujeitos envolvidos através das categorias de ativo e passivo. Entre os helenos o ato erótico era exclusivista e de dominação pessoal ressaltando as hierarquias político-sociais da *pólis*.

Diante disso, a relação erótica configurava a superioridade e a subordinação nas esferas políticas e sociais dos envolvidos, cabendo ao cidadão adulto iniciar o ato sexual e ter o direito de sentir prazer com este. No interior da pederastia, enquanto uma prática institucionalizada, notamos a isomorfia entre o papel erótico de um cidadão e a sua condição político-social. Com isso, cabia ao homem adulto e agente erótico (*erastês*) iniciar a relação com o jovem e paciente<sup>45</sup> erótico (*erómenos*), para daí legitimar o seu poder e preponderância política, social e sexual, além de ensinar o jovem a maneira de agir quando futuramente estivesse na condição de adulto e ativo.

Segundo Xenofonte (*Cons. Lac. 2.2*) os jovens espartanos eram educados em conjunto, onde um magistrado era designado para vigiá-los ao longo de toda a sua formação<sup>46</sup>. A presença de um cidadão adulto ao invés de um escravo ou um mestre contratado, como no caso de Atenas, fazia com que os valores políades fossem incutidos com veemência na conduta do sujeito. Isso porque este esparciata era o responsável por estabelecer o que o jovem deveria aprender para ser reconhecido como um cidadão no futuro. A autoridade de um cidadão ao designar as atribuições dos jovens em formação se vincula, acima de tudo, com a sua experiência por ter vivenciado este mesmo sistema educacional quando mais novo. Entre os espartanos, a pederastia fazia com que um homem adulto se responsabilizasse em complementar esse processo de formação, atuando como um modelo de conduta para o seu jovem amado e com ele partilhando da honra e da vergonha.

Concomitantemente, Lisandro teria percebido que a sua proximidade com um membro direto da realeza poderia ampliar os seus benefícios. De forma semelhante, Agesilau poderia ter investido em uma relação com Lisandro devido às características pessoais que este detinha quando jovem e poderiam ser úteis para uma intensa vida política no futuro. Embora estas sejam apenas hipóteses, o esparciata e o Euripôntida mantiveram

---

<sup>45</sup> Os conceitos de agente erótico e paciente erótico foram utilizados por Daniel Barbo (2008).

<sup>46</sup> Não podemos esquecer que Xenofonte promoveu uma cena enunciativa na qual os esparciatas e os seus governantes fossem tomados como modelo de conduta ao longo de toda a *Constituição dos Lacedemônios*, em que a única exceção esteve no capítulo quatorze. Por isso, toda e qualquer afirmação elogiosa oriunda de Xenofonte pode ser pensada de forma crítica e em sua tentativa de atribuir papéis de destaque aos homens de Esparta diante de uma audiência tipicamente ateniense e aristocrática.

uma relação de pederastia, segundo a documentação literária. Charles Kadushin (2012, p. 13, 18) destacou que a proximidade é um determinante para as relações pessoais, sendo o fundamento para a organização de *hetaireîai*. A proximidade se forma em virtude de interesses comuns, uma vez que as pessoas integram os mesmos espaços geográficos e de convivência ao longo de suas vidas. Dessa forma, Lisandro e Agesilau se associaram visando benefícios pessoais e mútuos, porém a formação desta díade (relação entre dois elementos) acabou impactando na disposição de uma rede muito maior e mais complexa com a coroação deste último como *basileús*.

Outro aspecto que merece a nossa análise diz respeito ao reconhecimento que muitos esparciatas tiveram das virtudes de Agesilau, uma vez que foram educados com ele (PLUT. *Ages.* 3.3). A relevância dessa passagem se manifesta pelas conexões que Agesilau fomentou quando jovem com os esparciatas da sua faixa etária. Embora o Euripôntida tenha se tornado *basileús*, a probabilidade de que isso viesse a ocorrer era pequena, logo o mesmo recebeu a *paideía* comum a todos os cidadãos de Esparta. Consequentemente, a afirmação de Plutarco ressalta que a convivência dos espartanos durante a juventude formava laços de proximidade que poderiam se estender pelo resto de suas vidas. Como Agesilau era membro da realeza seria correto que muitos tenham se associado a Agesilau visando benefícios futuros e familiares, o que pôde ocorrer com a sua ascensão ao trono. Em vista disso, no momento em que os esparciatas tiveram que escolher entre Leotíquidas e Agesilau, as conexões deste último se mesclaram as de Lisandro fazendo com que o interesse comum de ambos os grupos se materializasse.

O relato de Xenofonte já havia atestado que a sucessão ao trono dos Euripôntidas não foi tranquila, fazendo-se necessárias medidas para ofuscar a atenção dos esparciatas de modo que naturalizassem a autoridade de Agesilau. A habilidade política de Agesilau também se manifestou quando este recebeu a herança de Ágis II. Em seu elogio ao *basileús* Euripôntida, Xenofonte (*Ages.* 4.5) afirmou que, entre as suas primeiras medidas, Agesilau tomou metade da fortuna que herdara e doou aos seus parentes maternos. O cruzamento da documentação nos fez notar que Xenofonte foi um interdiscurso da obra de Plutarco (*Ages.* 4.1), o qual ampliou essas considerações ao expor que esses parentes eram homens dignos, porém extremamente sem recursos.

Uma leitura superficial do discurso de Plutarco poderia fazer com que acreditássemos no quão altruísta foi Agesilau II. No entanto, ao partilhar os seus bens com familiares o *basileús* evitou que estes perdessem a sua cidadania pela incapacidade de

arcarem com os gastos inerentes à mesma. Ampliando a nossa possibilidade interpretativa, Charles Kadushin (2012, p. 36, 75) expôs que os grupos de parentesco endossam os papéis ocupados pelos seus líderes/representantes em conformidade aos pressupostos culturais de uma dada sociedade. Nesse caso, a atitude de Agesilau fez com que um grupo ainda maior de atores sociais o reconhecessem como um benfeitor, tornando as suas conexões densas e múltiplas. Essa multiplicidade se constituiu no momento em que as prerrogativas de Agesilau deixaram de se limitar a uma única instância político-social, tendo em vista que o Euripôntida reforçou a sua posição/*status* de *basileús* com esses súditos, benfeitor para com aqueles que precisavam e cumpriu com obrigações sociais relativas aos laços de parentesco.

Entre esses gastos atrelados à cidadania espartana, Aristóteles (*Pol.* 1271a) citou o *philítion*, isto é, os repastos coletivos que aconteciam diariamente entre os esparciatas. Segundo o filósofo de Estagira, no momento em que um esparciata não poderia financiar o seu *philítion*, o mesmo era privado dos seus direitos políticos. Convergindo com Xenofonte (*Cons. Lac.* 7.2), este esclareceu que a constituição espartana impedia os esparciatas de realizar qualquer atividade manual, tendo em vista que estas não eram dignas de homens livres. Então, como os cidadãos de Esparta foram capazes de corresponder às demandas econômicas do seu dia a dia? Através da exploração do trabalho de outros grupos sociais. Tomando como referência a documentação de Xenofonte, Mogens Herman Hansen (2009, p. 389-393) definiu os esparciatas como ociosos proprietários de terras e guerreiros em tempo integral, cujas atividades agrícolas e comerciais ficavam aos encargos dos hilotas e periecos.

Em todo caso, Stephen Hodkinson (1995, p. 148-150) elucida que a sociedade espartana do século IV já vivenciava um problema em sua estrutura socioeconômica, que culminou na oligantropia, ou seja, a drástica diminuição no número de homens/cidadãos. Hodkinson explicita que a oligantropia foi sintomática e se iniciou no século VI, mas se agravou com o desenrolar do período Clássico. Como em Esparta os filhos de ambos os sexos dividiam a herança paterna, ocorreu uma dilapidação das propriedades familiares. Com o passar do tempo, muitos homens perderam a capacidade de produzirem o mínimo necessário para a contribuição mensal nas *philítia*. Algumas famílias, por outro lado, acabaram concentrando terras através das conexões políticas formadas pelo matrimônio. Em vista disso, notamos que os esparciatas que não tiveram grandes problemas com a

produção econômica de suas propriedades se utilizaram das mesmas para engendrar conexões políticas assimétricas, tais como o clientelismo.

Xenofonte evidenciou que esparciatas de maiores recursos poderiam levar uma contribuição adicional de alimentos, com a qual beneficiaria os seus companheiros de refeição:

A quantidade de comida estabelecida por ele [Licurgo] foi o suficiente para prevenir que tivessem em excesso ou muito pouco para comer. No entanto, muitos suprimentos extras vinham dos espólios das caçadas, fazendo com que os homens ricos os substituíssem o pão de trigo [...] (XEN. *Cons. Lac.* 5.3)<sup>47</sup>.

Novamente, Xenofonte promoveu uma cena enunciativa onde a singularidade dos valores político-culturais espartanos se destacava quando comparada à conduta de outras *póleis*. Logo, verificamos que o *humanitarismo* de muitos esparciatas ricos pretendia fortalecer as suas redes de dependência diante dos seus companheiros de repasto. No que concerne a Xenofonte, a noção de comunidade discursiva proposta por Dominique Maingueneau (1997, p. 56) se mostrou pertinente. Isso porque o lugar social de Xenofonte imediatamente após a guerra do Peloponeso determinou o modo como a sua enunciação foi produzida em conformidade à comunidade discursiva em que o autor se constituiu e para a qual produziu os seus escritos.

Tendo Xenofonte como o seu interdiscurso, Plutarco (*Ages.* 4.1) afirmou que o gesto de Agesilau fez com que a riqueza lhe trouxesse boa vontade e reputação, ao invés de ódio e inveja. O autor beócio apenas endossou o que havíamos declarado, pois garantiu aos seus familiares a renda necessária para manterem a sua cidadania, além de promover uma dívida de gratidão irreparável com os mesmos. Sendo assim, concluímos que as atitudes de Agesilau diante dos parentes de sua mãe tinham as mesmas pretensões que os esparciatas mais ricos durante as *philítia*.

Considerando que a sua ascensão ao trono dos Euripôntidas foi relativamente conturbada, a promoção de uma base de apoio familiar poderia ser sólida o suficiente para se conseguir um sustentáculo político eficiente em uma Esparta abalada pelas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais advindas dos anos de guerra do Peloponeso e da posição que passou a ocupar junto aos helenos. Neste caso não podemos

---

<sup>47</sup> No texto em grego temos: και σῖτόν γε ἔταξεν αὐτοῖς ὡς μήτε ὑπερπληροῦσθαι μήτε ἐνδεεῖς γίγνεσθαι. πολλὰ δὲ καὶ παράλογα γίγνεται ἀπὸ τῶν ἀγρευομένων: οἱ δὲ πλούσιοι ἔστιν ὅτε καὶ ἄρτον ἀντιπαραβάλλουσιν: ὥστε οὔτε ἔρημός ποτε ἢ τράπεζα βρωτῶν γίγνεται, ἔστ' ἂν διασκηνῶσιν, οὔτε πολυδάπανος.

precisar se as conexões políticas que Agesilau estabeleceu com os seus familiares se inseria na perspectiva do clientelismo. Embora possamos afirmar com segurança que estas conexões ampliaram a confiança que outros esparciatas tinham na sua liderança, ampliando o seu *status* e a sua influência no âmbito políade. Assim sendo, o *basileús* Euripôntida estava atuando como uma *força centrípeta* que pretendia atrair a todos para as suas *zonas de influência política* no interior de Esparta. Esse gesto serviu para aumentar o poder de suas conexões debilitar as conexões de seus adversários políticos.

O nosso argumento se materializa com a emergência de Teleutias no cenário militar lacedemônio. Este esparciata era meio irmão de Agesilau por parte de mãe. Diodoro da Sicília (XV, 21.1) ressaltou que Teleutias foi um homem distinto e muito admirado pelos cidadãos de Esparta. No momento em que Xenofonte se refere a Teleutias<sup>48</sup>, este se caracteriza como um dos apoiadores de Agesilau, chegando a ser indicado como navarco e auxiliando o *basileús* Euripôntida em uma expedição contra Argos. Sem sombra de dúvidas o que nos intriga foi Xenofonte (*Hel.* IV. 4.19) expor o sentimento de orgulho da mãe de Agesilau e Teleutias quando ambos estavam liderando uma parcela do contingente militar lacedemônio e peloponésio.

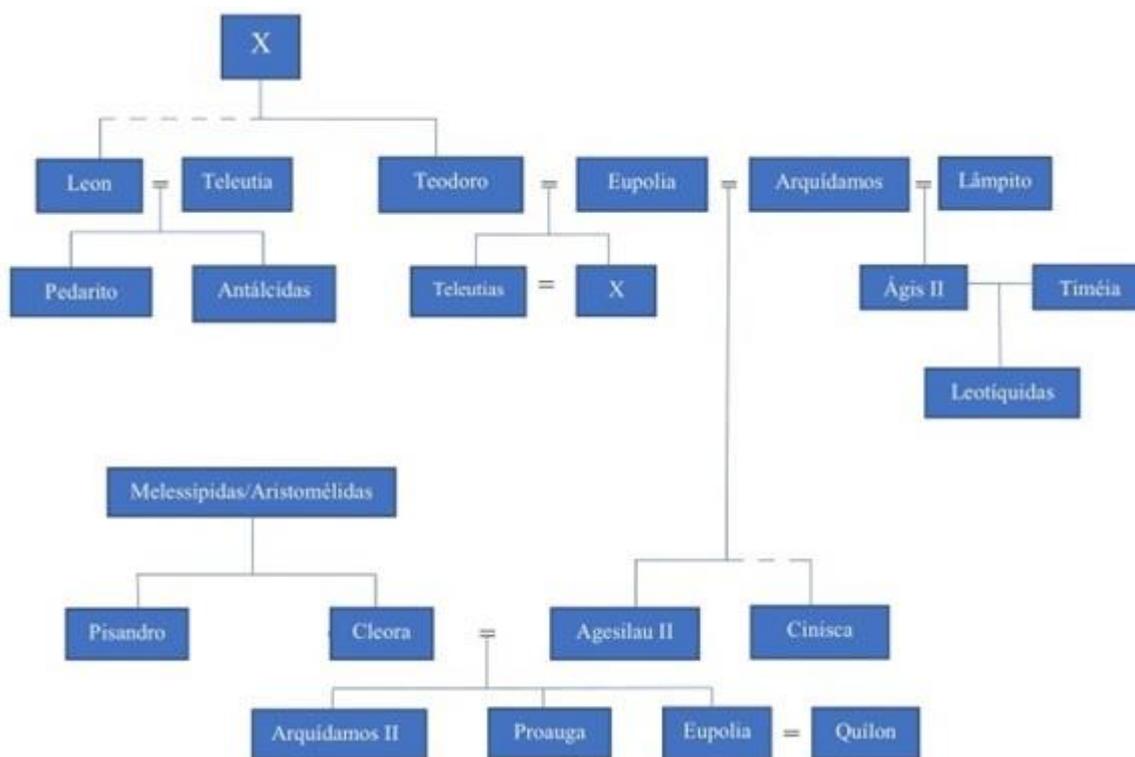
Como um ator social na dinâmica espartana, Teleutias foi uma *peça* importante no *jogo político* promovido por Agesilau. O meio irmão do *basileús* Euripôntida pode ser definido como um nítido exemplo da postura *altruísta* de Agesilau e do efeito desta no interior de Esparta. Portanto, Teleutias seria um dos esparciatas que pôde manter a sua cidadania com o montante obtido com a doação de Agesilau. Era de se esperar que o mesmo auxiliasse o *basileús* em mais de uma ocasião e atuasse como uma extensão de sua autoridade política junto a Esparta e de seu poder militar em áreas externas a sua *pólis*. Se tomarmos a rede política de Agesilau em Esparta como uma *rede-ego*, era fundamental que o *basileús* ampliasse o número de dependentes, cujos esforços e atitudes refletiriam os gestos e a conduta de Agesilau. Em conformidade à Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 1997, p. 12), verificamos que o contexto social de Agesilau fez com que esse mobilizasse um conjunto de práticas e posturas para ampliar a sua autoridade entre os lacedemônios. Logo, a percepção dessas variáveis inerentes à boa atuação no cenário político espartano culminará nas intencionalidades das ações de Agesilau diante das suas conexões assimétricas.

---

<sup>48</sup> Em Plutarco (*Ages.* 21.1), o responsável por nomear Teleutias como navarco teria sido o próprio Agesilau, o que seria possível em um ambiente externo a Esparta e no qual caberia ao *basileús* indicar os seus comandantes. Ver o caso de Pisandro no decorrer desse capítulo.

Ao cruzarmos os indícios documentais e as análises historiográficas, declaramos que a densidade da rede política de Agesilau em Esparta permitiu que esta se constituísse de conexões ramificadas e mutuamente associadas. Paul Cartledge (1987, p. 146) destacou que Agesilau obteve grande influência política em Esparta ao favorecer a família de sua mãe, além de assegurar a estirpe da mesma. Com isso, as nossas colocações foram endossadas por Cartledge tendo como referencial a figura de Teleutias. Visando ampliar as nossas considerações, temos uma referência importante acerca da linhagem de Teleutias na *Antologia Palatina* (VII, 426), pois, na parte destinada aos epitáfios, temos a menção do nome de Teodoro como o seu pai. Este Teodoro foi o segundo marido da mãe de Agesilau e, através dos recursos obtidos com a doação do *basileús* Euripôntida, também teria assegurado a sua própria cidadania.

Mediante esses indícios, inferimos que a família da mãe de Agesilau não se restringia aos seus parentes imediatos, mas também aos familiares de seu segundo marido. Em todo caso, Paul Cartledge (1987, p. 145-146) levantou a hipótese de que o nome de Teleutias era uma homenagem à irmã de seu pai Teodoro, cujo nome seria Teleutia. Sendo esta suposição verossímil, Teleutia foi a mãe de um navarco esparciata chamado Pedarito, morto em 411 em uma expedição a Quios. Tucídides (VIII, 28.5) nos informou que o pai de Pedarito se chamava Leon (PLUT. *Dit. Mulh. Esp.* 6.11). Este Leon foi um dos esparciatas enviados para fundar Heracleia Traquínia, em 426 (TUC. III. 92.5). Em sua *Vida de Artaxerxes* (21.5), Plutarco pontua que o esparciata Antálcidas também seria filho de um Leon. Devido à imprecisão documental e a escassez de informações mais aprofundadas sobre as famílias esparciatas, a historiografia considerou que o pai de Pedarito e o de Antálcidas seriam a mesma pessoa, fazendo com que este último fosse filho de Teleutia. Uma vez que Antálcidas foi considerado o filho de Leon e Teleutia, este se tornava primo de Teleutias e, indiretamente, aparentado com Agesilau pelo lado materno.



**Gráfico 1** – Árvore genealógica da provável relação de parentesco entre Agesilau II e Antalcidas<sup>49</sup>.

Aqui cabe-nos tecer breves considerações sobre quem foi Antalcidas, embora este personagem histórico venha a aparecer em nossas análises acerca das redes políticas de Esparta junto às demais *póleis* e a dinastia Aquemênida nos próximos capítulos dessa tese.

Segundo Xenofonte (*Hel.* V. 1.28), Antalcidas foi um esparciata proeminente e oriundo de uma família abastada que mantinha relações de *xenia* com o sátrapa Ariobarzanes. Em um momento anterior, Xenofonte (*Hel.* IV. 8.12-16) informou que Antalcidas foi enviado como embaixador junto ao sátrapa Tiribazo em Sárdis e, nessa ocasião, recebeu recursos para fortalecer a frota dos peloponésios (PLUT. *Ages.* 23.1). Este esparciata chegou a ocupar o cargo de navarco entre 388 e 387, sendo nomeado éforo entre 370 e 369. Contudo, o maior dos feitos de Antalcidas foi atuar como um intermediário direto entre os interesses de Esparta e de Artaxerxes II, *basileús* do Império Persa, levando ao estabelecimento da Paz do Rei ou Paz de Antalcidas em 387 (XEN. *Hel.* V. 1.6, 25, 36; DIOD. XIV. 110.2-3; PLUT. *Art.* 21.5; *Ages.* 32.1).

A documentação literária demonstra que Antalcidas foi um homem singular, cujos atributos e conexões foram empregados pela *pólis* de Esparta em situações delicadas. A

<sup>49</sup> Este nosso gráfico se baseou na árvore genealógica presente em Cartledge (1987, p. 146). As linhas tracejadas correspondem a relações prováveis, enquanto que o sinal (=) pressupõe relações de matrimônio.

postura da sociedade espartana diante de Antálcidas nos leva a supor que este provinha de uma família de traços peculiares e intimamente relacionada a homens influentes na Hélade e no Império Persa. Isto ficaria evidente com o provável pai de Antálcidas, Leon, que devido ao seu prestígio junto aos esparciatas acabou sendo escolhido como um dos fundadores de Heracleia Traquúnia. Esse panorama demonstra que Leon fora um homem apreciado e dotado de amplos poderes políticos na Lacedemônia. Isso fez com que os seus concidadãos almejassem estabelecer conexões políticas através de laços de matrimônio com o mesmo, tal como acontecera com a família de Teodoro que concedeu Teleutia ao *fundador* de Heracleia Traquúnia.

Podemos afirmar que a família de Teodoro se utilizou das circunstâncias para fortalecer a sua autoridade no interior de Esparta. Tal argumento se fundamenta no matrimônio deste esparciata com a viúva de Arquídamos II e mãe de Agesilau. De fato, não acreditamos que a ramificação familiar de Antálcidas tenha sido uma das beneficiárias da doação promovida por Agesilau, sobretudo pela aparente riqueza de seu pai Leon. Ainda assim, afirmamos que os familiares imediatos de Teodoro acabaram integrando as conexões das redes políticas de Agesilau. Portanto propomos que a gratidão dos familiares maternos de Agesilau tenha se manifestado mesmo entre os membros agregados desta ramificação familiar, culminando no próprio Antálcidas.

Esta exposição se torna relevante pela representação que Plutarco construiu da relação política de Agesilau e Antálcidas. No decorrer de grande parte de suas considerações o autor beócio salientou que o *basileús* Euripôntida rivalizou com Antálcidas no cenário político espartano<sup>50</sup>. A postura de Plutarco acabou sendo adotada por Charles Hamilton (1991, p. 182), que tratou as decisões de Antálcidas como uma afronta e uma crítica direta a Agesilau. Por outro lado, John Buckler (2003, p. 164) manifestou que as tradições documentais e historiográficas edificaram a ideia de que Antálcidas e Agesilau eram inimigos. No entanto, Buckler assinalou que Agesilau foi um dos sujeitos que mais se beneficiou com as ações diplomáticas de Antálcidas por não precisar tomar nenhuma medida *deturpada*<sup>51</sup> para alcançar este objetivo político-militares.

O posicionamento de Buckler foi ampliado e o seu juízo de valor minimizado pela análise de César Fornis (2008, p. 207-208). Nas palavras do pesquisador espanhol, o

---

<sup>50</sup> Na verdade, Plutarco (*Ages.* 23.2-3) defendeu que Agesilau e Antálcidas eram inimigos.

<sup>51</sup> Na obra *Aegean Greece in the Fourth Century BC*, John Buckler adotou uma postura ofensiva em relação a Agesilau, chegando a chama-lo de estúpido em mais de uma ocasião e defendendo que o mesmo foi o maior dos motivos para a desestruturação da *pólis* espartana após a batalha de Leuctra em 371.

parentesco de Agesilau e Antálcidas era evidente, o que não lhes impedia de desenvolverem relações de animosidade. Entretanto, com a exceção de Plutarco, nenhum outro indício documental fez inferência a uma inimizade entre ambos. Seguindo uma direção contrária à exposta por Plutarco e aprovada por Charles Hamilton, Fornis (2008, p. 207-211) considerou que, entre o final da década de 390 e o início de 380, os helenos estavam desejosos de um tratado de paz, cuja finalidade era reduzir as perdas humanas e materiais ininterruptas desde a guerra do Peloponeso. Nesse momento a incapacidade espartana de atuar em diversas frentes militares fez com que os magistrados lacedemônios, dentre eles o próprio Agesilau, vissem o tratado de paz com a dinastia Aquemênida como uma ótima estratégia.

Sendo assim, concordamos com Fornis e refutamos a tendência de Hamilton por verificarmos que os indícios de Plutarco são insuficientes para se assegurar a existência de uma rivalidade ou a inimizade entre Agesilau e Antálcidas. Em virtude do gênero literário de sua obra, Plutarco foi levado a obedecer às coerções enunciativas inerentes ao mesmo. Segundo Maingueneau (1997, p. 38), essas coerções enunciativas são aspectos que determinam as características fundamentais do gênero literário tentando lhe assegurar um lugar de fala e a veracidade de seu discurso. Como as *Vidas Paralelas* pertencem ao gênero biográfico, Plutarco teve que obedecer a estas coerções enunciativas em conformidade ao lugar social que ocupava na condição de heleno de cidadania romana. Portanto, Plutarco escreveu uma obra dotada de funcionalidade político-social, na qual Agesilau atuou nesta cena como um contramodelo de atitudes tendo Antálcidas como o seu ponto de equilíbrio na sociedade espartana. Essa caracterização de Agesilau e Antálcidas produzida por Plutarco esteve associada à sua comunidade/formação discursiva e aos objetivos que o autor detinha para com a sua audiência.

Ainda que o parentesco não impeça a existência de um enfrentamento político, adotamos a perspectiva de que Antálcidas e o *basileús* Euripôntida atuaram em concomitância para a plena realização dos interesses políticos de sua *pólis*. Embora a diplomacia tenha sido um atributo fundamental das ações de Antálcidas, seria demasiado ingênuo de nossa parte acreditarmos em uma polarização entre as suas atitudes e a aparente *altivez* de Agesilau. Dessa maneira, conjecturamos que as conexões políticas de Antálcidas em Esparta detinham poder suficiente para desempenhar uma relação simétrica com as conexões de Agesilau.

O fato de terem laços de parentesco teria facilitado uma aproximação entre os mesmos, principalmente após a doação de riquezas realizada por Agesilau aos seus parentes maternos. Por isso, a relação política que Antálcidas e o Euripôntida desenvolveram, ainda que não fosse evidente, foi capaz de beneficiá-los mutuamente. Esse gesto permitia que cada um dos *elos centrais* de suas redes — os quais atuavam como forças centrípetas de atração — não interferisse nas *áreas de atuação* do outro, além de se fortalecerem com as medidas político-militares promovidas pelos seus respectivos grupos.

Uma vez que estamos nos debruçando sobre as conexões políticas de Agesilau que formaram a sua rede no interior de Esparta, passemos para o seu laço de matrimônio e a maneira como esse ampliou a sua influência entre os esparciatas. Não temos muitas informações sobre a família da esposa de Agesilau, mas sabemos o seu nome através de Plutarco (*Ages.* 19.6), que afirmou ter sido Cleora. Seria interessante se tivéssemos acesso ao nome do pai de Cleora; o seu irmão, porém, chamava-se Pisandro.

Esse esparciata foi descrito como um homem de família proeminente e de espírito enérgico (*XEN. Hel.* III, 4.29). Pisandro recebeu de Agesilau o comando da frota dos peloponésios e demais aliados que estava destinada a enfrentar a aliança entre o Império Aquemênida e o ateniense Cônon. Entretanto, a sua inexperiência em assuntos marítimos fez com que Esparta sofresse a sua maior derrota marítima — na batalha de Cnido — e nunca mais recuperasse a sua influência nas *póleis* do Egeu. Plutarco foi mais enfático que Xenofonte quanto a escolha de Pisandro:

[...] ao colocar Pisandro no comando da marinha, ele [Agesilau] cometeu um engano; pois haviam muitos homens mais velhos e competentes para serem escolhidos e, mesmo assim, ele cedeu o almirantado a ele, não por se preocupar com o bem público, mas, em reconhecimento as demandas de sua relação e para agradar a sua esposa, que era irmã de Pisandro (*PLUT. Ages.* 10.6)<sup>52</sup>.

Plutarco declarou que Agesilau escolheu Pisandro para corresponder às demandas inerentes dos laços de matrimônio. O erro de sua decisão foi pensar unicamente no seu benefício particular, ao invés de levar em conta o bem de toda a sociedade. Afinal, havia homens mais experientes e mais velhos à disposição do Euripôntida capazes de exercer a navarquia de maneira brilhante. Nesse sentido, levantamos a hipótese de que, ao escolher Pisandro, Agesilau pretendesse manter um cargo de tamanho poder sob controle e no

---

<sup>52</sup> No texto em grego temos: τότε δὲ τοῦ ναυτικοῦ καταστήσας ἄρχοντα Πείσανδρον ἄμαρτεῖν ἔδοξεν, ὅτι πρεσβυτέρων καὶ φρονιμωτέρων παρόντων οὐ σκεψάμενος τὸ τῆς πατρίδος, ἀλλὰ τὴν οἰκειότητα τιμῶν καὶ τῇ γυναικὶ χαριζόμενος, ἧς ἀδελφὸς ἦν ὁ Πείσανδρος, ἐκείνῳ παρέδωκε τὴν ναυαρχίαν.

interior de sua rede familiar, minimizando as possibilidades de que uma autoridade semelhante a Lisandro se desenvolvesse na marinha peloponésia.

Cheryl A. Cox (2011, p. 232-243) afirmou que uma relação de matrimônio pressupunha inúmeras estratégias políticas, sociais e econômicas, afinal, o casamento entre membros de famílias poderosas objetivava unir bens, riquezas e conexões políticas. Neste caso, quanto maior fosse o dote da mulher, maiores as chances desta se casar com um homem influente disposto a ampliar os seus bens e participar da propriedade da sua família. Ao adaptarmos essa perspectiva para o caso de Agesilau e Pisandro, verificamos que, possivelmente, o esparciata foi o responsável por organizar o casamento de sua irmã com o Euripôntida. Dessa forma, Agesilau e Pisandro firmaram conexões político-familiares que exigiam o auxílio mútuo de ambas as partes, haja vista que Pisandro não vinha de uma família qualquer. Com isso, Agesilau manteve vínculos familiares com Pisandro que requeriam a retribuição por algum privilégio e/ou suporte recebido anteriormente. Neste caso, a nomeação de Pisandro como navarco foi um meio de Agesilau compensar todo o apoio político e econômico que recebera do cunhado e dos membros de sua família. Logo, se Pisandro fosse bem-sucedido, Agesilau ampliaria o seu *status*, influência e riqueza, mas, se o esparciata falhasse, o Euripôntida se veria livre de obrigações futuras para com o cunhado.

Sendo assim, o matrimônio foi um dos mecanismos mais eficientes empregados por Agesilau para conseguir desenvolver conexões políticas capazes de amplificar a densidade da rede política em Esparta e na Lacedemônia, além de minimizar possíveis oposições internas ao seu governo. Contudo, embora o Euripôntida ocupasse uma posição proeminente junto aos seus *phíloi*, o ato de beneficiar Pisandro pressupunha certa correspondência entre poderes. Não podemos negar que Agesilau era o *basileús* de maior destaque na passagem do século V ao IV, porém devemos lembrar que o mesmo dependia de boas conexões políticas para evitar que o seu nome e influência fossem desgastados entre os lacedemônios. Essa rede política voltada a promoção de uma imagem positiva de um governante caberia aos seus parentes mais próximos do sexo masculino e aos seus amigos mais confiáveis, cujas ações poderiam ser identificadas como um desdobramento das atitudes do próprio *basileús*.

A rede política de Agesilau nos interessa pela densidade adquirida junto a aristocracia lacedemônia por diversas vias. Como havíamos pontuado, a rede política de Agesilau em Esparta poderia ser mapeada da seguinte maneira: a) conexões de *phília* com

homens que foram educados junto ao Euripôntida; b) laços de parentesco e vínculos obtidos através do matrimônio; c) conexões políticas advindas de sua relação pessoal com Lisandro e; d) conexões políticas oriundas da sua posição e atuação como *basileús*. Basicamente estes vínculos edificaram a rede política de Agesilau, a qual foi fundamental para que este *basileús* mantivesse a sua autoridade no interior de uma *pólis* espartana dotada de múltiplos grupos<sup>53</sup> e interesses políticos<sup>54</sup>.

Xenofonte elogiou Agesilau pela maneira como ele desenvolveu as suas relações políticas com os esparciatas. O discurso do autor ateniense acabou promovendo uma cena enunciativa na qual Agesilau e o seu governo fossem representados de modo favorável, haja vista que o objetivo do *basileús* era assegurar o bem-estar de toda a sua *pólis*. Xenofonte (*Ages.* 4.3-4) destacou que Agesilau tinha como atributo fundamental a generosidade. Portanto, todos os benefícios que Agesilau direcionou aos esparciatas pretendiam, segundo Xenofonte, realizar-lhes algum tipo de benefício. Nesse caso, além de um homem indulgente e justo, Agesilau foi qualificado como um sujeito sem ambição. Os estudos de Rosie Harman (2012) corroboram a nossa perspectiva ao destacar que Xenofonte tentou projetar uma imagem de Agesilau como benfeitor dos helenos.

Devido a isso, Harman (2012, p. 427-428) defende que o autor ateniense queria que os seus interlocutores se identificassem com as atitudes de Agesilau, as quais foram idealizadas como pan-helênicas. Dessa forma, a justiça de Agesilau se caracterizou como algo incomum para o período de desestruturação político-cultural que a Hélade vivenciava. Seguindo essa ótica, Xenofonte elaborou uma imagem de Agesilau como um modelo de

---

<sup>53</sup> A investigação das *facções* (termo utilizado por Hamilton) políticas de Esparta no século IV não seria uma novidade acadêmica, visto que Charles Hamilton elaborou uma obra voltada para a percepção das atitudes de Agesilau em concomitância aos grupos políticos existentes na *pólis* espartana. Ainda que os escritos de Hamilton tenham sido promissores, o autor quis enxergar muito mais do que a documentação pôde nos fornecer, propondo a existência de *facções* que a documentação não foi capaz de comprovar. Possivelmente, o maior problema da obra *Agesilaus and the Failure of Spartan Hegemony* tenha sido a tentativa de representar atores sociais como o reflexo de todo um segmento político. César Fornis pontuou que Hamilton se excedeu ao definir o papel de cada grupo político em Esparta. Para tanto, Fornis (2008, p. 209-210) citou o exemplo de um grupo com tendências expansionistas/imperialistas liderado primeiramente por Lisandro e depois por Agesilau, outro que almejava a hegemonia espartana no Peloponeso, sendo orientado por Pausânias e, posteriormente, Cleômbroto, bem como os tradicionalistas que pretendiam a renovação da tradição de Licurgo, sendo chefiado por Antálcidas. O autor espanhol declarou que a proposta de Hamilton detém certa legitimidade, mas carece de bases sólidas para a sua comprovação. De todo modo, consideramos que a postura política de Agesilau no interior de Esparta ressaltasse a existência de grupos políticos com interesses distintos aos seus. Todavia, somos incapazes de perfazer o enquadramento de cada uma dessas *facções*, uma vez que o nosso objetivo fundamental é problematizar as conexões inerentes ao cenário político espartano como um todo.

<sup>54</sup> Poderíamos citar ainda as conexões políticas de *xenia* que Agesilau herdou de seu pai Arquídamo II com uma parcela da aristocracia de Mantinéia (XEN. *Hel.* V, 2.3) e de Fliunte (XEN. *Hel.* V, 3.13).

conduta política que, devido a sua falta de ambição para com coisas de valor, suprimiu os próprios interesses em benefício dos amigos e concidadãos<sup>55</sup>.

Em linhas gerais, ao analisarmos a rede de conexões políticas de Agesilau com os esparciatas, temos a possibilidade de entender a dinâmica social políade em uma instância mais aprofundada. Isso porque devemos considerar as relações promovidas e estabelecidas em uma *pólis* como mecanismos para se entender os jogos políticos que ali se desenvolviam, para pensarmos a organização e a composição das redes que foram estabelecidas neste ambiente de sociabilidade. Seguindo o viés exposto, reiteramos que Agesilau atuou de uma maneira evidente quanto aos seus desígnios políticos no interior de Esparta. Afinal, ao favorecer os esparciatas, o mesmo acabou assegurando que estes se inserissem em sua rede política através da troca de favores e benefícios. De fato, no caso dos esparciatas de menores recursos, qualquer tipo de riqueza obtida junto ao *basileús* assegurava-lhes a cidadania espartana. No que concerne aos homens mais ricos de Esparta, estes integravam uma dinâmica de troca de gentilezas e que Agesilau fortalecia por meio da troca de presentes e benefícios.

Plutarco já havia notado a intencionalidade do *basileús* Euripôntida ao favorecer os seus concidadãos. Como via de exemplo podemos citar uma passagem na *Vida de Agesilau* (5.1-2) em que Plutarco elaborou uma imagem peculiar das conexões políticas de Agesilau em Esparta. Segundo Plutarco, Agesilau era capaz de se unir aos seus amigos em todas as suas atitudes, ainda que fossem injustas, por honrar as suas amizades acima de qualquer coisa e por acreditar que nenhuma ajuda seria vergonhosa quando dedicada a um amigo (*phílos*). A postura do Euripôntida acabou se destacando pela forma como agia junto aos rivais políticos, pois os elogiava quando faziam coisas boas e os criticava em situações justas. Plutarco encerra afirmando que Agesilau era o primeiro a ajudar os seus inimigos

---

<sup>55</sup>A política de Agesilau, ao favorecer os seus aliados da elite espartana, poderia ser compreendida como uma conexão de *phília*. David Konstan destacou que a *phília* — enquanto uma forma de conexão interpessoal — seria adquirida voluntariamente entre os sujeitos, ocupando um espaço intermediário entre a consanguinidade e a pátria. Contudo, segundo Konstan (2005, p. 77-80), ainda que a *phília* fosse um laço de afeição e boa vontade, ela normalmente excluía os vínculos de parentesco, bem como os relacionamentos com conhecidos mais distantes, vizinhos e/ou concidadãos. Matthew Trundle adota uma perspectiva distinta a Konstan, ao considerar que a *phília* seria uma conexão de reciprocidade que seria estabelecida entre dois ou mais sujeitos, um território com outro ou de uma pessoa com uma *pólis*. Trundle (2004, p. 160) declarou que as bases da *phília* seriam os amigos e a família, através de um caráter político ou privado de benefícios mútuos. Do mesmo modo, a *phília* poderia primar por questões vinculadas ao parentesco, à consanguinidade e à ancestralidade, na tentativa de legitimar e ratificar essas relações de reciprocidade entre os sujeitos envolvidos. Diante do exposto, afirmamos que a *phília* seria uma forma específica de conexão entre sujeitos no interior na Antiguidade mediterrânea, visando à edificação de redes de mutualidade. As conexões entre amigos provenientes de *póleis* distintas se constituíam em *xenia*.

caso houvesse necessidade e esses o quisessem. Devido a sua postura, Agesilau obteve a fidelidade de todos os esparciatas de seu tempo.

O comportamento de Agesilau não passou incólume às autoridades espartanas, pois lhe rendeu uma multa por tentar tornar os cidadãos da lacedemônia como propriedades particulares (PLUT. *Ages.* 5.2). A afirmação de Plutarco nos remete ao pressuposto fundamental dessa pesquisa. O fato de os éforos terem multado Agesilau pela cooptação que estava promovendo junto aos esparciatas destaca que os mesmos tinham consciência das ações do Euripôntida. Isso nos interessa sobremaneira, afinal, como poderíamos julgar Agesilau pela desestruturação da *pólis* espartana se os magistrados mais poderosos desta sociedade chegaram a multá-lo por agregar demasiada influência político-social? Efetivamente, Agesilau detinha o pleno discernimento das medidas que deveriam ser tomadas para angariar poder político e tornar as suas conexões mais densas em Esparta.

Com isso, sugerimos que o fato de ter sido educado junto aos cidadãos comuns, ao invés de receber a formação destinada aos *basileús*, fez com que este desenvolvesse certa percepção política que carecia aos demais governantes heráclidas. Do mesmo modo, defendemos que a experiência política que obteve junto a Lisandro fez com que Agesilau amadurecesse com vistas à ampliação de sua influência e *status* político-social entre os lacedemônios. Portanto, não podemos negligenciar a importância de Lisandro para a projeção política de Agesilau e o aumento da densidade de suas conexões políticas com homens influentes dentre os esparciatas, cujas atitudes permitiram que este fosse aclamado *basileús* na Lacedemônia.

Com o auxílio de Lisandro, Agesilau passou a ter uma visão do *todo* de sua sociedade e daquilo que se fazia necessário para governar com plenos poderes. A proximidade que manteve junto aos esparciatas e o pertencimento à linhagem real garantiram a Agesilau a possibilidade de interagir com todas as esferas sociais, seja através da *paideía*, da *philítia* ou do convívio familiar. Nesse contexto, devemos recordar que Plutarco não nos informou o período no qual Agesilau foi multado pelos éforos, sendo esta uma informação oriunda de possíveis arquivos espartanos, dos quais não temos qualquer vestígio. Todavia, sugerimos que os éforos vigentes na ocasião da multa não eram partidários de Agesilau. Embora em algum momento os membros do *eforato* pudessem estar contrários à política do *basileús* Euripôntida, recordamos que este era um cargo anual. Portanto, a postura de Agesilau em favorecer os esparciatas era uma *aposta* de que obteria os favores destes cidadãos quando estivessem ocupando o cargo de éforo.

Antes de analisarmos os artifícios adotados por Agesilau para obter o apoio de, praticamente, todas as magistraturas de Esparta, devemos tecer algumas considerações sobre dois casos particulares das conexões políticas que o Euripôntida promoveu com outros esparciatas proeminentes. A primeira das situações se deu com Fébidas e a segunda com Esfódrias. Nos cabe advertir que faremos reflexões sobre as conexões políticas que estes estabeleceram com Agesilau, embora as repercussões de suas atitudes tenham um impacto imenso sobre toda Esparta. O nosso posicionamento visa obedecer às delimitações temáticas de cada um dos capítulos, por isso toda e qualquer interação política que tenha reflexos externos à sociedade espartana será abordada nos próximos capítulos dessa tese.

O caso de Fébidas se inicia em 383 quando o governo espartano decidiu convocar um contingente de guerreiros para ajudar a sociedade de Acanto contra a cidade de Olinto. Na ocasião o seu irmão, Eudâmidas, foi convocado como comandante desta expedição que, devido à agilidade das ações, não contou com todo o contingente designado para essa missão. Eudâmidas conseguiu a autorização dos éforos para que o seu irmão Fébidas prosseguisse em seguida com os guerreiros restantes. Ao iniciar a marcha, Fébidas se deteve em Tebas e se aproveitou de uma disputa política local para obter o apoio de um grupo de cidadãos tebanos e sitiou a acrópolis tebanos com a sua guarnição militar espartana (XEN. *Hel.* V. 2.25-27; DIOD. XV. 20.2; PLUT. *Ages.* 23.3-4).

As atitudes de Fébidas se tornaram aviltantes por constituir uma transgressão à Paz de Antálcidas, muito embora o mesmo tenha firmado conexões com aristocratas tebanos favoráveis à ocupação de Tebas por Esparta. O que nos interessa efetivamente neste momento é a postura de Esparta diante da ação de Fébidas, mas também as medidas de Agesilau diante desta situação. Xenofonte (*Hel.* V. 2.8) caracterizou Fébidas como um sujeito ganancioso que pretendia realizar grandes feitos, embora não tivesse atitudes prudentes. A cena enunciativa criada pelo discurso de Xenofonte manifesta a situação em que Esparta se encontrava no cenário político helênico. Por um lado, os lacedemônios eram tidos como os líderes e os benfeitores da Paz de Antálcidas, mas, por outro lado, rivalizavam com Tebas pela hegemonia de inúmeras *póleis* na Hélade continental — sobretudo na região central e ao norte. Com isso, para Esparta, a submissão de Tebas era interessante para a autoridade e o poder político espartano, porém uma ofensiva direta ameaçava a sua imagem como sociedade protetora da paz comum entre os helenos.

Em virtude de sua influência e do seu *status*, Agesilau participou de forma ativa do processo de Fébidas. O artifício retórico empregado por Agesilau, segundo Xenofonte

(*Hel.* V, 2.32), fez com que Fébidas fosse absolvido de sua acusação ainda que tenha atuado contra a Paz de Antálcidas. Agesilau teria afirmado que Fébidas merecia ser punido somente se tivesse feito algum malefício à Lacedemônia. Os efeitos da postura de Agesilau permitiram que todo e qualquer esparciata interessado em agir por conta própria tivesse apoio político, desde que defendesse o bem-estar de sua *pólis*, se aproximasse das pessoas certas e se pronunciasse de forma adequada diante dos magistrados. As ações de Agesilau fizeram com que Fébidas e o seu irmão Eudâmidas integrassem as suas conexões políticas, pois em outra ocasião o primeiro teria sido condenado à morte.

A postura de Agesilau também demarca a esfera de atuação dos *basileús* em Esparta. Como nos chamou atenção Paul Rahe (2016, p. 43-47), os *basileús* lacedemônios careciam de uma influência política direta e, por isso, deveriam buscar outros meios para edificarem as suas conexões políticas, fortalecerem as suas redes e assim fazerem valer os seus interesses em Esparta. Já Marcello Lupi (2017, p. 69-70) argumentou que a carestia de atribuições políticas aos diarcas seria o efeito de uma escolha ancestral para que a magistratura dos *basileús* fosse mantida em Esparta. Os apontamentos da historiografia acabam convergindo para um mesmo ponto, ou seja, a ideia de que os *basileús* heráclidas tinham poderes políticos limitados entre os lacedemônios. Apesar disso, os pesquisadores citados afirmaram que isso não impedia os diarcas de exercerem qualquer tipo de proeminência junto a esparciatas e lacedemônios. Conseqüentemente, a posição social, militar e religiosa que detinham permitia-lhes atuar em um jogo político cotidiano visando à realização de suas necessidades em Esparta.

Retomando a atitude de Agesilau diante das ações de Fébidas, consideramos que a centralidade atribuída ao *basileús* no julgamento deste esparciata se deu pela intencionalidade do discurso de Xenofonte em tornar os feitos do Euripôntida dignos de menção. Em vista disso, consideramos que esta cena enunciativa representou Agesilau diante do *dêmos* espartano sem que este fosse o momento para a tomada de decisões políticas. Logo, Agesilau não sustentou as atitudes relativas à absolvição de Fébidas, ele apenas interferiu fazendo com que os seus concidadãos, bem como os magistrados presentes, pensassem na condição de Esparta diante dos helenos e no quão perturbadora seria a emergência político-militar dos tebanos na Hélade.

Longe de quereremos inocentar Agesilau de qualquer responsabilidade política atrelada às determinações espartanas, a sua postura influenciou demasiadamente os rumos no julgamento de Fébidas. Apesar disso, consideremos que as principais magistraturas

espartanas — a *gerontía*<sup>56</sup> e o *eforato*<sup>57</sup> — agiram em concomitância para que Fébidas fosse absolvido. Sendo assim, a preponderância de Agesilau na década de 380 era significativa, porém não podemos descartar que o mesmo dependia da interação com os nós de sua rede política e das trocas de benefícios advindas de suas conexões. Caso contrário, nenhum dos seus interesses seria alcançado na Lacedemônia.

Já no episódio relacionado a Esfódrias, outros aspectos devem ser considerados. De imediato, Esfódrias seria um esparciata que integrava as conexões políticas do *basileús* Ágida Cleômbroto I, irmão e sucessor de Agesípolis. O referido esparciata se encontrava nas imediações de Tebas, a qual havia se libertado da autoridade espartana promovida pelas ações de Fébidas em 383. Nessa ocasião, Cleômbroto confiou o cargo de *harmostés* a Esfódrias e este deveria manter a ordem em Téspia — nas imediações de Tebas (XEN. *Hel.* V. 4.15). A perda do controle de Tebas foi uma grande ameaça para Esparta, tanto em uma esfera política quanto no âmbito militar, uma vez que a sua reputação estaria ameaçada enquanto a confiança dos tebanos estivesse insuflada.

O território de Téspia era estratégico para qualquer tipo de ação militar proposta pelo governo espartano junto a Tebas. Por isso, consideramos Esfódrias como um homem de confiança do *basileús* Cleômbroto. Assim como Fébidas, Xenofonte caracterizou Esfódrias como um esparciata de ação e impulsivo, obstinado a realizar alguma coisa grandiosa.

Os tebanos, por sua vez, estavam temerosos de que fossem os únicos desejosos de realizarem uma guerra contra os lacedemônios, então criaram o recurso que se segue. Eles persuadiram Esfódrias, o lacedemônio *harmostés* de Téspia, dando-lhe riquezas – como se suspeitou – para que invadisse a Ática, de modo que fosse capaz de envolver os atenienses em uma guerra contra os lacedemônios. E ele para corresponder a convicção dos tebanos, professor que iria capturar o Pireu, a medida que este estava sem portões, ele conduziu as suas tropas de Téspia após cearem antecipadamente, pois pretendia terminar a viagem ao Pireu antes de amanhecer (XEN. *Hel.* V. 4.20)<sup>58</sup>.

---

<sup>56</sup> Como nos esclareceu Michael Lipka (2002, p. 180), o termo *gerontía* seria o equivalente lacônico para o termo ático *gerousía*. Todavia, devemos destacar que a historiografia adotou como uma convenção o uso do termo *gerousía* para se referir a esta magistratura lacedemônia.

<sup>57</sup> Para estabelecermos este posicionamento quanto à presença dos *gérontes* e éforos no julgamento de Fébidas, convergimos com a investigação de Fornis (2016, p. 68-69, 73-74), na qual destacou que, em situações de grande gravidade, os membros de ambas as magistraturas atuavam em conjunto. Como as ações de Fébidas influíam em um cenário político exterior, tornou-se coerente considerá-las nessa conjuntura.

<sup>58</sup> No texto grego temos: οἱ δ' αὖ Θηβαῖοι καὶ αὐτοὶ φοβοῦμενοι, εἰ μηδένες ἄλλοι ἢ αὐτοὶ πολεμήσειεν τοῖς Λακεδαιμονίοις, τοιόνδε εὐρίσκουσι μηχανήμα. πείθουσι τὸν ἐν ταῖς Θεσπιαῖς ἀρμοστὴν Σφοδρίαν, χρήματα δόντες, ὡς ὑποπεύετο, ἐμβαλεῖν εἰς τὴν Ἀττικὴν, ἵν' ἐκπολεμάσειε τοὺς Ἀθηναίους πρὸς τοὺς Λακεδαιμονίους. κάκεῖνος πειθόμενος αὐτοῖς, προσποιησάμενος τὸν Πειραιᾶ καταλήψεσθαι, ὅτι δὴ ἀπύλωτος ἦν, ἤγεν ἐκ τῶν Θεσπιῶν πρῶ δειπνήσαντας τοὺς στρατιώτας, φάσκων πρὸ ἡμέρας καθανύσειν εἰς τὸν Πειραιᾶ.

Nesse momento, os recém-libertados tebanos almejavam uma oportunidade para fazer com que os atenienses ficassem receosos dos espartanos e estivessem dispostos a promover uma guerra contra a Lacedemônia. Para tanto, eles incitaram Esfódrias a atacar o Pireu de Atenas, partindo de Téspia. Xenofonte (*Hel.* V. 4.21-23) chega a afirmar que Esfódrias foi subornado com riquezas e, embora não tenha chegado ao destino esperado, saqueou o território ático de Thria. O que o esparciata não esperava era a presença de embaixadores espartanos na *pólis* de Atenas que, após serem detidos, afirmaram que Esfódrias não tinha ordens para essa atitude e que seria punido com a morte.

O caso relacionado às atitudes de Esfódrias se assemelha ao de Fébidas, realizado anos antes. Essa situação e os seus efeitos podem ser considerados em conformidade à fissura que Agesilau abriu na estrutura político-social espartana, uma vez que qualquer esparciata poderia ser absolvido em um julgamento se alegasse que as suas ações eram em conformidade ao bem-estar de sua *pólis*. Nesse contexto, caberia às autoridades responsáveis avaliar se as mesmas foram benéficas e ponderar em que medida isso prejudicaria a sociedade de Esparta.

Embora as atitudes de Fébidas e de Esfódrias e a convivência de Agesilau com ambos possam se submeter a uma crítica desmedida por parte de alguns historiadores, as mesmas devem ser identificadas em consonância à realidade político-social em que a Hélade se encontrava neste período. A Paz de Antálcidas mostrou-se necessária pelo desgaste socioeconômico no qual a Hélade se encontrava, porém, sem as atividades militares, muitos esparciatas deixaram de enriquecer com serviços em território estrangeiro. Como já havíamos citado, Xenofonte (*Cons. Lac.* 14.3-4) criticou os cidadãos espartanos do século IV por ansiarem o posto de *harmostés* para comandarem tropas em território estrangeiro. O ateniense destacou também que os esparciatas de sua época se vangloriavam por deterem riquezas. Ao relacionarmos a nossa assertiva com os indícios de Xenofonte, admitimos que muitos cidadãos de Esparta viam nas atividades externas uma grande possibilidade de enriquecerem e assegurarem os seus direitos políticos como esparciatas.

Stephen Hodkinson (1995, p. 149) analisou de forma aprofundada os fatores que influenciaram a crise social, política e econômica de Esparta, do início da guerra do Peloponeso (431) até a batalha de Leuctra (371). Como citamos anteriormente, a desigualdade social espartana se deu por inúmeros fatores, dentre eles a possibilidade dos

filhos — de ambos os sexos — herdarem e dilapidarem a propriedade paterna e, a médio prazo, os homens não eram capazes de arcar com as despesas de sua cidadania. Hodkinson também destacou que as famílias ricas sobrepunham-se aos demais cidadãos pelo matrimônio. Mediante o exposto, sabemos que Esparta estaria vivenciando um processo de desestruturação social em virtude dos efeitos diretos de anos de enfrentamento militar, os quais modificaram as demandas dos esparciatas e as formas pelas quais estes alcançavam a plena realização de suas necessidades socioeconômicas.

Nesse sentido, Agesilau teria se utilizado da circunstância para tentar assegurar a sua influência junto àqueles que ainda poderiam servir-lhe de base de apoio político na Lacedemônia. A situação de Esfódrias era ainda mais significativa, afinal, como havíamos esclarecido, o mesmo era um dos homens de confiança do *basileús* Ágida Cleômbroto I e um possível opositor da política de Agesilau. Logo, absolver Esfódrias seria obter a gratidão de homens influentes que, até o momento, haviam atuado como rivais do Euripôntida.

Hodkinson (2017, p. 197-98) nos informou que Esfódrias teria sido subornado por tebanos. Se as considerações do pesquisador britânico estiverem corretas, o suborno de Esfódrias era imensamente compatível com a realidade político-social espartana que permitia a determinados cidadãos enriquecerem com o comando e atividades militares no exterior. Diodoro da Sicília (XV, 29.5) não faz qualquer menção à corrupção de Esfódrias, destacando que o esparciata agiu contra Atenas sem o consentimento dos éforos por ser apoiado por ambos os *basileús* da Lacedemônia. A citação de Diodoro manifesta a tentativa de Xenofonte em minimizar as ações espartanas ao longo de sua narrativa, sendo este um reflexo da gratidão do ateniense por Esparta após de ter sido exilado.

Victor Parker (2007, p. 24-25) evidenciou que Diodoro estaria parafraseando, ou apenas relatando, os escritos de Éforo de Cime. De todo modo, os escritos de Diodoro exibem elementos que Xenofonte acabou negligenciando, tal como a formação da segunda confederação marítima de Atenas<sup>59</sup>. Parker complementou os apontamentos de Diodoro

---

<sup>59</sup> Cynthia Schwenk (1997, p. 20-21) afirma que Atenas se beneficiou da Paz de Antálcidas promovendo tratados de aliança defensiva, respectivamente, com Quios, Bizâncio, Metimna, Mitilene de Lesbos e com o *basileús* dos odrísios Hebrizelmis, no ano de 384. Essas alianças foram o elemento basilar da segunda confederação marítima de Atenas. No entanto, em 379, os atenienses contribuíram para a expulsão da guarnição lacedemônia da acrópolis de Tebas, a Cadmeia. Do mesmo modo, Atenas estaria firmando acordos com todos os aliados insatisfeitos com as ações espartanas. O ataque de Esfódrias à Ática apenas agilizou um processo que vinha se fortalecendo e foi ratificado com a absolvição do esparciata. Assim, em 377, foi firmado um decreto — denominado de *Decreto de Aristóteles* (IG II<sup>2</sup> 43) — que firmava o compromisso de

ressaltando que Atenas havia ajudado os tebanos em seu processo de libertação de Esparta. A perspectiva de Parker também foi considerada por John Buckler e Hans Beck (2008, p. 82-83), em que as ações de Esfódrias foram planejadas por Cleômbroto I para que Esparta ficasse alerta sobre a ameaça que a confederação de Atenas representava para a hegemonia lacedemônia. Embora esta relação entre tebanos e atenienses não fosse um mistério, não seria incorreto tomarmos Esfódrias — apoiado por Cleômbroto — como o reflexo de todo um segmento político que se opunha à relação entre exilados de Tebas e o governo ateniense.

Como o nosso enfoque são as relações políticas no interior de Esparta, os elementos associados à dinâmica externa dos lacedemônios serão abordados nos próximos capítulos. Hodkinson nos chamou atenção para o fato de que as atitudes de Esfódrias podem ser compreendidas por uma lógica ainda mais ampla. Considerando as conexões políticas inerentes à sociedade espartana, a acusação do referido esparciata acabaria comprometendo muitos outros homens, inclusive o *basileús* Cleômbroto I. Ao reputarmos a este a alcunha de *oponente político* de Agesilau, seria muitíssimo profícuo para o Euripôntida submetê-lo a sua autoridade por vias informais, submetendo o Ágida a uma conexão assimétrica em sua rede política. Para isso, a acusação de Esfódrias ocorreu no momento oportuno aos interesses de Agesilau.

Nos dizeres de Xenofonte (*Hel.* V, 4.24-25), Esfódrias recebeu a pena capital e estava ansioso por se livrar da mesma. No entanto, o fato de seu filho Cleonimo se manter conectado através da pederastia com Arquídamos, filho e herdeiro de Agesilau II, permitiu que Esfódrias se utilizasse dos recursos e benefícios inerentes à relação de Cleonimo para obter o auxílio de Agesilau (*XEN. Hel.* V, 4.26). Nessa ocasião, podemos sugerir que a influência de Arquídamos sobre o processo de formação de Cleonimo seria capaz de forjar novas conexões políticas entre os membros da elite espartana, ainda que oriundas de grupos políticos distintos.

Nos pareceu evidente que Esfódrias sabia plenamente dos benefícios advindos da pederastia e a considerava uma relação política. Entretanto, o esparciata não teria esperado que a relação de pederastia de Cleonimo criasse uma possibilidade para a sua salvação. Segundo Hodkinson (2017, p. 202-203), Agesilau estaria com aproximadamente sessenta e seis anos de idade e vinte e um anos de *basileía*, aspecto que demonstra a amplitude de

---

Atenas em proteger a autonomia dos helenos diante de Esparta. Xenofonte omitiu completamente a existência dessa confederação marítima ateniense em sua *Helênica*.

suas redes políticas em virtude do tempo de governo. Hodkinson (2017, p. 214-219) afirmou que o fato do *basileús* sempre permitir que todos se aproximassem dele para conversar e/ou pedir-lhe algo, mesmo em suas caminhadas matinais, ampliou as suas redes informais com esparciatas de todos os níveis socioeconômicos (XEN. *Hel.* V. 4.28; *Ages.* 9.2). Afinal, a sua aproximação com pessoas comuns geraria fazia irradiar muitas conexões por meio do sentimento e da proximidade com esses atores sociais, beneficiando as suas decisões políticas.

Devemos considerar também que a relação de pederastia de Arquídamos com Cleonimo poderia ter sido apoiada, ou até mesmo suscitada, por Agesilau. Ao conjecturarmos a respeito da perspectiva de Stephen Hodkinson (2017, p. 214-217), notamos que não somente o *basileús* conseguiria uma aproximação com o grupo político de Esfódrias como estaria gerando conexões com um esparciata influente de uma nova geração — o jovem Cleonimo<sup>60</sup>. Em todo caso, ao cruzarmos os indícios documentais, verificamos que este episódio rendeu a Agesilau a ampliação de sua rede política, tendo em vista que Esfódrias, Cleonimo, Cleômbroto I e os partidários políticos destes homens passaram a apoiar o *basileús* Euripôntida em suas determinações políticas.

As medidas tomadas por Agesilau podem ser identificadas como mecanismos para consolidar a sua imagem como um bom *basileús*, mas também para reforçar uma autoridade política que não era característica dos heráclidas lacedemônios. Até aqui afirmamos que o Euripôntida soube se aproveitar das circunstâncias para ampliar as suas conexões políticas de tal maneira que grande parte das decisões do governo espartano fossem do seu conhecimento. Ainda assim, Agesilau não agia como bem entendesse no interior de sua *pólis*, pois, mesmo cooptando homens influentes e gerando a dependência de tantos outros esparciatas, existiam grupos que poderiam se opor a ele. Enquanto *basileús* Agesilau integrava a *gerontía* antes dos sessenta anos, destacando que o Euripôntida, assim como o heráclida da outra casa real, tinha o poder político inerente a esta magistratura que coexistia com outros vinte e oito *gérontes*.

---

<sup>60</sup> Plutarco informou que Agesilau teria optado por auxiliar na absolvição de Esfódrias por ser um homem afeiçoado ao próprio filho — Arquídamos — e por não querer vê-lo sofrendo pela perda familiar de seu *erómenos* (PLUT. *Ages.* 25.5). Plutarco tentou minimizar os efeitos advindos do processo de Esfódrias ou humanizar as atitudes do Euripôntida.

## 1.5 Agesilau e a cooptação dos magistrados lacedemônios

Para ampliar a sua participação e a sua influência no cenário político de Esparta, Agesilau adotou outras medidas que devem ser discutidas aqui. Basicamente, havia em Esparta quatro instituições políticas que exerciam, direta ou indiretamente, a autoridade nesta *pólis*, sendo elas a *gerontía*, o *eforato*, a *ekklēsia* e a *basileía*.

Fazendo uma breve definição de cada uma delas, a *gerontía* seria o conselho dos anciãos da Lacedemônia. Os seus membros eram esparciatas que haviam completado os quarenta anos de serviço militar e poderiam ocupar esse cargo político vitalício. Ao interpretarmos o discurso de Xenofonte (*Cons. Lac.* 10.1) observamos que a experiência social e militar dos anciãos lhes permitia o discernimento necessário para ocupar uma função de demasiada importância no cenário político de Esparta. Embora não tenhamos muitos indícios sobre a maneira como estes homens eram escolhidos para a *gerontía*, Plutarco (*Lic.* 26.2) esclareceu que eles eram nomeados por aclamação dos cidadãos espartanos. Conseqüentemente, sugerimos que os esparciatas provenientes das famílias mais abastadas e dotados de uma ótima aceitação pública acabavam integrando essa posição política.

As atribuições políticas da *gerontía* seriam deliberar sobre as determinações legais que seriam apresentadas para a votação da *ekklēsia* (PLUT. *Lic.* 6.3), decidir sobre as penas capitais e os decretos de exílio (XEN. *Cons. Lac.* 10.2). Paul Rahe (2016, p. 53-54) enfatizou o aspecto da influência política dos *gérontes* de uma maneira bastante particular. Para Rahe, a *gerontía* se tornava um instrumento magnífico de governo, cuja preponderância estava submetida à influência do ancião junto aos esparciatas. Rahe complementou afirmando que os *gérontes* atuavam junto aos éforos nas decisões sobre penas de morte e declarações de guerra. Por isso, a *gerontía* tinha como característica fundamental a prudência que se manifestava com a idade dos sujeitos.

Os éforos seriam os magistrados de maior autoridade e poder no interior de Esparta. Este termo provém do verbo *ephoráō*, cuja acepção seria vigiar, olhar, observar. Portanto, os *éforos* seriam os responsáveis por vigiarem Esparta e todos os seus membros. Xenofonte (*Cons. Lac.* 8.3-4) manifestou que o cargo de éforo foi criado em comum acordo pelos melhores esparciatas, cujo intuito seria fazer com que todos obedecessem às leis espartanas. O ateniense expôs que os éforos tinham a autoridade para multar com penalidade imediata a qualquer pessoa, poderiam depor e prender qualquer magistrado,

além de julgá-los e condená-los a morte se necessário. Já para Aristóteles (*Pol.* 1272 a 30-35), o *eforato* foi concebido para equilibrar a política espartana, uma vez que os seus membros eram escolhidos entre os esparciatas como um todo. Contudo, o filósofo advertiu que o fato dos éforos serem escolhidos dentre os cidadãos fazia com que os mais pobres se tornassem suscetíveis a subornos (*ARIST. Pol.* 1270 b 1-10, 1271 a 1-5).

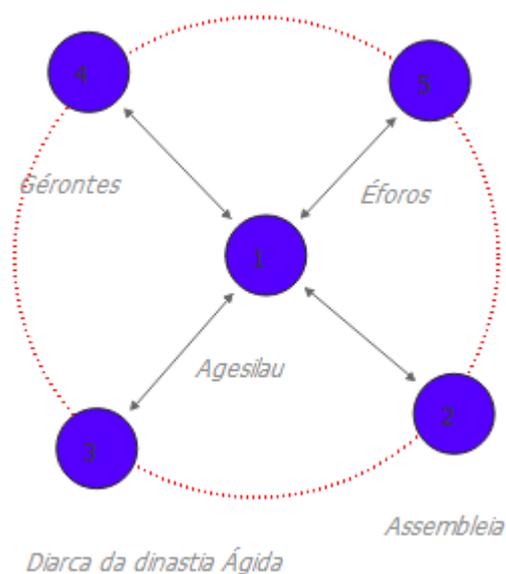
Em conformidade à documentação literária, César Fornis (2016, p.73) declarou que os éforos eram escolhidos de uma maneira semelhante aos *gérontes*, ou seja, por aclamação. Este colegiado era responsável por presidir a *ekklēsia*, receber embaixadas, inspecionar serviços e administrar as finanças da *pólis*, garantir a realização da *paideia* dos jovens, além de interpretar e proteger as leis. Como era um cargo anual, nenhum cidadão o ocuparia mais que uma vez na vida e muitos se aproveitavam do poder político do mesmo para corresponderem às suas necessidades pessoais, com ênfase à formação de conexões informais.

A *ekklēsia* seria a assembleia onde todos os demais esparciatas adultos poderiam manifestar o seu voto quanto às propostas apresentada pelos *gérontes*. No entanto, embora os cidadãos espartanos devessem integrá-la, a mesma detinha um caráter meramente consultivo e qualquer manifestação de opinião era vetada (*PLUT. Lic.* 6.4). Em Tucídides (I, 87.1-3), as decisões da *ekklēsia* lacedemônia eram tomadas por aclamação. Embora a assembleia dos esparciatas não tivesse grande relevância política no interior de Esparta, a possibilidade de aceitar ou rejeitar as moções dos *gérontes* fornecia-lhe algum tipo de autoridade. Isso explicaria parte das motivações de Agesilau em cooptar o *dēmos* espartano.

A definição destas magistraturas se tornou necessária pela interação que Agesilau II promoveu junto às mesmas. Em sua *Vida de Agesilau* (4.2), Plutarco indicou que os magistrados lacedemônios tinham como hábito disputar mutuamente a autoridade política em Esparta. O autor beócio destacou que os cargos dos *gérontes* e dos éforos foram criados para restringir o poder político dos *basileis*. Posto isso, verificamos que a diarquia seria uma reminiscência das antigas realezas helênicas, representadas de modo singular nos poemas homéricos. Imersos nesse viés, a diminuição das atribuições políticas dos *basileis* foi uma estratégia de seus membros para que a magistratura e uma parcela de seus benefícios pudessem ser mantidos mesmo após o período arcaico.

A originalidade das práticas de Agesilau reside no tratamento que deu a esses magistrados. Enquanto era comum o enfrentamento direto entre *basileis*, éforos e *gérontes*,

Agesilau preferiu se utilizar de uma estratégia de reconhecimento e admiração que acabava agindo sobre o ego e a personalidade desses homens tão poderosos. Xenofonte (*Ages.* 6.4) descreveu esta característica de Agesilau como um indício de sua sabedoria. Por sua vez, Plutarco (*Ages.* 4.3-4) nos expôs que Agesilau angariou o favor dos magistrados lacedemônios e buscou o apoio destes antes de realizar qualquer atividade. O beócio afirmou que Agesilau honrava os éforos sempre que iam visitá-lo, levantando-se em honra aos mesmos. Quanto aos *gérontes*, o *basileús* Euripôntida presenteava a todo ancião que acabava ocupando este cargo político com um boi e uma capa, representações simbólicas da honra que os mesmos detinham. Plutarco chegou a declarar que Agesilau agia inconscientemente e, sem que tivesse essa pretensão, ampliou o seu poder político. Dessa forma, representamos a análise documental por meio do gráfico abaixo, no qual temos Agesilau ao centro conectado a todos os demais nós que compõem a política espartana. Todos esses nós se encontram a uma distância equivalente do Euripôntida, porém os mesmos não estão conectados. Logo, Agesilau estaria se beneficiando com todas as principais magistraturas espartanas, enquanto estas preferiam se distanciar uma das outras mutuamente em busca de mais poder e influência.



**Gráfico 2** – Conexões de Agesilau com as demais magistraturas de Esparta.

O que podemos dizer desses procedimentos adotados por Agesilau? Longe de beirmos a parcialidade, somos incapazes de negar a habilidade política do Euripôntida. Embora esta conduta tenha levado a historiografia moderna a culpá-lo por grande parte das

intervenções político-militares de Esparta em outras *póleis*. Se considerarmos a forma conturbada como Agesilau obteve a *basileía*, temos um indício das suas necessidades em promover conexões políticas com um número amplo de esparciatas, haja vista que o *basileús* precisava da aceitação e do reconhecimento de seu poder político. O fato de ter dependido diretamente da intervenção de Lisandro para se tornar o *basileús* da dinastia Euripôntida evidenciou as bases relacionais do poder na Lacedemônia. Agesilau parece ter tido a consciência da necessidade de se conectar com homens importantes, caso contrário as suas decisões seriam incipientes. Em uma Esparta dotada de um corpo de cidadãos enriquecido e limitado era fundamental engendrar conexões políticas<sup>61</sup> e obter a dependência de muitos sujeitos para que as escolhas da *basileía* pudessem ser aceitas.

Os indícios documentais ressaltam que Agesilau buscou obter os meios necessários para exercer a sua autoridade política sem muitos opositores. No entanto, o ato contínuo de cooptar e se conectar à maioria dos magistrados lacedemônios correspondia à incessante alternância dos membros destes cargos — no caso dos éforos pela duração, no dos *gérontes* a morte pela idade e por doenças, enquanto que os *basileús* pela morte em campanha, causas naturais, doenças e o exílio. Consequentemente, Agesilau atuou nos variados níveis da sociedade espartana pelo fato de os esparciatas, quando não ocupavam os cargos de éforos e *gérontes*, acabarem integrando a *ekklēsia*.

## 1.6 Considerações Parciais

Nosso objetivo neste capítulo foi demonstrar os instrumentos políticos que Agesilau II adotou para assegurar a sua proeminência política em uma sociedade espartana dotada da hegemonia militar entre os helenos, mas também que vivenciava uma intensa crise político-social. No decorrer de nossa exposição, fomos capazes de refutar a premissa

---

<sup>61</sup> Um exemplo notório foi a tentativa de Agesilau em cooptar Agesípolis, *basileús* da dinastia Ágida que reinou por um curto espaço de tempo em virtude de sua morte prematura. Plutarco descreveu que Agesípolis, ao se tornar *basileús*, estaria vivenciando uma realidade bastante adversa pelo exílio de seu pai, Pausânias. Devido a essa conjuntura e por ser menor de idade, o mesmo pouco se envolveu nos assuntos políticos de Esparta. Como os *basileús* deveriam realizar o jantar em conjunto no *philtion*, Agesípolis passou a conviver diariamente com Agesilau. Nesse momento, o Euripôntida teria se beneficiado da inocência e juventude de Agesípolis para se aproximar e, possivelmente, influenciá-lo (PLUT. *Ages.* 20.6). A proximidade entre os *basileús* heráclidas havia sido anteriormente atestada por Xenofonte (*Hel.* V. 3.20), destacando que Agesilau e Agesípolis conversavam sobre atividades dignas de homens livres e abastados — como a caça, atividades atléticas, cavalos e os assuntos amorosos. O ateniense não deixou de indicar que Agesípolis respeitava Agesilau pelo fato desse ser mais velho. Talvez o elemento de maior destaque foi Agesilau ter chorado ao tomar conhecimento da morte de Agesípolis.

historiográfica que tomou Agesilau II como um dos maiores motivadores desse momento de instabilidade da *pólis* de Esparta.

Ao cruzarmos os discursos documentais, verificamos que a cena enunciativa que propuseram acabaram representando de maneira diversa, embora todos tenham chegado a apreciá-lo como um modelo de conduta político-militar. O meio pelo qual o *basileús* Euripôntida se inseriu na dinâmica da sociedade espartana e desenvolveu as conexões de sua rede política pode ser considerada como um gesto audacioso, embora imensamente necessário. Agesilau foi um homem do seu tempo e soube convergir interesses diversos para alcançar os seus propósitos. Apesar disso, a parcialidade de alguns historiadores generalizou a conduta deste governante sem discorrer sobre como os esparciatas entre os séculos V e IV vinham atuando no cenário político de sua *pólis*.

Com isso, as conexões políticas de Agesilau endossaram como a sua influência, *status* e autoridade se tornaram possíveis graças à densa rede de relações que estabeleceu com os esparciatas e lacedemônios de seu tempo. O elemento quase carismático da liderança do Euripôntida, somado aos contatos e as trocas de benefícios com homens proeminentes de Esparta, fez com que Agesilau se tornasse *basileús* e ampliasse o seu prestígio em todas as instâncias de sua *pólis*. Embora essa capacidade de se conectar com pessoas poderosas tenha favorecido o julgamento dos pesquisadores contemporâneos sobre o quanto suas ações modificaram a sociedade de Esparta, o ato de ser multado pelos éforos ao exceder o seu domínio político sobre o *dêmos* ressalta o conhecimento e a capacidade de monitoração que a *pólis* ainda exercia sobre o corpo social como um todo, incluindo os *basileús*.

Para não culminarmos no extremo oposto da historiografia tradicional, não admitimos que Agesilau foi um mero objeto das famílias poderosas de Esparta. De fato, as suas atitudes acabaram influenciando em muitas decisões de sua *pólis*, porém as mesmas não foram impostas aos demais magistrados e acabaram sendo julgadas como a melhor das decisões a serem tomadas para o bem de Esparta. Logo, se o Euripôntida foi o culpado pelo desequilíbrio de sua sociedade, os demais cidadãos seriam cúmplices e teriam uma parcela de responsabilidade proporcional ao *basileús* nos rumos políticos da Lacedemônia. Ainda assim, interessa-nos destacar que grande parte das suas atitudes tenha como justificativa a segurança de Esparta, o que seria justificável uma vez que o *basileús* era um representante dos valores ancestrais de sua sociedade.

## CAPÍTULO II – AS CONEXÕES DE ESPARTA COM A HÉLADE — A BUSCA POR *STATUS*, RECURSOS E INFLUÊNCIAS

Neste capítulo analisaremos como Lisandro e, posteriormente, Agesilau atuaram para firmar conexões além do Peloponeso. Diante do apresentado, discutimos sobre o impacto dessas conexões nas redes espartanas no Pequeno Mundo helênico e os buracos estruturais formados com a tensão entre Agesilau e Lisandro. A partir daí, nossa atenção foi direcionada às atitudes do *basileús* Euripôntida em ampliar o seu *status* e influência de modo que a sua posição política fosse reconhecida efetivamente entre os lacedemônios. Em meio a esse cenário, temos as estratégias políticas adotadas por Agesilau para reafirmar o seu poder entre os jônios como um reflexo da sua preocupação com a imagem de Esparta, enaltecendo a propaganda de liberdade da Hélade, e o início da guerra de Corinto com os seus efeitos diretos nos recursos helênicos. Sendo assim, o cruzamento dos indícios documentais e da historiografia nos fez perceber que Esparta já não era o nó mais poderoso nas redes mediterrânicas, o que culminou em inúmeros enfrentamentos e na Paz de Antálcidas. Para isso analisaremos, sobretudo, as obras *Helênica* e *Agesilau* de Xenofonte, a *Helênica Oxirrinca* de autoria anônima, Diodoro da Sicília com a sua *Biblioteca de História* e Plutarco com a *Vida de Lisandro* e a *Vida de Agesilau*.

### 2.1 As redes políticas de Esparta com o Império Aquemênida — as ações de Lisandro e Ciro

A análise realizada no capítulo anterior nos permitiu demonstrar a maneira como a aristocracia espartana agiu em benefício de seus interesses políticos. Verificamos que Agesilau II empregou o seu *status* e a sua influência para ampliar as suas conexões políticas com homens influentes no interior da Lacedemônia, culminando em uma rede política densa cujos os nós legitimavam a sua autoridade em Esparta.

Contudo, Esparta fazia parte do Pequeno Mundo helênico e isso acarretava o contato entre diversas redes de pequenos grupos, cujas interações entre os nós impactavam diretamente em sua estrutura. Portanto, nesse capítulo discorreremos sobre as conexões e as redes políticas que Agesilau e Esparta engendraram com o intuito de consolidarem a sua autoridade e hegemonia diante dos helenos, com ênfase ao período entre 399 e 386 — cujo marco é o fim da guerra de Corinto. Por sua vez, nos cabe analisar, ainda que brevemente,

como a dinâmica política de Esparta e Lisandro edificou um conjunto de conexões de influenciaram na organização política da Lacedemônia.

No que tange à vitória de espartanos e peloponésios contra Atenas na batalha de Egospótamo, o elemento fundamental deste enfrentamento foi a conexão entre Lisandro e *Ciro o jovem*:

[...] os lacedemônios enviaram Lisandro como navarco, uma vez terminada a navarquia de Cratesípidas. Lisandro chegou a Rodes, e ali tomou algumas embarcações e, em seguida, partiu para Cós e Mileto, e dali para Éfeso. Permaneceu ali com setenta embarcações até *Ciro* chegar a Sardis. Quando *Ciro* chegou, Lisandro foi encontrá-lo junto aos embaixadores lacedemônios (XEN. *Hel.* I, 5.1)<sup>62</sup>.

A passagem acima expôs o cuidado de Lisandro ao se encontrar com *Ciro*, pois o navarco primeiro reuniu todo o contingente possível de modo que o persa percebesse o empenho de sua sociedade com a desestruturação do poder ateniense. A interação entre ambos seria um desdobramento da conexão entre as redes políticas de Esparta e do Império Aquemênida, iniciada em 413, quando Tissafernes foi enviado como emissário de Dario II para angariar o apoio dos espartanos contra os atenienses. Neste caso, os referidos *diplomatas* teriam a possibilidade de firmarem qualquer acordo para completarem a meta fundamental de seus governos, ou seja, derrotar Atenas. Portanto, o benefício pessoal dos envolvidos seria algo secundário e inevitável, uma vez que os interesses de seus governos representavam algo muito maior. Aqui afirmamos que Lisandro e *Ciro* representavam, respectivamente, os interesses de Esparta e da dinastia Aquemênida, uma vez que detinham autonomia para tomarem as decisões que julgassem necessárias. Entretanto, dado o enquadramento particular do período, a sociedade espartana e a persa almejaram que a multiplicidade das conexões políticas desses sujeitos não interferisse diretamente em suas sociedades.

Diante desse cenário, notamos que as conexões de Esparta com a dinastia Aquemênida eram simétricas, uma vez que um dos nós não exercia mais poder que o outro no interior da rede. Charles Kadushin (2012, p. 60-61, 77) advertiu que o fato destas conexões estarem submetidas a redes externas tornava a sua interação muito mais complexa. Isso porque o acesso a bens e recursos entre os nós conectados rapidamente

---

<sup>62</sup> No texto grego temos: οἱ δὲ Λακεδαιμόνιοι πρότερον τούτων οὐ πολλῶ χρόνῳ Κρατησιπίδα τῆς ναυαρχίας παρεληλυθυίας Λύσανδρον ἐξέπεμψαν ναύαρχον. ὁ δὲ ἀφικόμενος εἰς Ῥόδον καὶ ναῦς ἐκεῖθεν λαβὼν, εἰς Κῶ καὶ Μίλητον ἐπλευσεν, ἐκεῖθεν δ' εἰς Ἔφεσον, καὶ ἐκεῖ ἔμεινε ναῦς ἔχων ἑβδομήκοντα μέχρι οὗ Κύρος εἰς Σάρδεϊς ἀφίκετο.

poderia acabar com o equilíbrio e a simetria de suas relações. Ainda assim, devemos nos atentar que toda conexão política pressupõe um interesse, o qual poderá impactar de forma imediata ou não na dinâmica social dos envolvidos. Muito embora a confiança fosse uma característica inerente à formação de conexões, a distância geográfica e cultural tornava as conexões entre Esparta e o Império Aquemênida muito frágeis, pois não havia meios de se confirmar a lealdade e a palavra dos envolvidos. Contudo, a relação política entre a *pólis* espartana e os persas se mostrou promissora em toda a sua composição, seja a um nível social seja no individual.

Analisando a questão social, a criação de uma conexão entre as redes políticas dos espartanos e dos persas foi essencial para que a guerra do Peloponeso chegasse ao fim. Todos os envolvidos almejavam o término desse conflito pelos mais variados motivos. Esparta, por sua vez, vinha extenuando os seus recursos e expondo as suas limitações político-militares já com o início da guerra, em 431. Em nossa perspectiva, muitos esparciatas se beneficiaram com as atividades bélicas fora do Peloponeso, porém não parecia ser do interesse lacedemônio inclinar-se a estes empreendimentos por um longo período de tempo. Afinal, a atuação espartana em território estrangeiro dependia da contribuição de seus aliados, o que poderia expor a sua limitação logística. Como os membros da Confederação do Peloponeso tinham que arcar com grande parte dos gastos materiais e humanos do conflito, isso poderia gerar tensões em suas conexões com Esparta e fragilizaria a rede política que constituía esta confederação.

Já a dinastia Aquemênida ambicionava o final desta guerra a favor de Esparta para que os atenienses fossem privados do domínio que exerciam na Jônia. Se Atenas perdesse a sua supremacia nas *pólis* jônicas, estas voltariam a ser tributárias dos persas. Simon Hornblower (2008, p. 47-49) comentou que o Império Aquemênida desejava o fim da guerra do Peloponeso para recrutar mercenários helenos com o intuito de sobrepujar os levantes *revolucionários* do Egito, iniciados em 407. Nesse sentido, o final deste conflito beneficiaria duplamente o Império Aquemênida, pois, não somente reconquistaria o seu domínio sobre a Jônia como receberia recursos humanos, possivelmente, como parte do tributo exigido de cada satrápia, para consolidar os seus domínios no Egito e sobre qualquer outra região revoltosa no Egeu.

Em conformidade aos pressupostos da História Cruzada, observamos que a conexão entre as redes políticas de Esparta e da dinastia Aquemênida tinha como aspecto fundamental a derrota de Atenas e o fim da guerra do Peloponeso. No entanto, Esparta e os

seus aliados careciam de recursos adequados para investirem no conflito, enquanto os persas pareciam não se interessar com o início de uma oposição política direta a Atenas. Nesse caso, os espartanos já estavam inseridos em uma realidade militar contrária aos interesses expansionistas atenienses, enquanto que os persas detinham toda a riqueza necessária para investirem em um dos lados da guerra, fazendo com que este tivesse uma aparente vantagem sobre o seu opositor.

Por sua vez, ao se aproximar de Ciro, Lisandro poderia conseguir recursos pessoais para beneficiar os seus aliados jônios, enquanto que o *káranos* persa estaria atraindo para si a gratidão do esparciata e de sua *pólis*, podendo se utilizar desta conjuntura para fins particulares em um momento oportuno. Nesse momento, tanto Ciro quanto Lisandro engendraram redes pessoais através de suas conexões com homens poderosos da Ásia Menor. Para o *káranos* os aristocratas da Jônia seriam como elos fracos (*weak ties*) que, segundo Charles Kadushin (2012, p. 31), facilitavam a circularidade de informações em partes distantes de uma rede, ajudando a integrá-los. Para Lisandro temos a formação de uma rede pessoal (*rede-ego*) além da Lacedemônia que poderia impactar não somente no seu *status*, mas também na centralidade que ocupava no interior das redes espartanas. Portanto, os aristocratas jônios serviram de conectores para os interesses dos nós que Lisandro e Ciro representavam nas respectivas redes de suas sociedades. Com isso, os jônios poderiam obter benefícios pessoais no interior de suas *póleis* e minimizar os gastos e as perdas que vinham tendo com a guerra do Peloponeso.

O fato de Ciro ser filho e irmão de *basileis* Aquemênidas garantia-lhe benefícios dos quais Lisandro não viria a usufruir, portanto o então *káranos* persa poderia se favorecer amplamente com as suas ações político-militares, ainda que estas fossem concomitantes aos interesses de seu governante. Por outro lado, Lisandro obteve o auxílio de Ciro para corresponder fundamentalmente às necessidades de sua *pólis* e, posteriormente, as suas ambições político-militares. Assim, Lisandro recebeu recursos para financiar os gastos de sua cidade na guerra do Peloponeso, bem como um montante necessário para favorecer a aristocracia jônica, das Cíclades e da Trácia. Essa postura permitiu ao navarco edificar conexões políticas assimétricas no interior de suas redes políticas pessoais com os diversos segmentos hegemônicos ao redor do Egeu (XEN. *Hel.* I, 6.3-4; II, 1.7-12; PLUT. *Lis.* 5.3-4). Sendo assim, todos os aristocratas helênicos que se aproximaram de Lisandro e com ele formaram *hetaireiai* almejavam benefícios pessoais junto a Esparta e ao navarco ao fim deste conflito.

Diodoro da Sicília (XIII, 70.1) destacou que Lisandro foi escolhido para o cargo devido a sua habilidade como comandante e ousadia, as quais permitiriam que estivesse pronto a atender a todas as situações que se apresentassem diante de si. Ao problematizar os escritos de Diodoro, Nigel Kennell (2010, p. 127) expôs que a conexão entre Lisandro e Ciro foi intensa ao ponto do esparciata se colocar como defensor dos interesses do persa, bem como pelo fato do filho de Dario ter-lhe confiado todas as suas satrápias no período em que permaneceria ausente de suas funções. A decisão de Ciro não foi inocente, pois essa sua atitude geraria o sentimento de gratidão do esparciata e tornaria a conexão entre ambos múltipla e assimétrica. Ainda assim, as habilidades políticas do esparciata foram reconhecidas por Ciro e pelo governo espartano, caso contrário o mesmo seria retirado de seu posto e punido por qualquer excesso.

Através do exposto nos cabe repensar a culpabilidade de Lisandro diante das medidas tomadas enquanto ocupava um cargo político-militar a mando de Esparta. Os indícios documentais de Plutarco (*Lis.* 2.4) chegaram a alegar que o navarco foi o responsável pelo influxo de riquezas que ocorreu na sociedade espartana após a vitória na guerra do Peloponeso:

Entretanto, o que existe de mais peculiar no caso de Lisandro é que, suportando a pobreza sem jamais se deixar corromper pela riqueza, encheu o seu território de riquezas e de amor as riquezas. Deixou de ser admirado por não admirar a riqueza, e trazendo ouro e prata em abundância, após a guerra com Atenas, sem que mantivesse um único dracma para si (PLUT. *Lis.* 2.4)<sup>63</sup>.

Essa questão foi analisada no primeiro capítulo desta tese e debatida por Stephen Hodkinson (1995, p. 150-152). Ao conjecturarmos o pensamento do autor, notamos que atribuir a Lisandro — e posteriormente a Agesilau — a culpabilidade pelo uso desmedido de riquezas em Esparta foi um equívoco histórico. Essa prática vinha ocorrendo com o desenrolar da guerra do Peloponeso, uma vez que o pagamento de mercenários e a manutenção de embarcações, bem como de tropas regulares de cidadãos, requeria amplos investimentos. Com o fim deste conflito houve a necessidade de custear os gastos advindos da posição e do *status* que Esparta passou a ocupar no Pequeno Mundo helênico, tornando inevitável o uso de grandes somas de riquezas no interior da Lacedemônia.

---

<sup>63</sup> No texto grego temos: ἴδιον δὲ αὐτοῦ μάλιστα τὸ καλῶς πενίαν φέροντα, καὶ μηδαμοῦ κρατηθέντα μηδὲ διαφθαρέντα χρήμασιν αὐτόν, ἐμπλήσαι τὴν πατρίδα πλοῦτου καὶ φιλοπλουτίας καὶ παῦσαι θαυματοζομένην ἐπὶ τῷ μὴ θαυμάζειν πλοῦτον, εἰσάγοντα χρυσοῦ καὶ ἀργυρίου πλῆθος μετὰ τὸν Ἀττικὸν πόλεμον, ἑαυτῷ δὲ μηδεμίαν δραχμὴν ὑπολειπόμενον.

Essa tendência foi defendida anteriormente por George Cawkwell (2002, p. 250-253), na qual Esparta teria proibido veementemente a cunhagem de moedas em seu interior. No entanto, a utilidade prática do recurso monetário fez com que o governo espartano se adaptasse e empregasse moedas estrangeiras para as suas transações comerciais. Cawkwell também defendeu que Lisandro seria um dos maiores empreendedores dentre os espartanos, sendo capaz de perceber a importância da riqueza para a preservação da hegemonia de Esparta em suas conexões com os helenos.

O discurso moralizante de Plutarco teria representado Lisandro como um modelo de conduta política para explicitar como Esparta atuou para evitar os prejuízos advindos de recursos desmedidos e pouco habituais nesta *pólis*. Embora Lisandro tenha se beneficiado político-economicamente com as suas conexões políticas junto a Ciro e a aristocracia jônica, não devemos ignorar que a sociedade espartana tinha conhecimento de grande parte de suas ações e daquilo que estas poderiam alcançar. Charles Kadushin (2012, p. 11) esclareceu que em conexões densas, porém compostas de pequenos grupos, é possível que os nós centrais tenham visibilidade de grande parte dos vínculos de seus nós periféricos. Ainda que esses possam se desdobrar de novas conexões e alcancem outros nós — imersos em *zonas de segunda e terceira ordem* —, as mudanças ocorridas nas periferias da rede são percebidas pelos nós situados ao centro.

Se considerarmos que Esparta seria o nó central de sua rede e que Lisandro passou a atuar no exterior — ou seja, na periferia — os efeitos que as suas conexões causaram em suas atitudes e recursos eram perceptíveis ao governo espartano, o qual atuava como uma força centrípeta em sua rede política. Ao acreditarmos que o navarco operou de modo descomedido visando unicamente ao seu benefício, estaríamos ignorando os nós ainda mais poderosos que integravam as conexões de Lisandro no interior de Esparta — como o *basileús* Ágis II da dinastia Euripôntida e possíveis membros da *gerontía*.

O cruzamento dos indícios documentais e das análises historiográficas nos levaram a estabelecer que Esparta empregou os serviços *diplomáticos* de Lisandro por reconhecer a sua habilidade nesta esfera de atuação política. Contudo, ainda que o navarco não tivesse a mesma liberdade de decisão que Ciro *o jovem*, a sua *pólis* teria a consciência de que os resultados de suas medidas e de suas conexões políticas gerariam efeitos inesperados — como de fato aconteceu. Ainda assim, culpar Lisandro por tudo o que ocorreu nas conexões das redes políticas de Esparta seria um grande anacronismo histórico. Portanto, o governo espartano e os nós de maior proeminência das conexões políticas de Lisandro

devem ser tomados com maior ênfase para mensurarmos a responsabilidade das atitudes do navarco, embora não seja esse o nosso objetivo.

No que diz respeito à conexão entre Ciro e Lisandro, as evidências documentais endossam o nosso posicionamento acerca da possível responsabilidade do navarco quanto às ações de sua *pólis* na Jônia. Ao pontuar que Ciro decidiu se rebelar contra o irmão Artaxerxes II por não ter obtido o trono Aquemênida, Xenofonte (*Hel.* III, 1.1) destacou que o *káranos* persa solicitou o apoio de Esparta. Em outra de suas obras, Xenofonte (*Anáb.* I, 1.1-4) esclareceu que Ciro fora caluniado por Tissafernes diante do novo *grande rei* e, por isso, decidiu que nunca mais estaria submetido a ninguém. Plutarco (*Art.*, 2.1-2) amplia essas considerações destacando que a mãe de Ciro, Parisatis, desejava que este se tornasse *basileús* no lugar de Artaxerxes devido a sua natureza impetuosa.

A documentação descreve as disputas políticas no interior da dinastia Aquemênida, o que nos permite supor que as conexões políticas projetadas por Ciro tivessem uma utilidade prática, isto é, vencer as suas disputas familiares. O cruzamento desses indícios destaca a singularidade das cenas enunciativas produzidas pelos autores citados. O lugar social de Xenofonte e o fato de ter sido um mercenário no exército de Ciro fez com que as personagens de sua obra tivessem um papel marcado, isto é, o *káranos* foi um modelo de liderança e moralidade que, em virtude de seu *status* e de sua formação, não aceitou a submissão injusta. Notemos que a ambição de Ciro foi justificada pelo argumento de utilidade político-social, afinal ele seria um melhor governante que o seu irmão Artaxerxes.

Em Plutarco a imagem de Artaxerxes foi menos hostilizada, cabendo a Tissafernes a representar como um contra-modelo a uma sociedade coesa e politicamente organizada nos parâmetros greco-latinos. Sendo assim, as respectivas cenas enunciativas que os discursos de Xenofonte e o de Plutarco criaram tinham a intencionalidade de corresponder à formação discursiva que integravam. Por isso, a atitude de Ciro em fomentar conexões dotadas de interesses pessoais não o tornava indigno em virtude dos bens direcionados aos seus nós aliados, haja vista que o objetivo culminaria em um bem maior para a sua sociedade e, indiretamente, aos próprios helenos.

Nesse contexto, ao ser ludibriado por Tissafernes — que passou a obter benefícios com Artaxerxes II —, Ciro decidiu tomar o reino de seu irmão e, para isso, mobilizou os lacedemônios através da inferência a todo o auxílio prestado durante a guerra do Peloponeso (XEN. *Hel.* III, 1.1). Nos interessa considerar que a solicitação de Ciro se deu em 401, ou seja, aproximadamente quatro anos após a vitória de Esparta na guerra do

Peloponeso. Talvez esse seja o melhor exemplo de como as conexões políticas individuais poderiam se relacionar com as redes políticas de toda uma sociedade. Ao solicitar o auxílio de Esparta aos seus objetivos particulares, Ciro se utilizou da prerrogativa política que detinha como sátrapa persa, uma vez que uma conexão política densa havia sido formada entre a *pólis* espartana e os Aquemênidas ainda no reinado de Dario II. Contudo, Ciro também empregou a seu favor os investimentos pessoais que fez a Esparta, sobretudo, por meio de Lisandro.

Como Esparta havia conquistado a posição de *hēgemôn* entre os helenos após a vitória na guerra do Peloponeso, a sua conduta diante dos aliados deveria ser exemplar. Portanto, ignorar o pedido de Ciro seria um exemplo de ingratidão e injustiça para com um benfeitor e amigo estrangeiro (*xénos*). Entretanto, consideramos o compromisso que Ciro transmitiu ao governo espartano, afinal a sua derrota também colocaria em risco a conexão política múltipla firmada entre Esparta e o Império Aquemênida. Kadushin (2012, p. 60-61) enfatiza que, ao cruzarmos as informações oriundas de lugares e de nós específicos no interior de uma rede de Pequeno Mundo somos capazes de ampliar as nossas interpretações. Desta forma, todo o suporte que Ciro forneceu a Esparta e a Lisandro fez com estes imergissem nos interesses do então sátrapa. O senso de confiança atrelado à visibilidade das conexões pelos nós envolvidos nas redes de Esparta e do Império Aquemênida faziam com que o ato de não se retribuir as *boas ações* de Ciro fosse considerado ingratidão. Com isso, Ciro soube se utilizar dos valores culturais helênicos para obter apoio político-militar mesmo contra a vontade de muitos dos nós de suas conexões, dentre os quais poderíamos incluir Esparta e Lisandro.

O resultado desse investimento político-militar não foi o esperado e Ciro acabou falecendo na batalha de Cunaxa, em 401. Embora os mercenários helênicos contratados pelo jovem persa tenham vencido a batalha contra os guerreiros de Artaxerxes, a morte de Ciro fez com que a expedição perdesse o seu propósito (XEN. *Anáb.* I, 9.24-29; II, 1.1). Mesmo que os espartanos tenham dado apoio a Ciro, o ato de lealdade que estes tiveram com o jovem sátrapa representou uma grande traição para Artaxerxes que, a partir de então, considerou Esparta uma sociedade inimiga. Essa situação se deu em virtude das tensões causadas por Ciro no interior da rede Aquemênida, o que acabou proporcionando uma inversão no fluxo oriundo das suas conexões. Com a sua morte, temos a emergência de um buraco estrutural nesta rede e nas conexões em que Ciro atuava como intermediário para além dos domínios persas. Com o buraco estrutural (KADUSHIN, 2012, p. 29-30), o

fluxo entre os nós se perdem, ficando passíveis a conexões com outros atores sociais, aspecto que pode culminar na inimizade entre antigos aliados.

Este viés foi explicitado por Marcello Lupi (2017, p. 158-159) ao enfatizar que as boas relações políticas de Esparta e Ciro fizeram com que Artaxerxes revisse a sua posição na dinâmica mediterrânea e passasse a manifestar com maior intensidade os seus interesses junto às sociedades helênicas. Assim sendo, a postura de Esparta diante de Ciro pode ser identificada como a matriz da guerra de Corinto<sup>64</sup>.

Ampliando o nosso escopo de análise, Xenofonte destacou que os jônios apoiadores da expedição de Ciro foram ameaçados por Tissafernes que, devido à lealdade despendida a Artaxerxes, herdou a posição político-militar de *káranos* das possessões ocidentais do Império Persa. Como Esparta era a sociedade hegemônica junto aos helenos, coube a essa agir em benefício dos jônios, os quais eram na sua grande maioria membros das conexões políticas de Lisandro (XEN. *Hel.* III, 1.3; DIOD. XIV, 35.6). A influência que o navarco havia obtido nos anos em que atuou na Ásia Menor foram essenciais para as atitudes de Esparta diante de uma sociedade persa declaradamente contrária aos interesses helênicos na Jônia. Para Esparta, Lisandro foi uma peça fundamental para a realização de seus objetivos entre os helenos, mesmo que a figura do navarco não agradasse a todos os grupos políticos espartanos.

## 2.2 Esparta e os helenos — assimetria política após a guerra do Peloponeso

Outro aspecto histórico que merece a nossa atenção foram os efeitos da emergência política de Esparta como a líder das *póleis* da Hélade. A relevância desse momento recai não somente nas conexões políticas formadas pela *pólis* espartana, mas em toda a oposição que esta obteve como um efeito imediato de sua postura diante de aliados poderosos como Tebas e Corinto. Tal assertiva também nos leva a considerar aspectos fundamentais do

---

<sup>64</sup> César Fornis (2008, p. 34-35) elucidou que Esparta já havia se utilizado dos jônios como *moeda de barganha* com o final da guerra do Peloponeso ao aceitar os recursos de Dario II e Ciro o jovem contra Atenas. A situação se inverteu quando Ciro acabou falecendo em sua expedição para destronar o irmão Artaxerxes II. Como Esparta havia fornecido apoio a Ciro em sua missão pessoal, o *grande rei* passou a considerar a *pólis* espartana como inimiga e, por isso, Agesilau se utilizou da propaganda de *libertador* dos helenos para realizar um empreendimento contra o Império Aquemênida. Dessa forma, os espartanos apenas tentaram reaver a posição dos jônios diante dos persas pela morte de Ciro e o fato de Artaxerxes considerá-los inimigos. Logo, a propaganda política que Esparta desenvolveu foi o resultado de uma conjuntura política na qual os jônios poderiam render-lhes recursos para assegurar um Império marítimo.

nosso arcabouço teórico os quais lidam com os possíveis efeitos que a tomada de decisões de um dos nós de uma rede política pode acarretar em toda a sua estrutura.

Considerando as medidas de Esparta a partir das ações de Lisandro, a vitória na guerra do Peloponeso gerou efeitos que, por fim, tornaram as ações do navarco uma desmedida para muitas *póleis*. Como exemplo desse contexto, Plutarco (*Lis.* 13.4-5) citou o comediógrafo Teopompo ao afirmar que os espartanos foram enganosos com os helenos e, após lhes fornecer o doce vinho da vitória e da liberdade, acabaram por servir uma bebida muito mais amarga que foi o controle de suas determinações políticas. O autor beócio se utilizou desta metáfora para afirmar que a promessa de liberdade defendida pelos espartanos no decorrer de toda a guerra do Peloponeso acabou se tornando algo muito pior que as atitudes atenienses. A postura de Plutarco, no entanto, deve ser tomada com cautela, pois, em certas ocasiões, o referido pensador tenta atribuir a responsabilidade de toda uma conjuntura política as suas personagens biografadas. Nesse caso, em sua *Vida de Lisandro*, o biógrafo helênico direcionou a Lisandro a responsabilidade pela tentativa espartana de firmar um *Império* sobre a Hélade.

O cruzamento do discurso de Plutarco com o nosso arcabouço teórico da Teoria de Redes e com o método de Análise do Discurso se mostrou um processo enriquecedor. Reiteramos que Plutarco elaborou uma cena discursiva voltada para a difusão de uma representação de Lisandro e Esparta como dotados de condutas excessivas. Entretanto, como destacou Charles Kadushin (2012, p. 60-62), o senso de confiança era inerente aos membros da rede política espartana, porém nenhum deles poderia afirmar com precisão que Esparta seria leal com as suas atitudes. Isso porque a ampliação de suas conexões para além do Peloponeso fez com que novos fluxos de recursos — materiais e não-materiais — fossem negociados com os lacedemônios. Nesse sentido, uma rede híbrida como era a Confederação do Peloponeso, se tornou plenamente assimétrica, levando os espartanos a negociarem com as suas conexões visando o seu benefício em particular. A partir de Plutarco concluímos que os helenos esperavam o fim da guerra do Peloponeso para se verem livres de obrigações militares e tributárias, sejam elas com Atenas sejam com a dinastia Aquemênida. Contudo, eles ignoraram o *preço* de estarem imersos na dinâmica de poder espartana, levando-os a se submeterem a demandas para além de suas expectativas.

Por meio de uma leitura pormenorizada da documentação literária, César Fornis (2016, p. 191) destacou que a imposição de regimes oligárquicos sobre as sociedades submetidas tenha sido uma estratégia de Lisandro para garantir a preponderância de

Esparta na Hélade, a lealdade e a dependência das *póleis* aliadas. As palavras de Fornis podem ser vinculadas ao nosso arcabouço teórico, uma vez que o comportamento *impositivo* de Lisandro obedecia aos interesses de Esparta. Não sem motivos afirmarmos que o controle exercido pelos amigos estrangeiros (*philóxenois*) de Lisandro nas *póleis* do Egeu e da Jônia assegurava as conexões do navarco e ampliava a densidade das redes políticas de Esparta, tanto no Peloponeso quanto na Hélade.

Somos capazes de endossar esse viés por meio de Plutarco (*Lis.* 13.3-5), ao destacar que o navarco tinha como medida fundamental estabelecer nas *póleis* do Egeu um governo formado por dez arcontes escolhidos dentre os seus *hetaíroi*, supervisionados por um *harmostés* lacedemônio. Esse comportamento teria tornado a autoridade de Lisandro ampla ao ponto de ser o responsável por escolher esses arcontes, tomando como parâmetro não a riqueza e nem o nascimento, mas o fato de ser um companheiro e partidário de suas crenças e valores. Essas atitudes ampliaram a influência de Lisandro com homens poderosos, bem como difundiu a supremacia de Esparta junto aos helenos com o fim da guerra do Peloponeso. A historiografia denominou o governo dos partidários de Lisandro como decarquias<sup>65</sup>, as quais eram de inclinação oligárquica e/ou antidemocráticas.

Charles Hamilton (1991, p. 2) expôs que as atitudes de Lisandro demonstravam como o esparciata tinha consciência do que representava a derrota de Atenas para a Hélade e qual deveria ser o papel de Esparta nesse cenário. Com isso, Lisandro não somente fez com que a *pólis* espartana ocupasse o buraco estrutural deixado por Atenas em sua rede ao redor do Egeu, bem como estabeleceu tributos visando arcar com as despesas do “Império Espartano”<sup>66</sup> que se formava. Paul Cartledge (2003, p. 229) nos informou que os tributos<sup>67</sup> estipulados por Lisandro junto aos arcontes das decarquias eram em espécie e em serviços

---

<sup>65</sup> Raphael Sealey (1976, p. 377) corrobora os nossos apontamentos ao expor que as decarquias eram compostas por *hetaíroi* de Lisandro ou partidários dos seus princípios político-administrativos. Conjecturando através de Arnold Hugh Jones (1967, p. 92), o comportamento de Lisandro poderia ser compreendido como uma tentativa de legitimar a influência das conexões de Esparta sobre a Hélade, mas também como um meio de evidenciar aos helenos que foi graças ao navarco que Esparta alcançou a vitória sobre a Confederação de Delos.

<sup>66</sup> Embora a historiografia, por vezes, considere a existência de um Império Espartano, não corroboramos com este viés em virtude da configuração político-militar que Esparta desenvolveu na Hélade. Ainda que algumas *póleis* tenham se tornado tributárias de Esparta, a sua relação diferia daquela proposta por Atenas no século V. De fato, os espartanos promoveram a dominação sobre alguns territórios, porém o tempo e a extensão dessa autoridade nunca foram significativos para se denominar como um império. Portanto, preferimos citar esta nomenclatura entre aspas de tal maneira que pudéssemos corresponder ao viés historiográfico sem que partilhássemos efetivamente desta perspectiva.

<sup>67</sup> Isócrates (*Panegírico*, 132-133; *Panatenáico*, 67-68) faz alusão à injustiça destes tributos cobrados por Esparta para garantir a sua supremacia marítima. César Fornis (2016, p. 191) destacou que este tributo foi denominado *syntéleia*, cujo significado seria *contribuição comum* em detrimento de *phóros* que, em virtude da guerra do Peloponeso, obteve uma conotação negativa.

militares, uma vez que Esparta precisaria de todos os mecanismos necessários para assegurar a densidade de suas conexões com os helenos submetidos a sua liderança.

Em outra ocasião, Charles Hamilton (1979, p. 38-39) expôs as dificuldades que Esparta se deparou com a destruição do Império de Atenas, haja vista que o governo espartano poderia optar por se abster da responsabilidade com as sociedades que integravam a *arkhē* ateniense, deixando-as à própria sorte, assim como os lacedemônios poderiam tentar firmar conexões regionais pautadas na simetria das suas interações. Hamilton, no entanto, destaca que estas possibilidades lidam mais com uma tentativa pessoal de encontrar uma *salvação* para o recém conquistado Império Espartano do que atitudes plausíveis diante da realidade vivenciada. Isso porque o autor defendeu que a supremacia que Esparta passou a exercer entre os helenos modificou completamente as suas instituições político-sociais. Embora as considerações historiográficas acabem convergindo para uma opinião comum, o viés de Hamilton<sup>68</sup> se mostrou imediatista e simplista para o contexto helênico pós-guerra do Peloponeso.

De acordo com Charles Kadushin (2012, p. 8), as redes e as suas conexões são conduítes de fluxos desejados e indesejados, o que enfatiza a lógica da troca de bens e informações. A proposição de Hamilton, por sua vez, ainda que imediatista, destacou a importância das modificações sofridas por Esparta. Embora estejamos separados de nosso objeto por aproximadamente mil e quinhentos anos, nós podemos imaginar as transformações pelas quais a Lacedemônia passou ao se tornar o nó central de uma rede que não se limitava aos seus domínios político-geográficos imediatos.

Tornou-se evidente que, se o governo espartano tentasse manter as suas atividades políticas tal como era antes da guerra do Peloponeso, onde o *status*, a influência e a autoridade de Esparta eram limitados, a sua supremacia sobre os helenos teria ruído antes mesmo de se iniciar. Mediante essa perspectiva, defendemos que Esparta adaptou as suas posturas a partir do momento que os seus interesses políticos, sociais e econômicos passaram a se relacionar com a Hélade e com o Império Aquemênida. Nesse sentido, é

---

<sup>68</sup> Em certa medida, Charles Hamilton e Paul Cartledge se inserem no bojo da historiografia tradicional — a qual também se constitui por autores outros como Ephraim David, Moses Finley, Geoffrey de Ste Croix, Victor Ehrenberg, entre outros —, que considerou unicamente o momento da vitória lacedemônia sobre os atenienses na guerra do Peloponeso para elaborar uma análise objetiva das ações e interações de Esparta com Hélade. Esses autores, ao tomarem os efeitos imediatos das ações de Lisandro e do futuro *basileús* Agesilau, consideraram que este foi o culpado pela desestruturação dos valores e da organização político-social espartana. Mediante essa tendência optamos pela perspectiva de Stephen Hodkinson (1995) e César Fornis (2016), os quais ressaltaram que a sociedade espartana sofreu um intenso processo de transformação e adaptação ao longo dos vinte e sete anos da guerra do Peloponeso.

provável que a elite de Esparta tenha promovido mudanças em suas leis para que os seus valores culturais se mantivessem com a falsa impressão de ancestralidade — pelo menos para os estrangeiros. Isso tira a responsabilidade de atores sociais individuais e demonstra a responsabilidade da *pólis* em organizar o equilíbrio de suas preferências em conformidade a coesão dos membros de sua sociedade.

De todo modo, os autores clássicos demonstraram que Lisandro começou a difundir a sua política pela extensão do Egeu, assegurando a autoridade, o poder e a influência de Esparta por meio da conexão com os seus *hetaíroi* acompanhados de *harmostaí* de sua confiança. Entretanto, se observarmos a trajetória do referido esparciata, verificaremos que o mesmo estruturou todas as bases necessárias para exercer a sua influência individual no Egeu. Ao entregar o comando de diversas *póleis* a representantes espartanos e aos helenos da Jônia, Lisandro pôde direcionar o seu caminho rumo a Atenas e à Lacedemônia com demasiada segurança dos resultados de seus feitos e da posição que havia adquirido nas redes políticas de Esparta.

A chegada do navarco aos portos atenienses foi um grande marco na sua trajetória política e o início de um novo momento para Esparta. As atitudes tomadas em uma perspectiva pessoal e política foram significativas de um ponto de vista político-social. Lisandro ficou responsável por decidir o *destino* da *pólis* de Atenas e, depois de uma longa interação com Terâmenes, o navarco recebeu o aval de Esparta para implementar o governo dos Trinta (XEN. *Hel.* II, 2.16-20). Plutarco comentou que, ao tomarem conhecimento do ocorrido em Atenas, os éforos de Esparta determinaram que as muralhas atenienses fossem demolidas, que todas as embarcações — com exceção de doze — seriam apreendidas, todos os cidadãos de Atenas residentes em outras *póleis* deveriam retornar a sua pátria e os exilados seriam recebidos de volta na Ática. Plutarco (*Lis.* 14.4-6) também demarcou que estas cláusulas foram recebidas por Terâmenes, filho de Hagnon, que acabou por convencer o *dêmos* de Atenas da necessidade em se obedecer a Esparta. Diodoro da Sicília (XIV, 3.6-7, 4.1-2) nos indica uma vertente distinta, na qual Terâmenes era contrário a Lisandro e a favor da política ateniense, sendo escolhido pela população como um dos seus representantes do novo governo instalado por Esparta conhecido como os Trinta ou Trinta Tiranos.

Aqui também mobilizamos os estudos de Dominique Maingueneau (1997, p. 14) acerca das formações discursivas para tentarmos entender as motivações de Xenofonte, Plutarco e Diodoro ao elaborarem argumentos apresentados. Em linhas gerais, a formação

discursiva são regras anônimas que determinam as condições sociais, econômicas, políticas e culturais para o exercício da enunciação discursiva. O fato de a formação discursiva se modificar conforme a realidade espaço-temporal destaca a sua função enquanto uma variável investigativa em nossa pesquisa. Embora os nossos apontamentos sejam apenas hipóteses, eles são mecanismos para pensarmos a cena enunciativa proposta por cada um desses autores antigos. Em Xenofonte temos um agregado de interesses, pois não somente o pensador destacou a habilidade de Lisandro como também a maneira como esta foi reconhecida pelo o governo de sua *pólis*. Reparemos que Xenofonte não esteve preocupado em estabelecer um culpado para qualquer das situações apresentadas, mesmo que a sua denúncia pelos excessos espartanos se faça presente em seus escritos.

Em Plutarco, por sua vez, temos a representação Lisandro e Terâmenes como dois atores sociais preocupados com a submissão dos atenienses, postura aceitável diante do gênero literário de sua obra e a tentativa de cunhar modelos de conduta política. Em Diodoro temos a perspectiva de que os excessos de Lisandro eram completamente condenáveis pelos atenienses, cabendo à figura de Terâmenes impedir que Atenas sofresse ainda mais nas mãos de Esparta. A nossa análise, por outro lado, considerou que Lisandro e Terâmenes firmaram conexões de modo que pudessem se beneficiar na conjuntura em que se encontravam. A posição de Terâmenes, no entanto, era delicada por ser ateniense e estar indo negociar com o representante de uma conexão assimétrica para a sua *pólis*.

Logo, tanto Lisandro quanto Terâmenes atuaram para que os seus gestos não fossem condenáveis em seus governos e as determinações estivessem razoáveis para o gosto dos interessados no fluxo desta rede. Por fim, a conexão e a proximidade de Lisandro e Terâmenes levou a Ática a acabar momentaneamente com a democracia, haja vista que muitos aristocratas atenienses eram contrários a essa forma de governo e detinham proeminência em Atenas neste momento. Seguindo esse viés, lembramos que era adequado a Esparta que a forma de governo de seus aliados se assemelhasse a sua para facilitar as negociações inerentes as suas conexões.

As medidas que Lisandro executou em nome da autoridade político-militar dos lacedemônios acabou sendo o *embrião* da chamada guerra de Corinto, que se iniciará em aproximadamente 395. Durante o período que caracterizou a tomada de decisões entre espartanos e aliados sobre o destino de Atenas e dos seus habitantes, as autoridades tebanas e coríntias manifestaram o interesse por devastarem a Ática e escravizarem a sua população. Entretanto, os lacedemônios defenderam que esta não seria uma postura

adequada para com uma *pólis* que tanto contribuiu com a Hélade, sobretudo quando esta esteve em grandes perigos (XEN. *Hel.* II, 2.19-20). Plutarco (*Lis.* 15.2) acaba ampliando as considerações expostas por Xenofonte, ao salientar que os tebanos tinham a pretensão de que o território ateniense se tornasse pastagem para ovelhas.

Embora as atitudes de Lisandro e dos demais lacedemônios tenham sido bastante significativas para a sobrevivência dos atenienses, não podemos esquecer que a Ática fazia fronteira direta com a Beócia. Neste momento, a região beócia tinha a *pólis* de Tebas como o maior centro de poder político-militar e mantinha o objetivo de dominar toda a Ática caso esta fosse destruída. Para tanto, a preservação de Atenas não foi uma atitude de ordem altruísta, uma vez que o governo espartano conseguiu tornar os atenienses membros da Confederação do Peloponeso e passaram a dispor de um território capaz de observar a movimentação tebana no interior da Hélade.

As considerações de Michael Werner e Bénédicte Zimmermann (2006, p. 32) nos permitem complementar os pressupostos de Charles Kadushin (2012, p. 62) e Dominique Maingueneau (1997, p. 39-40). Nos dizeres de Werner e Zimmermann, essa multiplicidade de pontos de vista, que favorecem a interpretações outras àquelas tradicionais, é fundamental para o desenvolvimento do comparativismo histórico. Munidos dessa premissa, defendemos que a destruição de Atenas representaria um buraco estrutural com o qual Esparta não saberia como lidar, isso porque mesmo derrotados a existência dos atenienses legitimava o *status* e a influência espartanas. Como membro das conexões lacedemônias, Atenas se tornou um entreposto diante das sociedades imediatamente contíguas ao seu território, servindo de barreira para os possíveis interesses de Tebas e Corinto. A preservação de Atenas, nesse cenário, era estrategicamente relevante para a densidade da rede espartana e para conservar a sua influência e assimetria diante dos tebanos e dos coríntios.

Tendo sujeitado a *pólis* ateniense e estabelecido uma forma de governo oligárquica aos moldes de Lisandro, Esparta se utilizou de sua centralidade nas conexões com os helenos para impor a sua autoridade contra as sociedades tidas como traidoras. A primeira delas foi Élis. Xenofonte (*Hel.* III, 2.21) nos deixa transparecer que Esparta vinha nutrindo certo ressentimento por Élis devido ao tratamento inadequado que dera ao esparciata Licas<sup>69</sup> e ao fato desta *pólis* ter proibido os espartanos de participarem das Olimpíadas a

---

<sup>69</sup> Nos dizeres de Xenofonte (*Hel.* III, 2.21), Licas foi um esparciata que, já na velhice, venceu uma prova de corrida com quatro cavalos nas Olimpíadas. Tucídides (V, 50.4) já havia pontuado que os cavalos de Licas

partir de 420. Tais aspectos foram agravados pela aliança que os eleus estabeleceram com atenienses, argivos e mantineus. Já Diodoro da Sicília (XIV, 17.4-5) argumentou sobre os interesses de Esparta de subtrair a influência territorial de Élis, uma vez que ambas as *póleis* foram inimigas durante a guerra do Peloponeso<sup>70</sup>.

James Roy (2009, p. 40-41) destacou que a sociedade espartana tinha o objetivo de diminuir a autoridade de Élis junto as *póleis* periecas, de modo que estas passassem a apoiar o poder político espartano. A postura de Esparta seria uma forma de punir os eleus pela falta de apoio militar contra a Confederação de Delos, mas também um mecanismo político para assegurar um controle mais efetivo do norte do Peloponeso, o que acabava incluindo o Golfo de Corinto. Os apontamentos de Caroline Falkner (1996, p. 17) nos levam a endossar James Roy, em que a dominação de Élis seria a tentativa de recriar a tradicional base da rede de poder político espartano no Peloponeso. Segundo a pesquisadora, essa ideia estaria atrelada as tendências políticas de Ágis II e dos membros de sua rede política.

Este evento foi significativo por ampliar as relações políticas de Esparta e Ágis II com a oligarquia de Élis, a qual concordou em derrubar as muralhas de sua *pólis*, entregar as suas trirremes aos espartanos e libertar uma parcela significativa de sociedades periecas. As intervenções militares de Esparta sobre Élis<sup>71</sup> foram imensamente estratégicas por aumentarem as áreas de autoridade lacedemônia sobre o Peloponeso, mas também por ser capaz de afetar Corinto sem que isso parecesse uma transgressão ao princípio de aliança preconizado pela Confederação do Peloponeso.

Caroline Falkner (1996, p. 22-23) nos leva a promover os pressupostos de uma História Cruzada, ao expor que a conectividade entre os helenos fazia a dinâmica de uma sociedade afetar diretamente as relações políticas de outras. Charles Kadushin (2012, p. 60-62) declarou ser impossível pensarmos em uma rede cujas ações de um nó não venha a afetar diretamente outro. Nesse caso em particular, a localização dos portos de Élis levaria

---

foram vitoriosos, porém estes eram guiados por um cocheiro tebano. Sob a alegação de que os espartanos não poderiam estar ali, o cocheiro foi coroado vencedor e Licas, surrado, mesmo sendo idoso. Paul Poralla e Alfred Bradford (1985, p. 86) destacaram que a Olimpíada na qual ocorreu este incidente foi a de 420.

<sup>70</sup> Nos cabe pontuar que, para Diodoro, a última expedição espartana contra Élis se deu com o *basileús* Pausânias e não com Ágis. Françoise Ruzé (2018, p. 332) propõe que esta possível expedição liderada por Pausânias tenha ocorrido por volta de 398.

<sup>71</sup> As palavras de Diodoro (XIV, 34.1-3) demonstraram que, a partir de Élis, Esparta direcionou um ataque a Cefalênia, a Naupacto e a Heracléia. A região eleia garantia um acesso facilitado as três últimas citadas, as quais também seriam estratégicas para a ação espartana contra Tebas e Corinto. Falkner (1996, p. 23) expôs que Cefalênia e Naupacto afetavam diretamente o acesso de Corinto ao Ocidente e a sua antiga colônia Siracusa. Já Heracléia era uma ameaça direta aos interesses tebanos na Hélade Central.

Esparta a corresponder aos seus interesses político-militares com Siracusa<sup>72</sup>, sendo esta uma das conexões políticas mais poderosas dos espartanos<sup>73</sup>.

Como os espartanos não tinham uma grande tradição em atividades marítimas, a contratação de marinheiros (mercenários) experientes garantiria a legitimação de sua supremacia nas conexões do Pequeno Mundo helênico. Nesse momento, Atenas ainda permanecia sob a influência de Esparta e garantia a manutenção da autoridade lacedemônia entre os helenos do Egeu. Não podemos esquecer que a essa altura os persas já haviam se mobilizado para retribuir a Esparta todo o auxílio prestado a *Ciro o jovem* em sua tentativa de tomar o poder de seu irmão, o *grande rei* Artaxerxes II, o que enfatiza a necessidade de um corpo naval sólido para lidar com as demandas espartanas na Ásia.

No momento em que Esparta e o Império Aquemênida romperam as suas conexões — densas e múltiplas —, ambos os governos começaram a direcionar os seus recursos para combater o outro. O interessante nessa perspectiva é pensarmos na disposição de duas redes de poderes respeitáveis em um enfrentamento. Contudo, uma vez que os persas detinham recursos suficientes para conservarem os enfrentamentos por um período de tempo significativo, Esparta precisou rever as suas estratégias para suprir as suas demandas por pessoas e bens materiais. Essa situação também justifica os seus esforços para aprimorar as suas conexões políticas e geográficas com Siracusa. Em suma verificamos que, embora Esparta tenha manifestado indícios que justificassem a submissão de Élis, as evidências documentais e as análises historiográficas ressaltaram que a *pólis* espartana detinha interesses pessoais e específicos em relação aos eleus. Com isso, os espartanos demonstraram o seu interesse por consolidar o poder político no Peloponeso para evitar ameaças externas — como Corinto e Tebas.

---

<sup>72</sup> Ao recorrermos a Diodoro (XIV, 42.4), este nos permite levantar a hipótese de que os espartanos pretendiam obter toda a madeira siracusana necessária para a construção e o reparo de suas embarcações, bem como o acesso a uma quantidade razoável de mercenários.

<sup>73</sup> Através do mapa do Peloponeso (Anexo I), notamos que a posição geográfica de Élis — a noroeste no Peloponeso — culminava na desembocadura do golfo de Corinto para o mar Jônico, o qual facilitava o acesso a Siracusa. O domínio de Esparta na região afetava diretamente a movimentação de Corinto e Tebas para o mar Jônico, além de restringir o escoamento de bens através do golfo.

### 2.3 A inserção de Agesilau nas redes políticas de Esparta e dos bárbaros<sup>74</sup> — a expedição à Ásia Menor

Xenofonte (*Hel.* III, 3.1) nos narrou que após conseguir sucesso em sua expedição em Élis, Ágis II foi a Delfos para dedicar a *décima parte* do seu botim a Apolo. No caminho de volta, próximo a Heraia, o *basileús* ficou doente e, embora tenha sido levado a Lacedemônia, veio a falecer. O autor ateniense esclareceu que Ágis já era um ancião, o que não seria de estranhar a sua enfermidade e morte. Como havíamos debatido no capítulo anterior, a morte de Ágis trouxe Agesilau ao cenário político lacedemônio, em grande parte devido à influência de Lisandro. No entanto, a emergência de Agesilau à categoria de *basileús* não ocorreu sem disputas, sendo este um indício dos desafios para legitimar o seu poder e *status* diante de uma sociedade com ideias diversas quanto a sua estirpe heráclida.

Os autores antigos se posicionaram de forma semelhante ao afirmar que Lisandro persuadiu Agesilau a liderar uma expedição a Ásia para ajudar os jônios, diante da ameaça Aquemênida (XEN. *Hel.* III, 4.2; DIOD. XIV, 79.1; PLUT. *Lis.* 23.1; *Ages.* 6.1). Depois do empreendimento malsucedido de Ciro, Artaxerxes se dedicou a ampliar a sua influência e autoridade na Jônia, o que acabava tangenciando as conexões espartanas na região. Visando à plena realização dos seus objetivos, Artaxerxes investiu na construção de embarcações de guerra na Fenícia para que assim pudesse afastar Esparta da Ásia Menor e do mar<sup>75</sup> (XEN. *Hel.* III, 4.1). Para complementar o seu empenho, Artaxerxes entregou o comando da frota a Fárnazo e o elemento estratégico ao ateniense Cônnon, que desde a sua fuga de Egospótamo vivia na corte de Euágoras no Chipre (DIOD. XIV, 39.1). A experiência marítima de Cônnon atrelada à riqueza persa foi determinante para minar a instável influência espartana sobre as *póleis* do Egeu e, conseqüentemente, da Jônia.

A documentação literária citada reforça os aspectos relativos à intencionalidade dos seus autores em conformidade as suas respectivas comunidades discursivas. Uma vez que todo discurso pressupõe uma intenção (MAINGUENEAU, 1997, p. 29), a postura de

---

<sup>74</sup> A concepção de bárbaro para Xenofonte lida com o seu lugar social e os objetivos que pretendia alcançar com a sua obra. Considerando a sua proximidade com Ciro *o jovem*, Xenofonte concebeu a ideia de bárbaro em conformidade ao comportamento de certos asiáticos, em que alguns persas eram mais *civilizados* que certos helenos. Por outro lado, a sua perspectiva sobre os bárbaros se deu em virtude da sua proximidade com Esparta e da rivalidade que esta manteve com os persas, no início do século IV. Portanto, nos utilizamos deste termo para caracterizar as conexões de Agesilau com não-gregos.

<sup>75</sup> Durante esse período, os sátrapas da Ásia Menor, sobretudo Farnábazos e Tissafernes, estavam combatendo os comandantes lacedemônios, Tíbron e Dercílidis, na região. Quando Farnábazos conseguiu uma trégua com Tíbron, este partiu ao encontro de Artaxerxes e sugeriu o investimento em naus que pudessem enfraquecer o poderio de Esparta no Egeu (XEN. *Hel.* III, 2.1).

Xenofonte parece fornecer uma caracterização dos feitos político-militares por uma ótica de *causa e efeito*, ou seja, as atitudes de todos os envolvidos se justificariam pelas ações dos demais. Diodoro, por outro lado, parece interessado em destacar a preponderância dos atenienses nas atividades marítimas, de tal maneira que Cônnon estaria atuando como o componente estratégico da frota persa em virtude da sua formação e de suas habilidades. Em sua cena enunciativa, Diodoro mobilizou o interdiscurso de autores interessados em tornar os persas Aquemênidas como seres dotados de capacidades político-militares inferiores se comparados aos helenos que, nesse caso, se refletiam nos feitos de Atenas.

Scott Rusch (2011, p. 158-159) defende que os espartanos se encontraram com os seus aliados para decidirem o que fazer quanto à Jônia ao tomarem o conhecimento de que os persas pretendiam atacar a região. O helenista pontuou que Agesilau tomou a iniciativa para liderar os helenos contra uma nova ameaça persa, o que poderia garantir a liberdade da Hélade. O posicionamento de Rusch não foi plenamente partilhado por César Fornis (2016, p. 214-215) que, ao analisar as obras de Xenofonte, expôs que Lisandro atuou junto a Agesilau para que esse tomasse o mando da expedição. Devemos considerar que o Euripôntida tinha o conhecimento das práticas que deveria adotar diante de suas conexões lacedemônias para legitimar o seu *status* como líder. Todavia, embora o afastamento de Esparta fosse estratégico, a sua inserção no Pequeno Mundo que era a Hélade requeria a conexão com nós que o mesmo desconhecia. Para tanto, Lisandro ocupou esse buraco estrutural que a rede política de Agesilau ainda conservava em virtude do seu aparente isolamento no interior do Peloponeso.

A ideia de um *basileús* helênico a frente de um exército amplo e destinado a submeter os persas em seu próprio território serviu de mote para que Xenofonte (*Hel.* III, 4.3) caracterizasse Agesilau como um *novo Agamêmnon*. A condição de produção de Xenofonte era distinta, sobretudo ao falar de Agesilau. Logo, torna-lo um *novo Agamêmnon* garantiria prestígio e legitimidade ao *basileús* Euripôntida diante dos interlocutores do pensador ateniense<sup>76</sup>. Por outro lado, propomos que Xenofonte se utilizou de Homero como o seu arquitexto<sup>77</sup> para realçar a legitimidade das ações de Agesilau, haja

---

<sup>76</sup> É interessante o fato de que autores posteriores a Xenofonte terem se utilizado do interdiscurso para referendarem esse momento em que Agesilau se representa como Agamêmnon, haja vista que a ideia de um *basileús* unificador dos interesses helênicos contra a ameaça *bárbara* acabou ruindo depois da Paz de Antálcidas. Logo, homens como Diodoro e Plutarco que viveram muitos anos depois de Xenofonte poderiam ter modificado essa imagem devido ao conhecimento que detinham do desenvolvimento de toda a trajetória de Esparta e de Agesilau junto aos Jônios.

<sup>77</sup> Em conformidade a Maingueneau (2014, p. 64), o arquitexto seria uma obra dotada de um estatuto exemplar, servindo de referência para discursos posteriores que dela se utilizaram. No caso de Xenofonte,

vista que os feitos de Agamêmnon eram históricos e a sua representação era um modelo de conduta para os governantes helênicos<sup>78</sup>.

Desta forma a tradição homérica integrava a formação discursiva<sup>79</sup> helênica, mesmo no período Clássico. Portanto, a atitude de Agesilau em atuar como Agamêmnon poderia repercutir diretamente na imagem que os seus aliados teriam de suas atitudes. Esse gesto não foi somente simbólico e político, mas também sagrado por tomar os deuses como testemunhas de uma atitude justa — levar guerreiros contra os persas que pretendiam submeter a Hélade<sup>80</sup>. O conjunto dessas atitudes também são considerados em conformidade à necessidade de Agesilau em legitimar o poder político do trono dos Euripôntidas, possivelmente abalado pelo conturbado processo de sua sucessão.

A postura de Agesilau tinha um profundo teor propagandístico que, além de promover a identificação dos seus aliados, colocava em cena um inimigo a ser combatido em benefício de todos os helenos. Ao trazer o foco das tensões helênicas para o Império Aquemênida, Agesilau e Lisandro pretendiam retirar a atenção que as *póleis* da Hélade estariam dando ao imperialismo espartano e direcioná-lo aos excessos persas em sua tentativa de *submeter* os helenos. Não sem motivos Xenofonte desenvolverá um encômio a Agesilau após a morte do *basileús* enfatizando o caráter pan-helênico de seus empreendimentos na Jônia.

Tal como o líder dos aqueus narrado por Homero, Agesilau se dirigiu a Áulis, na Beócia, para realizar os sacrifícios a Ártemis visando uma expedição favorável. Xenofonte nos apresenta aqui a tensão que se desenvolveu entre os beotarcas e o *basileús* lacedemônio.

---

consideramos Homero o seu arquitepo para essa citação, em virtude da nossa incapacidade de precisar as influências literárias do ateniense. Portanto, sendo Homero o seu arquitepo, não negamos que muitos autores posteriores tenham se utilizado *Ilíada*, porém, reconhecemos o seu estatuto exemplar diante de todas as outras obras que dela se utilizaram para narrar os eventos da guerra de Tróia.

<sup>78</sup> Partindo de uma premissa distinta, Plutarco (*Ages.* 6.4-5) chegou a afirmar que Agesilau tomou essa atitude devido a um sonho, o qual atribuía-lhe as prerrogativas de Agamêmnon antes de partir na expedição contra Tróia.

<sup>79</sup> Isso porque a tradição homérica seria um elemento fundamental da constituição da identidade helênica já no período Arcaico. Sendo assim, a literatura homérica serviu de referencial para o desenvolvimento da tradição literária do período Clássico e, mesmo diante de constantes transformações, foi capaz de fornecer certa identidade e valores ideológicos para os homens que com ela se relacionaram.

<sup>80</sup> O discurso de Xenofonte tende a representar as atitudes persas, sobretudo no século IV, como uma tentativa de enfraquecer a Hélade para dominá-la, como uma herança das guerras greco-pérsicas. No entanto, não parecia interessante para Artaxerxes II ampliar os seus domínios para além da Jônia. Dessa forma, a ideia de uma *dominação persa* se tornou um artifício literário para Xenofonte propor a representação de Agesilau como um herói pan-helênico e de Esparta como libertadora da Hélade.

Quando ele [Agesilau] chegou a Áulis, os beotarcas souberam que estava realizando sacrifícios e enviaram cavaleiros para ordenar que ele [Agesilau] parasse de sacrificar. Eles [os cavaleiros] retiraram/jogaram do altar as vítimas que ali se encontravam como oferendas. Então, chamando os deuses como testemunhas, Agesilau embarcou em sua trirreme e navegou (XEN. *Hel.* III, 4.4)<sup>81</sup>.

Segundo a tradição, todo e qualquer sacrifício realizado em Áulis deveria ser feito por sacerdotes beócios. Devido à autonomia das atitudes de Agesilau<sup>82</sup>, os magistrados beócios retiraram os seus sacrifícios do altar e não permitiram que as suas oferendas fossem feitas.

Em sua análise acerca da relação de Esparta com o sagrado, Nicolas Richer (2012, p. 212) enfatizou que uma característica fundamental dos lacedemônios era buscar o favor dos deuses para a realização de toda e qualquer atividade, seja dentro de seu território seja no exterior. Ainda assim, recordamos que a cena enunciativa proposta pelo discurso de Xenofonte pretendia alçar Agesilau à posição de um modelo heroico a ser imitado (NOËL, 2014, p. 263). Portanto, existe uma ambiguidade na interpretação desses escritos pela polissemia que este apresenta, afinal não somente as interpretações permitem que Agesilau seja visto como uma vítima dos excessos dos beotarcas como também o *basileús* pode ser considerado como desrespeitoso diante da tradição local da Beócia.

Nesse conexto, Agesilau poderia ter se ressentido com as ações dos beotarcas pela quebra do ciclo de realização de um sacrifício antes de uma expedição de grandes proporções. Contudo, levantamos a hipótese de que um sujeito experiente como Agesilau não conduziria o resto de sua vida pelo rancor que detinha pelos beócios. Nos cabe recordar que a conduta de Agesilau fora da Lacedemônia tinha um caráter oficial, ainda

---

<sup>81</sup> No documento em grego: ὡς δ' ἐκεῖ ἐγένετο, πυθόμενοι οἱ βοιώταρχοι ὅτι θύοι, πέμψαντες ἰπέας τοῦ τε λοιποῦ εἶπαν μὴ θύειν καὶ οἷς ἐνέτυχον ἱεροῖς τεθυμένοις διέρριψαν ἀπὸ τοῦ βωμοῦ. ὁ δ' ἐπιμαρτυράμενος τοὺς θεοὺς καὶ ὀργιζόμενος, ἀναβὰς ἐπὶ τὴν τριήρη ἀπέπλει.

<sup>82</sup> John Buckler (2003, p. 60) se referiu à atitude de Agesilau como a primeira manifestação pública de toda uma longa carreira marcada pela falta de julgamentos. O posicionamento de Buckler destacou que o *basileús* lacedemônio sabia dos interditos relativos aos sacrifícios na região de Áulis, porém, para ressaltar a sua preponderância político-militar, preferiu atuar mesmo diante dos riscos da retaliação beócia. A perspectiva de Buckler não somente foi radical como também tentou caracterizar Agesilau como um homem impulsivo e despreparado para o mando. Não partilhamos da premissa de Buckler, a qual pode ter contribuído para a imagem equivocada de que Agesilau desenvolveu um ódio pessoal pela Beócia, fazendo com que o mesmo operasse sem discernimento para prejudicar as sociedades dessa região. Apesar de não ter adotado um viés demasiadamente excessivo como o de John Buckler, Paul Cartledge (1987, p. 291) afirmou que o procedimento dos beotarcas culminou na ojeriza pessoal de Agesilau pelos beócios, com ênfase aos tebanos. Charles Hamilton (1991, p. 95) corroborou com Cartledge ao pontuar que Agesilau não tinha como se opor aos beotarcas, porém isso permitiu que os seus sentimentos se tornassem intensos e o *basileús* almejasse uma invasão ao território da Beócia para submetê-los. A historiografia apresentada ressaltou que Agesilau passou a agir de modo que pudesse retribuir a ofensa dos beócios em um momento de demasiada importância política para o lacedemônio.

que tenha ficado ressentido acerca da atitude de terceiros. Podemos sugerir que a tentativa do Euripôntida em realizar os sacrifícios sem a presença de um sacerdote da Beócia fosse para verificar os limites da lealdade beócia, tendo em vista toda a retaliação que estes vinham fazendo para desequilibrar as redes de Esparta. Em suma, temos o entendimento que a atitude de Agesilau diante dos beotarcas serviu de referencial para que o governo de Esparta obtivesse a plena certeza da oposição beócia a sua supremacia junto aos helenos. Assim, também verificamos que o gesto de Agesilau, ao tomar o sagrado como testemunha, fazia dos deuses os responsáveis pelas variáveis da expedição, ou seja, se a mesma fosse justa o sucesso era inevitável, caso contrário, a morte era certa para todos os envolvidos.

Ao mesmo tempo em que Agesilau obteve o repúdio da Beócia, outras sociedades helênicas reforçaram as suas conexões com Esparta devido à postura e ao respeito que o Euripôntida detinha pelo sagrado. Os dizeres de James DeVoto (1982, p. 61) sintetizaram o nosso posicionamento diante das realizações de Agesilau e dos apontamentos da historiografia. Conjecturando a partir de DeVoto, suscitamos que a única fraqueza de Agesilau como comandante foi a maneira como protegia excessivamente os seus amigos e o fato de demonstrar pouca afinidade que tinha pelas forças navais e as atividades marítimas.

De todo modo, a expedição contra as ambições do Império Aquemênida foi bem aceita pelos lacedemônios e os aliados do Peloponeso. Entretanto, as ações de Lisandro e Agesilau em direção à Jônia tinham como fundamento básico assegurar a preponderância das oligarquias da Ásia Menor ao evitar que Tissafernes devastasse a região (XEN. *Hel.* III, 1.3). Essa postura ajudaria a fortalecer as conexões imediatas de Lisandro além do Peloponeso, o que também permitiria a ampliação da densidade das conexões de Agesilau, algo fundamental para a promoção de sua imagem como líder entre os helenos. Logo, a expedição à Ásia seria um mecanismo convincente para edificar a ideia de que o Euripôntida representava a salvação da Hélade e dos helenos. Esta postura edificaria uma imagem bastante positiva entre os lacedemônios e os helenos de um modo geral, auxiliando a ofuscar as tensões advindas de sua emergência a um dos tronos lacedemônios. Contudo, um elemento ainda precisava ser neutralizado para legitimar a densidade de suas conexões tanto em Esparta bem como na Hélade: o próprio navarco Lisandro.

## 2.4 Desfazendo conexões políticas — as tensões entre Agesilau e Lisandro

A morte de Ágis II permitiu que Agesilau herdasse grande parte das conexões políticas de seu irmão mais velho, assim como aquelas que ainda permaneciam no seio dos Euripôntidas por gerações através das relações de *xenía*. Outro aspecto que inseriu Agesilau na rede política de Esparta no Peloponeso e na Hélade foi a sua proximidade com Lisandro. A influência que o navarco passou a exercer com o fim da guerra do Peloponeso lhe permitiu atuar em benefício de seu *erómenos* no processo de sucessão espartana. Sendo assim, era somente questão de tempo para que Agesilau percebesse o potencial de Lisandro para atuar como seu inimigo, caso não fosse combatido.

O discurso de Xenofonte destacou que Lisandro almejava restabelecer os seus aliados nos governos da Jônia — as chamadas decarquias — o que acabaria ampliando as suas conexões no cenário político helênico devido à presença de Agesilau. Como um dos *basileús* heráclidas em uma expedição de características extraordinárias, Agesilau seria dotado de prerrogativas políticas singulares e relativamente amplas se comparadas ao âmbito políade. Se considerarmos a aparente inexperiência política de Agesilau, supomos que Lisandro tenha promovido esse empreendimento com vistas a estas possibilidades. Ter Agesilau ao seu lado na Ásia Menor não somente daria legitimidade as suas atitudes diante de seus aliados, como também ajudaria a promover a imagem do controle de suas conexões sobre os espartanos.

No momento em que o *basileús* Pausânias acabou com o governo dos Trinta em Atenas, os éforos promulgaram uma lei que reestabelecia a constituição ancestral em todos os locais sob a influência de Esparta. Para Lisandro essa medida política significou a perda considerável de poder relacional devido ao enfraquecimento de suas conexões políticas que, embora continuassem existindo, já não tinham a mesma densidade de antes. Como Agesilau detinha grande parte do apoio político dos aliados de Ágis II somado com os membros de suas conexões individuais, Lisandro verificou a disponibilidade de assegurar os seus interesses particulares dentro e fora de Esparta. Lisandro foi um homem poderoso entre os esparciatas, mas carecia-lhe o *status* e a posição de *basileús* e de éforo para tomar decisões mais objetivas e em conformidade as suas necessidades mais imediatas, como verificamos abaixo:

Imediatamente, Lisandro tentou incitá-lo [Agesilau] a empreender uma expedição na Ásia, demonstrando a esperança que ele teria de submeter os

persas, a qual o tornaria um grande homem [Agesilau]. Ele [Lisandro] também escreveu cartas aos seus amigos da Ásia, ordenando-lhes que pedissem aos lacedemônios Agesilau como estrategista para as suas guerras contra os bárbaros (PLUT. *Lis.* 23.1)<sup>83</sup>.

Plutarco (*Lis.* 23.1) materializa essa perspectiva ao destacar que Lisandro teria enviado cartas aos seus aliados jônios para que esses solicitassem o comando de Agesilau contra os desmandos persas. Portanto, defendemos que o navarco pretendia tornar Agesilau um nó dependente em sua rede política ao mesmo tempo em que endossava as suas atitudes diante dos membros das *hetaireiai* da Jônia.

A chegada de Agesilau e o seu contingente em Éfeso se deu em 396 e, nesta ocasião, o Euripôntida aceitou a trégua de Tissafernes para que o *káranos* recebesse um posicionamento de Artaxerxes quanto à conexão política entre o Império Aquemênida e os helenos. Xenofonte (*Hel.* III, 5.5)<sup>84</sup> expôs que Agesilau almejava a autonomia das *póleis* da Ásia Menor e o *káranos* persa parecia concordar com esse posicionamento. Afinal, a autonomia dos jônios em relação aos persas permitiria que esses integrassem unicamente a rede política que Esparta mantinha na Ásia Menor. Diante de toda uma audiência helênica que desejava a manutenção de um cenário pacífico diante de ameaças externas, após os trinta e um anos de guerra do Peloponeso ter um comandante que lutasse pela autonomia da Hélade era quase um devaneio. Caso Agesilau e Lisandro tenham pensado em promover uma representação pan-helênica da expedição à Ásia, esta foi uma propaganda adequada para angariar um número cada vez maior de apoiadores e possíveis conexões políticas para as redes de Esparta.

Nesse caso, Xenofonte (*Ages.* 1.33) destaca que Agesilau soube arrecadar o apoio e, conseqüentemente, firmar conexões com homens poderosos das áreas sob o comando do *grande rei* por declarar que estava ali para garantir a paz daqueles que a desejasse. No trecho seguinte, o ateniense afirmou que Agesilau devastava o território dos seus inimigos e mantinha intactos aqueles dos seus aliados (XEN. *Ages.* 1.34). Ao analisarmos criticamente os apontamentos de Xenofonte, notamos que Agesilau adotou uma postura bastante direta acerca de suas ações nas áreas do Império Aquemênida. Dessa forma, bastava um território jurar lealdade a Agesilau e aos helenos que não seria danificado. O

---

<sup>83</sup> Como verificamos no texto grego: εὐθὺς οὖν αὐτὸν ἐξώρμα καὶ προὔτρεπεν ὁ Λύσανδρος εἰς τὴν Ἀσίαν στρατεύειν, ὑποτιθεὶς ἐλπίδας ὡς καταλύσοντι Πέρσας καὶ μεγίστῳ γενησομένῳ, πρὸς τε τοὺς ἐν Ἀσίᾳ φίλους ἔγραψεν αἰτεῖσθαι κελεύων παρὰ Λακεδαιμονίων στρατηγὸν Ἀγησίλαον ἐπὶ τὸν πρὸς τοὺς βαρβάρους πόλεμον.

<sup>84</sup> Em certa medida, o discurso de Xenofonte neste momento da *Helênica* converge com a postura pan-helênica que atribuiu ao *basileús* em *Agesilau*.

jogo mental e a pressão advinda deste posicionamento político-militar de Agesilau permitiu que muitas regiões não se opusessem a sua marcha e, possivelmente, tenham apoiado as suas investidas na expectativa de manterem os seus domínios.

Enquanto aguardava a resposta de Tissafernes, Agesilau teria permanecido em Éfeso até obter as informações necessárias para promover as medidas militares mais eficientes. Nesse período, a influência de Lisandro sobrepujava a autoridade de Agesilau e isso era algo que, segundo os indícios documentais, incomodava o *basileús* (XEN. *Hel.* III, 4.7-8; PLUT. *Lis.* 23.3-5; *Ages.* 7.2-3). Embora a postura de Agesilau possa ser tomada como invejosa e Plutarco (*Ages.* 8.4) a tenha interpretado como ambiciosa, devemos investigar para que possamos entender esta trama política entre o Euripôntida e Lisandro.

Paul Cartledge (1987, p. 152) destacou que a falta de empatia da elite jônia com Agesilau teria levado esta a buscar o auxílio de Lisandro sempre que houvesse a necessidade. Expandindo o seu posicionamento, Cartledge explicitou que os homens mais influentes da Jônia não haviam estabelecido conexões de *xenia* com Agesilau e a sua família, tornando a interação entre ambos uma mera formalidade. As vinculações formais entre Agesilau e os jônios impedia que estes confiassem na autoridade do *basileús* e se sentissem seguros quanto as suas atitudes.

Como a aristocracia jônica, no entanto, já conhecia Lisandro e edificara conexões com este, havia um compromisso mútuo entre os jônios e o navarco, o que acabava ofuscando a imagem de Agesilau como líder dos helenos na Ásia Menor. Para tanto, o Euripôntida passou a desdenhar de Lisandro e a humilhá-lo em público para ressaltar a sua autoridade. Nesse momento, o esparciata pediu aos seus amigos (*phíloi*) que se direcionassem unicamente a Agesilau quando fosse necessário angariar algum tipo de apoio. Por fim, Lisandro solicitou que fosse enviado para um local onde pudesse ser útil a Agesilau e a Esparta, mas não sem antes reforçar o quanto a ingratidão<sup>85</sup> do Euripôntida era vigorosa. Lisandro foi enviado para o Helesponto e lá conseguiu obter uma conexão com o persa Espitrídates, o qual havia sido rebaixado pelo sátrapa Farnábazo e estava disposto a se separar de Artaxerxes com todas as riquezas que detinha (XEN. *Hel.* III, 4.7-10).

A situação narrada acima possibilita algumas leituras particulares acerca da relação de Agesilau e Lisandro. Como havíamos demarcado, a conduta de Agesilau pode ser

---

<sup>85</sup> Ao analisarmos a documentação concluímos que a atitude de Agesilau foi de ingratidão para com Lisandro.

interpretada como inadequada diante do homem que foi o seu amante e ainda o auxiliou a se projetar politicamente. Todavia, Agesilau se encontrava em Éfeso acompanhado de homens da Confederação do Peloponeso e, ainda que a elite da Jônia não o reconhecesse como a maior das autoridades entre os helenos devido à presença de Lisandro, o *basileús* não poderia macular a impressão que os peloponésios teriam de si. Embora o esparciata vencedor de Egospótamo tenha contribuído em demasia para a densidade das conexões políticas de Agesilau, no momento em que esse subiu ao trono dos Euripôntidas, a hierarquia inerente à relação de ambos havia se invertido.

Se considerarmos os pressupostos enunciativos de Xenofonte afirmamos que este tentou promover a imagem de Agesilau de forma elogiosa, destacando os excessos de Lisandro que justificaram a atitude do Euripôntida. Todavia, se pensarmos em conformidade à Teoria de Redes, verificaremos que o Euripôntida foi precipitado. Longe de edificarmos um posicionamento pessoal acerca dessa contenda, Agesilau acabou perdendo proeminência com muitos atores sociais e angariou o rancor de um dos seus maiores benfeitores. Em certa medida, defendemos que Agesilau teve uma postura dotada de *hýbris*, pois não somente foi privado de sua principal base de apoio como também demonstrou acreditar que a sua autoridade bastava no interior das conexões em rede da Hélade. Nesse sentido, Agesilau e Lisandro poderiam ser considerados como os nós centrais de suas respectivas *redes-ego*, porém o *status* superior que o Euripôntida detinha em Esparta fez com que a imagem do navarco fosse levemente suplantada.

Para Christopher Tuplin (1993, p.57) o fato de Agesilau ter sido representado pela documentação clássica como um homem justo e leal aos seus *phíloi*, seria adequado que esses soubessem lhe prestar o devido respeito conforme os *bons costumes*. Portanto, o *basileús* Euripôntida reconhecia as ações de seus companheiros à medida em que estes sabiam honrá-lo na categoria de comandante e governante. Dessa maneira, convergimos com Vivienne Gray (1989, p. 46-49) e César Fornis (2016, p. 215) de que houve a necessidade de Lisandro ser colocado no seu devido lugar como esparciata. Entretanto, mantemos a posição de que Agesilau poderia ter sido comedido em suas atitudes, não por uma questão de gratidão, mas sim por identificar que ainda tinha muito o que aprender com o seu *erastés* no que concernia ao jogo político entre líderes.

Com isso, o próprio gesto do *vencedor de Egospótamo*<sup>86</sup> permitiu que uma parcela significativa das suas conexões fosse transmitida a Agesilau. Esses vínculos políticos acabaram produzindo uma rede política de densidade moderada, uma vez que o Euripôntida estava beneficiando os jônios e Lisandro havia saído deste cenário político. Em vista disso, o poder e o *status* de Agesilau acabaram se ampliando na região da Ásia Menor o que também lhe garantia certa estabilidade político-militar para fazer com que as ordens e os interesses de Esparta fossem interiorizados pela elite jônia sem intermediários. Contudo, é correto afirmarmos que essas conexões não eram sólidas e apenas se conservaram em virtude dos benefícios materiais que muitos homens poderosos estavam recebendo de Agesilau.

## 2.5 Agesilau como modelo de conduta entre os seus aliados da Hélade

Retomando a interação entre Agesilau e Tissafernes, Xenofonte (*Hel.* III, 4.6; *Ages.* 1.12-13) se vale da cena enunciativa de seu discurso para exaltar a conduta do Euripôntida e criticar o *káranos* persa, sendo ela a reverência aos deuses. Tal como no tópico anterior, as qualidades de Agesilau foram apresentadas por Xenofonte como o seu melhor atributo político-militar<sup>87</sup>. Ao considerarmos a verossimilhança inerente aos escritos de Xenofonte, podemos sugerir que Agesilau projetou uma imagem pessoal de homem vinculado aos desígnios do sagrado, o que seria capaz de reforçar os seus vínculos com muitos dos homens que o acompanhavam, ou mesmo daqueles que pretendiam acompanhá-lo.

Imersos nessa ótica, o fato de Tissafernes não ser respeitoso para com os deuses — tendo em vista que não cumpriu um juramento feito com o apertar da mão direita — o tornava um sujeito inadequado para o mando por atrair o ódio da esfera divina para si. Agesilau, por sua vez, ao se portar de maneira justa e reverente às divindades, teria obtido a admiração dos seus aliados, sejam eles persas sejam eles helenos (*XEN. Ages.* 1.13). Tal como havíamos discorrido sobre essa representação elogiosa que Xenofonte teceu de Agesilau, cujo intuito era torná-lo um exemplo de conduta pan-helênica, não podemos

---

<sup>86</sup> Depois de atuar com sucesso no Helesponto, Lisandro terminou o período estabelecido de serviço na região e regressou ao Peloponeso, chegando a atuar na batalha de Haliarto como um de seus comandantes.

<sup>87</sup> Devemos recordar que Xenofonte nutria certa antipatia por Tissafernes pelo fato de ter sido considerado o *delator* de Ciro diante do irmão Artaxerxes. Após a morte do *káranos* persa, Tissafernes assumiu a sua posição político-militar e passou a fustigar os mercenários helenos em seu retorno para a Jônia, aspectos narrados na *Anábasis* de Xenofonte. Logo, o persa foi representado como o modelo de conduta a ser evitado, uma vez que era um traidor e enganador sempre que a circunstância lhe parecia favorável. Tais considerações foram desenvolvidas de forma mais ampla por Rosie Harman (2012, p. 427-452).

negar que esse aspecto nos interessa para pensarmos a edificação de relações e redes políticas<sup>88</sup>.

Vincent Azoulay (2004, p. 156) nos advertiu sobre os perigos de considerarmos essas relações políticas adquiridas por Agesilau durante a expedição à Ásia como exemplos de conexões densas. Ao citar Xenofonte (*Ages.* 8.4-5), Azoulay expôs que, na verdade, esses eram vínculos fracos (*weak ties*) com um alto potencial para se desdobrar em gestos de corrupção, os quais pretendiam beneficiar ambas as partes ou estabelecer, em virtude da assimetria de suas conexões e pela diferença na circularidade de recursos entre os sujeitos envolvidos. O trecho de Xenofonte selecionado por Azoulay lida com a tentativa de Artaxerxes por se conectar com Agesilau.

O ateniense ainda afirmou que Agesilau preferiu rejeitar a *xenía* do *grande rei* para beneficiar os helenos, de tal maneira que estes jamais suspeitassem de suas atitudes junto aos persas (XEN. *Ages.* 8.4-5). Analisando de maneira pormenorizada o discurso de Xenofonte e considerando os apontamentos de Vincent Azoulay, verificamos que não seria interessante para Agesilau estabelecer qualquer tipo de conexão política direta com Artaxerxes II. Caso Agesilau tivesse edificado essa relação política com o *grande rei*, toda a imagem pan-helênica e libertadora de suas atividades na Jônia seria arruinada. Nesse momento, consideramos que o apoio dos helenos da Ásia Menor e das Cíclades era fundamental para legitimar a posição política que Esparta vinha tentando consolidar como *hēgemōn* da Hélade após a derrota de Atenas em 405. Embora Xenofonte tenha afirmado que Agesilau rejeitou se associar a Artaxerxes II por meio da *xenía*, levantamos a hipótese de que isso levou Agesilau a se conectar com homens influentes da Jônia em particular e da Ásia Menor como um todo. Por sua vez, a rede política formada nessa situação foi fundamental que o *basileús* projetasse a imagem de sua *pólis* e angariasse novas e densas conexões em uma realidade helênica demasiadamente conturbada<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> Plutarco (*Ages.* 9.3) ampliou as considerações de Xenofonte ao destacar que Agesilau passou a fomentar a conquista de riquezas e a devastação dos territórios pertencentes ao *grande rei*, demonstrando aos seus companheiros (*phíloi*) que o ato de Tissafernes em romper um juramento tornava adequada toda e qualquer atitude tomada contra o persa. Dessa forma, enganar Tissafernes e mesmo espoliar as suas propriedades eram punições oportunas a um sujeito desrespeitoso para com deuses. Portanto, a moralidade de Agesilau tornava-se o ideal para se formar conexões políticas com homens influentes da Ásia Menor, as quais poderiam se desdobrar em redes políticas de trocas de benefícios mútuos.

<sup>89</sup> Essa afirmação nos remete a um trecho da *Oração Fúnebre de Péricles* na obra de Tucídides (II, 39.2), na qual o ateniense teria acusado os espartanos de sempre dependerem de seus aliados para a realização de qualquer atividade militar externa ao Peloponeso. Embora essa informação pareça desconexa, a mesma pode ser empregada para ressaltar a dependência que os esparciatas mantinham com as sociedades que integravam as suas redes políticas. Sendo assim, endossamos a premissa exposta acima pela opção de Agesilau em

Por outro lado, devemos recordar que essa imagem de Agesilau foi projetada pelo discurso de Xenofonte. Portanto, se acreditarmos piamente em tudo o que ali se encontra escrito estaremos ignorando a formação discursiva deste autor e o lugar social em que esteve ao redigir a sua obra — o *Agesilau*<sup>90</sup>. Em virtude a animosidade que Xenofonte nutria por Tissafernes e Artaxerxes II, era compreensível que a sua cena discursiva caracterizasse o distanciamento político de Agesilau como a melhor das estratégias militares a serem tomadas na Ásia Menor. Contudo, nos parece que Agesilau ignorou o impacto que a sua atitude teria na Hélade, haja vista que a dinastia Aquemênida tinha conexões com todo o Pequeno Mundo helênico.

Isso nos remete a Stephen Hodkinson (2011-2014, p. 11) ao enfatizar que estudos de caso sobre as pequenas atitudes/gestos dos espartanos são fundamentais para rompermos com a lógica generalista e normativa que a *miragem espartana* desenvolveu já na Antiguidade sobre o comportamento dos homens de Esparta. Em vista disso, a abordagem desenvolvida desta atuação pessoal de Agesilau, ainda que tenha sido uma criação de Xenofonte, nos fornece uma impressão distinta do comportamento do *basileús* de acordo com as necessidades de cada circunstância, aos interesses de sua *pólis* e aos seus objetivos políticos.

Todavia, ao cruzarmos os indícios documentais, notamos que o conteúdo apresentado por Xenofonte quanto à rejeição de uma relação de *xenia* por parte de Agesilau não ocorreu em outras manifestações discursivas. O de Xenofonte no *Agesilau* foi Diodoro da Sicília. Segundo o historiador siciliota (DIOD. XIV, 80.7-8), quando Agesilau e os seus guerreiros derrotaram Tissafernes na região da Cária, o então *káranos* persa foi julgado como o culpado pela mesma e sentenciado à morte por Artaxerxes. Nesse caso, Titraustes foi nomeado o novo *káranos* com a responsabilidade de decapitar Tissafernes e acabar com a ameaça de Agesilau sobre os territórios aquemênidas. Diodoro destacou que Titraustes concluiu uma trégua de seis meses com Agesilau para que assim o *basileús* de Esparta negociasse com Artaxerxes. Ainda que Diodoro ressalte a possibilidade de um

---

preferir a manutenção de conexões políticas com os helenos das ilhas e da Jônia, ao invés de aceitar a *xenia* de Artaxerxes II.

<sup>90</sup> Rosie Harman (2012, p. 434) pontuou que o gênero literário do *Agesilau* de Xenofonte, ou seja, o encômio, permitia ao autor estabelecer colocações e considerações polarizadas para que assim os escritos alcançassem os seus devidos objetivos diante de sua comunidade discursiva. Vincent Azoulay (2004, p. 157) parece endossar a ótica de Harman, afinal para o helenista o *Agesilau* foi uma obra destinada ao elogio do *basileús* homônimo depois de falecido e, por isso, Xenofonte almejou abrandar a possível imagem negativa que muitas *pólis* teriam de Agesilau. Tanto Harman quanto Azoulay teceram comentários relevantes a nossa investigação pelo fato de nos permitir considerar as ações de Agesilau por uma perspectiva teorizada e idealizada.

acordo entre Agésilau e o *grande rei* não temos qualquer menção ao estabelecimento de uma conexão nos moldes da *xenia*. Na verdade, o *káranos* estaria ali para tentar intermediar com o *basileús* espartano as condições adequadas para que este parasse de prejudicar as propriedades persas na Ásia Menor<sup>91</sup>.

Apesar de refutarmos a perspectiva de Xenofonte quanto às conexões de Agésilau e Artaxerxes, a própria conduta do lacedemônio em todos os indícios literários analisados apenas reforça o nosso posicionamento inicial. Tenha o *basileús* Euripôntida tratado com Artaxerxes ou Titraustes os termos de uma trégua, o mesmo se manteve a favor dos helenos em toda a sua negociação. Sendo assim, conservar a imagem de defensor da Hélade e garantir o apoio político-militar desses homens era ampliar as suas conexões políticas pessoais para além do Peloponeso e fortalecer a posição que Esparta vinha conservando como *libertadora dos helenos*. Devemos destacar que este posicionamento foi escolhido por Agésilau, ou seja, em seu julgamento era mais adequado priorizar os helenos em detrimento dos persas. Logo, a escolha do *basileús* gerou uma reação correspondente, algo que poderia ter sido distinto se Agésilau optasse em firmar conexões com o Império Aquemênida. Tal afirmação se mostrou fundamental para afastarmos a impressão de um julgamento pessoal a favor do Euripôntida, haja vista que não é esse o nosso objetivo e as nossas conclusões se fundamentam nos indícios documentais.

Em seu elogio a Agésilau, Xenofonte pontuou um elemento singular e curioso acerca das medidas adotadas pelo *basileús* lacedemônio para angariar a colaboração de helenos e *bárbaros* durante a sua expedição à Ásia Menor. O autor ateniense afirmou que Agésilau não vendeu os seus favores a ninguém e nem mesmo tomou qualquer pagamento pelos benefícios que concedia e, ainda que o tivesse feito, ninguém se sentiria injustiçado com essa atitude. Em seguida Xenofonte (*Ages.* 4.4) complementa: “[...] aqueles que são tratados com grande generosidade sempre servem com satisfação o seu benfeitor”<sup>92</sup>. Essa citação foi complementada pelo argumento de que todos os beneficiários de uma gentileza deveriam se esforçar para retribuí-la. Não seria exagerado declararmos que Xenofonte nos

---

<sup>91</sup> Na *Helênica* (III, 4.25), Xenofonte declarou que Titraustes tinha a missão de punir Tissafernes pela derrota na Cária e não tecer uma conexão de *xenia* com Agésilau. Em certa medida, Plutarco tangencia o argumento de Diodoro e, não sem motivos, estabelece sentido a narrativa de Xenofonte em *Agésilau*. Plutarco (*Ages.* 10.4) explicita que Titraustes teve a permissão do *grande rei* para criar condições adequadas para que Agésilau retornasse para Esparta. Desta maneira, o discurso de Plutarco nos indica um momento preciso para a tentativa de trégua entre Titraustes e Agésilau, além de nos esclarecer que o governo persa não tinha o interesse de firmar conexões simétricas com Esparta naquela ocasião (aproximadamente no ano de 395).

<sup>92</sup> No texto grego temos: ἀλλ' οἱ προῖκα εἴ πεπονθότες, οὔτοι αἰεὶ ἠδέως ὑπηρετοῦσι τῷ εὐεργέτῃ, καὶ διότι εἴ ἔπαθον καὶ διότι προεπιστεύθησαν ἄξιοι εἶναι παρακαταθήκην χάριτος φυλάττειν.

forneceu os aspectos fundamentais das conexões pautadas em um sistema de suporte e tendo a confiança como o seu fio condutor das relações de Agesilau em grande parte da Jônia e da Ásia Menor.

Ao cruzarmos os indícios documentais com a abordagem historiográfica, John Kinloch Anderson (1974, p. 154) reforçou que, enquanto esteve em Éfeso, Agesilau estendeu as suas conexões com os guerreiros que o acompanhavam na linha de frente ao promover concursos para presentear os mais habilidosos em cada especialidade. Anderson fez referência direta à *Helênica* (III, 4.16-17) e, através da mesma, notamos que Agesilau difundiu o seu *carisma* por meio de um conjunto de práticas político-sociais que não se restringiam a elite oligárquica da Jônia e da Pérsia Aquemênida. De forma semelhante, o fato de se comportar — segundo Xenofonte (*Ages.* 1.12) — como um modelo de conduta e honra teria feito com que todos, fossem helenos ou bárbaros, quisessem se aliar a ele. Nesta mesma obra, o autor ainda destaca que Agesilau se aproveitava das circunstâncias para enriquecer os seus amigos (*phíloi*), o que levou muitos a ansiarem pela sua amizade (XEN. *Ages.* 1.17-19).

A postura de Agesilau deve ser vista em contraponto com a sua contenda com Lisandro. Uma vez que o *basileús* perdeu um dos seus maiores suportes políticos estando em território estrangeiro, a busca por conexões numerosas e frágeis poderia assegurar o apoio mínimo necessário para conservar as suas prerrogativas na Ásia. De fato, as conexões erigidas por Agesilau foram grandiosas em número, mas carentes de qualidade. Essa aproximação com guerreiros de menores recursos apenas insuflava a sua *rede-ego*, o que não lhe dava garantias sólidas de benefícios mútuos após a sua retirada para Esparta.

Algumas das poucas exceções foram as conexões de Agesilau com Espitrídates e Otis que, em virtude da preponderância que detinham na Ásia Menor, se constituíram em relações com aparente simetria. Como havíamos exposto, Lisandro foi o responsável pela aproximação entre Agesilau e Espitrídates. O referido persa seria de origem nobre, porém, foi humilhado pelo *sátrapa* Farnábazo e pelo *grande rei*. A documentação afirma que as ações de Lisandro foram essenciais nessa negociação, o que garantiu recursos e guerreiros para os helenos em sua contenda contra o Império Aquemênida (XEN. *Hel.* III, 4.10; PLUT. *Ages.* 8.3). Xenofonte (*Ages.* 3.2-3) esclareceu que Farnábazo negociava o seu casamento com a filha de Artaxerxes II e almejava tomar a filha de Espitrídates como concubina, fazendo o persa se sentir ultrajado. Na *Helênica Oxirrinca* (21.3) — de autoria

anônima —, Espitrídates contribuiu em demasia com a campanha de Agesilau, tendo em vista que passou a atuar como guia dos helenos em suas incursões no território asiático.

A conexão entre Agesilau e Espitrídates se tornou densa por dois aspectos: o primeiro seria a relação de pederastia que o *basileús* lacedemônio estabeleceu — ou tentou estabelecer — com o filho de Espitrídates; e o segundo foi pela conexão que ambos constituíram com o *basileús* Otis<sup>93</sup> da Paflagônia. Não temos dúvidas de que esse vínculo entre Agesilau, Espitrídates e Otis tinha alguma simetria, afinal o persa e o paflagônio pretendiam obter o apoio militar necessário para impedir qualquer ataque de Artaxerxes, enquanto Agesilau também demandava guerreiros que conhecessem a região da Ásia Menor para lidar de maneira adequada contra os sátrapas do *grande rei*.

Um marco interessante nessa conexão política foi Agesilau tentar ampliar o laço entre os dois *bárbaros* através do matrimônio (XEN. *Hel.* IV, 1.4-7). De fato, se o *basileús* lacedemônio conseguisse promover o casamento de Otis com a filha de Espitrídates, o mesmo seria uma espécie de *benfeitor* para ambos, haja vista que estaria garantindo vínculos ainda mais densos para a sua rede sem almejar *nada* em troca. Entretanto, se considerarmos que Farnábazo queria a jovem como sua concubina, o gesto de Agesilau valorizava a figura de Espitrídates e a estirpe de sua família, além de minimizar o ultraje sofrido pelo persa diante do sátrapa de Artaxerxes. Em linhas gerais, Agesilau seria o beneficiário de todo o processo de matrimônio por atuar como o protetor do interesse de homens de bem, sendo eles persas ou não. Nessa ocasião em particular, a influência e o *status* advindos dessas conexões beneficiaria particularmente a Agesilau. Sem contar que, ao beneficiar Espitrídates, o *basileús* lacedemônio estaria promovendo a sua imagem como um aliado de confiança em detrimento de Lisandro.

A relação de *xenia* de Agesilau com o filho de Farnábazo é um caso que merece a nossa atenção. A narrativa que nos levou a essa ocasião lida com a tentativa do lacedemônio em criar conexões políticas com o sátrapa Farnábazo. Xenofonte (*Hel.* IV, 1.29-33) e Plutarco (*Ages.* 12.1) nos esclareceram que Apolófanes de Cízico era um antigo *xénos* do referido persa e, naquele momento, havia estabelecido vínculos de *xenia* com Agesilau. Estabeleidas as condições do encontro, Apolófanes levou Farnábazo para o local indicado para que pudesse discorrer com Agesilau sobre os meios de criarem vínculos

---

<sup>93</sup> Na *Helênica Oxirrinca* (22.1), Otis foi denominado Gyes. Nas palavras de Iain Anthont Bruce (2006, p. 143), o nome Otis deteve variações na sua forma na documentação da Antiguidade, tendo sido grafado na *Helênica* por Xenofonte como Otis, enquanto que no *Agesilau* veio como Cotis. Em Cornélio Nepos (XIV, 2-3) temos Thuys. Essas alterações lidam com as tentativas de se grafar um nome *bárbaro* em caracteres helênicos.

mútuos. Em sua cena enunciativa, Xenofonte (*Hel. IV*, 1.34-38)<sup>94</sup> manifestou a insatisfação de Farnábazo para com Agesilau, afinal o lacedemônio estava realizando incursões em seus domínios. O sátrapa teria argumentado que quando os espartanos eram inimigos dos atenienses, este não mediu esforços em auxiliar os peloponésios. Em resposta Agesilau ressaltou o seu interesse em satisfazer as demandas inerentes à conjuntura em que se encontravam ao invés de agir em função da gratidão. Porém, se Farnábazo abandonasse a causa de Artaxerxes e se aliasse a Agesilau, tudo poderia ser diferente.

Embora Farnábazo tenha se retirado sem estabelecer um acordo formal com Agesilau devido a sua moralidade e lealdade para com Artaxerxes, o filho do sátrapa com Parapita aproveitou a oportunidade e criou uma conexão de *xenia* com Agesilau (XEN. *Hel. IV*, 1.40; PLUT. *Ages.* 13.1-2). Gabriel Herman (1987, p. 46-47) pontuou que na ocasião do encontro entre Farnábazo e Agesilau, o sátrapa mantinha laços de dependência com Artaxerxes e, por isso, não poderia firmar qualquer vínculo formal com o lacedemônio. Por sua vez, Herman sugeriu que Farnábazo tenha organizado toda a conjuntura para que o seu filho estabelecesse conexões políticas com Agesilau<sup>95</sup>. Convergindo os indícios documentais e os apontamentos de Herman levantamos a hipótese de que a conexão de *xenia* entre Agesilau e o filho de Farnábazo permitiu que o lacedemônio edificasse vínculos indiretos com o próprio sátrapa, o que facilitaria a aproximação de ambos, caso fosse necessário.

Por outro lado, consideramos que o gesto do sátrapa e o de Agesilau pretendiam assegurar interesses mútuos, uma vez que Farnábazo teria a garantia da preservação de seus domínios político-geográficos e o *basileús* Euripôntida estaria assegurado de que nenhuma ofensiva partiria desta região da Ásia Menor. Nesse sentido, a conexão informal entre Farnábazo e Agesilau, bem como o vínculo formal de *xenia* entre este último e o filho do sátrapa, foram simétricas ao garantirem que os recursos, os benefícios e as informações circuladas de ambas as partes permanecessem em um aparente equilíbrio.

De acordo com Gabriel Herman (1987, p. 10-11), a *xenia* seria uma *amizade ritualizada* baseada em vínculos de solidariedade mútua que se manifestava pela troca de bens e serviços. Esse tipo de conexão política pressupunha a amizade, a confiança, a

---

<sup>94</sup> Na *Helênica Oxirrinca* (*Hel. Ox.* 21.4) temos outra cena enunciativa acerca desse diálogo.

<sup>95</sup> A documentação literária não chegou a caracterizar a conexão entre Espitrídates e Otis com Agesilau enquanto *xenia*, mas sim uma aliança com finalidades militares. Todavia, o vínculo entre o lacedemônio, o rei dos paflagônios e o persa Espitrídates foi produtivo para todos os envolvidos, haja vista a situação desfavorável em que se encontrariam se estivessem sozinhos diante de Artaxerxes II e os seus sátrapas, permitindo que esta se caracterizasse como uma conexão homofílica.

lealdade, a reciprocidade e o auxílio mútuo entre homens da aristocracia mediterrânea. Contudo, a *xenia* teria a sua fundamentação em um período anterior a *pólis*, em que os interesses individuais dos homens de recursos sobrepunham as necessidades da sociedade. William Mack<sup>96</sup> (2015, p. 70-71) destacou que a relação de *xenia* promovia laços duradouros que incidiam sobre os descendentes dos *xénoi* originais, cabendo-lhes o auxílio em situações de dificuldade. Herman ainda complementa essa perspectiva alegando que os *xénoi* constituíam uma *comunidade política*, onde homens influentes criavam vínculos para além dos limites políades com o objetivo de assegurarem o poder relacional de seu grupo político.

Nos interessa pensar, através das definições de Herman e Mack, que a *xenia* acabava formando uma rede pequena e densa, cuja principal característica seria a confiança, a amizade e a lealdade. Dialogando com Kadushin (2012, 15, 21), afirmamos que a *xenia* também pressupunha a mutualidade entre os nós envolvidos diante dos critérios formais e rituais que levavam ao estabelecimento deste tipo de conexão política. Portanto, a extensão de uma rede formada pela *xenia* era diminuta, porém os compromissos advindos desta conexão eram múltiplos e impactavam de forma efetiva no modo de vida dos seus membros, pois até o sagrado era tomado como garantia deste vínculo. Ainda com Kadushin (2012, p. 33-34), a *xenia* formava conexões entre os nós na *zona de primeira ordem*, mas a sua extensão se dava principalmente na *zona de segunda ordem*. Assim, caso Agesilau viesse a passar dificuldades na Ásia Menor, o jovem persa (*zona de primeira ordem*) e os seus aliados mais próximos (*segunda ordem*) poderiam ajudar o lacedemônio a superá-las.

Considerando o exposto, as conexões estabelecidas por Agesilau na Jônia podem ser definidas como uma rede política informal, nos moldes de uma *rede-ego*. Com o cenário político conturbado em Esparta, haja vista a disputa política pela qual Agesilau perpassou para alcançar o trono, a ampliação de seus vínculos para além de Esparta e da Lacedemônia ajudavam a legitimar o seu *status*, a sua influência e a sua imagem entre os seus partidários espartanos. Por outro lado, ainda que muitas de suas conexões fossem

---

<sup>96</sup> A *xenia* poderia ser empregada com uma finalidade coletiva através da *proxenia*. Esta instituição permitia que um sujeito fosse o *benfeitor* de outra *pólis* junto aos concidadãos de sua pátria. Como via de exemplo, um ateniense poderia ser um *proxenos* de Esparta e sempre que um espartano fosse a Atenas, caberia a esse *proxenos* recebê-lo, hospedá-lo e auxiliá-lo em seus objetivos — uma vez que estes não prejudicassem a sua *pólis*. Essa proximidade permitia que uma *pólis* utilizasse as conexões de *proxenia* de seus cidadãos para obter benefícios em outras sociedades.

informais, estas serviam de *ponte* entre os interesses que o governo espartano tinha em território estrangeiro, em virtude da supremacia que exercia na Ásia Menor.

Embora as conexões de Agesilau com homens poderosos e com os seus guerreiros na Jônia tenham sido fundamentais para reequilibrar o seu poder político entre os partidários de Lisandro, o buraco estrutural formado com a saída do navarco não eram facilmente contornáveis. Afinal, a densidade das conexões de Lisandro poderia facilitar a interação de Agesilau com outros homens poderosos da Jônia. Do mesmo modo, caso Agesilau soubesse lidar com o seu ímpeto, a probabilidade de uma derrota tal como foi em Cnido seria muito menor. De fato, não devemos negar os interesses políticos de Agesilau com outros atores de suas conexões políticas, mas também reconhecemos que a sua conexão com Lisandro tinha um grande potencial no cenário político que se seguia.

Em suma, todo o suporte recebido por Agesilau impactaria positivamente na força militar de Esparta caso houvesse a necessidade. Portanto, esse seria um dos motivos pelos quais a *pólis* espartana não interferiu em qualquer medida tomada pelo *basileús* Euripôntida, tendo em vista que as atitudes de Agesilau poderiam ser concebidas como reflexos das decisões de sua sociedade ou como necessárias para o sucesso das práticas imperialistas da mesma. A distância geográfica também deveria ser considerada em conformidade às prerrogativas militares dos *basileús*, pois não somente estes magistrados tinham a autoridade suprema durante uma expedição, como também o espaço que separava a Esparta da Jônia levou o governo lacedemônio a se abster de qualquer interferência nas ações de Agesilau. Logo, se o resultado fosse “positivo” tanto Esparta, quanto Agesilau e as conexões de sua rede poderiam se beneficiar e, se fosse “negativo” apenas confirmaria para os seus opositores que o oráculo de Apolo e as palavras de Diopites quanto a realeza deficiente estavam corretas.

## **2.6 As conexões políticas de Esparta para além do Peloponeso**

Concomitantemente à expedição de Agesilau, a *pólis* espartana estava edificando conexões políticas e estabelecendo alianças (*symmakhíai*) com Siracusa e com o Egito. A interação entre espartanos e siracusanos vinha ocorrendo já no final da década de 410, quando os atenienses tentaram atacar a Sicília e fracassaram. Com o fim da guerra do Peloponeso, a conexão entre Esparta e Siracusa se reforçou, uma vez que essa precisava de todo o apoio necessário para conseguir enfrentar os anseios expansionistas de Cartago.

Segundo Richard Talbert (1997, p. 144-145) e César Fornis (2016, p. 203), Dionísio *o velho* — tirano de Siracusa — necessitava de um amplo contingente militar para enfrentar as forças cartaginesas, e os segmentos inferiores de Esparta serviram a este propósito. Para o governo espartano, a contribuição com guerreiros oriundos de grupos sociais marginais garantia-lhe a gratidão de Dionísio e ainda poderia diminuir um contingente que, segundo Xenofonte (*Hel.* III, 3.4-11), tentou se amotinar pouco tempo depois da ascensão de Agesilau<sup>97</sup>.

Por volta de 397/396, Esparta firmou uma aliança com Nefereu, o faraó do Egito, que havia se rebelado contra o domínio Aquemênida em 404. Simon Hornblower (2008, p. 66) expôs que a negociação partiu do governo egípcio ao solicitar o auxílio da *pólis* espartana para manter a sua ofensiva diante dos persas. Dialogando com a documentação de Diodoro da Sicília (XIV, 79.7-8), Nefereu retribuiu Esparta com o equipamento de cem trirremes e quinhentas medidas de grãos. Apesar disso, a frota persa já estava em atividade e a ilha de Rodes havia se voltado contra Esparta, sendo esta um ótimo entreposto marítimo. Quando as embarcações egípcias cruzaram Rodes, o navarco das embarcações persas — o ateniense Cônnon — as cercou apreendendo todos os recursos que traziam consigo. César Fornis (2016, p. 203) elucidou que a contribuição de Nefereu — que nunca chegou aos espartanos — poderia ter sido empregada na expedição de Agesilau.

Se ampliarmos as possibilidades apontadas por Hornblower e Fornis, verificaremos que a conexão entre Esparta e o Egito sedimentava a oposição que vinha se desenvolvendo para com Artaxerxes e o Império Aquemênida. Amelie Kuhrt (2007, p. 347) explicitou que as manifestações contrárias à autoridade persa não seria um indício de qualquer desestruturação política, afinal as satrápias da Ásia Menor estavam longe de serem a base das rendas do Império. As afirmações de Kuhrt foram esclarecedores para o nosso posicionamento, pois o fato do reinado de Artaxerxes estar relativamente equilibrado reforçaria a necessidade de conexões entre Esparta e o Egito, os quais eram relativamente diminutos se comparados com a Pérsia.

Devemos lembrar que o auxílio prestado a *Ciro o jovem* em sua tentativa de destronar Artaxerxes II inseriu Esparta em uma dinâmica perigosa, haja vista que a sua hegemonia junto aos helenos era instável e os persas poderiam se fazer excelentes inimigos. Deixar de enfrentar os persas era abandonar toda a propaganda edificada com a guerra do Peloponeso, na qual os espartanos estariam lutando pela liberdade dos helenos.

---

<sup>97</sup> Este evento citado por Xenofonte (*Hel.* III, 3.4-11) foi a Revolta de Cinadon.

Dessa maneira, rivalizar com Artaxerxes na Jônia era manter o posicionamento de defensor da Hélade e obter o apoio de um número significativo de *póleis*, o que acabaria por ampliar a influência de Esparta através das redes políticas que vinha estabelecendo.

Em conformidade à História Cruzada segundo Michael Werner e Bénédicte Zimmermann (2006, p. 31-33), relacionamos as diversas análises históricas acerca de objetos distintos e complementares. Neste caso em particular, a conexão múltipla que Esparta formou com Siracusa reforçou as necessidades econômicas e militares de ambas as sociedades. Por um lado, os espartanos precisavam de recursos para manter a sua supremacia e os siracusanos necessitavam de guerreiros para lutar com Cartago. Diante da diminuição do número de cidadãos espartanos em virtude do empobrecimento, uma massa de pessoas economicamente arruinadas teria se formado no interior de Esparta e se associado aos segmentos sociais marginalizados, como periecos e hilotas. Nesse sentido, enviar essa categoria de homens para Siracusa diminuía as tensões no interior da Lacedemônia.

A conexão entre Esparta e o Egito se tornou ainda mais emblemática quando direcionamos o nosso enfoque para o Império Aquemênida. A grande maioria das análises sobre este período manifesta todos os esforços que lacedemônios e egípcios tiveram para se livrarem de Artaxerxes, gerando a falsa impressão de que o Império Aquemênida estivesse enfraquecido. Sendo assim, interpretamos que toda a energia empregada pela conexão entre Esparta e o Egito se deu pela aflição de se verem como inimigos de uma entidade política, militar e geográfica que as superava exponencialmente. De todo modo, o fato de as sociedades mediterrâneas estarem na periferia do Império Aquemênida foi a eventualidade com a qual egípcios e helenos puderam se utilizar, haja vista que não compensaria investir grandes somas em recursos e riquezas para apaziguar levantes irrisórios diante da magnitude do reino de Artaxerxes II.

Para Agesilau, o ato de confrontar os persas próximos aos seus domínios era uma tarefa arriscada, cujo sucesso consolidaria a sua influência político-militar, bem como da sociedade espartana no Mediterrâneo. Com isso, o apoio do Egito tonificava as incursões de Agesilau por contabilizar como mais um rival de Artaxerxes e ampliar o fluxo de bens e informações entre os envolvidos nessa contenda. Quanto a Siracusa, podemos identificá-la como um *investimento*, afinal os seus esforços seriam necessários caso a situação diante dos exércitos Aquemênidas se tornasse insustentável. Logo, embora essas conexões tenham endossado as redes espartanas — sejam elas no interior ou no exterior do

Peloponeso —, devemos recordar que estes se constituíam como simétricas, tendo em vista que o interesse de uma sociedade não suplantava o das demais. Esparta também parecia ter a consciência de que promover conexões assimétricas com sociedades tão influentes, ou mais, quanto a si mesma poderia acarretar em tensões e conflitos com os quais os lacedemônios não poderiam arcar. Portanto, estrategicamente, a formação de vínculos com Siracusa e o Egito ampliava as possibilidades de Esparta sair vitoriosa de conflitos com a Hélade visando consolidar a sua supremacia.

## **2.7 O retorno de Agesilau, as novas conexões políticas na Hélade e a guerra de Corinto**

A cena enunciativa criada por Xenofonte (*Ages.* 1.35-36) e o *historiador de Oxirrinco* (*Hel. Ox.* 21.1) garantiram uma imensa centralidade nas atitudes de Esparta em domínios do Império Aquemênida. Essa representação é plausível se considerarmos a formação discursiva de ambos os autores e o lugar social que ocupavam nessa dinâmica enquanto helenos. Assim, a derrota de Tissafernes nas proximidades de Sárdis fez com que Agesilau e o seu exército se tornassem uma ameaça aos interesses de Artaxerxes, uma vez que o *basileús* lacedemônio poderia adentrar os domínios Aquemênidas ao leste. Segundo Xenofonte (*Hel.* III, 4.25-26), o *grande rei* dos persas teria enviado Titraustes para tentar minimizar os efeitos da vitória de Agesilau sobre Tissafernes. Por fim, o lacedemônio e Titraustes fizeram um acordo, no qual Agesilau aceitou se retirar de Sárdis ao receber o pagamento de trinta talentos em recursos. Notemos que a documentação literária torna o Império Aquemênida uma força secundária diante dos esforços helênicos. Contudo, consideramos que o desgaste material e humano da Jônia não interessava a Artaxerxes II, que mantinha a região como tributária de seus domínios.

César Fornis (2016, p. 218) pontuou que as incursões de Agesilau haviam adquirido grandes quantidades de riquezas das satrápias da Lídia, da Frígia no Helesponto e da Capadócia. Além do prestígio advindo do botim desses ataques, Agesilau e os espartanos foram considerados uma ameaça para muitos helenos do continente, os quais temiam que os lacedemônios aumentassem o seu jugo sobre eles. Adotando um posicionamento distinto, John Buckler (2003, p. 68) enfatizou que a atitude de Agesilau seria o exemplo da sua completa falta de estratégia e preparo militar. Para Buckler, o *basileús* Euripôntida estava sem recursos para realizar qualquer ato grandioso depois de derrotar Tissafernes,

levando-o a barganhar a sua retirada com Titraustes. O autor finaliza afirmando que Agesilau foi, no máximo, um incômodo aos persas, pois estava longe de ser uma ameaça.

Embora a perspectiva de Buckler seja relativamente radical, concordamos que Agesilau estava coletando um botim expressivo em suas incursões sem que demonstrasse um claro objetivo de dominação do Império Aquemênida. Agesilau recebeu um grande apoio militar da rede política que formou na Jônia, porém estas eram insuficientes para qualquer *aventura* capaz de subjugar Artaxerxes e os seus domínios. Contudo, seguindo a premissa de Fornis, a expedição empreendida por Agesilau se tornou altamente lucrativa para os fundos econômicos de Esparta. Como o governo espartano estava diante de uma nova realidade política junto à Hélade, as riquezas obtidas por Agesilau eram fundamentais para a realização plena desta nova *arkhê*.

Com isso, Agesilau estaria consolidando a imagem de Esparta como a salvadora da Hélade, tendo em vista que o *basileús* penetrou os domínios persas para retirar as riquezas do *grande rei*, além de assegurar a liberdade dos jônios. Esse cenário pode ser identificado como a base para o desenvolvimento da cena enunciativa de Xenofonte no seu *Agesilau*, na qual o *basileús* Euripôntida figura como um herói pan-helênico.

Como Titraustes não conseguiu assegurar a retirada imediata de Agesilau dos domínios Aquemênidas, o sátrapa se viu obrigado a adotar outro tipo de estratégia militar. Quando o persa solicitou que o *basileús* lacedemônio partisse da Jônia após a morte de Tissafernes, Agesilau afirmou que não tinha autoridade suficiente para tomar esse tipo de decisão (XEN. *Hel.* III, 4.25-26). A postura de Agesilau demonstrou que mesmo um dos *basileús* heráclidas dependia do aval de sua *pólis* para tomar as medidas mais significativas no campo de batalha. Sem sombra de dúvidas, a atitude do Euripôntida pretendia atrasar qualquer tipo de retirada, tendo em vista que a devastação e o saque da Ásia Menor garantiam o enriquecimento de seu exército. Todavia, concordamos que Agesilau ainda obedecia aos desígnios espartanos diante dos persas.

Uma vez que todos os procedimentos de Agesilau influenciavam a dinâmica política na Jônia, Titraustes não tardou a tomar decisões mais imediatas para afastar o lacedemônio dos domínios do *grande rei*. Nas palavras de César Fornis (2008, p. 33), “a medida que Esparta consolidava as suas redes [políticas ou militares] em diferentes direções por todo o mundo grego, acabava levando a desestabilização ou a ruptura do equilíbrio de forças [das *pólis* do Continente]”. O cruzamento destas informações demonstrou que Titraustes e os seus aliados já haviam percebido que Esparta obtinha

inimigos na mesma proporção que estabelecia conexões de reciprocidade. Sendo assim, o sátrapa se aproveitou da circunstância e enviou recursos para as *póleis* mais poderosas da Hélade almejando que estas declarassem guerra a Esparta.

Essa atitude foi apoiada pela edificação da frota persa liderada por Cônon e Farnábazo, a qual poderia abrir outra frente de combate para minar o poder e a influência de Esparta no Pequeno Mundo helênico. Charles Kadushin (2012, p. 8, 31) demarcou que uma rede atua como um conduíte de bens e informações. Como as atitudes de Agesilau eram visíveis aos seus aliados e inimigos e a situação de Esparta era do conhecimento dos helenos, não foi difícil para Titraustes adotar essa estratégia. Considerando que muitas *póleis* estavam insatisfeitas com Esparta e precisavam de recursos para organizarem uma ofensiva, o sátrapa apenas se utilizou de bens que tinha em excesso para fomentar conexões informais contra os espartanos.

Diante do que comentamos acima, o discurso de Xenofonte (*Hel.* III, 5.1) criou uma cena enunciativa na qual Agesilau não pretendia se retirar dos territórios jônicos, o que levou Titraustes a tomar a decisão de investir recursos nos inimigos de Esparta. Em sua descrição, o ateniense afirmou que as riquezas enviadas por Titraustes através do ródio Timócrates a Hélade, no valor de cinquenta talentos de prata em ouro, foram recebidas pelos tebanos Androclidas, Ismenias e Galaxidoro; em Corinto, a quantia específica de ouro ficou com Timolau e Poliantes, enquanto que em Argos foi Cilon e os seus seguidores que receberam os recursos. Embora Atenas tenha participado desta interação, Xenofonte (*Hel.* III, 5.2) destacou que a sua *pólis* não partilhou da riqueza persa, mas estavam ansiosos por guerrearem os espartanos na esperança de recuperarem a hegemonia perdida com o fim da guerra do Peloponeso.

O fato de Xenofonte ser ateniense fez com que o mesmo não inserisse a sua *pólis* nesse exercício prático de suborno antiespartano. Christopher Tuplin (1993, p. 61) advertiu que Xenofonte foi cauteloso ao escrever sobre esse episódio, afinal a sua representação de Atenas era a de uma sociedade justa que pretendia enfrentar os espartanos pelos seus próprios motivos. Ampliando as considerações de Tuplin, César Fornis (2008, p. 62) considerou que a emergência de Cônon no cenário militar marítimo tenha encorajado os atenienses a adotarem uma postura ofensiva mais evidente diante de Esparta. A *Helênica Oxirrinca* (7.2) e o geógrafo Pausânias (III, 9.8) anunciaram que Epícrates e Céfalo fizeram com que os atenienses aceitassem os recursos de Timócrates pela ansiedade que detinham de inserirem Atenas em uma guerra contra Esparta.

Como nos advertiu Dominique Maingueneau (1997, p. 34), a cena enunciativa reflete uma parcela da realidade a partir das variáveis nas quais o autor desse discurso se insere. A postura de Xenofonte correspondeu diretamente ao seu lugar social e à formação discursiva em que esteve situado com o fim da guerra do Peloponeso e atuando sob a proteção de Agesilau II. Embora tenha perdido a cidadania ateniense, recordamos que Xenofonte poderia recuperá-la — como de fato o fez — com o passar dos anos. Desse modo, não interessava ao ateniense representar Atenas como uma sociedade que recebeu recursos *indevidos* para enfrentar Esparta. A representação que Xenofonte promoveu de Atenas a colocou em um patamar distinto dos demais inimigos de Esparta, os quais queriam apenas lucros e benefícios com o conflito, enquanto que os atenienses manifestavam motivos justos para participarem da guerra de Corinto.

O ouro de Tiraustes e as inimizades que Esparta angariou com o final da guerra do Peloponeso deram início à chamada guerra de Corinto. Esse enfrentamento tinha como finalidade unir todas as *póleis* contrárias à hegemonia que os espartanos exerciam sobre a Hélade. As sociedades que encabeçavam o chamado *sinédrio de Corinto*<sup>98</sup> eram Tebas, Corinto, Argos e Atenas. Como a coalizão helênica demandava altos investimentos para ser combatida, tornou-se necessário que Agesilau retornasse de sua expedição à Ásia (XEN. *Hel.* IV, 2.1-2; Ages. 1.38; PLUT. *Ages.* 15.4; PAUS. III, 9.12).

Ao cruzarmos os indícios literários, observamos que o retorno de Agesilau de sua expedição teria diversas motivações. Entre elas, Esparta não poderia manter três frentes de combate distintas<sup>99</sup>. Muito embora as operações de Agesilau fossem financiadas pelos seus saques bem-sucedidos, o *basileús* precisava reportar a sua *pólis* as atividades realizadas e, sempre que necessário, esta poderia intervir em suas atitudes. Por outro lado, os recursos advindos das campanhas que Agesilau realizou contra as satrápias jônicas eram indispensáveis para a manutenção de Esparta como *hēgemōn* dos helenos, mas também

---

<sup>98</sup> O termo *sinédrio de Corinto* foi empregado por César Fornis (2008, *passim*) para se referir ao local onde os aliados da coalizão antiespartana se reuniam para delimitar parte de suas atuações conjuntas. Em outra ocasião, Fornis (2016, p. 224) declarou que carecemos de informações para precisar como os membros de aliança atuavam. Ainda assim, essa coalizão parece não ter sido permanente e as suas capacidades não iam além do esforço bélico conjunto composto por *symmakhíai* bilaterais. Contudo, o *sinédrio de Corinto* não poderia ser compreendido como uma liga, uma confederação ou qualquer outra forma de entidade supraestatal.

<sup>99</sup> Como havíamos discorrido no primeiro capítulo, Agesilau entregou o comando da frota peloponésia ao seu cunhado Pisandro, o qual não tinha experiência com a função e nem mesmo com assuntos náuticos, o que acarretou o desastre naval de Cnido. Logo, no momento em que Agesilau iniciou a sua marcha de volta à Hélade, a frota da Confederação do Peloponeso ainda estava em atividade e contava como uma frente de batalha liderada por Esparta no Egeu. As outras duas frentes seriam a própria campanha de Agesilau na Ásia Menor e a guerra de Corinto recém-iniciada.

para assegurar a contratação de mercenários e obtenção do devido armamento para participar da guerra de Corinto.

Em seu elogio a Agesilau, Xenofonte afirmou que os aliados do *basileus* lacedemônio na Jônia decidiram ajudá-lo voluntariamente nesse enfrentamento contra o *sinédrio de Corinto*, como verificamos abaixo:

Por isso, os helenos da Ásia [Menor] lamentaram com a sua partida, pois não o considerava somente o seu líder, mas também o seu pai e companheiro. Por fim, provaram que a sua afeição era sincera. De qualquer forma, muitos foram com ele voluntariamente ajudar a Lacedemônia, mesmo tendo o conhecimento de que seria preciso combater homens que não eram inferiores a eles mesmos (XEN. *Ages.* 1.38)<sup>100</sup>.

Nos dizeres de Paul Cartledge (2001, p. 65), Agesilau teria se utilizado de dois mecanismos básicos para suprir as deficiências políticas dos *basileús* de Esparta, o que acabou impactando na maneira como este se representou publicamente e foi representado por uma parcela significativa dos autores clássicos. Cartledge destacou que o Eurípôntida se posicionava como a *personificação* de todas as virtudes espartanas e por ter estabelecido uma rede política densa através da dependência de muitos homens influentes de toda a Hélade. César Fornis (2016, p. 223) corroborou com Cartledge e destacou que as nomenclaturas expostas por Xenofonte — no trecho acima — eram uma tentativa de atenuar o partidarismo excessivo do *basileús* para com os seus clientes, prática denominada de *philetairía*. Fornis expôs que esses sujeitos foram recorrentemente beneficiados com recursos e defendidos pessoalmente por Agesilau, pois, dessa forma, a dívida de gratidão dos mesmos com o Eurípôntida seria imensurável e ampliaria a assimetria das conexões existentes entre ambos.

Se considerarmos que a guerra de Corinto começou em 395 com a batalha de Haliarto, e que Agesilau foi chamado de volta a Hélade em 394, então temos mais uma razão para a sua convocação pelo governo espartano. Esse enfrentamento foi marcado por uma derrota de Esparta diante dos tebanos, porém muito mais que a batalha foi perdida. Mesmo com o apoio dos guerreiros da Fócida e de Orcômeno, o esparciata Lisandro acabou sendo morto ao atacar as muralhas de Haliarto (XEN. *Hel.* III, 5.17-18; DIOD. XIV, 81.2). O apoio do *basileús* Pausânias acabou atrasando a sua marcha e não pôde

---

<sup>100</sup> No texto grego temos: τοιγαροῦν οἱ ἐν τῇ Ἀσίᾳ Ἕλληνες οὐχ ὡς ἄρχοντος μόνον ἀλλὰ καὶ ὡς πατὴρ καὶ ἑταῖρου ἀπιόντος αὐτοῦ ἐλυποῦντο. καὶ τέλος ἐδήλωσαν ὅτι οὐ πλαστήν τὴν φιλίαν παρείχοντο. ἐθελούσιοι γοῦν αὐτῷ συνεβοήθησαν τῇ Λακεδαιμόνι, καὶ ταῦτα εἰδότες ὅτι οὐ χείροσιν ἑαυτῶν δεήσοι μάχεσθαι.

evitar a morte do esparciata, contudo o Ágida recuperou os corpos dos peloponésios por meio de trégua ao invés de lutar pelos mesmos.

Uma vez que Pausânias já havia sido acusado de favorecer os democratas atenienses em detrimento dos Trinta, a morte de Lisandro pesou para que o *basileús* fosse condenado à morte — ainda que tenha preferido o exílio em Tegeia (XEN. *Hel.* III, 5.22-25; DIOD. XIV, 81.6; PAUS. III, 5.5-7). Scott Rusch (2011, p. 166) enfatizou que Haliarto representou a perda de dois líderes militares importantes para Esparta, o que requeria medidas urgentes diante da aliança antiespartana. Os indícios documentais nos permitem indagar, em conformidade a Rusch, afinal, quem poderia assumir o comando dos exércitos peloponésios diante da nítida oposição que Tebas perpetrava contra Esparta? Portanto, a falta de um comandante militar reconhecido para enfrentar um inimigo poderoso tornou necessário o regresso de Agesilau para a Hélade<sup>101</sup>.

Um elemento curioso foi perceber que a centralidade de Agesilau no interior das redes espartanas apenas aconteceu em virtude das circunstâncias inesperadas, como o exílio de Pausânias e a morte de Lisandro. Caso contrário seria provável que Agesilau permanecesse na Jônia angariando fundos para o governo espartano e não intervisse na dinâmica política de sua *pólis*. Mediante esta conjuntura, o governo espartano poderia tonificar a sua influência e autoridade no Peloponeso e na Hélade central sem ameaçar o seu contingente cada vez mais diminuto de guerreiros.

John Buckler (2003, p. 79) assegurou que Agesilau foi uma das poucas opções de Esparta para lidar com essa situação adversa. Para o autor, os espartanos estavam ameaçados por Corinto e Argos e não poderiam se utilizar dos portos da Acaia para atacar a Beócia em virtude da possível interceptação que a frota coríntia realizaria no Golfo de Corinto. Outro agravante era a falta de recursos, pois a riqueza enviada por Titraustes não chegou a beneficiar os lacedemônios. Buckler complementou destacando que Tebas já havia conseguido o apoio da Calcídia, liderada por Olinto, além de conquistar o apoio de uma parcela da Tessália, o que minimizava a influência de Esparta no norte da Hélade e dificultaria o retorno de Agesilau.

O posicionamento de Buckler é excessivamente crítico em relação a Agesilau e Esparta, entretanto a sua assertiva não deixou de ter fundamento em virtude do desgaste

---

<sup>101</sup> Muito mais que uma simples estratégia defensiva, o chamado de Agesilau parecia a atitude mais sábia a se tomar pelo governo espartano. James T. Hooker (1980, p. 218-219) ainda advertiu que o apoio recebido por Agesilau de seus partidários oriundos de diversas áreas da Ásia Menor foi imprescindível diante da diminuição do número de cidadãos espartanos no decorrer do século V e IV.

que a sociedade espartana vinha sofrendo em seu contingente populacional e militar. Mesmo com toda a dificuldade de marcha, Agesilau parecia ser a única maneira de Esparta resistir as investidas militares do *sinédrio de Corinto*. Verificamos que o governo espartano pouco interviu nas ações que Lisandro e Agesilau promoveram, respectivamente, fora da Lacedemônia pela necessidade de apoio político, econômico e militar que esta sociedade demandava. Embora muitas das conexões firmadas pelo Euripôntida e o seu *erastês* com homens influentes da Hélade primasse pelos seus próprios interesses, o governo de Esparta detinha a consciência da importância que estas teriam em momentos de dificuldade político-militar.

Para além do seu contingente de cidadãos, a posição geográfica de Esparta se constituía como outro problema estratégico, sendo um atributo que os helenos já haviam percebido. O coríntio Timolau expressou essa ideia a partir de uma estratégia militar de invasão da Lacedemônia:

Companheiros, me parece que a atuação dos lacedemônios é idêntica a dos rios. Afinal, em suas fontes os rios não são largos e, por isso, se tornam fáceis de cruzar, porém quanto mais se distanciam recebem a afluência de outros rios, tornando a sua corrente mais impetuosa. Da mesma maneira são os lacedemônios que ao saírem da pátria estão sozinhos, mas ao avançarem e unirem-se a outras *póleis* ficam mais numerosos e difíceis de combater. Novamente, eu vejo que todos aqueles que desejam destruir vespas ao tentarem capturá-las quando estão fora de sua colmeia são severamente feridos, mas, se ateiem fogo em seu enxame quando ainda estão dentro, não sofrem absolutamente nada. Ao considerar estas coisas, eu acredito que a maneira mais adequada seja combatê-los na Lacedemônia e, se isto não for possível, o mais próximo que pudermos desta região (XEN. *Hel.* IV, 2.11-12)<sup>102</sup>.

A exposição do coríntio ressaltou a fragilidade dos espartanos e, em certa medida, a maneira como os seus inimigos pretendiam surpreendê-los. Christopher Tuplin (1993, p. 66) se valeu deste trecho da documentação de Xenofonte para asseverar que o Império espartano se assemelhava a um *gigante de mármore com pés de barro*, o qual dependia demasiadamente do apoio de seus aliados — seja no Peloponeso em particular, seja na Hélade como um todo. Portanto, a capacidade de forjar uma imagem militar que transmitisse temor e respeito diante dos seus aliados e inimigos seria uma forma segura

---

<sup>102</sup> No texto grego: ἀλλ' ἐμοὶ δοκεῖ, ἔφη, ὃ ἄνδρες σύμμαχοι, ὅμοιον εἶναι τὸ τῶν Λακεδαιμονίων πᾶγμα οἴοντες τὸ τῶν ποταμῶν. οἳ τε γὰρ ποταμοὶ πρὸς μὲν ταῖς πηγαῖς οὐ μεγάλοι εἰσὶν ἀλλ' εὐδιάβατοι, ὅσῳ δ' ἂν πορρωτέρῳ γίνωνται, ἐπεμβάλλοντες ἕτεροι ποταμοὶ ἰσχυρότερον αὐτῶν τὸ ῥεῦμα ποιοῦσι, καὶ οἱ Λακεδαιμόνιοι ὡσαύτως, ἐνθεν μὲν ἐξέρχονται, αὐτοὶ μόνον εἰσὶ, προϊόντες δὲ καὶ παραλαμβάνοντες τὰς πόλεις πλείους τε καὶ δυσμαχώτεροι γίνονται. ὁρῶ δ' ἔγωγε, ἔφη, καὶ ὅποσοι σφῆκας ἐξαιρεῖν βούλονται, ἐὰν μὲν ἐκθέοντες τοὺς σφῆκας πειρῶνται θηρᾶν, ὑπὸ πολλῶν τυπτομένους: ἐὰν δ' ἔτι ἐνδον ὄντων τὸ πῦρ προσφέρωσι, πάσχοντας μὲν οὐδέν, χειρουμένους δὲ τοὺς σφῆκας.

para impedir que a estratégia de invasão da Lacedemônia fosse empreendida. Aqui as atitudes de homens como Lisandro e Agesilau foram essenciais por difundirem a *grandeza* de Esparta, tanto em relação aos seus valores quanto as suas práticas no exterior. Isso nos permite afirmar com segurança que a formação de redes políticas por Agesilau visava salvaguardar a vulnerabilidade de Esparta diante da *arkhē* que havia edificado com a derrota de Atenas em 404. Do mesmo modo, reiteramos a perspectiva de Charles Kadushin (2012, p. 26) de que o *status* e a influência exercidas por Esparta diante de suas conexões ajudou a fomentar a ideia de que os espartanos não detinham tantas fraquezas. Isso poderia ser complementado pelas representações inerentes às cenas enunciativas dos autores do século IV, como Xenofonte, cuja audiência poderia acreditar efetivamente na grandeza do poderio espartano expresso em seu discurso.

Enquanto Agesilau marchava em direção à Hélade, a *pólis* de Esparta não pôde evitar um enfrentamento direto com os membros do *sinédrio de Corinto* na batalha de Neméia, realizada em 394. Como o *basileús* Euripôntida estava regressando para o território helênico, e Agesípolis — herdeiro de Pausânias — era muito jovem para assumir o comando das forças da Confederação do Peloponeso, essa foi conduzida por Aristodemo — o guardião do jovem heráclida da dinastia Ágida (XEN. *Hel.* IV, 2.9). Nas palavras de Robert Buck (1994, p. 44), a estratégia fundamental de Esparta seria reunir o contingente de aliados até alcançar a área destinada ao combate. Contudo, Buck ressaltou que havia o interesse aparente de se atingir a base do inimigo. O autor ainda destacou que essa batalha ocorreu após o mês de Junho<sup>103</sup>, afinal, como grande parte dos guerreiros helenos era formada por camponeses, a campanha somente aconteceria depois das colheitas.

Com o início da marcha, a coalizão antiespartana se direcionou para o sul de Corinto, demonstrando o interesse dos membros do *sinédrio* em cumprirem o plano de Timolau e atacar os lacedemônios em seu território. Scott Rusch (2011, p. 168) ainda sugere que esta perspectiva não seria inadequada, entretanto os inimigos de Esparta também poderiam estar interessados em interceptar os aliados espartanos antes que esses se associassem ao contingente de Aristodemos. Vale destacar que o enfrentamento se deu às margens dos rios Rachiani e Neméia, entre as quais os lacedemônios venceram os

---

<sup>103</sup> Seguindo a tabela de agricultura na Ática proposta por Signe Isager e Jens Erik Skydsgaard (1995, p. 25, 162), verificamos que entre os meses de Muniquion e Targelion — do calendário ático — havia o período para a colheita de grãos e esse correspondia ao mês de Maio do calendário gregoriano moderno. Nesse momento teríamos a emergência do aglomerado estelar das Plêiades. Devido à imprecisão documental, os autores sugeriram que esses grãos fossem a cevada ou o trigo.

atenienses e os argólidas para, em seguida, partirem em auxílio dos seus aliados que estavam sendo derrotados pelos tebanos (XEN. *Hel.* IV, 2.14-23).

A documentação literária nos oferece indícios de como os helenos organizaram as suas redes e áreas de influência em conformidade as inúmeras variáveis que os circundava. Nesse sentido reparamos que a maior das preocupações dos helenos era a colheita de suas plantações e evitar que um combate campal fosse iniciado, seja através da interceptação dos inimigos seja pela captura de suas bases antes mesmo do conflito começar. Esse cenário também destaca a singularidade com que as *póleis* combatiam, pois diferentemente dos persas e da sua soma imensurável de riquezas, os helenos efetuavam ações para que os seus gastos humanos e materiais fossem mínimos, o que também expressa a preocupação de se conservar conexões e redes com grandes potenciais para os momentos de maior dificuldade.

Rusch (2011, p. 169) afirmou que a batalha de Neméia serviu para legitimar a preponderância espartana nas batalhas hoplíticas, enquanto que John Buckler (2003, p. 89) preferiu adotar uma postura de neutralidade na qual a vitória de Esparta foi evidente sobre uma parcela dos inimigos, ao mesmo tempo em que os tebanos derrotaram os aliados dos lacedemônios. Para Buckler a incapacidade espartana de destruir por completo o contingente inimigo foi um indício de que essa *pólis* não poderia vencer a guerra facilmente. Já Robert Buck (1994, p. 44-45) preferiu um posicionamento em benefício do *sinédrio* com ênfase à atuação tebana, a qual foi responsável por aniquilar os *sýmmakhoi* de Esparta. Buck ainda expôs que o desempenho de Tebas e dos beócios era algo que merecia a preocupação dos lacedemônios. Diante destes posicionamentos, afirmamos que a resistência de Esparta diante do *sinédrio* serviu para reafirmar, em certa medida, a sua preponderância no cenário militar helênico. Essa *vitória* pode ser considerada um elemento propagandístico ao facilitar que outras *póleis* se associassem aos espartanos ou para gerar temor em seus oponentes. De todo modo, a vitória na batalha de Neméia serviu para evidenciar aos membros do *sinédrio* que atacar a Lacedemônia era um exercício que requeria uma estratégia aprimorada.

Agesilau alcançou a fronteira norte da Beócia em aproximadamente um mês após a batalha de Neméia, em virtude do combate que promoveu com os trácios e os tessálios em sua marcha de volta à Hélade. Entretanto, no dia em que alcançou o território beócio os guerreiros liderados pelo *basileús* lacedemônio presenciaram um eclipse parcial do sol. Isso poderia simbolizar um mal presságio e, em seguida, Agesilau soube que a frota dos

peloponésios comandada pelo seu cunhado Pisandro havia sido destruída pelas embarcações de Farnábazos e Cónon na batalha de Cnido (XEN. *Hel.* IV, 3.10-13; PLUT. *Ages.* 17.2-3).

Segundo Plutarco (*Ages.* 17.1), ao chegar a Beócia o éforo espartano Dífridas foi ao encontro de Agesilau com ordens para que invadisse imediatamente o território inimigo. O autor beócio afirmou que o *basileús* Euripôntida pretendia postergar as suas investidas, porém preferiu não desobedecer aos magistrados de sua *pólis*. Podemos sugerir que o cansaço dos guerreiros em marcha tenha motivado Agesilau a atrasar o ataque, todavia a notícia da derrota dos peloponésios em Cnido acabaria fragilizando a moral dos combatentes<sup>104</sup>. Considerando que as conexões informais se fundamentam em *redes-ego*, Agesilau precisava combater para que os seus aliados se mantivessem conectados, haja vista a carência de recursos humanos que vivenciava o *basileús* e a sua *pólis*.

Ao incitar os seus guerreiros e oferecer os sacrifícios pela *vitória naval* em Cnido, Agesilau avançou com os seus homens obedecendo as ordens de Esparta. Além dos guerreiros que retornaram para a Hélade com Agesilau, o lacedemônio recebeu o apoio de Orcômeno, a qual rivalizava com Tebas a hegemonia da Beócia. Quando o embate estava para ter início, os aliados do *sinédrio*<sup>105</sup> se dirigiram para Coroneia vindo da região do monte Hélicon enquanto que os de Agesilau<sup>106</sup> vieram da região do rio Cefiso (XEN. *Hel.* IV, 3.16; *Ages.* 18.1).

Dois aspectos desses indícios merecem uma análise mais direta, sendo o primeiro deles o apoio recebido por Agesilau ao longo de sua trajetória para a Hélade continental. O discurso de Xenofonte não deixa de enfatizar que a postura do Euripôntida foi fundamental para que o mesmo ampliasse o número de seus aliados. Podemos supor ainda que o sucesso militar obtido pelo *basileús* lacedemônio diante de Tissafernes tenha permitido que os inimigos do sátrapa considerassem o heráclida um aliado primoroso e um investimento político interessante. Do mesmo modo, a postura de Agesilau de enriquecer os seus companheiros permitiu que o mesmo formasse conexões informais com homens influentes

---

<sup>104</sup> Xenofonte e Plutarco expuseram que o *basileús* heráclida optou por mentir para os seus companheiros e aliados para que assim ficassem empolgados com a falsa vitória marítima dos peloponésios e estivessem dispostos a enfrentarem os membros do *sinédrio* (XEN. *Hel.* IV, 3.13; *Ages.* 2.8; PLUT. *Ages.* 17.3).

<sup>105</sup> Xenofonte (*Hel.* IV, 3.15) pontuou que os beócios, os atenienses, os argivos, os coríntios, os eniânicos, os eubeus e os lócios ozólios e opúntios estavam unidos para enfrentarem Agesilau e os seus homens.

<sup>106</sup> O contingente de Agesilau para a batalha de Coronéia se constituía de uma mora e meia de lacedemônios — *neodamōdeis* na sua maioria —, um contingente de aliados estrangeiros comandados pelo esparciata Herípidas e guerreiros das *póleis* da Ásia que se voluntariaram em segui-lo e dos helenos que passaram a acompanhá-lo durante o seu regresso para a Hélade, além de homens de Orcômeno e da Fócida (XEN. *Hel.* IV, 3.15)

da Ásia Menor e das regiões pelas quais o lacedemônio marchou em seu retorno. Logo, a influência e o *status* de Agesilau foram empregados como um atributo singular para promover a sua autoridade diante dos companheiros e clientes em marcha, bem como para legitimar a preponderância de Esparta em sua rede com diversas *póleis*.

O segundo elemento que não podemos deixar de ressaltar é a ampliação do poderio militar dos tebanos no cenário helênico, de tal maneira que as suas conexões pudessem interferir diretamente nos assuntos políticos do norte da Hélade e de regiões mais próximas à Beócia. Essa perspectiva nos permite romper com a tendência da supremacia militar de Esparta junto às sociedades helênicas. A emergência de Tebas como uma potência militar durante a guerra do Peloponeso teria começado a preocupar o governo espartano sendo esse, possivelmente, um dos motivos pelos quais os lacedemônios optaram por não devastar Atenas em 404. Dessa maneira afirmamos que Tebas foi vista como um inimigo a ser combatido com todas as forças militares da Confederação do Peloponeso, caso Esparta almejasse conservar a sua posição político-militar com os helenos.

No que tange à batalha de Coronéia, essa terminou sem um vencedor aparente, afinal, embora Agesilau tenha sobrepujado a ala dos argivos, o seu contingente precisou realizar uma *contramarcha* para evitar que os tebanos saqueassem as bagagens com o botim trazido da Ásia Menor (XEN. *Hel.* IV, 3.18). Ao se deparar com os tebanos, Agesilau teria escolhido um choque frontal resultando em ferimentos graves no *basileús*, o qual foi retirado vivo da formação pelos seus companheiros enquanto os demais continuavam a refrega (XEN. *Hel.* IV, 3.19-20; *Ages.* 2.11; DIOD. XIV, 84.2; PLUT. *Ages.* 18.3, 19.1). Plutarco declarou que quebrar a formação dos tebanos era algo difícil e os lacedemônios preferiram abrir o seu contingente para que esses passassem e se refugiassem no monte Hélicon, possibilitando que os guerreiros de Tebas se sentissem orgulhosos por não terem sido derrotados efetivamente (PLUT. *Ages.* 18.4).

César Fornis (2008, p. 134-135) definiu que ao final da batalha de Coronéia a vitória dos lacedemônios foi inegável, embora não se tenha chegado a uma conclusão efetiva do vencedor. Nesse momento, Agesilau ordenou que fosse erigido um troféu e que os guerreiros marchassem coroados com guirlandas, além de assegurar a passagem dos inimigos que haviam se refugiado no templo de Atena Itônia (XEN. *Hel.* IV, 3.20). O que essa assertiva de Xenofonte nos permite afirmar?

Possivelmente, que Agesilau tinha o pleno conhecimento de que a vitória de seu exército foi duvidosa, logo o mesmo legitimou os seus feitos através do elemento

simbólico que, ao ser interiorizado visualmente, foi identificado como real. Imersos nessa lógica recordamos que o elemento visual serviria de mecanismo para reforçar as conexões espartanas, pois muitos vínculos eram estabelecidos visando à segurança dos envolvidos. Ao expressar a sua capacidade de assegurar o bem-estar e os interesses de suas conexões, Esparta também garantir o seu *status* como um nó central no interior da rede política que haviam construído na Hélade<sup>107</sup>.

Polieno (II, 1.4-5) sugeriu que Agesilau consentiu o deslocamento seguro dos refugiados por não estar interessado em se arriscar contra homens estimulados pelo desespero. As considerações de Polieno são coerentes, pois os tebanos no templo de Atena Itônia estariam dispostos a morrer lutando caso não pudessem partir livremente. Naquele instante havia a possibilidade dos guerreiros de Agesilau não combaterem da melhor maneira possível devido à ameaça de saque do botim, além da ausência de seu comandante pelos ferimentos de batalha. Sendo assim, corroborando com o discurso de Polieno e Plutarco (*Ages.* 19.4), defendemos que o *basileús* lacedemônio conservou o seu poder e a sua influência diante do reconhecimento de sua bravura e Esparta teve a oportunidade de usufruir de recursos abundantes para enfrentar os seus inimigos, haja vista que os persas não estavam mais financiando os peloponésios e sim os membros do *sinédrio de Corinto*.

O fato de Esparta e Agesilau terem sido tomados como os grandes vencedores da batalha de Coronéia foi debatido por diversos autores modernos, os quais se diferenciam daqueles que apresentamos até aqui para tratar dessa temática. Raphael Sealey (1976, p. 391-392) declarou que as vitórias de Esparta em Neméia e Coronéia foram evidentes. No entanto, a maior falha de Agesilau foi não ter promovido uma invasão à Beócia para colocar um fim às ameaças e aos objetivos tebanos na Hélade. Em duas ocasiões Charles Hamilton parece ter concordado com as palavras de Sealey. Na primeira delas, Hamilton (1979, p. 226-227; 1991, p. 108-109) afirmou que Agesilau tinha recebido a ordem para invadir a Beócia, aspecto que não se resumia à batalha de Coronéia. Todavia, os lacedemônios e os tebanos foram incapazes de promoverem um confronto decisivo, embora os guerreiros de Tebas tenham obtido, aparentemente, um melhor resultado. Em

---

<sup>107</sup> Conjeturando através de Scott Rusch (2011, p. 174-175), a batalha de Coronéia foi importante para Esparta diante dos helenos — tanto os do *sinédrio* como os das demais regiões da Hélade — e para Agesilau junto aos seus *phíloi* e *xénoi*. No contexto de Esparta, a sua reputação se manteve firme diante dos inimigos e, no âmbito econômico, Agesilau garantiu recursos para propiciar a supremacia de sua sociedade no interior da Hélade. Imersos nessa ótica, a própria postura de Agesilau ao enfrentar os tebanos diretamente e depois permitir que os refugiados partissem foi uma tentativa de projetar uma representação na qual o *basileús* lacedemônio seria um modelo de conduta políade. Afinal, Agesilau não fugiu do combate — embora tenha sido demasiadamente ferido — e honrou o sagrado por garantir a retirada dos tebanos no templo de Atena.

sua segunda manifestação, o autor ratificou a ideia de que Agesilau queria punir Tebas devido ao seu ódio pessoal e apenas serviu para aumentar a confiança dos membros do *sinédrio* quanto à possibilidade de derrotarem Esparta em uma batalha campal.

Robert Buck (1994, p. 46-47) ressaltou que Agesilau foi incapaz de realizar qualquer gesto grandioso para a sua *pólis* após o início da guerra de Corinto, afinal, durante a sua marcha de volta, o *basileús* Euripôntida não minimizou a influência que Tebas exercia no norte da Hélade. Por sua vez, com a batalha de Coronéia Agesilau teve a oportunidade de invadir a Beócia e impor a autoridade e os interesses de Esparta a uma região na qual grande parte de suas *póles* estavam contrárias aos lacedemônios. Logo, a vitória de Agesilau teria sido meramente simbólica e os seus feitos irrisórios. Paul Cartledge (1987, p. 362-363) pontuou que a batalha de Coronéia foi a maior batalha que Agesilau lutou em território helênico, mas esta acabou não garantindo a supremacia militar que Esparta almejava diante da Hélade.

John Buckler e Hans Beck (2008, p. 69) não criticaram as manobras militares de Agesilau em Coronéia, apenas destacaram a falha do *basileús* por não invadir e dominar a Beócia com o exército que dispunha na ocasião. Em outra publicação, Buckler (2003, p. 93-95) adotou uma postura mais incisiva defendendo que Tebas foi a grande vitoriosa pelos efeitos que proporcionou aos seus aliados com o fim da batalha de Coronéia. Contudo, o autor não deixou de afirmar que Agesilau expôs as fraquezas de Esparta, qualificando as ações militares do *basileús* como motivadas pela raiva e estúpidas em sua essência.

A nossa interpretação destes dois eventos militares descritos pela documentação literária acaba tangenciando grande parte das opiniões historiográficas. A postura de Agesilau ao chegar na fronteira norte da Beócia correspondeu ao esperado de seu *status* à frente de um contingente de guerreiros reunidos para aquela finalidade. Embora o Euripôntida e os seus combatentes estivessem submetidos a variáveis distintas aos seus oponentes — sobretudo no que concerne à marcha e aos embates realizados no trajeto de volta —, a habilidade destes era inegável. Por outro lado, ao considerarmos a guerra e as relações políticas imersas em grandes cenas, Agesilau soube mobilizar os aspectos rituais de sua atuação para assegurar as conexões que havia fomentado, algo que tornava densa a sua rede com os helenos da Ásia. Contudo, a projeção tebana e do *sinédrio* já era significativa diante das perdas de Esparta, uma vez que a proporcionalidade do poder lacedemônio era equiparável a dos seus oponentes.

Nesse caso, Agesilau não invadiu a Beócia após a batalha de Coronéia e assegurou o botim para a sua *pólis*, sendo este um dos objetivos de sua expedição à Ásia Menor. Por outro lado, a incapacidade de submeter os tebanos acabou dando forças aos opositores de Esparta sobre as claras possibilidades de uma vitória contra os lacedemônios. Dessa forma, o *basileús* optou em conduzir para a sua *pólis* os resultados materiais de sua missão à Jônia devido a certeza de que os mesmos seriam suficientes para vencer os seus inimigos, ao invés de se arriscar em uma empreitada cujos resultados eram obscuros.

No mesmo ano da batalha de Coronéia, a frota persa liderada por Farnábazo e Cônnon ampliou a sua autoridade sobre as Cíclades, o que diminuía as áreas de influência espartana no Egeu, além de terem tomado o controle de Cítera (XEN. *Hel.* IV, 8.7). Analisando o discurso de Xenofonte, César Fornis (2016, p. 231) salientou que a presença de Farnábazo e Cônnon em Cítera era um grande perigo a Esparta e uma manifestação evidente de insatisfação helênica, uma vez que essa ilha detinha grande importância estratégica ao se encontrar a dez quilômetros a sudeste da Lacedemônia. A ilha de Cítera se tornou um ótimo mecanismo para reter as embarcações líbias e egípcias que iriam para o Peloponeso.

De Cítera a frota persa se direcionou ao Istmo de Corinto onde pôde incentivar a guerra contra Esparta, concedendo recursos para renovarem as investidas à Confederação do Peloponeso e garantindo que os membros do *sinédrio* ficassem leais a Artaxerxes II. Em seguida, no ano de 393, Farnábazo e Cônnon foram para Atenas e ali restabeleceram as fortificações dessa *pólis* (XEN. *Hel.* IV, 4.7-10; DIOD. XIV, 84.4-5). Paul Cartledge declarou que Cônnon aproveitou a proximidade do Istmo de Corinto com Atenas para zarpar até o Pireu e garantir a reconstrução das grandes muralhas desta *pólis*. Cartledge (1987, p. 362-363) ainda argumentou que a incapacidade de Esparta em reverter a situação proposta por Cônnon e Farnábazo comprovava a sua aparente impotência diante dos seus inimigos.

Grande parte das conexões firmadas pelos Aquemênidas na Hélade continental e nas Cíclades eram informais, embora as pretensões de Artaxerxes fossem assegurar a tributação da Jônia. Ainda assim, o elemento estratégico empregado por Farnábazo e Cônnon reforça a lógica de que Esparta carecia de inúmeros recursos para assegurar a sua supremacia entre os helenos. Por outro lado, os investimentos que o Império Aquemênida promoveu na guerra de Corinto eram altamente desgastantes para os helenos que, a médio prazo, seriam incapazes de resistirem a sua influência na Ásia Menor. Mediante o exposto, afirmamos que para Artaxerxes não importava qual das *póleis* seria hegemônica no

Pequeno Mundo helênico, desde que os seus interesses particulares fossem realizados e as revoltas em seus domínios fossem suplantadas.

Após as batalhas de Neméia e Coronéia, Esparta e os membros do *sinédrio* já não estavam realizando grandes empreendimentos militares, mas apenas pequenas escaramuças para assegurar as posições defensivas que haviam conquistado — os espartanos em Sícion e os seus inimigos ao redor de Corinto (XEN. *Hel.* IV, 4.14; DIOD. XIV, 86.1). Como os enfrentamentos estavam acontecendo em território coríntio, somente os habitantes desta *pólis* estavam tendo prejuízos, sobretudo os homens de recursos. Essa insatisfação da aristocracia coríntia passou a preocupar os beócios, os argivos, os atenienses e uma parcela dos demais coríntios, o que não tardou para iniciar uma *stásis* na região em 392. Os habitantes de Corinto adeptos de Esparta foram massacrados durante as Eucléias, festividade em honra a Ártemis Eucléia<sup>108</sup>.

A *Helênica Oxirrinca* (7.2-3) demonstrou que os coríntios apoiadores de Tebas e Argos eram oligarcas vinculados a Epícrates e Céfalo, os quais nutriam o desejo de uma mudança política em sua *pólis*. Xenofonte (*Hel.* IV, 4.6) afirmou que essa disposição levou a união de Argos e Corinto. Segundo César Fornis (2016, p. 233), Corinto estava indisposta com Esparta em decorrência dos resultados da guerra do Peloponeso, porém, não queria uma transformação nos valores de sua sociedade. Os homens que almejavam mudanças em Corinto eram uma minoria e, por isso, se aliaram a Argos. Com o massacre das Eucléias, os exilados de Corinto solicitaram o auxílio de Esparta e foram atendidos pela *pólis* lacedemônia em 392 (XEN. *Hel.* IV, 5.1; PLUT. *Ages.* 21.1).

Realizados alguns enfrentamentos liderados pelo polemenco lacedemônio Praxitas, os membros do *sinédrio* viram a sua autoridade no Istmo de Corinto ameaçada e o risco de uma invasão à Ática e à Beócia. Contudo, antes que pudessem tomar medidas mais contundentes, Agesilau foi enviado em uma expedição junto ao seu meio-irmão Teleutias, na qual capturaram as grandes muralhas de Corinto e o porto de Lequeio. Xenofonte afirmou que a investida conjunta de Agesilau e Teleutias permitiu que os coríntios exilados realizassem os Jogos Ístmicos no lugar dos argivos — os quais vinham controlando a celebração (XEN. *Hel.* IV, 5.2; *Ages.* 2.17-18). Verificamos que a postura de Agesilau diante dos exilados de Corinto fez com que o *basileús* ampliasse a sua influência através das conexões políticas que estabeleceu com os mesmos, e que não seria equivocado afirmarmos que essas se constituíram em conexões políticas. Do mesmo modo, a falta de

---

<sup>108</sup> Ver Fornis (2016, p. 232-233) e Pascual-González (2017, edição Kindle, posição 1160).

densidade entre as conexões entre os membros do *sinédrio* tornava os vínculos de seus membros frágeis, o que poderia favorecer as redes espartanas. Nesse sentido, as conexões políticas de Agesilau refletiam uma parcela dos interesses de Esparta, em que a possibilidade de tecer conexões com revoltosos do *sinédrio de Corinto* assegurava o benefício por meio da *fratura* existente junto aos helenos contrários a *pólis* espartana.

Concomitantemente a esse período (ano de 392), o governo lacedemônio enviou o esparciata Antálcidas com uma embaixada até o sátrapa Tiribazo para que juntos pudessem firmar uma aliança com Artaxerxes II (XEN. *Hel.* IV, 8.12-15). Embora esta embaixada não tenha obtido os resultados esperados, esta já manifestava os interesses espartanos por uma trégua ou mesmo finalizar a realidade de guerras que assolava a Hélade e fazia com que a sua *pólis* extenuasse as suas finanças. A realidade político-econômica de Esparta e dos nós de suas redes já evidenciava os desgastes dos envolvidos na guerra de Corinto. Portanto, o governo espartano foi levado a repensar as suas atitudes diante da deterioração da sua influência nas Cíclades e na Ásia Menor, em virtude da oposição que Artaxerxes II passou a promover contra a Confederação do Peloponeso.

Nesse cenário, Tiribazo se comprometeu a ceder recursos aos espartanos, prendeu Cônon afirmando que esse ofendia os interesses persas e partiu para o encontro do *grande rei* para tentar estabelecer a paz com os helenos. Enquanto Tiribazo estava junto a Artaxerxes, esse enviou Estrutas para manter o equilíbrio da Jônia, contudo o sátrapa enviado pelo *basileús* Aquemênida era partidário dos atenienses — o que reavivou o conflito na Hélade (XEN. *Hel.* IV, 8.17-18). Nos dizeres de John Buckler e Hans Beck (2008, p. 71), a manutenção da guerra de Corinto era interessante para os persas por enfraquecer os helenos e garantir que esses lutassem pela liberdade da Jônia ou interferissem nas atitudes de satrápias revoltosas.

Entre 389 e 388<sup>109</sup>, Agesilau interviu na Acarnânia para preservar a influência de Esparta sobre o norte do Peloponeso em uma posição dominada pelos interesses de Corinto e Argos, além de fazer com que os lacedemônios atuassem no Golfo de Corinto (XEN. *Hel.* IV, 6.1-14). As ações de Agesilau na Acarnânia expandiram as redes políticas de Esparta no Peloponeso diante das possíveis ameaças dos membros do *sinédrio*. Contudo, a imposição do *basileús* aos acarnânios poderia manifestar a insatisfação que muitos helenos

---

<sup>109</sup> Ainda em 388, o *basileús* da dinastia Ágida, Agesípolis, foi designado para comandar um contingente contra Argos visando minimizar a oposição aos lacedemônios nas fronteiras de sua região. Com essa mobilização, Agesípolis causou prejuízos a Argos e fez com que esta não interferisse nos negócios espartanos no Peloponeso (XEN. *Hel.* IV, 7.2-7).

estariam nutrindo com Esparta. Com isso, afirmamos que a edificação de redes políticas também estabeleceu oposições diametralmente proporcionais as conexões espartanas. O esgotamento de recursos e a fragilidade de seu *status* diante dos nós de suas redes fez com que Esparta buscasse vínculos mais efetivos, embora de pouca densidade, com o Império Aquemênida.

Por outro lado, as conexões espartanas se mostraram relativas em conformidade às circunstâncias, pois não somente correspondeu aos seus compromissos com *Ciro o jovem* como também reiterou os seus esforços com a sua imagem de *libertadora da Hélade*. Portanto, quando essas variáveis se mostraram inadequadas aos seus interesses, não tardou aos espartanos reverem a sua postura no Pequeno Mundo que era a Hélade. Nesse cenário, as mudanças da conjuntura política helênica fizeram com que os autores clássicos produzissem um discurso dotado de uma cena enunciativa que caracterizasse os esforços de Esparta e dos demais helenos de acordo com o lugar social que ocupavam diante desses nós centrais nas redes políticas que se formavam ao redor do Mediterrâneo.

## 2.8 Considerações Parciais

Com o fim da Guerra do Peloponeso, Esparta havia se tornado a grande potência militar entre os helenos, embora muitas tenham sido as cidades insatisfeitas com a sua liderança. De imediato, as conexões políticas de Lisandro com *Ciro* e os aristocratas da Jônia e das Cíclades engendrou uma *rede-ego* ampla que realçou o *status* e a influência de Esparta no Egeu e na Hélade. Todavia, essa aliança se constituiu em um risco para Esparta, uma vez que o fracasso de *Ciro* em sua tentativa de tomar o trono Aquemênida acabou fazendo ruir a conexão entre lacedemônios e persas.

Nesse contexto, inaugurou-se uma nova realidade entre as *póleis*, tendo em vista que não somente os helenos estavam insatisfeitos com Esparta, mas também o *grande rei* e parte de seus súditos. Portanto, para conseguir equilibrar a autoridade no Egeu e em suas imediações, o governo espartano acabou tonificando a sua rede política com *Dionísio I* de Siracusa. Em seguida, *Agésilau* foi enviado a Jônia com o intuito de angariar o apoio dos aristocratas da Ásia Menor com a propaganda política de liberdade dos helenos diante dos persas. Se essa expedição fosse um sucesso, *Agésilau* teria conseguido diminuir as áreas de influência persa no Egeu, obtido recursos para assegurar a supremacia (*arkhḗ*) de Esparta

junto à Hélade e preservado o apoio de aristocratas jônios que foram entregues aos domínios persas com a vitória espartana na guerra do Peloponeso.

A campanha de Agesilau na Ásia Menor serviu para promover a imagem espartana de grande libertadora da Hélade, bem como permitiu que o *basileús* difundisse as suas conexões assimétricas com os seus comandantes e os aristocratas jônios e persas. Concomitantemente, Agesilau conquistou um botim abundante para prevenir qualquer investida contra a sua *pólis* e passou a infligir *danos significativos* nos domínios jônicos de Artaxerxes, fazendo o *grande rei* financiar o início da guerra de Corinto. Essa ameaça à sociedade espartana teria como um dos seus objetivos fundamentais afastar Agesilau da Ásia Menor por meio de investidas ao território lacedemônio e manter os tributários persas sob controle. A guerra de Corinto pode ser compreendida como um marco da desestruturação dos recursos políades, os quais ficaram demasiadamente debilitados pela guerra do Peloponeso. A objeção que Tebas e Corinto desenvolveu por Esparta acabou se difundindo para Argos e Atenas que, apoiados por outras *póleis* menores, iniciaram os embates em Haliarto.

Até a chegada do Euripôntida vindo da Ásia, os espartanos e os seus aliados da Confederação do Peloponeso tiveram de combater em Neméia. Nesse mesmo ano (394), Agesilau regressou à Hélade por vias terrestres, aspecto que demonstrou a fragilidade da frota peloponésia diante da poderosa armada persa liderada por Farnábazo e Cônnon. Embora inconclusiva, a batalha de Coronéia legitimou a preponderância espartana junto aos helenos e reforçou grande parte de suas redes políticas já existentes. De maneira quase sincrônica, Tebas fortaleceu as suas conexões com as sociedades ao norte da Hélade e Atenas passou a direcionar os seus interesses às atividades marítimas em virtude da presença de Cônnon nas embarcações persas.

O desgaste socioeconômico das *póleis* e das suas conexões políticas fez Esparta manifestar o interesse, em 392, de uma paz com o Império Aquemênida, o qual parecia pouco interessado com a mesma devido à força de sua frota e por estar enfraquecendo os helenos em seus próprios domínios. As investidas de Esparta em Corinto e Argos, bem como a detenção de Cônnon por Tiribazo, permitiu que o governo espartano reavivasse o seu *status* e a sua influência com os helenos, os quais passaram a defender a ideia de uma trégua para renovar os seus recursos e poderem manter as suas necessidades políades.

Todo esse cenário não somente ampliou as conexões políticas de Esparta como também as de Agesilau, que elaboraram redes informais e lucrativas com aristocratas e

oligarcas de inúmeras *póleis*. Ainda que muitos estivessem insatisfeitos com os lacedemônios, o cenário geopolítico do Egeu fazia com que esses ignorassem os seus ressentimentos para que houvesse um momento de paz. Portanto, em 386, após toda a conjuntura exposta e as conexões de Esparta com homens poderosos do Império Aquemênidas, temos o início da Paz de Antálcidas ou Paz do Rei — a qual será analisada no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III — A PAZ DE ANTÁLCIDAS E O ABUSO DE PODER ESPARTANO

O nosso objetivo neste capítulo será analisar as circunstâncias que levaram à Paz de Antálcidas, enfatizando o desgaste de Esparta e os interesses do Império Aquemênida com o estabelecimento de uma paz comum entre os helenos. Desta forma, discorreremos sobre a postura espartana diante de seus aliados e inimigos na Hélade, se utilizando da sua posição como defensora da paz para impor os seus interesses entre os helenos. Essa situação acabou fomentando gradativamente a insatisfação e a resistência à supremacia de Esparta no Pequeno Mundo helênico. Outro ponto será discutir a representação de Agesilau e outros comandantes lacedemônios no interior da cena enunciativa dos autores clássicos, o que nos permitiu analisar a influência da formação discursiva em que foram formados, as determinações de seu lugar social e as intenções inerentes a sua enunciação. Para o desenvolvimento deste capítulo analisaremos, sobretudo, a *Helênica*, o *Agesilau* e a *Constituição dos Lacedemônios* de Xenofonte e a obra de Diodoro da Sicília, a *Biblioteca de História*, muito embora outros indícios documentais também tenham sido mobilizados em menor escala.

### 3.1 Antecedentes à Paz de Antálcidas

Embora a Paz de Antálcidas tenha se constituído em um acordo emblemático de paz, devemos entender a maneira como esta foi estabelecida para daí abordarmos os seus efeitos imediatos nas redes políticas de Esparta e de Agesilau II. Para tanto, nos cabe considerar que o poder se fundamenta nas conexões estabelecidas entre entidades e atores políticos. Estas permitem que o poder se conserve e se desdobre em redes políticas de ampla densidade e/ou extensão. Desta maneira, ressaltamos que o poder é relacional e devemos considerar as interações helênicas para entendermos grande parte das motivações dos atores sociais aqui mobilizados.

Como demonstramos no capítulo anterior, Artaxerxes II estava disposto a empregar todos os seus recursos para enfraquecer a hegemonia político-militar que Esparta havia estabelecido nas Cíclades e no Egeu. Para isso, o *grande rei* financiou a guerra de Corinto e construiu uma frota de amplas proporções na Fenícia. O escolhido para comandar a frota persa foi Farnábazo, o qual nomeou o ateniense Cônnon como o seu almirante (XEN. *Hel.*

III, 2.1, 4.1; DIOD. XIV, 39.1-4). Uma vez que a guerra de Corinto poderia abalar a dinâmica terrestre de Esparta no Peloponeso e no continente, Farnábazo e Cónon atuaram para que os lacedemônios fossem prejudicados em seus empreendimentos político-econômicos em vias marítimas.

Para realizarem a vontade do *grande rei*, o *sátrapa* e o ateniense chegaram a fornecer apoio ao *sinédrio de Corinto* e partiram para Atenas após reforçarem a necessidade de subtrair a influência de Esparta sobre o Peloponeso e a Hélade (XEN. *Hel.* IV, 8.7-9; DIOD. XIV, 85.2-3; NEP. IX, 4.1-5). Através do discurso literário identificamos que a percepção político-militar das dinâmicas interpolíades na Hélade eram de pleno conhecimento de Artaxerxes e Farnábazo. Isso se manifesta na capacidade que ambos tiveram de agir de maneira pontual contra o inimigo que haviam angariado. O caso de Farnábazo é ainda mais evidente pelo fato de ter contratado Cónon como seu almirante, haja vista a sua experiência para o cargo e os embates que liderou contra os peloponésios durante a guerra do Peloponeso.

Contudo, destacamos que para o Império Aquemênida o desgaste dos helenos representava o aumento das possibilidades de intervenção direta no Egeu. Para Artaxerxes II e os seus *sátrapas*, as sociedades mediterrânicas estavam situadas na periferia de seus domínios. Portanto, manter essas regiões sob controle era uma garantia de tributações — no caso das sociedades submetidas — ou de recursos humanos para ampliar o número de seus combatentes. Isso porque o desgaste material da Hélade no decorrer do século V fez com que muitos helenos encontrassem no mercenarismo o seu sustento e modo de vida. Dessa maneira, afirmamos que o Império Aquemênida se utilizou das tensões oriundas das conexões helênicas para impedir que algum de seus nós se destacasse, tal como foi com Esparta, afinal, esse desgaste das *póleis* interessava à estratégia político-militar de Artaxerxes.

Diante desta situação, os persas se tornaram um elo fundamental nas conexões helênicas em virtude da crise em que se encontravam, sobretudo por atuarem como investidores e financiadores das *póleis* para assegurar os seus interesses no Mediterrâneo. Ao adaptarmos o arcabouço teórico de Charles Kadushin (2012, p. 57), o Império Aquemênida atuava como um intermediário (*broker*) nas redes helênicas, em virtude do seu papel como mediador e manipulador de recursos e informações, os quais são fornecidas visando *lucros* políticos, sociais, econômicos e/ou militares.

Cônon foi um instrumento fundamental para a atuação dos persas, conseguindo apoio financeiro para Atenas para retribuir aos lacedemônios a derrota sofrida em Egospótamo e fomentando a política antiespartana de Artaxerxes em território ático. A documentação citada anteriormente — produzidas por Xenofonte, Diodoro e Cornélio Nepos — narrou como os recursos persas foram empregados por Cônon na reconstrução das muralhas de Atenas, demolidas por Lisandro como um sinal da rendição ateniense. Com isso, a vivência de Cônon diante da política e da economia ateniense atrelada a sua experiência marítima e aos anos na guerra do Peloponeso, permitiram que este tomasse atitudes que assegurassem o fortalecimento de sua *pólis* sem angariar o desafeto de Artaxerxes. Afinal, o comandante ateniense era conhecedor da fragilidade do poder marítimo espartano em sua tentativa de manter a influência de sua *arkhé* sobre os helenos.

Nesse momento, a documentação começou a edificar uma cena enunciativa (MAINGUENEAU, 1997, p. 62-64) na qual os excessos políticos de Esparta estavam sofrendo a retaliação de uma parcela dos helenos e do Império Aquemênida. Assim, os persas são tomados como oportunistas pelo uso de recursos e informações voltadas para o desmantelamento da supremacia espartana, enquanto que os helenos contrários a Esparta — com ênfase aos atenienses — são considerados justos por lutarem pela sua liberdade. Logo, se torna quase evidente uma parcela das motivações desses autores, os quais demarcaram a impunidade de Esparta diante da Hélade e a reação ateniense como sinônimo da natureza de seus cidadãos, os quais não aceitariam viver sob o jugo de nenhuma sociedade.

Nesse cenário, Esparta e a Confederação do Peloponeso já não podiam arcar com os gastos provenientes dos enfrentamentos na guerra de Corinto associados ao sucesso de Cônon e Farnábazo no Egeu. Para tanto, Esparta enviou o esparciata Antálcidas à Ásia Menor para discorrer sobre as possibilidades de uma trégua a este novo ciclo de contendas interpolíades. Xenofonte destacou que todas as medidas tomadas por Cônon pretendiam beneficiar Atenas.

Ao ouvirem que Cónon voltou a levantar as muralhas dos atenienses e mantinham a frota com o recurso [moedas] que este forneceu e ganhava o controle das ilhas e das cidades marítimas do continente para Atenas, os lacedemônios pensaram que se informassem Tiríbazo, o estrategista do rei, sobre isso o atrairia e este deixaria de manter a frota dos atenienses. Pensando assim,

enviaram Antálcidas diante de Tiríbazos com ordens de se informar e tentar conseguir do rei a paz para a cidade (XEN. *Hel.* IV, 8.12)<sup>110</sup>.

Cornélio Nepos (IX, 5.1-4) complementou afirmando que o bom desempenho da frota persa acabou ampliando a influência marítima ateniense. Isso levou à captura de Cónon pelo sátrapa Tiríbazos<sup>111</sup>. O fato de os persas atuarem como intermediários (*brokers*) dos interesses helênicos tinha a finalidade de assegurar os seus próprios interesses políticos, de tal maneira que pudessem manter as conexões e as redes helênicas sob controle. Desse modo, a prisão de Cónon seria justificável, uma vez que o ateniense tentou ludibriar o Império Aquemênida para que os recursos persas fossem empregados a favor de Atenas.

No que concerne a Antálcidas, verificamos que a sua conexão com os persas foi arquitetada pelo governo espartano ao saber que poderia se beneficiar com a conjuntura política que se apresentava, ou seja, a tensão de Cónon com os sátrapas da Ásia Menor. A escolha de Cónon como almirante deveria servir unicamente aos interesses de Artaxerxes e não aos de Atenas. Portanto, a constante interação dos helenos fez com que Esparta conhecesse a movimentação de Cónon, cujo intuito era fortalecer de forma gradativa a autoridade ateniense no Egeu. Tendo em vista que o Império Aquemênida estava insatisfeito com o apoio de Esparta ao empreendimento de Ciro *o jovem*, o governo lacedemônio tentou afastar de si a marca de sua traição ao denunciar as atitudes de Cónon e a fortificação ateniense.

Xenofonte (*Hel.* IV, 8.15) evidencia que Tiríbazos era de inclinação filolacônica e não se agradava com as ações de Cónon. Dessa forma, sugerimos que a presença de Antálcidas junto ao sátrapa Tiríbazos tenha estimulado a prisão de Cónon, uma vez que esse poderia desequilibrar a relação de poder entre helenos e persas. De todo modo, a reunião entre Antálcidas e Tiríbazos, na presença de embaixadores de outras *póleis*<sup>112</sup>, não obteve o sucesso esperado por Esparta<sup>113</sup>. Em virtude dessa situação, Artaxerxes substituiu Tiríbazos

---

<sup>110</sup> No texto em grego temos: οἱ δὲ Λακεδαιμόνιοι ἀκούοντες ὅτι Κόνων καὶ τὸ τεῖχος τοῖς Ἀθηναίοις ἐκ τῶν βασιλέως χρημάτων ἀνορθοῖη καὶ τὸ ναυτικὸν ἀπὸ τῶν ἐκείνου τρέφων τάς τε νήσους καὶ τὰς ἐν τῇ ἡπείρῳ παρὰ θάλατταν πόλεις Ἀθηναίοις εὐτρεπέζοι, ἐνόμισαν, εἰ ταῦτα διδάσκοιεν Τηρίβαζον βασιλέως ὄντα στρατηγόν, ἢ καὶ ἀποστῆσαι ἂν πρὸς ἑαυτοὺς τὸν Τηρίβαζον ἢ παῦσαι γ' ἂν τὸ Κόνωνος ναυτικὸν τρέφοντα. γνόντες δὲ οὕτω, πέμπουσιν Ἀνταλκίδαν πρὸς τὸν Τηρίβαζον, προστάξαντες αὐτῷ ταῦτα διδάσκειν καὶ πειρᾶσθαι εἰρήνην τῇ πόλει ποιῆσθαι πρὸς βασιλέα.

<sup>111</sup> Diodoro da Sicília (XIV, 85) já havia exposto uma perspectiva semelhante a Nepos, porém com uma ênfase exacerbada na percepção de Tiríbazos sobre os planos de Cónon.

<sup>112</sup> Essa teria ocorrido no inverno de 393 e o início de 392.

<sup>113</sup> Entre 392 e 391, os helenos tentaram reorganizar uma trégua, agora sediada em Esparta. Robert Buck (1994, p. 52) nos esclareceu que os embaixadores atenienses estavam inclinados à realização da paz, porém

por Estrutas na satrápia da Ásia Menor, haja vista que este mantinha uma inclinação filo-ateniense junto à dinâmica política do Egeu e na Jônia. Esse posicionamento nos leva a desenvolver, ao menos, duas interpretações. A primeira destaca que as redes políticas de Esparta eram mais perigosas aos interesses de Artaxerxes do que as de Atenas, havendo a necessidade do seu enfraquecimento antes que um tratado de paz fosse estabelecido. Enquanto que a segunda manifestaria a tentativa do Império Aquemênida em punir os espartanos pelo auxílio prestado a Ciro, logo diante de todo o investimento persa nas atividades marítimas helênicas. Assim, Artaxerxes tinha conhecimento dos limites do poder marítimo ateniense e preferiu se preocupar com a influência espartana na Hélade.

De todo modo, a política de Cônio permitiu que Atenas se reestruturasse como *pólis*, algo que não estava nos planos de Farnábazo e de Artaxerxes. César Fornis (2008, p. 291-292) afirmou que o apoio que Cônio obteve dos persas passou a ameaçar os interesses e pretensões de Artaxerxes para com as satrápias do Ocidente. Para Fornis, a conexão de Cônio com atenienses influentes, como foi o caso de Trasíbulo, assegurou impostos e taxaões na região do Helesponto, a qual era tributária do Império Aquemênida. Ainda assim, afirmamos que o *grande rei* precisou ponderar sobre qual das conexões deveria nutrir para manter os seus interesses ativos na Hélade. Afinal, a política ateniense poderia prejudicar a supremacia persa no Egeu e Esparta representava o ressentimento oriundo do apoio prestado a Ciro.

Considerando alguns pressupostos básicos da Teoria de Redes, a edificação de relações políticas voltadas à reciprocidade também acaba fomentando relações de tensão entre os envolvidos. Como via de exemplo, a reciprocidade de Cônio com Atenas, em detrimento da política intervencionista Aquemênida que o financiava, levaria ao choque de interesses e pretensões das sociedades e dos atores sociais envolvidos nesta dinâmica inter-regional. Isso porque as atitudes de Cônio e de atenienses influentes objetivavam pelo fortalecimento de Atenas no cenário geopolítico helênico. Entretanto, para Atenas a hegemonia marítima que os Aquemênidas e os espartanos poderiam exercer no Egeu era algo que deveria ser combatido para que a democracia recuperasse o poder de outrora.

Diante dessa conjuntura, Cônio e Trasíbulo obtiveram condições relevantes para que Atenas se aliasse ao Chipre e ao Egito. Stephen Ruzicka (1997, p. 114-115) declarou

---

estes foram rechaçados pela Assembleia de Atenas e exilados — dentre os quais estava o orador Andócides. Os beócios, liderados por Tebas, também pareciam dispostos a aceitarem a paz, contudo, Argos e Corinto se opuseram às determinações para a trégua. César Fornis (2016, p. 238) corroborou com grande parte dos apontamentos de Buck, mas destacou que os coríntios adeptos da política Argólida não eram democratas e não poderiam aceitar o seu distanciamento de Argos para não se verem privados do poder político.

que a proximidade de Euágoras do Chipre e Cônnon era preocupante para as satrápias do Ocidente, uma vez que, em 391, Evágoras se uniu ao Egito contra o *grande rei* tendo o apoio de Atenas. Conjeturamos a proposta de Ruzicka com a de Fornis ao demarcarmos que o posicionamento de Cônnon, Trasíbulo, Evágoras e do Egito — governado por Acoris — preocupava a segurança político-administrativa do Império Aquemênida na década de 380.

A documentação indica que os comandantes atenienses tinham a percepção da necessidade de se firmar conexões políticas densas no Egeu para que recuperassem a supremacia marítima que Atenas deteve outrora. A criação, ou o reforço, de vínculos com sociedades poderosas e dispostas a combaterem Artaxerxes II foi importante para a recuperação do poder ateniense. A estratégia adotada por Cônnon era obter recursos para que Atenas irrompesse no cenário político-militar da Hélade. Nesse caso, o ateniense obteve o apoio de Farnábazo, cuja atuação na guerra de Corinto reabilitou Cônnon diante da dinâmica de poder ateniense. Após a batalha de Cnido (394), a política de manutenção da soberania persa no Egeu — sob a liderança de Cônnon — contribuiu para que houvesse a aproximação com Trasíbulo. Juntos estes atenienses arquitetaram a emergência de Atenas nas redes que integravam a política da Hélade.

Cônnon erigiu uma imagem pessoal efetiva diante do Império Aquemênida através da guerra de Corinto e do objetivo de combater Esparta. Como Artaxerxes estava interessado em conter a oposição ao seu governo entre as satrápias e privar Esparta da sua supremacia sobre os helenos, Cônnon promoveu a ideia de que a sua conduta era um exercício de lealdade aos persas em sua *ânsia* de abater os interesses lacedemônios na Hélade.

O fato de Cônnon e Trasíbulo quererem formar novas conexões e criar uma rede nos moldes de uma confederação marítima dotada de aliados tributários acabou evidenciando os seus planos, os quais foram percebidos por Tiribazo. Diante dessa situação, Esparta precisaria agir para minimizar a oposição de Artaxerxes em virtude do auxílio lacedemônio a Ciro e conceber mecanismos para privar Atenas da preponderância que vinha obtendo com o auxílio de Cônnon e de seus aliados. Para os espartanos era emergencial afastar os atenienses dos persas, haja vista que isso impediria o investimento de Artaxerxes no *sinédrio de Corinto*. Com isso, o estabelecimento de uma paz comum evidenciava os interesses de Esparta aos seus inimigos. Tal afirmação pode ser considerada no decorrer de nosso trabalho, pois grande parte das tréguas firmadas na Hélade na primeira metade do

século IV pretendia garantir o *status quo* de algumas das potências político-militares helênicas.

O fracasso na primeira tentativa de paz fez com que Esparta fortalecesse as suas frentes de combate contra o *sinédrio de Corinto* com a estratégia de combater os inimigos geograficamente mais próximos. Essa postura se mostrava aparentemente adequada aos interesses de Esparta pela tentativa de assegurar as suas fronteiras pela submissão de *pólis* peloponésias. Considerando que Esparta não tinha muralhas, a manutenção de um *cinturão de proteção* políade para além da Lacedemônia evitaria ataques diretos ao seu território. Para corresponder a essas medidas, Agesilau foi mobilizado com um contingente de guerreiros em direção a Acarnânia para impedir que esta continuasse afetando a preponderância da Acaia sobre Cálidon (XEN. *Hel.* IV, 6.1-7.1). Como quase a totalidade das *pólis* da Acaia integravam a Confederação do Peloponeso, Esparta tinha a obrigação de proteger os interesses de seus aliados diante de seus inimigos.

Vale destacar que a Confederação do Peloponeso foi uma rede fundamentada em uma aliança defensiva que pressupunha a proteção mútua das *pólis* que a integravam. Portanto, havia a necessidade dos seus integrantes terem os mesmos inimigos para impedir que combatessem mutuamente. Como via de exemplo Xenofonte (*Hel.* IV, 6.1-2) manifestou que os aqueus se queixaram aos lacedemônios sobre os ataques que vinham sofrendo e por não receberem auxílio contra os seus opositores da Acarnânia. Diodoro (XV, 31.1-2) ampliou a perspectiva de Xenofonte ao pontuar que Esparta precisou modificar a forma como tratava os seus aliados.

Como nos esclareceu Catherine Morgam e Jonathan Hall (2004, p. 472), a região da Acaia estava situada ao norte do Peloponeso, entre Corinto (a leste) e Élis (a oeste), sendo dotada de uma posição estratégica para as atuações militares de Esparta contra os membros do *sinédrio de Corinto*. Do mesmo modo, o fato de a Acaia tangenciar o Golfo de Corinto e o de Cálidon facilitava qualquer intervenção espartana na Beócia, na Etólia e mesmo no mar Jônio. Nesse sentido, dominar a Acaia era do interesse imediato de Esparta, mas corroborava as necessidades políticas, econômicas e militares de seus aliados da Confederação do Peloponeso.

A cena enunciativa proposta pelo discurso de Xenofonte nos permite afirmar que Esparta tinha consciência da posição desvantajosa que vinha ocupando na Hélade. Por isso, o governo espartano passou a reforçar as conexões de suas redes no Peloponeso, de tal maneira que os seus aliados suprissem as suas deficiências geopolíticas e materiais diante

de um inimigo perigoso e conhecedor de suas limitações, como foi o *sinédrio de Corinto*. Nesse sentido, a intransigência espartana para com os seus aliados precisou se modificar, para que assim Esparta mantivesse o seu *status* e a sua posição diante dos peloponésios, os quais formavam a base da rede política espartana na Hélade. Endossamos esse viés com Charles Kadushin (2012, p. 21-22), ao afirmar que toda conexão política lida com a reciprocidade dos envolvidos, algo que Esparta precisou reconsiderar para que os nós de sua rede no Peloponeso não se sentissem injustiçados e rompessem os seus vínculos com os lacedemônios.

A observância dos interesses mútuos dos envolvidos nesse tipo de poder relacional era o que assegurava o sucesso das conexões políticas espartanas. As atitudes indesejadas também geravam efeitos sobre as suas conexões, haja vista que fragilizava os vínculos entre os nós de uma rede. Partindo dessa premissa, a posição que Esparta ocupava nessas redes influenciava a maneira como esta *pólis* organizava as suas atitudes diante de seus aliados e inimigos, pois estas acabavam ditando a conservação de sua autoridade e a lealdade de seus companheiros.

Ao tomarmos Esparta para entender a formação do *sinédrio de Corinto*, notamos que os membros desta aliança defensiva se associaram em virtude da insatisfação com o governo espartano. Tal apontamento reitera as nossas considerações nos capítulos anteriores, dado que esta aliança se formou com o descontentamento de Tebas e Corinto para com Esparta no final da guerra do Peloponeso. A isso se somou a tentativa ateniense de recuperar o seu poder marítimo e de Argos por enfraquecer as conexões de Esparta no Peloponeso. Diante de todos os seus opositores, Esparta precisou revigorar as suas redes políticas em toda a Hélade, caso quisesse conservar a sua supremacia entre os helenos.

Xenofonte (*Hel.* IV, 8.17-19) afirmou que o insucesso na negociação de paz com o Império Aquemênida fez com que Esparta retomasse os seus empreendimentos militares na Jônia, sob a liderança do esparciata Tíbron<sup>114</sup>. A derrota de Tíbron, em 391, foi um golpe doloroso na dinâmica espartana, pois subtraiu o controle de Esparta na Jônia e privou os espartanos dos recursos investidos para a manutenção dos territórios conquistados pelo navarco na Ásia Menor. O fracasso desse esparciata também significou a perda de riquezas

---

<sup>114</sup> Xenofonte (*Hel.* IV, 8.18-19) destacou que Tíbron não agia como um verdadeiro comandante, uma vez que se entregava aos prazeres do corpo ao invés de objetivar a plena realização de suas funções. Diodoro da Sicília (XIV, 99.1-3) não foi depreciativo com a figura de Tíbron, apenas ressaltou a sua movimentação à frente do exército e a sua derrota para o *sátrapa* Estrutas. Melina Tamiolaki (2012, p. 568-569) caracterizou Tíbron como um dos contramodelos de líderes edificadas por Xenofonte ao longo de seus escritos. Nas palavras de Tamiolaki, Tíbron seria um dos comandantes que falharam em sua busca pela virtude perfeita.

para a preservação da Confederação do Peloponeso em seu embate contra o *sinédrio de Corinto*. Em certa medida a derrota de Tíbron fez com que as conquistas de Lisandro e Agesilau fossem perdidas, fomentando um buraco estrutural na já fragilizada rede espartana. Tal situação apenas reforçou as motivações do governo espartano e de Antálcidas em conseguirem ampliar conexões de sua *pólis* na Hélade após a derrota na batalha de Cnido e o insucesso da expedição de Tíbron.

Pouco tempo depois, o governo lacedemônio recebeu homens exilados de Rodes, os quais integravam a *facção* oligárquica e pró-espartana na ilha. Segundo Xenofonte, os espartanos ficaram temerosos de que os democratas dominassem a ilha de Rodes e esta passasse para o controle dos atenienses.

Quando os ródios expulsos pelos democratas chegaram à Lacedemônia afirmaram que não era justo deixar indiferente a submissão de Rodes aos atenienses, bem como o fato deles terem somado uma força tão grande. Ao se darem conta de que se a *facção* democrática dominasse toda Rodes seria dos atenienses, mas se os mais ricos prevalecessem estes seriam a favor dos lacedemônios, estes últimos equiparam oito embarcações e designaram como navarco Ecdico (XEN. *Hel.* IV, 8.20)<sup>115</sup>.

Jonh Buckler (2003, p. 156) e César Fornis (2008, p. 239) destacaram que Rodes era um ponto estratégico e necessário para a manutenção da supremacia espartana no Egeu. Rodes era um entreposto para as embarcações egípcias de grãos que tinham a Ática como o seu destino. Logo, os lacedemônios tiveram que ignorar os riscos de uma derrota marítima no Egeu em virtude da lucrativa oportunidade de dominar Rodes. Do mesmo modo, se conseguissem integrar Rodes a sua rede política, os espartanos afetariam diretamente as conexões atenienses e fortaleceriam as suas bases econômicas diante do *sinédrio de Corinto*. Com isso, o estabelecimento de uma conexão com Rodes através de um governo oligárquico daria forças para Esparta se manter na guerra de Corinto por mais tempo e ampliaria a sua influência com os helenos do Egeu<sup>116</sup>.

Interessa-nos pensar que embora Esparta quisesse restabelecer a sua centralidade político-militar no Pequeno Mundo que era a Hélade, esta não seria alcançada unicamente pela força. Ainda que os espartanos almejassem a conservação de sua preponderância em

---

<sup>115</sup> No documento em grego temos: ἐπεὶ δ' ἦλθον εἰς Λακεδαιμόνα οἱ ἐκπεπρωκότες Ῥοδίων ὑπὸ τοῦ δήμου, ἐδίδασκον ὡς οὐκ ἄξιον εἶη περιδεῖν Ἀθηναίους Ῥόδον καταστρεψαμένους καὶ τοσαύτην δύναμιν συνθεμένους. γνόντες οὖν οἱ Λακεδαιμόνιοι ὡς εἰ μὲν ὁ δήμος κρατήσοι, Ἀθηναίων ἔσται Ῥόδος ἅπασα, εἰ δὲ οἱ πλουσιώτεροι, ἑαυτῶν, ἐπλήρωσαν αὐτοῖς ναῦς ὀκτώ, ναύαρχον δὲ Ἐκδικον ἐπέστησαν.

<sup>116</sup> No mapa do mar Egeu (Anexo II), verificamos que a posição de Rodes era estratégica caso Esparta almejasse influenciar a dinâmica da Ásia Menor por vias marítimas, servia de entreposto para as embarcações vindas do Chipre (leste de Rodes), do Egito (ao sul) e facilitava a intervenção militar nas Cíclades.

vias terrestres, os mesmos já não podiam ignorar o quão indispensável era o controle de rotas marítimas para a legitimação de seu *status*, poder e influência na Hélade. Em vista disso, a Confederação do Peloponeso adotou estratégias de combate voltadas para o enfraquecimento econômico de seus adversários, cujo maior exemplo foi a paz que Antálcidas tentara angariar com o auxílio de Tiribazo.

Para consolidar a sua estratégia junto a Rodes, Xenofonte (*Hel.* IV, 8.20-21) nos informou que Esparta designou Ecdico como navarco à frente de oito embarcações, enquanto que Dífridas se tornou estrategista no lugar de Tíbron com ordens para combater Estrutas. Por sua vez, Diodoro (XIV, 97.1-4) declarou que Eudócimo, Filódoco e Dífilas foram indicados para equilibrar a política de Rodes, porém, antes de chegarem a ilha, deveriam ir a Samos para retirar os atenienses do poder da região. O cruzamento desses indícios destacou as medidas espartanas para ampliar as suas áreas de influência entre as conexões existentes no Egeu. Nos chamou a atenção o foco dos espartanos sobre Samos e Rodes em virtude da vantagem geopolítica destas ilhas diante dos persas e dos atenienses. Como Esparta e os seus aliados não tinham uma frota poderosa, houve a necessidade de escolher pontos específicos para que não perdesse o pouco do efetivo marítimo do qual dispunham.

O principal elemento expresso nas passagens anteriores lida com a necessidade espartana de equilibrar as suas conexões políticas na Hélade. Entretanto, a Confederação do Peloponeso não diminuiu os seus gastos com a guerra, o que pesava de forma negativa para Esparta. Como o governo espartano deveria prezar pelo bem-estar de todos os membros da Confederação, a realização de conflitos visando aos interesses de Esparta gerava despesas com os quais nem todos os seus aliados estavam dispostos a arcar e, gradativamente, *afrouxava* as conexões das redes políticas espartanas. Essa situação se agravou pela necessidade de Dífridas enfrentar Estrutas e por Esparta edificar uma representação de força diante das investidas do *sinédrio de Corinto*. Nesse contexto, Esparta precisou recuperar pontos estratégicos no Egeu — como Rodes, Samos e Cnido — e manter a sua hegemonia entre os helenos. Concordamos que haviam inúmeros caminhos para a preservação de seu poder, mas poucas oportunidades para que essa meta fosse alcançada.

Segundo Xenofonte<sup>117</sup> (*Hel.* IV, 8.21), Dífridas se preocupou em angariar recursos para diminuir os gastos de Esparta e da Confederação do Peloponeso, algo que se mostrou adequado diante da conjuntura em que se encontravam<sup>118</sup>. Em Rodes, Ecdico não obteve o mesmo sucesso que Dífridas na Ásia Menor. Em virtude desse aparente fracasso, Ecdico foi substituído por Teleutias. César Fornis (2016, p. 242-243) sugeriu que a indicação de Teleutias teve uma ligação direta com a influência de Agesilau em Esparta, na Lacedemônia e na Hélade. No entanto, Fornis concordou que a escolha de Teleutias como comandante foi adequada diante do fracasso de diversos líderes espartanos.

Caroline Falkner (1992, p. 254, 371) afirmou que Teleutias tenha sido navarco em três ocasiões durante a guerra de Corinto. Embora isso pareça inadequado para a política espartana, a autora afirmou que o parentesco de Teleutias com Agesilau permitiu que o mesmo não estivesse submetido às leis de Esparta de forma estrita, tal como os demais esparciatas. Em certa medida, corroboramos Falkner sobre a possibilidade de Teleutias ocupar o mesmo cargo mais de uma vez, ainda que vetado pela constituição espartana. Entretanto, devemos problematizar que seria inadequado para a imagem de Agesilau consentir benefícios ao seu irmão, ainda que nada o impedisse do mesmo. A partir dos indícios literários levantamos a hipótese de que a propaganda atrelada a Teleutias era a sua habilidade como comandante que, em momentos críticos, acabou sendo a solução para se realizar grandes feitos. Portanto, tal como aconteceu a Lisandro em Egospótamo, Teleutias foi considerado a melhor escolha para os interesses de sua sociedade, ideia essa que teria sido propagada por Agesilau e as suas redes políticas no interior da Lacedemônia e fora dela.

De todo modo, ainda que Teleutias manifestasse os interesses de Agesilau junto às *póleis* do Egeu, não podemos negar que este comandante representasse os interesses de Esparta acerca da supremacia sobre os helenos. Essa assertiva demonstrou que, embora Agesilau influenciasse uma parcela das determinações políticas de Esparta, grande parte dessas escolhas estiveram alinhadas aos interesses espartanos. Logo, qualquer resultado

---

<sup>117</sup> É interessante pensar que Xenofonte não deixou de manifestar os seus valores pessoais e filosóficos em suas obras históricas. O exemplo se torna relevante a nossa análise por enfatizar a utilidade político-social de seus escritos, pois, ao apresentar exemplos de conduta a sua audiência, esta poderia experimentar aquilo que é digno ou não de admiração e respeito. Não seria equivocado, por sua vez, enfatizarmos que os excessos de um ator social acabam servindo de mecanismo para o elogio de outro.

<sup>118</sup> Merece destaque a captura da filha e do genro de Estrutas, chamado Tigranes, quando partiam para Sárdis. Ambos foram libertados após o pagamento de uma grande soma em riquezas, o qual foi empregado para pagar os mercenários que atuavam na Ásia Menor sob o comando de Esparta e da Confederação do Peloponeso.

obtido não seria da exclusiva responsabilidade do Euripôntida, haja vista que a escolha de comandantes recaía sobre homens com inclinações políticas diversas.

Esta perspectiva foi endossada por Agesilau ter sido pouco citado nas conexões políticas de Esparta no Egeu. Dentre as possibilidades interpretativas sugerimos que houvessem outros grupos de preponderância política em Esparta que, tal como Agesilau, estariam preocupados com a preservação da supremacia espartana as demais *póleis*. Por outro lado, poderia haver grupos influentes na marinha e nestes Agesilau teria pouca influência. Ainda assim, o que nos interessou foi perceber que Agesilau não agiu sozinho no cenário político de Esparta, bem como na conservação das redes políticas de sua *pólis*, tanto no Peloponeso quanto na Hélade.

Diante desta situação concordamos que o fato de Teleutias ser meio irmão de Agesilau II fez com que os cargos militares que ocupou fossem associados à autoridade do seu irmão Euripôntida. Apesar disso, Teleutias obteve um desempenho positivo diante da conveniência de Esparta, auxiliando Agesilau na tomada de Lequeo (392) e investindo contra o golfo de Corinto. Em sua trajetória a Rodas, Teleutias se direcionou a Samos e posteriormente a Cnido, chegando a assumir o cargo de Ecdico. Xenofonte (*Hel.* IV, 8.23) expôs que Teleutias deveria se encarregar daqueles que desejassem se aliar a Esparta, o que nos permite estabelecer algumas interpretações específicas sobre as ações de Esparta nas Cíclades. A existência de grupos aristocráticos/oligárquicos nas ilhas do Egeu era a justificativa de uma intervenção espartana nessa área. Isso porque tais homens mais adequados a integrarem as redes políticas espartanas, bem como as conexões de Agesilau, pois ambos partilhavam de ideais políticos semelhantes.

Se Teleutias foi indicado pelo seu laço de parentesco com Agesilau ou pela sua habilidade de comando nós nunca saberemos. Para tanto, preferimos considerar ambas as perspectivas, afinal, a navarquia do esparciata teria sido garantida tanto pela sua capacidade militar quanto pela preponderância de Agesilau na Lacedemônia. Corroboramos John Buckler (2003, p. 156) ao afirmar que, naquele momento, não havia em Esparta um homem mais indicado para o cargo de navarco que não Teleutias. Essa visão foi partilhada por César Fornis (2016, p. 243) ao destacar que Teleutias promoveu uma intervenção mais efetiva no Egeu do que os comandantes que o precederam. Através do cruzamento dos dados documentais e das análises historiográficas, propomos que foram as habilidades de Teleutias que o levaram a ser escolhido como navarco e/ou estrategista. Diante da crise econômica que Esparta e os peloponésios vivenciavam, o governo

espartano não poderia arriscar a nomeação de um comandante incapaz diante da necessidade de agir contra os seus inimigos<sup>119</sup>. A necessidade de conservar recursos, de diminuir os gastos com a guerra, de sustentar as suas redes políticas e coletar riquezas para que Esparta pudesse perpetuar o seu poder na Hélade, fez de Teleutias a escolha mais adequada.

Em meio a esse cenário de tensões, em 389 Teleutias regressou à Lacedemônia e foi substituído por Hierax. Este esparciata deixou o seu *epistoleús*, Górgopas, como *harmostés* de Egina para ameaçar diretamente os interesses comerciais de Atenas (XEN. *Hel.* V, 1.5). Como os atenienses controlavam o Helesponto em virtude do sucesso de Trasíbulo, estes chamaram a atenção de Artaxerxes II pela maneira como Atenas passou a interferir na economia da Jônia, do Helesponto e das ilhas do Egeu.<sup>120</sup> Para reagir às ações atenienses, Artaxerxes restabeleceu Tiribazo como sátrapa de Sárdis de modo que esse favorecesse os interesses lacedemônios (XEN. *Hel.* V, 1.6). Contudo, não acreditamos que a postura de Tiribazo prezasse unicamente pelo bem-estar de Esparta. Ao contrário, Tiribazo considerou os riscos que a política imperialista de Atenas poderia causar aos interesses Aquemênidas. Portanto, a conexão do sátrapa com Esparta e o Peloponeso se adequava à existência de um inimigo comum que deveria ser combatido. Com isso, o governo lacedemônio e Artaxerxes retomaram os seus vínculos políticos que, devido a sua amplitude, passaram a congregiar inúmeras redes políticas periféricas em toda a Hélade.

### 3.2 A Paz de Antálcidas e os seus efeitos nas redes políticas de Esparta

Entre 388 e 387, as circunstâncias levaram Antálcidas a ser nomeado navarco com o intuito de beneficiar Tiribazo. A ideia era de que juntos estes persuadissem Artaxerxes a concordar com um tratado de paz composto por todos os helenos (XEN. *Hel.* V, 1.6). Xenofonte (*Hel.* V, 1.25) afirmou que, em 387, Antálcidas e Tiribazo regressaram do encontro com Artaxerxes com uma aliança formada entre Esparta e a dinastia Aquemênida.

---

<sup>119</sup> Xenofonte (*Hel.* IV, 8.25-30) indicou que, neste momento, o ateniense Trasíbulo foi indicado estrategista na Ásia Menor para combater as investidas espartanas na região. Muito embora este comandante tenha obtido sucesso em suas incursões no Helesponto, a desmedida de seus guerreiros fez com que fosse morto em Aspendon, em 388 (ver DIOD. XIV, 99.4-5). Com a morte de Trasíbulo os atenienses enviaram Ifícrates para substituí-lo. Ifícrates acabou enfrentando o esparciata Anaxibio, *harmostés* de Ábidos, que foi submetido por uma estratégia organizada pelo ateniense. Xenofonte (*Hel.* IV, 8.32-39) aproveitou a sua obra para enfatizar que Anaxibio agiu de forma inadequada por não manter os seus homens em ordem e por não realizar os sacrifícios necessários à marcha.

<sup>120</sup> Charles Hamilton (1979, p. 298) também manifestou essa perspectiva e destacou que o *grande rei* passou a suspeitar de Atenas em virtude da conjuntura apresentada.

A cena enunciativa composta por Xenofonte nos levou a tangenciar uma parcela do pensamento espartano na ocasião. Esparta sabia o que fazer diante da conjuntura e a quem beneficiar. Não sem motivos Antálcidas foi escolhido como o emissário lacedemônio junto a Artaxerxes. Embora a escolha de Antálcidas tenha se alinhado ao interesse político de algum grupo particular de Esparta, defendemos que essa decisão foi tomada visando os interesses de gerais de sua *pólis*.

Em Xenofonte (*Hel. V*, 1.25-29), Antálcidas foi representado como um homem dotado de grandes habilidades políticas e estratégicas, sendo estas passíveis de utilização em praticamente todas as instâncias esperadas por Esparta. Na *Helênica* foi descrito que Antálcidas soube efetuar manobras militares que ameaçavam a supremacia dos atenienses no Egeu. Além de ampliar o contingente de embarcações com as naus peloponésias vindas de Siracusa, o apoio angariado com Tiribazo assegurou a tripulação (de mercenários) para os seus barcos de guerra.

No entanto, a documentação literária expressou que Antálcidas mantinha uma conexão de *xenia* com o sátrapa Ariobarzanes. Na *Encyclopaedia Iranica Online* Ariobarzanes foi sub-sátrapa dos territórios da Frígia Helespontina e, em 387, substituiu Farnábazo<sup>121</sup> na condição de sátrapa desta mesma localidade.<sup>122</sup> Ao considerarmos que Farnábazo era partidário da política expansionista ateniense e atuou com Cónon no Egeu, a sua retirada do cenário político-militar da Ásia Menor favoreceu os interesses espartanos. Por sua vez, como Ariobarzanes era *xénos* de Antálcidas a colaboração entre ambos favorecia os interesses lacedemônios. Isso se deu por Antálcidas estar atuando como embaixador espartano nessa ocasião. Caso o esparciata tivesse uma boa atuação como embaixador e navarco, a sua carreira e a sua influência política ganhariam ainda mais destaque. Desse modo, fazer com que Ariobarzanes agisse em função das necessidades de Esparta poderia edificar uma representação elogiosa de Antálcidas, o qual se utilizou das suas conexões políticas para favorecer Esparta.

As conexões políticas entre Antálcidas, Ariobarzanes e Tiribazo endossam a perspectiva de que toda e qualquer realização de grandes proporções — como foi a aliança

---

<sup>121</sup> Segundo Xenofonte (*Hel. V*, 1.28), Farnábazo se retirou para casar com uma das filhas de Artaxerxes. Em certa medida, esse trecho nos permite dialogar com outro momento da obra de Xenofonte (*Hel. IV*, 1.34-37), no qual o sátrapa se reuniu com Agesilau para discutirem as diretrizes de uma possível aliança. Afinal, não somente Artaxerxes concedeu a liderança militar a sua frota a Farnábazo como, aparentemente, o honrou com a mão de sua filha pelos serviços prestados.

<sup>122</sup> *Encyclopaedia Iranica Online*, verbete Ariobarzanes. Acessado em: 17/12/2017. Link de acesso: <http://www.iranicaonline.org/articles/ariobarzanes-greek-form-of-old-iranian-proper-name-arya-brzana>.

entre Esparta e o Império Aquemênida — necessitava da atuação conjunta de homens e grupos políticos influentes. Nesse caso citamos Charles Kadushin (2012, p. 3), para quem a finalidade de uma rede é formar ligações que gerem dependências mútuas entre os seus nós, em que as obrigações reforcem a necessidade de se atuar em conjunto. Sendo assim, pensar a associação entre estes comandantes é considerar que as relações e as redes políticas individuais de cada um estavam se vinculando em algo muito mais denso. Desse modo, uma parcela significativa dos nós das redes políticas individuais dos atores sociais citados se atrelou às redes políticas de suas respectivas sociedades.

Tal aspecto nos remete a outro elemento importante, ou seja, o uso que a *pólis* ou o reino poderia fazer das conexões políticas de seus homens mais influentes. A existência de sujeitos poderosos com vínculos para além do espaço geopolítico de suas respectivas sociedades permitia que o governo atuasse no exterior através desses representantes. Portanto, embora um ator social almejasse unicamente o benefício de suas conexões e de suas redes políticas, consideramos que nenhuma rede individual tenha se formado sem o conhecimento e a vantagem do poder político de sua pátria. No caso de Antálcidas parece evidente que Esparta teve consciência das suas conexões políticas na Hélade, bem como das vantagens advindas destas interações. Entretanto, como Antálcidas possuía conexões de *xenía* isso facilitou as atitudes espartanas na Jônia, as quais não somente privilegiaram o seu governo como também o desempenho deste esparciata.

Por meio dessas considerações evidenciamos que o mundo helênico, ou mesmo o Mediterrâneo, era composto de nós. Isso impossibilita a análise monolátrica de uma única sociedade ou pessoa no interior dessa dinâmica. Portanto, pensar as ações de um sujeito dissociadas de toda a realidade que o circundava é simplificar a percepção de uma sociedade e realizar investigações deficitárias em sua base fundamental de análise. Do mesmo modo, Charles Kadushin (2012, p. 11) diz que não podemos pensar as conexões humanas alheias às redes sociais em que se inserem, afinal as organizações sociais agem diretamente no modo de pensamento e nas atitudes dos atores sociais e impactam diretamente nas conexões que estes estabelecem.

Diante do exposto, a atuação de Antálcidas na costa da Ásia Menor e nas Cíclades ameaçava o desenvolvimento da confederação marítima ateniense<sup>123</sup>. Antálcidas, por outro lado, adotou uma postura semelhante à de Lisandro após a vitória de Egospótamo, na qual

---

<sup>123</sup> Nesse momento, Atenas ainda não havia estabelecido uma confederação consolidada, mas vinha alicerçando as bases de uma aliança político-militar nos moldes confederativos de outrora.

bloqueou o Helesponto e impediu que as embarcações de Atenas voltassem com suprimentos para a sua *pólis*. Por isso, Atenas foi levada a repensar a sua posição na dinâmica geopolítica do Egeu e se dispôs a pactuar um tratado de paz com Esparta e os persas. A situação para Atenas se tornou delicada, pois, embora estivesse apoiando revoltas a Artaxerxes, a mesma teve que priorizar a sua própria preservação. Portanto, as ações de Antálcidas, Tiribazo e Ariobarzanes foram fundamentais para que os interesses imediatos de Esparta e do Império Aquemênida se realizassem.

Mediante o discutido, defendemos que a postura de Esparta foi bastante estratégica e cautelosa diante da frágil situação em que se encontrou com o desenvolvimento da guerra de Corinto. Assim, o *status* e a posição que os espartanos ocupavam no Pequeno Mundo helênico passou a ser considerada pela sua sobrevivência em uma dinâmica política que pretendia suplantar todas as bases da sua supremacia entre os helenos. Por isso, manifestamos que Esparta teve de repensar a sua posição enquanto um nó central nas redes que existiam entre grande parte dos helenos para suplantar os excessos de suas medidas e reforçar a sua conexão com aqueles que poderiam garantir a sua influência política em uma Hélade dotada de múltiplos poderes políticos.

Diferentemente do que ocorrera na guerra do Peloponeso — onde poderíamos identificar uma polarização de interesses —, o século IV vivenciou uma realidade distinta. Muitas *póleis* haviam se fortalecido com a desestruturação de Atenas e com os lucros advindos de expedições militares no Mediterrâneo. O exemplo mais significativo foi o de Tebas, a qual pôde estabilizar a sua supremacia entre os beócios durante a guerra do Peloponeso (PASCUAL GONZÁLEZ, 1997, posição 784). Não centralizamos as nossas considerações em Esparta, Atenas e no Império Aquemênida uma vez que o nosso intuito foi cruzar indícios documentais para evitarmos anacronismos históricos e ampliarmos a percepção história sobre esta temática, mas também para aperfeiçoarmos o nosso entendimento das redes políticas de Esparta.

Com a Paz de Antálcidas, Esparta conseguiu submeter uma parcela significativa dos helenos aos seus interesses. Para Robin Seager (2008, p. 156), os espartanos conseguiram submeter os seus inimigos e torná-los impotentes diante de suas medidas. Rafael Sealey (1976, p. 395-396) destacou que este tratado reforçou a preponderância de Esparta diante da Hélade com o *beneficium* e o financiamento de Artaxerxes II. Essa situação pôde se consolidar com o apoio que Esparta recebia de sua conexão com Dionísio I de Siracusa. Nesse caso, consideramos que Esparta passou a contar com o Império

Aquemênida e Siracusa como parte integrante dos elos de sua rede política. O poder econômico e militar que os persas e os siracusanos detinham fazia com que Esparta tomasse medidas cautelosas para reforçar as suas conexões com estas sociedades, haja vista que a supremacia sobre os helenos se tornou o seu verdadeiro objetivo.

Para conservar esse apoio Esparta precisou abrir mão da Jônia e a dedicar uma parcela dos seus esforços no auxílio mútuo a Artaxerxes e a Dionísio quando isso se fizesse necessário. Esse cenário demarcou que a mutualidade foi o elemento fundamental para que Esparta alcançasse os seus objetivos na Hélade e minimizasse as oposições oriundas de seus inimigos. Se nos voltarmos aos esforços de Tebas e Atenas em ampliar a sua influência na Hélade, a necessidade de estabilizar as disputas na Hélade a favor da Confederação do Peloponeso era fundamental para os espartanos e as suas conexões políticas. Mesmo não sendo uma via assimétrica, a consolidação de vínculos com Artaxerxes e Dionísio I impedia que outras potências ameaçassem o poder político-militar de Esparta. De modo complementar, a supressão do prestígio da Ática e da Beócia acabou difundindo o quão grandioso era o lugar espartano nas redes mediterrânicas, algo que poderia estabilizar as conexões políticas da Lacedemônia com sociedades fragilizadas pela crise que se abatia na Confederação do Peloponeso.

### 3.3 Agésilau e a Paz de Antálcidas

Com a Paz de Antálcidas Esparta ganhou tempo para reorganizar as suas conexões políticas. Charles Kadushin (2012, p. 9, 18) nos permite adaptar a ideia das conexões de homofilia, citada no primeiro capítulo, a qual consiste de vínculos estabelecidos entre nós que manifestam interesses em comum. Tanto os espartanos quanto os aquemênidas passaram a manifestar o interesse comum de impedir que os helenos estivessem sem controle no Egeu. Para Artaxerxes<sup>124</sup> o governo espartano era um intermediário dos seus objetivos na Hélade e impediria que Atenas ampliasse a sua influência nas Cíclades e na Jônia. A postura de Tebas ainda parecia *obscura* para Artaxerxes II, tornando-se preferível firmar uma aliança com Esparta ao invés de arriscar uma conexão densa com os tebanos e a conturbada Beócia.

---

<sup>124</sup> Diante do Império Aquemênida havia uma distinção entre as *pólis* continentais, as Cíclades e aquelas da Jônia. Estas duas últimas eram tributárias do *grande rei* e acabavam se inserindo na rede política do Império Aquemênida, enquanto que as *pólis* financeiramente dependentes recebiam recursos de Artaxerxes para que realizassem os seus próprios assuntos, desde que fossem aliadas dos persas e atendessem aos chamados do *grande rei* quando houvesse a necessidade, tal como Esparta e os membros da Confederação do Peloponeso.

John Buckler e Hans Beck (2008, p. 71) consideraram que a Paz de Antálcidas apenas consolidou os interesses de Artaxerxes com a Hélade. O primeiro desses objetivos seria o fim das contendas internas entre os helenos, para que o contingente de guerreiros bem-treinados ficasse à disposição dos persas. Por outro lado, ter as *póleis* como financeiramente dependentes garantiria o auxílio dos helenos nos enfrentamentos que Artaxerxes tinha que realizar nas satrápias revoltosas. Logo, os persas não dispunham somente de mercenários, mas também de apoio político-militar das sociedades com as quais mantinha conexões políticas. Retomando Buckler e Beck (2008, p. 71-73), estes exaltaram a postura de Antálcidas, o qual teria percebido que a hegemonia espartana diante da rede informal que constituía o *sinédrio de Corinto* somente seria alcançada quando os persas deixassem de ser inimigos. Corroboramos com os autores citados por verificarmos que a Paz de Antálcidas beneficiava, sobretudo, a autoridade persa na Ásia Menor e em uma parcela das Cíclades. Do mesmo modo, consideramos Antálcidas um político e um estrategista vigoroso que fez fama em um período no qual os lacedemônios careciam de comandantes competentes e envolvidos com os interesses de sua pólis.

Em virtude de suas respectivas formações discursivas, os autores helênicos, ou de matriz helênica, promoveram cenas enunciativas que representaram as conexões e/ou intervenções pela centralidade que atribuíam à Hélade no Mediterrâneo. Contudo, o cruzamento dos indícios documentais enfatiza a assimetria de recursos se compararmos a dinastia Aquemênida e todas as *póleis*. Portanto, para Artaxerxes e os seus sátrapas era interessante que os helenos permanecessem mutuamente tensos e dispostos a combater, o que impedia uma mobilização conjunta entre as *póleis* para enfrentar os domínios aquemênidas.

Por meio do auxílio persa, Esparta soube se beneficiar adequadamente da Paz de Antálcidas e consolidar os seus interesses político-militares na Hélade. Entretanto, o fato de Agesilau ter sido um dos homens mais poderosos de sua sociedade e do seu tempo contribuiu para a sua preponderância na tomada de decisões dos magistrados espartanos. Essa visão foi compartilhada por Paul Cartledge (1987, p. 369-370) ao destacar que Agesilau iria retribuir aos tebanos a ofensa que sofrera em Áulis ao ser impedido de sacrificar a Ártemis, tal como Agamêmnon, às vésperas de sua partida para a Ásia Menor. Se as palavras de Cartledge estiverem corretas, consideramos que a intervenção política do Euripôntida teria se tornado possível em virtude das conexões que fomentou entre os lacedemônios desde a juventude. A autoridade que Agesilau ocupava em sua rede política

espartana fazia com que o seu *status* e influência fosse um instrumento a seu favor na tomada de decisões políticas do governo. Por outro lado, enfatizamos que mesmo detentor de conexões densas, o Euripôntida conservava inimizades na Lacedemônia que impedia a tomada de decisões diretas e amistosas entre os magistrados espartanos<sup>125</sup>.

No que concerne aos possíveis benefícios de Agesilau com a Paz de Antálcidas, a documentação literária discorda em suas conclusões. Para Plutarco, Agesilau não poderia participar desta paz comum (*koinē eirēnē*) para não ser considerado um traidor pelos jônios, uma vez que este acordo com os persas colocou os helenos da Ásia Menor na condição de tributários do Império Aquemênida, como vemos abaixo:

Quando Cônnon e Farnábazo com a frota do grande rei se tornaram senhores do mar e passaram a devastar a costa da Lacedemônia, e após as muralhas de Atenas terem sido reconstruídas com as riquezas que Farnábazo forneceu, os lacedemônios decidiram fazer a paz com o *basileús* da Pérsia. Para esse fim, eles enviaram Antálcidas para Tiríbazo, e da maneira mais vergonhosa e ilícita entregou ao rei todos os helenos que viviam na Ásia, em cujo nome Agesilau havia travado guerra. Logo, Agesilau não poderia ter tomado qualquer parte em toda essa infâmia (PLUT. *Ages.* 23.1)<sup>126</sup>.

Considerando os esforços de Agesilau em fomentar conexões com os jônios através da imagem de *salvador*, o argumento de Plutarco faria algum sentido. Plutarco (*Ages.* 23.1-3) deu continuidade a sua cena enunciativa e destacou que Antálcidas pretendia acabar com a guerra de Corinto para que Esparta se recuperasse de tantas perdas humanas e materiais oriundas de anos sucessivos de enfrentamentos militares. No julgamento de Plutarco a Paz de Antálcidas foi um acordo ilícito por entregar os helenos da Jônia a Artaxerxes.

Se tomarmos Xenofonte (*Hel.* III, 4.25-26) e a cena enunciativa na qual projetou o diálogo entre Agesilau a Tiribazo, o Euripôntida mantinha o seu enfoque no bem-estar de sua *pólis* ainda que isso significasse abandonar os seus interesses imediatos. Esse cenário nos permite contrapor a imagem proposta por Plutarco, afinal a circunstância tornava preferível para Esparta entregar os jônios aos persas. Uma vez que Agesilau priorizava os interesses de sua *pólis*, o mesmo não teria sido contrário a esta aliança com os persas.

---

<sup>125</sup> No capítulo I debatemos sobre como Agesilau se utilizou das circunstâncias e da influência de suas conexões políticas para conseguir manifestar os seus interesses diante de todas as magistraturas de Esparta.

<sup>126</sup> No texto grego temos: ἐπει δὲ Κόνων καὶ Φαρνάβαζος τῷ βασιλέως ναυτικῷ θαλαττοκρατοῦντες ἐπόρθουν τὰ παράλια τῆς Λακωνικῆς, ἐτειχίσθη δὲ καὶ τὸ ἄστυ τῶν Ἀθηναίων Φαρναβάζου χρήματα δόντος, ἔδοξε τοῖς Λακεδαιμονίοις εἰρήνην ποιῆσθαι πρὸς βασιλέα: καὶ πέμπουσιν Ἀνταλκίδα πρὸς Τηρίβαζον, αἰσχιστα καὶ παρανομώτατα τοὺς τὴν Ἀσίαν κατοικοῦντας Ἕλληνας, ὑπὲρ ὧν ἐπολέμησεν Ἀγησίλαος, βασιλεῖ παραδιδόντες, ὅθεν ἤκιστα συνέβη τῆς κακοδοξίας ταύτης Ἀγησίλαῳ μετασχεῖν.

O discurso de Plutarco deve ser considerado em conformidade ao gênero literário de sua obra, a sua formação discursiva e a intencionalidade que detinha com os seus escritos. A sua representação de Agesilau e Antálcidas acabou levando ao desenvolvimento de modelos de conduta política para a sua audiência helênica e latina, entre os séculos I e II E.C. A perspectiva de Plutarco estabeleceu posições específicas para cada um dos personagens, havendo a necessidade por situá-los em polaridades específicas em sua enunciação. Esse contexto fez com que o beócio representasse Antálcidas e Agesilau como rivais políticos, algo que não verificamos em nenhum outro documento antigo analisado para esta tese.

Por outro lado, Xenofonte (*Ages.* 2.21) apresentou a ideia de que Agesilau era contrário à Paz de Antálcidas até que os tebanos, os coríntios e os fliásios desterrados fossem aceitos em suas *póleis* de origem. Na *Helênica* (V, 1.32), Xenofonte pontuou que Agesilau não aceitaria pactuar com os helenos se Tebas permanecesse como líder da Confederação Beócia. Diferentemente de Plutarco, Xenofonte defendeu que Agesilau não se opôs ao acordo de paz com Artaxerxes tendo em vista que este beneficiava não somente a Esparta mas, também, as suas conexões políticas com os exilados de Tebas, de Corinto e de Fliunte. A imagem elaborada por Xenofonte enfatizou a maneira como Agesilau pensava a posição dos jônios em sua rede, considerando que o contato com esses homens se tornou pouco usual com a derrota de Cnido e o seu retorno para Esparta. Com isso, era mais vantajoso para o Euripôntida e para Esparta firmarem vínculos com Artaxerxes ao invés de conservarem uma ideia de *protetores da Ásia Menor* sem que pudessem corresponder a esta prerrogativa.

O posicionamento na *Helênica* parece endossar a historiografia contemporânea e a maneira como esta atribuiu a Agesilau a culpa pela desestruturação de Esparta, iniciada com a sua ofensiva a Tebas. Não partilhamos dessa perspectiva por considerarmos que Agesilau detinha interesses políticos muito maiores e que não se limitavam a Tebas. Com isso, tanto para Agesilau quanto para Esparta o principal enfoque era enfraquecer os seus opositores, entre os quais Tebas e Atenas se destacavam. Ainda assim, sugerimos que os tebanos ameaçavam os interesses militares espartanos, seja no norte da Hélade seja no norte do Peloponeso, justificando todas as tentativas de Esparta por debilitá-la.

Scott Rusch (2011, p. 182) endossa os nossos apontamentos, pois se Antálcidas e Agesilau eram inimigos ambos souberam lidar com as suas divergências pelo bem de sua *pólis*. Do mesmo modo, os dois lacedemônios concordaram sobre a necessidade de

desmantelar a influência tebana sobre a Beócia e de Atenas sobre o Egeu. Com a Paz de Antálcidas, Esparta rejeitou a sua preponderância marítima — perdida com a batalha de Cnido — e se direcionou unicamente às expedições terrestres, cujo potencial poderia restabelecer o poder da rede política espartana sobre a Hélade. Nesse caso, nos alinhamos com o discurso de Xenofonte, pois o interesse de Agesilau era enfraquecer todos os inimigos de Esparta para que esta ampliasse as suas áreas de influência entre os helenos.

Xenofonte (*Hel.* V, 1.33) e Plutarco (*Ages.* 22.1-2) afirmaram que Agesilau se utilizou da Paz de Antálcidas para prejudicar Tebas em virtude do ódio pessoal que nutria por esta *pólis*. Embora Agesilau nutrisse rancor pelos tebanos, não podemos generalizar esse sentimento, haja vista que os exilados de Tebas integravam as suas conexões políticas. De todo modo, essa indignação pessoal poderia ter se desenvolvido com a situação em Áulis ou mesmo com a participação de Tebas na qualidade de líder do *sinédrio de Corinto*. Também não apoiamos a ideia de que Agesilau era impulsivo em suas atitudes unicamente para prejudicar os tebanos.

Considerando as cláusulas do acordo de paz — estabelecidas e apresentadas entre o outono de 387 e o inverno de 386 —, este foi explícito o suficiente quanto aos objetivos de Esparta e ao papel do Império Persa na dinâmica político-militar da Hélade. Xenofonte o descreveu como se segue:

*O basileús Artaxerxes considera justo que sejam suas as cidades da Ásia e as ilhas de Clazômenas e Chipre. Ele acredita que todas as outras póleis da Hélade, pequenas e grandes, devam ficar livres para se governarem, com exceção de Lemnos, Imbros e Esciros, que possam estar sujeitas aos atenienses, como no passado. Se alguma das partes não aceitar essa paz, eu declararei guerra, na companhia dos que desejarem, por terra e por mar, com naus e recursos (XEN. Hel. V, 1.31)<sup>127</sup>.*

Essa passagem da *Helênica* nos permite interpretar que Atenas era muito menos ameaçadora aos interesses de Esparta do que Tebas. O aparente desinteresse espartano pelas vias marítimas e mesmo com a Ásia Menor destacou a sua preocupação imediata com as conexões regionais do Peloponeso e adjacências. Sugerimos que, ao ceder Lemnos, Imbros e Esciros a Atenas, Esparta tenha angariado o apoio ateniense contra a ampliação do poder político-militar tebano. Esse posicionamento ratifica os motivos pelos quais

---

<sup>127</sup> No texto grego temos: Ἀρταξέρξης βασιλεὺς νομίζει δίκαιον τὰς μὲν ἐν τῇ Ἀσίᾳ πόλεις ἑαυτοῦ εἶναι καὶ τῶν νήσων Κλαζομενάς καὶ Κύπρον, τὰς δὲ ἄλλας Ἑλληνίδας πόλεις καὶ μικρὰς καὶ μεγάλας αὐτονόμους ἀφεῖναι πλὴν Λήμνου καὶ Ἴμβρου καὶ Σκύρου· ταύτας δὲ ὡσπερ τὸ ἀρχαῖον εἶναι Ἀθηναίων. ὁπότεροι δὲ ταύτην τὴν εἰρήνην μὴ δέχονται, τούτοις ἐγὼ πολεμήσω μετὰ τῶν ταῦτα βουλομένων καὶ πεζῇ καὶ κατὰ θάλατταν καὶ ναυσὶ καὶ χρήμασιν.

Esparta não destruiu Atenas com o fim da guerra do Peloponeso, uma vez que esta *pólis* poderia ser útil contra o expansionismo tebano na Hélade, em virtude do seu posicionamento geográfico.

Ao determinar que só aceitaria a paz se os exilados coríntios, tebanos e fliásios fossem reinseridos em suas respectivas *póleis*, Agesilau manifestou um interesse pessoal, mas também uma vontade do governo espartano. Em um aspecto particular, Agesilau estaria fortalecendo a dependência das conexões de sua rede política, fazendo com que estes homens tivessem uma dívida de gratidão com o Euripôntida e o auxiliassem, ou a Esparta, quando houvesse necessidade<sup>128</sup>. Por outro lado, a presença de exilados em suas *póleis* de origem poderia desestabilizar a política local e favorecer qualquer tipo de intervenção espartana.

Outra decisão importante foi estabelecer que os tebanos deveriam libertar as *póleis* da Beócia para que fossem aceitos no acordo de paz. Embora essa determinação tenha partido de Agesilau, a mesma demarcava o fim da Confederação Beócia e a diminuição da influência tebana em suas conexões na Hélade Central e do Norte (XEN. *Hel.* V, 1.32-33). As medidas de Agesilau representadas pela documentação literária destacaram que, embora beneficiassem as suas conexões em instâncias políticas, sociais e econômicas, estas se associavam à política espartana de expandir o poder de suas redes na Hélade e de minimizar a influência de possíveis rivalidades militares. Em suma, o governo espartano concordou com a decisão de Agesilau para que Tebas enfraquecesse as suas redes políticas na Hélade, enquanto que as de Esparta se fortaleciam.

Embora a Paz de Antálcidas tenha esfacelado a propaganda pan-helênica que Xenofonte tentara atribuir a Agesilau, a manutenção de contingentes na Jônia requeria investimentos que Esparta não detinha. Com isso, o tratado de paz fez os espartanos se dedicarem unicamente aos embates na Hélade Central, do Norte e no Peloponeso. Somado a isso as cláusulas da paz comum (*koinè eirénē*) permitiam que Esparta se aproveitasse da situação para se impor sobre os seus antigos inimigos, legitimando a sua supremacia na Hélade. Consideramos que a guerra de Corinto debilitou o poder político-militar de Esparta e, portanto, o fim dos enfrentamentos bélicos permitiu que os espartanos recuperassem a sua soberania militar. Agesilau se aproveitou da ocasião para impedir que Tebas mantivesse a liderança sobre a Confederação Beócia, tendo como justificativa a

---

<sup>128</sup> Podemos nos questionar se não teria sido essa a situação de Xenofonte na batalha de Coronéia, em 394.

determinação de que todas as *póleis* deveriam ser livres. Esta política se estendeu a Argos e Corinto<sup>129</sup> e a conexão política que ambas vinham mantendo no início do século IV.

Diodoro da Sicília (XIV, 110.4) afirmou que os tebanos, os atenienses e outros helenos não estavam satisfeitos com a entrega dos jônios a Artaxerxes II, mas também desejavam o fim dos conflitos e, por isso, aceitaram os termos da paz. Diodoro nos leva a problematizar a ideia de uma verdadeira conciliação entre os helenos. Aparentemente, as grandes potências entre as *póleis* não pareciam dispostas a abrirem mão de seus privilégios diante de sociedades menores. Xenofonte (*Ages.* 2.21) expressou que certas sociedades helênicas se tornaram tolerantes às imposições espartanas. Isso se deu porque os aliados tebanos, coríntios e fliásios de Agesilau foram restabelecidos em suas *póleis*. Como havíamos exposto anteriormente, essas ações ampliavam o número de homens dependentes das redes políticas de Agesilau. Estes, por sua vez, acabavam desenvolvendo o compromisso de corresponderem as demandas do Euripôntida sempre que fossem solicitados<sup>130</sup>.

Françoise Ruzé e Jacqueline Christien (2007, p. 266) esclareceram que as intervenções político-militares que Esparta efetuou em outras *póleis* se deu em nome da paz comum (*koinè eirénē*). Xenofonte (*Hel.* V, 2.1) parece ter sido a base do argumento dessas autoras, no qual o ateniense expôs que Esparta castigou os helenos que atuaram em favor do *sinédrio de Corinto* e dos persas, anteriormente ao tratado de paz. Essa perspectiva demonstrou que os espartanos consideravam que todos os seus opositores foram desleais à supremacia de Esparta sobre a Hélade e mereciam ser punidos. Entretanto, tal como Agesilau e Lisandro, o ímpeto do governo espartano se mostrará uma *faca de dois gumes*, pois ao invés de se utilizarem da Paz de Antálcidas para reequilibrarem a sua política interna, ele preferiu instigar enfrentamentos para com os helenos.

### **3.4 A Paz de Antálcidas como instrumento político-militar de Esparta**

Interessa-nos pensar que a autoridade adquirida por Esparta com o fim da guerra do Peloponeso e através da sua aliança com Artaxerxes revitalizou a sua autoridade militar entre os helenos. O governo espartano não poderia permitir que a soberania recém-

---

<sup>129</sup> Como um representante direto de Esparta, Agesilau teria ameaçado Argos e Corinto para que estas se separassem e, diante da situação, os coríntios que haviam promovido o massacre de oligarcas se exilaram voluntariamente (XEN. *Hel.* V, 1.34).

<sup>130</sup> Agesilau auxiliou esses exilados com o apoio de Esparta, o que os inseria em uma dívida de gratidão com os espartanos de uma maneira geral.

recuperada com a Paz de Antálcidas fosse novamente ameaçada. César Fornis (2008, p. 317) indicou que a paz comum entre os helenos fez com que Esparta alcançasse com a diplomacia o que não havia conseguido por meio das armas. Esparta almejava fortalecer as suas redes políticas por intermédio da força e da coerção, estratégia parcialmente eficiente e dotada de consequências desfavoráveis aos interesses espartanos. Para Fornis a Paz de Antálcidas devolveu a Esparta os dias de seu imperialismo mais intenso. Nesse caso, a hegemonia espartana sobre os helenos se legitimou nos princípios da paz, cuja efetividade foi garantida com o estabelecimento de oligarquias laconizantes nas *póleis* inimigas. Somado a isso temos a criação de guarnições com *harmostaí* e a imposição de tributos aos aliados para assegurar os gastos oriundos desta política e da posição que Esparta passou a ocupar junto aos helenos.

A partir desse viés sugerimos que Esparta empregou a Paz de Antálcidas como uma prova de lealdade para os helenos, na qual todas as *póleis* que atuaram em benefício espartano não foram punidas, enquanto que os seus inimigos foram atacados como um exemplo para os demais. Sendo assim, a postura espartana poderia ser interpretada como um grande abuso de poder político que se travestiu da ideia de justiça. Ao exigir que Tebas *libertasse* os membros da Confederação Beócia sem suprimir a Confederação do Peloponeso, Agesilau e Esparta demarcaram a diferença de posições entre os adeptos da Paz de Antálcidas. John Buckler e Hans Beck (2008, p. 72-73) sintetizaram os nossos apontamentos ao afirmar que “pela primeira vez em dezoito anos a Hélade desfrutou de uma paz geral, mas a questão permaneceu sobre como ela perduraria. A História muitas vezes ensinou que é mais fácil vencer uma guerra que manter uma paz”. A assertiva de Buckler e Beck representou adequadamente a situação das *póleis* diante da hegemonia espartana imposta com a Paz de Antálcidas.

O primeiro alvo do intervencionismo espartano foi a *pólis* de Mantineia, em 385. Segundo Xenofonte (*Hel. V, 2.1-2*), a justificativa para se atacar Mantineia foi o auxílio que esta prestou aos argivos durante a guerra de Corinto, não ter acompanhado os lacedemônios em batalhas e quando o fizeram agiram de malgrado. Esparta enviou emissários aos mantineus para que esses demolissem as suas muralhas como um sinal de confiança, caso contrário seriam tratados como inimigos. Os lacedemônios manifestaram que os mantineus se agradavam com os problemas de Esparta e ficavam invejados com qualquer benefício que os espartanos obtinham. Em certa medida, os indícios documentais convergem ao afirmarem a postura de Esparta com os helenos, sem cogitar que esses

integravam a sua área de influências. Nesse sentido, se o governo espartano tivesse aberto mão de projetar uma imagem de autoritarismo em suas ações, as *póleis* que haviam sido inimigas teriam se tornado aliadas, haja vista que, segundo Kadushin (2012, p. 27), o nó central de uma rede tende a atrair conexões pela sua capacidade de fornecer bens, recursos e informações, bem como a proteção de seus associados.

Xenofonte (*Hel.* V, 2.3) elucidou que Agesilau pediu para não integrar qualquer expedição contra os mantineus como um sinal de gratidão por todo o auxílio que estes prestaram ao seu pai, Arquídamos II, na guerra do Peloponeso. Muito embora Xenofonte pudesse manifestar um pedido de Agesilau este também seria uma tentativa de representar o *basileús* como um homem justo e dotado de gratidão pelos seus benfeitores. Uma vez que Xenofonte percebeu a ilegalidade das medidas espartanas, foi adequado edificar um conjunto de argumentos capazes de afastar essa imagem desfavorável de Agesilau. A postura de Agesilau expôs a sua preocupação em conservar a aparência de um comandante justo e grato aos seus *phíloi*. Por sua vez, consideramos que Agesilau tivesse muitos aliados em Mantineia e a sua abstenção do serviço militar foi um mecanismo para assegurar a lealdade de seus amigos e a manutenção de suas conexões políticas com os mantineus.

Diodoro da Sicília (XV, 5.1) ampliou a percepção das ações espartanas em Mantineia, liderada pelo *basileús* Ágida Agesípolis. Segundo Diodoro, os lacedemônios tinham motivos particulares para não obedecerem ao acordo de paz, pois desejavam recuperar o poder que outrora exerceram na Hélade. Essa visão pode ser endossada por Xenofonte na *Constituição dos Lacedemônios*<sup>131</sup> (14.3-4) ao destacar que os espartanos de seu tempo eram desejosos do comando em regiões estrangeiras e se exaltavam por possuírem riquezas.

Por meio do discurso da documentação notamos que a cena enunciativa proposta por Diodoro tentou encontrar uma justificativa capaz de explicitar as motivações espartanas ao atacarem os helenos, tendo a Paz de Antálcidas e a justiça como elementos norteadores de suas ações. Por outro lado, uma análise detalhada da obra de Xenofonte nos

---

<sup>131</sup> O capítulo quatorze da *Constituição dos Lacedemônios* é considerado uma inserção posterior ao conjunto desta obra, uma vez que Xenofonte rompe o seu discurso e a sua representação elogiosa de Esparta para caracterizar os excessos desta *pólis*. Michael Lipka (2002, p. 28) sugeriu que o capítulo quatorze seria a manifestação das desilusões que Xenofonte sofrera em virtude do comportamento inadequado de Esparta no século IV. Lipka também sugeriu que este trecho da obra foi escrito no final da vida do autor, em um pedaço de papiro junto à obra, contudo o mesmo foi inserido por um copista tardio no lugar errado de onde deveria estar.

permite observar as transformações pelas quais o ponto de vista do autor e o seu lugar social passaram. Portanto, elogiar os feitos espartanos era essencial enquanto residia nos domínios lacedemônios. Entretanto, conforme o tempo foi passando e os esparciatas deixaram de agir em conformidade aos princípios ancestrais, a sua perspectiva e o seu discurso se modificaram. De todo modo, a aparente gratidão que Xenofonte tinha por Esparta impedia que muitas das suas críticas aos lacedemônios fossem explícitas, ainda que se tenham sido feitas.

Esparta perdeu toda a preponderância que detinha antes da guerra de Corinto e os seus cidadãos ansiavam por recuperarem a sua influência e riquezas. Desse modo, estes não estavam dispostos a aceitarem as limitações impostas pela Paz de Antálcidas. Através do cruzamento da documentação de Xenofonte e Diodoro — por uma via diacrônica —, verificamos que, muito embora Agesilau tenha tentado intervir em diversas conexões políticas de sua *pólis*, a autoridade político-social de Esparta era soberana. Esta tendência enfatizou a preocupação que muitos esparciatas tinham por assegurar o poder de Esparta para enriquecer e/ou ampliar os seus vínculos com homens poderosos de toda a Hélade. Nesse caso, subjugar os inimigos de Esparta não foi uma prática exclusiva de Agesilau, pois, todos os homens influentes desta *pólis* estariam se beneficiando com esta política intervencionista.

Diodoro (XV, 5.2) destacou que Esparta obteve apoio para as suas investidas militares durante a Paz de Antálcidas em virtude da presença de aliados políticos prestigiosos em outras *póleis* (*philóxenois*). Esse aspecto demarca que Esparta conseguiu realizar os seus interesses pelo apoio que detinha de pessoas importantes em outros territórios. Sendo assim, a pressão promovida por Agesilau para que as *póleis* helênicas aceitassem o regresso de seus exilados para concretizar a Paz de Antálcidas enfatiza que estes homens atuavam em benefício de Esparta. Nesse cenário, verificamos o funcionamento das conexões políticas assimétricas — nos moldes do clientelismo —, tendo em vista que, ao recorrerem a Esparta, os exilados de diversas *póleis* se inseriam na dinâmica de *troca de favores* constituída com os lacedemônios. Portanto, o auxílio que o governo espartano forneceu para o regresso dos desterrados de inúmeras regiões estabelecia a retribuição destes ao(s) seu(s) benfeitor(es) quando houvesse necessidade.

Os indícios documentais demonstram que os lacedemônios receberam auxílio em suas expedições e o apoio necessário para que estas investidas militares não fossem concebidas como uma violação ao acordo de paz ou, ainda que fossem, não houvesse

retaliações. No caso de Agesilau e da sua conexão com Mantineia notamos que o *basileús* não teve participações diretas na expedição contra esta *pólis*, legitimando o interesse particular de Esparta sobre Mantineia. Desse modo, afirmamos que Agesilau não foi o único culpado pela desestruturação da *pólis* espartana, uma vez que a grande maioria das determinações políticas de Esparta se deu por objetivos próprios ou de outros homens influentes desta *pólis*.

Estes mesmos indícios assinalaram que muitos helenos preferiram compactuar com o descomedimento espartano. O que nos remete aos estudos de Kadushin (2012, p. 74-75) nos quais os nós que integram uma rede reconhecem a centralidade de seu líder, embora isso não signifique que isso não venha seguido de interesses. Em uma rede dotada de conexões formais — como alianças e vínculos de *xenia* — há uma obrigação mútua entre os atores/grupos sociais envolvidos, porém, em conexões informais, os nós se aglomeram em pequenos grupos (*clusters*) em relação ao seu líder. Isso acaba criando um sistema de posições (*ranking system*) no qual o apoio às atitudes de um nó central pode angariar apoio aos laços que integram a sua rede. Contudo, mesmo esses atores/grupos concordando com os gestos de seu líder, estes podem desenvolver sentimentos de repulsa para com o seu dirigente e esperarem o momento oportuno para firmar conexões com nós mais poderosos para suplantar o seu antigo vínculo.

Convergimos com Peter Funke (2009, p. 7-9) ao pontuar que a liderança de Esparta sobre a Confederação do Peloponeso se desgastou, sobretudo com a conclusão da guerra do Peloponeso. Entretanto, o governo de Esparta atuou de forma intensa para recuperar e assegurar a sua supremacia, inicialmente sobre as *póleis* da ilha de *Pélops*. Funke afirmou que a intervenção de Esparta em Mantineia deveria ser considerada de forma ampla. Ao citar Tucídides<sup>132</sup>, Funke (2009, p. 9) afirmou que Mantineia consolidou o seu poder sobre as *póleis* da Arcádia, cuja extensão alcançava o norte da Lacedemônia. A existência de uma Confederação na Arcádia, que se opunha aos interesses de Esparta e atuava como inimiga desta, era inaceitável aos lacedemônios.

Nessa ocasião era admissível que todos os magistrados espartanos se mobilizassem contra as ameaças que se apresentavam no Peloponeso com o intuito de conservarem a segurança de seu território, mas também o *status* e a influência de Esparta. Com o cruzamento dos indícios documentais e historiográficos verificamos que Esparta investiu todos os esforços possíveis para se manter à frente dos helenos, ainda que isso significasse

---

<sup>132</sup> As passagens de Tucídides citadas por Peter Funke foram: IV, 134.1; V, 29.1, 33.1, 47.1, 67.2, 81.1.

a violação da Paz de Antálcidas. Por outro lado, os seus esforços desmedidos, sobretudo pautados no uso da força, levaram à degradação de sua imagem enquanto líder e defensor da paz comum, facilitando a ampliação dos seus opositores com o passar do tempo.

Ainda assim, o respeito advindo da liderança sobre os helenos poderia angariar recursos humanos e econômicos capazes de reforçar a representação de poder espartana diante de suas conexões simétricas com Siracusa e o Império Aquemênida<sup>133</sup>. Isso porque Esparta era uma *pólis* pequena e sem muros físicos que controlava uma área geográfica de dimensões consideráveis, além de liderar a Hélade. Dessa maneira, havia a necessidade de se criar uma imagem de autoridade que justificasse e legitimasse a sua posição política com amigos, aliados e inimigos. Para tanto, defendemos que Esparta desenvolveu uma representação de *si mesma* que não correspondia ao seu efetivo poder político-militar. Assim, a *glória do passado*<sup>134</sup> fundamentou uma autoridade que, materialmente, já não existia devido ao desgaste que esta *pólis* vinha sofrendo desde a guerra do Peloponeso.

A expedição à Mantinea endossava os objetivos espartanos de edificar uma representação de sua força e de que não deixaria passar impune qualquer ato de injustiça — ainda que este a levasse a cometer excessos<sup>135</sup>. Em virtude dessa situação, Agesípolis foi escolhido comandante dos exércitos lacedemônios e aliados. Todavia, Diodoro da Sicília (XV, 19.4) defendeu que Agesípolis era contrário ao intervencionismo espartano devido a sua natureza pacífica. Não partilhamos dessa perspectiva por tentar implementar uma oposição entre este *basileús* e Agesilau, como se estes representassem sentimentos, práticas e ideais políticos opostos. Xenofonte (*Hel.* V, 2.3) mencionou que Agesípolis atacou Mantinea ainda que o seu pai tivesse boas conexões com os democratas da região.

Em certa medida, Xenofonte acabou destoando de Diodoro ao estabelecer uma divergência de valores, interesses e/ou ideologias políticas entre as dinastias lacedemônias dos Ágidas e a dos Euripôntidas. Isso porque a sua cena enunciativa representou os Ágidas, como Pausânias e os seus filhos, como *basileús* de boa disposição com grupos democráticos da Hélade, enquanto que os Euripôntidas seriam tradicionalmente voltados

---

<sup>133</sup> Reiteramos que a simetria da conexão entre Esparta e os persas se fundamentou no ponto de vista helênico.

<sup>134</sup> Esparta foi elogiada por uma parcela da documentação literária como uma das poucas *pólis* que não vivenciou uma tirania, em virtude do equilíbrio de sua constituição.

<sup>135</sup> Como verificamos no mapa do Peloponeso (Anexo I), Mantinea ficava quase no centro da Arcádia, próxima a Tegeia, e equidistante de Orcômeno e de Argos. Logo, o controle dessa *pólis* facilitaria a mobilização espartana para auxiliar os seus aliados, atacar os seus inimigos e proteger a entrada da Lacedemônia de invasores.

aos interesses dos segmentos aristocráticos/oligárquicos, como Arquídamos II, Ágis II e Agesilau II.

Através de nossa pesquisa consideramos essa dualidade como simplificações de uma trama política muito mais densa. Possivelmente, Xenofonte e, em menor escala, Diodoro pretendiam caracterizar as divergências existentes entre Agesípolis e Agesilau. Se pensarmos que as conexões de cada um dos *basileús* eram compostas por homens influentes da Lacedemônia, do Peloponeso e da Hélade, haviam grandes possibilidade de que se associassem a pessoas/grupos distintos para legitimarem a sua identidade dinástica perante a outra casa real espartana.

Esse entendimento se fundamentou na concepção de que o poder político dos *basileús* lacedemônios era relativamente diminuto se comparado a outras magistraturas lacedemônias. Portanto, os heráclidas de Esparta ampliavam a sua influência por intermédio das conexões e das redes políticas que firmavam com homens poderosos, as quais poderiam intensificar a sua densidade com o passar do tempo. Sendo assim, como havia uma diarquia na Lacedemônia, um *basileús* iria se destacar se obtivesse o apoio de grupos mais relevantes do que aqueles obtidos pela outra casa real. Logo não seria usual que dois governantes tivessem a mesma base de apoio político se, na maioria dos casos, eles rivalizavam no cenário político de Esparta. Com isso, supomos que os Euripôntidas mantivessem conexões políticas com a aristocracia de Mantinea ao longo de muitos anos, haja vista a referência de Agesilau à amizade que o seu pai tinha com os mantineus; enquanto que, diante da necessidade de angariar apoiadores em Mantinea, os Ágidas foram levados a se associar com o grupo que ainda não havia integrado às redes euripôntidas, ou seja, aos democratas. Isso não implicaria que Agesípolis fosse apoiador da democracia, mas sim que o interesse por expandir as suas conexões deveriam superar a sua adversidade política por grupos específicos.

Por outro lado, Xenofonte integrava as conexões de Agesilau e foi um defensor dos valores aristocráticos da Hélade. No momento em que precisou/precisava representar a inclinação política de Agesilau era quase evidente que o este estaria associado aos valores que Xenofonte considerava superiores. Como o ateniense não tinha grandes dívidas de gratidão com os Ágidas, estes acabaram servindo de contraponto para a sua representação das redes políticas dos *basileús* lacedemônios, cabendo-lhes uma associação direta com os democratas ou com os grupos contrários a Agesilau em qualquer *pólis*. Por fim, supomos que Agesípolis tenha herdado as conexões de *xenia* de seu pai com homens influentes de

Mantineia que, por serem contrários a Agesilau, foram considerados membros da democracia — forma de governo a qual Xenofonte não partilhava plenamente dos ideais.

De todo modo, antes de Agesópolis iniciar a sua expedição, o governo lacedemônio enviou uma embaixada aos mantineus. Como estes não respeitaram as determinações de Esparta, Agesópolis foi enviado para impor os interesses de sua *pólis*, como verificamos abaixo:

Desde que as coisas aconteceram tal como os lacedemônios desejavam, eles decidiram castigar os aliados que foram contrários a guerra e mais favoráveis aos inimigos do que aos lacedemônios, colocando-os em uma situação onde não poderiam ser desleais. Primeiramente, eles [os lacedemônios] enviaram mensageiros aos mantineus e ordenaram que demolissem as suas muralhas, afirmando que se eles [mantineus] agissem de outra forma não seriam confiáveis e que iriam tomar o lado do inimigo [...] Como não quiseram destruir as muralhas, os lacedemônios decretaram uma mobilização contra os mantineus. Agesilau solicitou a Esparta que o liberasse do cargo de estrategista, alegando que a *pólis* de Mantineia havia ajudado demasiadamente ao seu pai durante as guerras contra a Messênia. Agesópolis liderou as tropas ainda que o seu pai, Pausânias, mantivesse boas relações com os dirigentes do partido democrático de Mantineia (XEN. *Hel.* V. 2.1, 3)<sup>136</sup>.

Diodoro (XV, 5.5) destacou que os mantineus expediram uma embaixada a Atenas solicitando o seu auxílio, porém os atenienses preferiram se isentar de qualquer participação neste conflito em respeito à Paz de Antálcidas. O posicionamento ateniense correspondeu aos seus interesses pessoais, haja vista que a paz comum (*koinè eirénē*) lhe garantiu o controle sobre Imbros, Esciros e Lemnos. A isso se somava o fato de Atenas não estar empenhada por iniciar um conflito com Esparta, o qual poderia levar à dilapidação dos recursos que poderia acumular com um período de paz.

Ao invadir Mantineia, Agesópolis devastou o território e cavou um fosso ao redor das muralhas desta *pólis*. A sua conduta à frente dos exércitos peloponésios é significativa, afinal poucos foram os *basileis* lacedemônios que se destacaram pela engenhosidade no campo de batalha. Agesópolis soube minimizar o tempo e os esforços dessa expedição, além de visar resultados expressivos. O governante lacedemônio ordenou que os seus homens construíssem um dique no curso de um rio que passava pelo centro de Mantineia, o

---

<sup>136</sup> No grego temos: τούτων δὲ προκεχωρηκότων ὡς ἐβούλοντο, ἔδοξεν αὐτοῖς, ὅσοι ἐν τῷ πολέμῳ τῶν συμμάχων ἐπέκειντο καὶ τοῖς πολεμίοις εὐμενέστεροι ἦσαν ἢ τῇ Λακεδαίμονι, τούτους κολάσαι καὶ κατασκευάσαι ὡς μὴ δύναιντο ἀπιστεῖν. πρῶτον μὲν οὖν πέμψαντες πρὸς τοὺς Μαντινέας ἐκέλευσαν αὐτοὺς τὸ τεῖχος περιαιρεῖν, λέγοντες ὅτι οὐκ ἂν πιστεύσειαν ἄλλως αὐτοῖς μὴ σὺν τοῖς πολεμίοις γενέσθαι. [...] ἐπεὶ δ' οὐκ ἤθελον καθαιρεῖν τὰ τεῖχη, φρουρὰν φαίνουσιν ἐπ' αὐτούς. Ἀγησίλαος μὲν οὖν ἐδεήθη τῆς πόλεως ἀφεῖναι ἐαυτὸν ταύτης τῆς στρατηγίας, λέγων ὅτι τῷ πατρὶ αὐτοῦ ἢ τῶν Μαντινέων πόλις πολλὰ ὑπηρετήκοι ἐν τοῖς πρὸς Μεσσήνην πολέμοις· Ἀγησίπολις δὲ ἐξήγαγε τὴν φρουρὰν καὶ μάλα Πausανίου τοῦ πατρὸς αὐτοῦ φιλικῶς ἔχοντος πρὸς τοὺς ἐν Μαντινείᾳ τοῦ δήμου προστάτας.

que inundou a fundação das casas e da muralha (XEN. *Hel.* V, 2.4-5). Além de evitar a fuga dos mantineus, Agesípolis os submeteu e os levou a aceitar as condições impostas por Esparta.

Como os mantineus haviam desobedecido as deliberações espartanas, estes foram levados a realizar o *διοικισμός* de sua *pólis*, isto é, esta foi dividida nos vilarejos anteriores a sua unificação políade (XEN. *Hel.* V, 2.5). Embora esta tenha sido uma clara violação da Paz de Antálcidas, Xenofonte (*Hel.* V, 2.7) declarou que os proprietários de terras de Mantineia, e membros de grupos oligárquicos e/ou aristocráticos, ficaram satisfeitos com a separação da *pólis* em aldeias (*kómai*). Xenofonte reforçou que os aristocratas mantineus se tornaram partidários dos lacedemônios e ficaram exultantes de não estarem submetidos aos demagogos democratas que inundavam a sua sociedade.

O discurso de Xenofonte nos permitiu considerar a questão da proporcionalidade das conexões e das redes políticas, pois para cada aliado que adquirimos também podemos obter algum inimigo. Embora essa prática não seja equilibrada como a afirmação pode sugerir, ela demonstra que, enquanto muitos teriam desenvolvido ojeriza pelas ações de Esparta, muitas outras *póleis* e grupos políticos teriam se beneficiado com as mesmas. Portanto, não podemos generalizar a percepção das interações de Esparta com a Hélade durante a Paz de Antálcidas, haja vista que estas atitudes somente ocorreram pelo apoio que os lacedemônios receberam de suas redes políticas.

César Fornis (2008, p. 318) endossou o posicionamento de Xenofonte ao problematizar que a intervenção de Esparta sobre Mantinéia assegurou o controle dos vilarejos mantineus pelas antigas aristocracias locais. De forma semelhante, a inclinação política desses grupos familiares não somente os aproximou da política lacedemônia, como também os inseriu nas conexões de homens importantes e de recursos entre os esparciatas. Para Esparta, o apoio recebido dos aristocratas mantineus ampliava a influência de suas redes no Peloponeso. Junto à imposição espartana sobre Corinto e Argos, Mantineia foi outra das manifestações do *imperialismo* lacedemônio, o qual se associava à iniciativa retórica de uma paz comum pautada em atitudes justas.

O que mais nos chamou a atenção nesta intervenção espartana foi o apoio que Agesípolis recebeu das famílias aristocráticas mais tradicionais de Mantineia. Nesse contexto, verificamos que os aristocratas mantineus não estavam restritos às conexões políticas oriundas de Agesilau, tornando a perspectiva anteriormente citada por Xenofonte um aparente equívoco. Nada impediria, de fato, que Agesípolis mantivesse boas conexões

com os democratas de Mantineia, no entanto, em virtude de sua formação político-cultural, era mais adequado aos *basileis* Ágidas se vincularem a segmentos sociais mais conservadores.

A submissão de Mantineia e a aparente supremacia que Esparta exercia na Arcádia levou o governo lacedemônio a continuar a expansão de suas áreas de influência. Isso se tornou possível pela segurança que a Paz de Antálcidas forneceu a Esparta. Diante disso, o governo espartano direcionou as suas atenções para o norte da Hélade, com ênfase à Macedônia e a Trácia. Aqui Xenofonte (*Hel.* V, 2.11) introduziu os embaixadores de Acanto e Apolônia em sua narrativa, os quais solicitaram o auxílio espartano em seus negócios políticos. A partir de Xenofonte propomos que, nesta conjuntura, a postura espartana foi relativamente precipitada. Em nossa perspectiva, o mais vantajoso para Esparta seria consolidar as bases de sua rede política no Peloponeso com o apoio dos atenienses e, talvez, dos beócios. A participação espartana na dinâmica política de Acanto e Apolônia estaria além dos seus próprios limites militares e econômicos. Ao que parece Esparta estava receosa com os eventos da guerra de Corinto e ansiava pela supressão dos seus opositores em potencial ao longo da Hélade. Ficou evidente que o seu envolvimento em inúmeras frentes de batalha durante a Paz de Antálcidas gerou a insatisfação dos aliados e fomentou a organização de grandes opositores a sua supremacia sobre os helenos.

Xenofonte (*Hel.* V, 2.12-16) iniciou a sua representação da embaixada de Acanto e Apolônia com o posicionamento do acântio Clígenes, cujo discurso manifestou que os helenos haviam percebido a conduta inadequada de Esparta com outras *póleis* e confederações poderosas. O embaixador de Acanto pontuou que Olinto, a maior cidade da Trácia, estava expandindo os seus domínios em direção à Macedônia. No entanto, o *basileús* macedônio, Amintas, era incapaz de enfrentar os olíntios e isso ameaçava a Hélade Central e o Peloponeso. Dois trechos do pronunciamento do acântio nos chamou a atenção: no primeiro, o embaixador destacou que Olinto já havia enviado representantes políticos a Atenas e Tebas solicitando uma aliança; no segundo, Clígenes parecia saber que Esparta teve o cuidado de desestruturar o poder político-militar tebano, o que tornava incoerente a possível inércia espartana diante dos avanços de Olinto.

A representação de Clígenes na cena enunciativa de Xenofonte salientou que as sociedades helênicas sabiam o quanto Atenas e Tebas preocupavam a *arkhē* de Esparta. Para tanto, consideramos que algumas *póleis* compreendiam as motivações espartanas e a sua aproximação com os persas. Essa assertiva foi endossada quando Clígenes pontuou que

o governo de Esparta deveria sobrepujar toda e qualquer sociedade helênica poderosa que não fosse sua aliada. A postura de Clígenes se fundamentou no esforço espartano por dismantelar a Confederação Beócia e diminuir as conexões políticas de Tebas. Afinal, o discurso de Esparta acerca da liberdade helênica deixaria de fazer sentido diante dos beócios se os lacedemônios não agissem da mesma maneira com uma sociedade mais poderosa e influente como Olinto.

A interpretação dessa passagem nos fez perceber que Clígenes colocou a supremacia espartana em *xeque*, pois, se Esparta não se pronunciasse diante da expansão de Olinto, ficaria evidente que o seu problema era exclusivamente com Tebas. Embora os espartanos tenham correspondido positivamente ao apelo de Acanto e Olinto, defendemos que a proximidade geográfica de Tebas com o Peloponeso tornava-a uma ameaça muito mais imediata a Esparta do que a Olinto.

De todo modo, a iniciativa de auxiliar as *póleis* do norte a se manterem livres, em conformidade à Paz de Antálcidas, fez com que Esparta se deparasse com um dos seus maiores problemas político-militares. Como debatemos no primeiro capítulo, Esparta selecionou Eudâmidas para comandar esta expedição a Olinto. Todavia, a velocidade que a expedição demandava fez com que Eudâmidas reunisse uma parcela do contingente esperado e partisse. Para que não houvesse a falha deste empreendimento, o esparciata solicitou que o seu irmão, Fébidas, se tornasse um comandante auxiliar para conduzir os guerreiros que ainda faltavam. A capacidade de Eudâmidas em promover o seu irmão como estrategista demonstrou a sua influência e/ou a de sua família no cenário político espartano de então.

As atitudes de Fébidas em seu percurso rumo à Trácia mereceram a nossa atenção, afinal interessa-nos discutir os efeitos que a sua invasão a Tebas causou à imagem e ao *status* de Esparta diante dos helenos no período da Paz de Antálcidas. Xenofonte (*Hel.* V, 25-27) demarcou que Fébidas acampou nos limites do território tebano, o qual vivenciava uma disputa entre grupos políticos, um liderado por Ismêneas e outro por Leontíades. Xenofonte afirmou que Leontíades era de inclinação filolacônica enquanto que Ismêneas nutria ódio pelos lacedemônios. Possivelmente, o rancor deste último se deu pelo empenho espartano em desestruturar a Confederação Beócia, o que significou a submissão tebana aos interesses de Esparta e a perda de recursos generosos para os partidários desse grupo político. Leontíades, por sua vez, parecia saber que a aproximação com os interesses lacedemônios era um meio efetivo para impulsionar a sua autoridade em Tebas.

Se considerarmos a postura de Agesilau na apresentação dos termos da Paz de Antálcidas (XEN. *Ages.* 2.21), supomos que Leontíades foi um dos maiores apoiadores do retorno dos exilados tebanos à Beócia, os quais se constituíam em sua principal base de apoio político. Essa perspectiva enfatiza a percepção de Leontíades para as suas necessidades como ator social tebano, bem como os esforços empreendidos por este para recuperar a sua influência política em Tebas. Por meio de Xenofonte (*Hel.* V, 5.25-26), identificamos que somente uma parcela dos tebanos era contrária a Esparta, enquanto que os demais pretendiam que Tebas se mantivesse submetida aos interesses espartanos.

Plutarco (*Ages.* 23.7, 24.1) expôs que Leontíades<sup>137</sup> atuava com Arquias e juntos governaram Tebas de forma despótica. Em outra de suas obras Plutarco (*Pelop.* 5.2) afirmou que Leontíades, Arquias e Filipe eram membros de uma *facção* oligárquica e filolacônica de Tebas. Em virtude de sua ambição desmedida, estes homens persuadiram Fébidas a tomar a acrópolis tebana e expulsar o grupo político de oposição. Plutarco (*Pelop.* 4.5) declarou que os adversários de Leontíades eram de inclinação democrática e lutavam por uma forma popular de governo.

O cruzamento dos indícios documentais de Xenofonte e Plutarco — citados acima — nos permitiu considerar que a supressão da Confederação Beócia causaria algum tipo de distúrbio à autoridade político-militar espartana. Isso porque, se Ismênia e os seus partidários fossem dotados de maior proeminência junto ao *dêmos*, não seria difícil mobilizá-lo contra os lacedemônios. Fundamentamos essa conclusão na ideia de que Ismênia nutria ódio pelos espartanos e que tentou promover uma propaganda contrária à Paz de Antálcidas e à supremacia de Esparta na Hélade. Partindo do argumento de uma *guerra preventiva*<sup>138</sup>, Leontíades ajudou Fébidas a tomar Cadmeia — a acrópolis de Tebas — durante a celebração das Tesmofórias, no ano de 382. Dessa maneira, Leontíades promoveu a ideia de que os democratas tebanos consideravam Esparta inimiga e desejavam promover hostilidades a esta.

A postura de Fébidas foi uma transgressão sem precedentes à Paz de Antálcidas, porém a sua absolvição reforçou o quão longe Esparta estava disposta a ir para assegurar a sua influência na Hélade (XEN. *Hel.* V, 2.32). Como pontuamos anteriormente, Agesilau teve uma participação fundamental no cenário de decisões políticas espartanas, cuja principal discussão residia na punição de Fébidas. Ainda mais curioso é que a

---

<sup>137</sup> Nas obras de Plutarco, Leontíades foi denominado Leontidas.

<sup>138</sup> Essa perspectiva foi defendida por César Fornis (2008, p. 322).

*incriminação* historiográfica sofrida por Agesilau ao defender Fébidas baseia-se no fato de que as magistraturas espartanas não se reuniram para discutir se o controle de Tebas deveria continuar ou não. Diodoro (XV, 20.2) foi quem melhor nos informou sobre esse momento, ao destacar que os lacedemônios impuseram uma multa a Fébidas, mas não retiraram a guarnição de Cadmeia. Portanto, muito embora Agesilau tenha atuado a favor de um cliente em potencial<sup>139</sup>, os indícios literários não apresentaram qualquer medida de Esparta para revogar o controle exercido sobre Tebas.

Durante a captura de Cadmeia alguns partidários de Ismêneas conseguiram fugir e se refugiar em Atenas<sup>140</sup>, sendo esta conexão perigosa aos interesses de Esparta. Isso porque o sentimento antiespartano desses tebanos poderia se somar à insatisfação ateniense de ser privada do seu império marítimo. Com isso, os exilados de Tebas legitimariam as suas ações político-militares ao formarem uma conexão informal com atenienses dotados de ideias antiespartanas. Plutarco (*Pelop.* 6.3) argumentou que a injustiça espartana fez com que o seu governo solicitasse a expulsão dos tebanos refugiados em Atenas. O governo ateniense se negou em retribuição ao auxílio tebano no período que os Trinta governaram Atenas. O gesto ateniense demonstrou a insatisfação que Esparta vinha angariando — desde o final da guerra do Peloponeso — junto aos helenos pelos seus excessos político-militares. Esses fatores mesclados formaram o elemento basilar para que os helenos se conectassem contra os lacedemônios e se mostrassem dispostos a retirá-los de sua supremacia no Pequeno Mundo helênico.

Françoise Ruzé (2018, p. 341) destacou que as atitudes espartanas influenciaram o equilíbrio das redes políticas helênicas desenvolvidas no início do século IV. Para a autora, os métodos de controle adotados por Esparta diante de seus aliados fizeram com que estes almejassem o fim da supremacia lacedemônia. Por fim, Ruzé (2018, p. 348) estabeleceu que a incapacidade espartana de corresponder às necessidades de seus aliados (*sýmmakhoi*) foi o aspecto de maior influência do processo de enfraquecimento do poder político, militar e relacional de suas redes. Em certa medida partilhamos desta afirmação de Ruzé, afinal o governo espartano estava dando indícios do seu despreparo na liderança das *póleis*, sejam as do continente sejam as do Egeu. Diante disso, a imagem espartana se desgastou junto aos seus aliados. Essa premissa pode ser endossada por Diodoro (XV, 20.2) e Plutarco

---

<sup>139</sup> Embora nada impedisse que Fébidas já integrasse as redes políticas de Agesilau.

<sup>140</sup> Quando os Trinta chegaram ao poder em Atenas os exilados atenienses conseguiram refúgio em Tebas. Na ocasião os tebanos estavam desenvolvendo uma política de retaliação a Esparta, porém sem se levantarem contra os lacedemônios.

(*Pelop.* 6.2), os quais confirmaram que a absolvição de Fébidas tornou os lacedemônios desacreditados diante dos helenos.

### 3.5 Os excessos e a fragilidade das redes de Esparta

Com a submissão temporária de Tebas, Esparta pôde direcionar a sua atenção para Olinto. De certo modo, as ações espartanas em Tebas e Olinto ocorreram de forma simultânea, afinal Eudâmidas foi designado estrategista para atuar junto aos olíntios e Fébidas para auxiliá-lo. Diodoro (XV, 21.1) evidenciou que Eudâmidas se associou ao *basileús* macedônio Amintas e juntos combateram Olinto. Eudâmidas e as suas forças eram menores que as do inimigo e foram incapazes de vencer. Esta informação reforça a ideia do desgaste dos recursos humanos de Esparta, os quais poderiam ser utilizados em seus conflitos, considerando a distância entre a Macedônia e o Peloponeso. Considerando que uma derrota para os olíntios acabaria minando a imagem de Esparta, o seu governo reuniu um contingente ainda maior que, liderado por Teleutias, partiu para Olinto.

Novamente a escolha de Teleutias como comandante seria considerada um indício da influência política de Agesilau em Esparta, no final da década de 380. De fato, seria interessante para o *basileús* Euripôntida ampliar ou consolidar as suas conexões políticas com homens influentes do norte da Hélade e que estariam sendo dominados por Olinto. Por sua vez, lembramos que a habilidade de Teleutias já havia sido testada em mais de uma ocasião, o que tornava a sua escolha adequada e justificável para esta expedição. Ainda que Agesilau estivesse interessado em ampliar as conexões de suas redes políticas em regiões onde a influência de Esparta era menor, a escolha de Teleutias para essa expedição estaria além da autoridade de seu irmão.

Se considerarmos que Agesilau e Teleutias foram agentes/atores sociais de uma instituição política que os superava — a *pólis* espartana —, o Euripôntida e o seu irmão poderiam promover as suas conexões para além dos limites políades. Entretanto, seria ingenuidade acreditarmos que Esparta não tinha conhecimento destes vínculos em uma Hélade onde todos estariam relacionados direta ou indiretamente. Portanto, Teleutias era uma escolha interessante para o seu irmão, pois ambos estariam fomentando conexões pessoais e expandindo a extensão de suas redes familiares, mas também este esparciata correspondia às demandas do governo espartano e de muitos lacedemônios poderosos, os quais estariam obtendo vínculos com homens de recursos do norte da Hélade.

Para John Buckler e Hans Beck (2008, p. 75), ao representar o posicionamento da embaixada de Acanto e Apolônia, bem como a mobilização de Esparta, Xenofonte tentou justificar o expansionismo espartano através do temor desta *pólis* em perder a sua hegemonia. Somado a isso, a possibilidade de uma aliança entre Tebas, Atenas e Olinto simbolizaria uma ruptura dos pressupostos da Paz de Antálcidas e a evidente diminuição do poder político espartano sobre a Hélade. Buckler e Beck (2008, p. 75-76) manifestaram que pairava sobre Esparta o *espectro* de uma possível Confederação Marítima Ateniense, na qual o norte da Hélade forneceria recursos para a reconstrução das embarcações de Atenas, as quais serviriam para o comércio e para a guerra.

Nesta conjuntura se tornou importante para Esparta intervir em qualquer pretensão expansionista de Olinto, uma vez que isso garantiria conexões políticas com *póleis* oriundas da Trácia e da Macedônia, além de evitar uma associação dos olíntios com Atenas e Tebas. Contudo, os interesses de Esparta, Tebas e Atenas junto ao norte da Hélade eram semelhantes. Todas estas *póleis* sabiam da necessidade dos recursos materiais para darem continuidade aos seus respectivos intentos, ou seja, os espartanos queriam conservar a sua supremacia entre os helenos, Atenas poderia reaver as bases para a reorganização da sua confederação marítima, já os tebanos opositores de Esparta que ainda residiam na Beócia estariam dispostos a se organizar para juntos se oporem aos lacedemônios com o auxílio de Olinto e dos atenienses. Portanto, o cruzamento dos indícios documentais de Xenofonte e Diodoro em conformidade à historiografia nos permitiu conjecturar essa perspectiva: todas as *póleis* que atuavam como nós centrais de redes densas, ou aquelas que haviam sido e conservaram muitas de suas conexões, buscavam meios para intensificarem suas conexões e se verem livres de possíveis ameaças.

Xenofonte (*Hel. V, 2.37*) pontuou que Teleutias recebeu um contingente de dez mil homens, além do auxílio de *póleis* aliadas durante a marcha. Nos chamou a atenção a ênfase que Xenofonte deu ao entusiasmo dos helenos por auxiliarem Teleutias, sobretudo pela contribuição de guerreiros que os tebanos fizeram ao irmão de Agesilau. Diodoro (XV, 21.1) expandiu as considerações de Xenofonte ao afirmar que Teleutias foi nomeado estrategista pela sua bravura, mas sem deixar de mencionar que este era irmão de Agesilau, o que ressalta a importância deste dado. Ao cruzarmos a cena enunciativa presente no discurso de Xenofonte e no de Diodoro consideramos que a escolha de Teleutias se deu por alguns motivos particulares, tais como: a) assegurar que os ganhos advindos da expedição fossem convertidos em benefícios para as redes políticas de Agesilau; b) impedir que

outros lacedemônios fossem feitos comandantes e tomassem atitudes inesperadas<sup>141</sup>; c) a falta de esparciatas proeminentes no cenário militar para desempenhar funções de comando; d) a carência de cidadãos interessados em liderar essa expedição.

Os indícios da nomeação de Telêutias como estrategista da expedição de Olinto ressaltam a proeminência deste esparciata no cenário político-militar espartano. Embora Agesilau tenha contribuído para que isto ocorresse, não podemos minimizar os feitos individuais de Telêutias. Levantamos a hipótese de que ele soube edificar conexões políticas com esparciatas e helenos de prestígio. Isso fortaleceria as redes políticas e a influência de Agesilau e daria importância pessoal e individual a Telêutias no cenário político-social do Peloponeso e da Hélade. O nosso posicionamento sobre este ator social corresponderia a pelo menos três das quatro possibilidades levantadas acerca da sua nomeação como estrategista. Diante dos *benefícios* obtidos por Esparta com a Paz de Antálcidas, esta não poderia se arriscar a falhar diante dos seus aliados do norte da Hélade, uma vez que isso abalaria a imagem que havia construído do poder de suas redes políticas.

Como havíamos exposto, a submissão de Olinto era desejada pelos espartanos em virtude da ameaça que esta sociedade representaria caso se aliasse aos atenienses. Se considerarmos que Tebas foi submetida e, com ela, grande parte da Beócia, o governo espartano acreditou que o fim da influência de Atenas sobre os helenos era a chave para a manutenção de sua hegemonia. Contudo, as excessivas intervenções militares de Esparta não favoreceram a obtenção de novas conexões ou a ampliação dos vínculos já existentes com os helenos. Ao contrário, pois muitas *póleis* se tornaram receosas com os espartanos e manifestaram o interesse em apoiar os inimigos dos lacedemônios. Portanto, se antes os esparciatas eram considerados os homens mais adequados para exercerem a liderança sobre os helenos, agora estavam se tornando os mais inconvenientes para os cargos de comando. Na *Constituição dos Lacedemônios* (14.6), Xenofonte materializou o nosso apontamento, pois muitas *póleis* se esforçavam e se uniam para impedir que os lacedemônios alcançassem a liderança de expedições militares.

Desse modo, em tempos passados, os helenos iam à Lacedemônia e imploravam que ela os liderasse contra malfetores de grande reputação; mas, agora, eles [os

---

<sup>141</sup> Tal como aconteceu com Fébidas e Pausânias em Atenas durante o governo dos Trinta e em Haliarto. Neste último caso foi inesperado que Pausânias recuperasse o corpo de Lisandro por meio de um tratado e não lutando.

helenos] se chamam mutuamente para impedir os lacedemônios de tomarem o comando (XEN. *Cons. Lac.* 14.6)<sup>142</sup>.

Muito embora essa passagem venha a ser uma referência à guerra de Corinto, temos a hipótese de que a assertiva de Xenofonte seja aplicável ao período da Paz de Antálcidas. Isso porque a formação do *sinédrio de Corinto* se deu pelo interesse de Corinto, Tebas, Argos e Atenas de impedirem a preponderância espartana entre os helenos. Contudo, durante a Paz de Antálcidas, as ações de Esparta se tornaram excessivamente incisivas para com grande parte da Hélade continental, aspecto que poderia se mesclar ao *abandono* dos jônios. Nesse caso, ainda que as ações de Esparta tenham tornado excessivas, logo após a derrota de Atenas na guerra do Peloponeso, a sua intervenção na Ásia Menor foi descrita como justa e em prol dos helenos, algo que já não podemos identificar durante a Paz de Antálcidas.

James Roy (2018, p. 355) declarou que o cerne do poder político-militar de Esparta foram as redes e as conexões políticas que esta fomentou com os peloponésios desde o período arcaico. O posicionamento de Roy corrobora os nossos pressupostos de pesquisa, afinal nenhuma sociedade pode se tornar influente e poderosa sem o auxílio de outras que a apoiem. Em conformidade a Roy reiteramos a ideia de que um governante, ou mesmo políticos influentes, somente se mantêm no poder se obtiver apoiadores que o sustentem no poder. Isso se manifestou em Charles Kadushin (2012, p. 3-4) ao destacar que um líder/governante precisa receber irradiações e irradiar ações que assegurem a sua popularidade em uma rede, recebendo o voto de confiança e o apoio de suas conexões para manter-se no poder. A perspectiva de Roy destaca que Esparta obteve um lugar de destaque entre os helenos em virtude dos seus valores e da ordem de seus exércitos, mas também pelos poderosos aliados que conseguiu angariar no decorrer de sua trajetória política.

Essa lógica foi adaptada para Agesilau, pois defendemos que o Euripôntida, assim como a sua *pólis*, foi incapaz de obter poder e influência política sozinho. Embora tenhamos analisado a sua conexão com Lisandro e validado a ideia de que o *basileús* dependia diretamente de seus aliados para sustentar a sua autoridade em Esparta e na Hélade, a historiografia especializada manifestou que Agesilau foi o culpado pela desestruturação de Esparta. Ao interagirmos com as análises que Charles Hamilton (1991)

---

<sup>142</sup> No texto em grego verificamos: τοιγαροῦν οἱ Ἕλληνες πρότερον μὲν ἰόντες εἰς Λακεδαίμονα ἐδέοντο αὐτῶν ἠγεῖσθαι ἐπὶ τοῦς δοκοῦντας ἀδικεῖν: νῦν δὲ πολλοὶ παρακαλοῦσιν ἀλλήλους ἐπὶ τὸ διακωλύειν ἄρξαι πάλιν αὐτούς.

e Paul Cartledge (1987) elaboraram sobre o reinado de Agesilau, notamos que estes autores seguiram uma via tradicional e taxativa quanto às conexões políticas promovidas pelo *basileús* Euripôntida. As contribuições desses especialistas foram fundamentais para o desenvolvimento dos estudos sobre Esparta, contudo estes seguiram uma lógica de causa e efeito tendo Agesilau como a base de suas críticas. Em certa medida, Cartledge e Hamilton edificaram um modelo de História Política típico do XIX, voltada para os feitos dos grandes homens de seu tempo cujas ações foram as responsáveis por mudarem a trajetória de sua sociedade.

Hamilton tentou desenvolver uma psico-história de Agesilau, algo que consideramos questionável. Não pretendemos desqualificar os estudos de psico-história, no entanto a convicção de Hamilton em afirmar que Esparta se desestruturou em virtude das atitudes de Agesilau se fundamentou em indícios literários oriundos de outras sociedades. Nesse sentido, Hamilton parece esquecer da intencionalidade dos autores da Antiguidade, a qual esteve associada à formação discursiva e ao lugar social em que foram produzidas. Com isso, como poderíamos desenvolver um trabalho voltado para a percepção da personalidade de um ator social, se os indícios que temos não partiram da *pena* deste mesmo sujeito? Por outro lado, se tomarmos o exemplo de Xenofonte ou Plutarco, como que estes poderiam expressar a mentalidade do ator social cujos feitos foram descritos, pensados e problematizados ao longo do tempo? Todavia, Hamilton (1991, p. x) defendeu a sua postura argumentando que “se os historiadores podem escrever sobre a personalidade de Alexandre [o Grande], por que não [escrever] sobre Agesilau?”

A problemática da proposta de Hamilton — até mais que Cartledge — foi enfatizar a culpabilidade de Agesilau por um processo que vinha se desenvolvendo no século V. A veemente certeza com que concluiu os seus escritos destacou que a personalidade de Agesilau levou Esparta ao seu derradeiro destino político-militar entre os helenos.

Outro autor importante para essa discussão foi John Buckler, cujos motivos para as suas críticas e denúncias relativas a Agesilau são facilmente identificáveis<sup>143</sup>. Sem dúvidas as contribuições de Buckler são imprescindíveis para se analisar a dinâmica política da Hélade no século IV, sobretudo no que concerne à sociedade de Tebas e a região da Beócia. Nos chamou a atenção o nível de envolvimento que o autor teve com o seu objeto de análise, chegando a defender a ideia plutarqueana de que Agesilau e Esparta foram os grandes algozes de Tebas no século IV. Nesse contexto, a necessidade de Buckler (2003,

---

<sup>143</sup> Fizemos referências a esta questão no primeiro capítulo desta tese.

*passim*) por enfatizar as ações tebanas no interior das redes helênicas o levou a desqualificar Esparta e a representar Agesilau como um governante despreparado e um comandante inábil.

Com a publicação do volume duplo de *A Companion to Sparta*, verificamos que esta tendência conservadora — e até mesmo radical<sup>144</sup> — continua sendo desenvolvida pela historiografia especializada na História de Esparta. Foi Françoise Ruzé quem contribuiu para o *hall* dos pesquisadores que consideraram Agesilau o grande expoente da desestruturação política, social, militar e econômica de Esparta. Ao longo de seu artigo, o argumento fundamental de Ruzé (2018, p. 320-321) demonstrou que Agesilau ficou obcecado por retribuir a Tebas a humilhação sofrida em Áulis. Para a autora a compulsão do Euripôntida o levou a tomar decisões inadequadas e a agir de forma emotiva, ao invés de considerar a importância de sua posição político-militar diante de Esparta. Tal como Hamilton, Ruzé (2018, p. 329) defendeu que a política espartana do século IV se dividia em *facções* políticas rivais dotadas de uma inclinação político-ideológica clara, que impedia o equilíbrio nas decisões governamentais de Esparta. O desenvolvimento de grupos políticos foi uma tendência comum a todas as sociedades helênicas, no entanto tentar obter a materialidade de onde não se tem e estabelecer as áreas de atuação e interesse de cada um desses grupos com demasiada precisão nos pareceu excessivamente forçoso.

De todo modo, o que nos levou a fazer esse aparente desvio em nossas considerações sobre as redes políticas de Esparta durante a Paz de Antálcidas? Primeiro, porque praticamente toda a nossa análise da documentação literária nos permite considerar que as ações espartanas pretendiam assegurar a sua supremacia sobre outras sociedades. Segundo, embora os interesses espartanos superassem o de seus aliados, o governo de Esparta dependia dos seus vínculos com as *póleis* helênicas para conservar o seu *status* e posição na política na Hélade. Terceiro, mesmo quando Esparta agiu de forma inadequada, outras sociedades a auxiliaram, reforçando a lógica de que, embora os espartanos tivessem a culpa por estas ações, haviam helenos que atuavam como os seus partidários visando benefícios políticos, militares e/ou econômicos. Basta tomarmos a expedição de Fébidas como exemplo, na qual um grupo de tebanos teriam apoiado e facilitado a tomada de Cadméia.

---

<sup>144</sup> Defendemos a ideia de que uma visão extremamente tradicional acaba beirando o radicalismo, como aconteceu em Charles Hamilton *Agesilaus and the Failure of Spartan Hegemony*.

O nosso objetivo não foi minimizar a credibilidade destes renomados pesquisadores, porém nos chamou a atenção a ideia recorrente de que o problema da desagregação política, econômica e social de Esparta foi o descomedimento das atitudes de Agesilau. Sendo assim, ao invés de pensarmos que todas as decisões de Esparta foram influenciadas por Agesilau, não poderíamos sugerir o inverso? Não teria sido Agesilau influenciado por Esparta e/ou os seus magistrados para tomar grande parte de suas decisões?

Ainda que possamos adotar essa tendência, acabaríamos levados ao extremo oposto das análises aqui apresentadas e atuaríamos de forma contrária à nossa proposta de pesquisa. Diante dos nossos objetivos, o fundamental foi perceber como as conexões e as redes políticas engendradas por *póleis* e homens foram determinantes para as tomadas de decisões políticas de suas respectivas sociedades no século IV. Esse ponto de vista perspectiva entrelaça as atitudes até então individualizadas por uma parcela da historiografia, além de enfatizar a importância do cruzamento de indícios documentais para ampliarmos a nossa percepção histórica das sociedades helênicas, com ênfase em Esparta.

Sendo assim, as ações de Esparta pretendiam enfraquecer qualquer ameaça externa a sua supremacia diante dos helenos. Essa aparente precaução se associou ao temor de que uma nova rede político-militar se organizasse, tal como o *sinédrio de Corinto*. A situação relativamente favorável na qual Esparta se encontrava, em virtude do apoio recebido do Império Aquemênida e de Siracusa, além de um grande número de *póleis*, permitiu que as suas ações fossem justificadas em nome da paz e em virtude de seus interesses particulares. De fato, consideramos que as atitudes espartanas foram descomedidas para como muitos dos seus inimigos e rivais, bem como com os seus aliados que se viram obrigados a contribuir com expedições que nem mesmo sabiam o motivo fundamental da sua realização, gerando a insatisfação de uma parcela significativa da Hélade para com a liderança espartana.

No que tange à atuação de Telêutias, Xenofonte (*Hel. V, 2,37-39*) descreveu que a preocupação do esparciata era formar conexões densas com os macedônios — o que incluía o *basileús* Amintas e o líder de Elímia, Derdas — para fortalecer as redes políticas de Esparta. A cena enunciativa do discurso de Xenofonte se tornou um objeto interessante para se pensar a representação de Telêutias em um *jogo* de conexões políticas, cujo principal artifício foi expor a existência de uma ameaça comum com a qual os macedônios e os lacedemônios deveriam se unir para superá-la. O Telêutias de Xenofonte (*Hel. V, 2.38*)

ênfatiçou que os olíntios parariam de dominar as *póleis* macedônicas quando alguém acabasse com a sua presunção. Nos chamou a atenção o fato de Xenofonte, através de Telêutias, inserir os olíntios na categoria de injustos e presunçosos. Contudo, em que medida a política espartana do período não tornava os lacedemônios os mais pretensiosos nestas interações?

Xenofonte (*Hel.* V, 2.40) nos forneceu outro dado interessante, a saber: Telêutias colocou os cavaleiros lacedemônios, tebanos e todos os macedônios à direita de sua formação de combate. A relevância desse trecho reside na generalização historiográfica sobre o comportamento de Agesilau diante de Tebas. Será que Agesilau teria realmente um rancor desmedido pelos tebanos? Em caso positivo, essa ojeriza seria por todos os homens de Tebas? Novamente, se a resposta for positiva, o que levaria Agesilau a tolerar a presença da cavalaria tebana junto dos guerreiros espartanos, considerando a sua influência política? Do mesmo modo, por que o governo espartano, o qual Agesilau integrava, aceitou a ocupação de Cadmeia e a formação de conexões políticas de seus cidadãos com Leontíades e os aliados deste, uma vez que todos esses homens eram tebanos?

A ideia de considerar Agesilau o homem mais poderoso de seu tempo não é equivocada, porém acreditarmos que ele poderia agir sem consultar os membros de suas redes políticas seria superestimar a sua influência e *status* políticos dentro e fora de Esparta. Diante dessa perspectiva, a lógica de que Agesilau foi um comandante e um governante despreparado por se deixar dominar pelos sentimentos e agir em conformidade aos mesmos nos parece o enredo de uma *trama ficcional*.

Nesse contexto, devemos considerar a cena enunciativa empregada por Xenofonte ao desenvolver a *Helênica* e torná-la agradável e atrativa a sua audiência. Desta forma, embora Agesilau tenha nutrido todo o tipo de repulsa pelos tebanos, não podemos adotar uma visão generalista desta situação. Isso porque todos os comandantes lacedemônios teriam pretendido angariar algum tipo de benefício com a sua posição política, sem que isso os impedisse de lutar pelo bem de sua *pólis*. Essa perspectiva se complementa pelo fato de que o governo espartano não nomearia um esparciata proeminente com o intuito de beneficiá-lo, ou mesmo a sua família, se esta atitude culminasse em problemas para a *pólis*. Logo, mesmo questionando a documentação literária e os elogios que esta fez a Teleutias e a qualquer homem vinculado a Agesilau, consideramos que o primeiro não seria escolhido comandante se não tivesse a habilidade necessária para sê-lo.

Apesar do sucesso inicial das incursões de Telêutias e de seus aliados, com ênfase ao desempenho de Derdas, esta expedição não alcançou os melhores resultados. Em uma das suas investidas a Olinto, possivelmente na primavera de 381, Telêutias teria destruído as poucas árvores e plantas cultivadas que ainda haviam na região depois de muitos meses de conflito. Xenofonte (*Hel. V*, 3.3-6) afirmou que os olíntios enviaram a cavalaria contra o esparciata, o qual designou os peltastas para combatê-la. Como estes acabaram falhando, Telêutias avançou enfurecido contra o inimigo e acabou tombando em combate. Xenofonte (*Hel. V*, 3.5, 7) advertiu que ninguém deveria agir sob a influência da raiva para não afetar a sua capacidade de julgamento em situações difíceis como estas.

Em certa medida, a derrota de Telêutias poderia ser o reflexo da sua incapacidade como comandante, sendo este um indício da superioridade militar de Olinto, da debilidade dos exércitos de Esparta em virtude da drástica diminuição do contingente de esparciatas, ou mesmo o resultado da intervenção divina em virtude dos excessos espartanos através da Paz de Antálcidas.

Melina Tamiolaki (2012, p. 563, 568) propôs que Xenofonte concebeu Teleutias como um dos seus líderes virtuosos, cujos feitos seriam dignos de menção devido as suas qualidades morais. Contudo, os líderes de Xenofonte seriam homens em um constante processo de amadurecimento, o que não os impedia de falharem em suas atividades. Partindo dessa premissa, Telêutias foi um comandante exemplar até o momento em que se deixou levar pelos próprios sentimentos. Ao considerarmos a lógica do exemplo, tão difundida nos escritos de Xenofonte, Telêutias foi escolhido para o cargo pelas suas virtudes morais e militares, porém a sua falha serviu para demonstrar como não se deixar agir pela emoção no campo de batalha. Os apontamentos de Tamiolaki endossam a ideia de que Telêutias era um esparciata digno do cargo que ocupava ao falecer. Logo, o fato de ser meio-irmão de Agesilau teria influenciado na sua escolha como estrategista, porém a sua habilidade e experiência foram os elementos mais importantes na sua indicação para o cargo.

Com isso, interpretamos a derrota de Telêutias por inúmeros vieses, os quais serviriam até mesmo para justificar uma nova intervenção espartana sobre Olinto. Independentemente de como possamos analisá-la, o fato é que o governo espartano nomeou Agesópolis como o comandante que deveria continuar a expedição. Xenofonte (*Hel. V*, 3.8) nos esclareceu que os lacedemônios foram os responsáveis por escolherem

Agesópolis como substituto de Telêutias, tendo sido acompanhado por trinta conselheiros esparciatas, tal como Agesilau em sua expedição à Ásia Menor.

A postura adotada por Esparta foi uma estratégia para assegurar que o comandante da expedição atuaria em seu benefício de sua *pólis*. Embora o discurso de Xenofonte possa ser interpretado de muitas formas, a princípio consideramos que Agesilau seria o mais indicado para liderar uma expedição a Olinto, com o intuito de retribuir aos seus inimigos à morte de Telêutias. Entretanto, o *dêmos* de Esparta — a *ekklēsia* — e os magistrados mais importantes optaram por Agesópolis. Teria sido essa uma retaliação a Agesilau e a sua abstenção na expedição de Mantínea? Ou esta foi uma proposta de Agesilau em virtude da aparente dificuldade da missão?

Não temos uma resposta precisa para esses questionamentos, entretanto destacamos que Agesópolis seria a escolha mais sensata em virtude da fragilidade em que Esparta se encontrava. Como havíamos exposto, Diodoro (XV, 19.4) caracterizou Agesópolis como um homem mais pacífico que Agesilau, o que seria fundamental para se recuperar os aliados que Esparta havia perdido. Diodoro manifestou que os *sýmmkhoi* de Esparta estavam insatisfeitos pela necessidade de contribuírem com expedições que interessavam somente aos lacedemônios. Considerando que uma conexão, mesmo que assimétrica, pressupõe a realização de interesses mútuos entre os envolvidos, estes gastos enfatizavam os prejuízos dos helenos em detrimento dos benefícios que poderiam obter com as expedições.

A perspectiva de Diodoro nos permitiu problematizar a condição de Esparta diante das redes políticas existentes no Pequeno Mundo helênico. Enquanto a *pólis* hegemônica na Hélade e responsável por assegurar os termos da Paz de Antálcidas, Esparta deveria atuar em prol do benefício comum de todos os membros da paz comum (*koinè eirénē*). Entretanto, a postura lacedemônia era individualista e prezava unicamente pelos seus interesses. A evidência mais expressiva desta atitude foi o esforço por dismantelar a Confederação Beócia e por não se opor à atuação de Fébidas em Cadmeia. Somado a isso temos os eventos anteriores à Paz de Antálcidas, como a invasão de Élis no final do século V ou mesmo o ato de intervir na *união* entre Argos e Corinto.

Partindo de Diodoro sugerimos que, mesmo na Antiguidade, Agesilau foi apontado como o responsável pelas atitudes enérgicas que Esparta tomou em suas conexões redes políticas na Hélade. A partir daí parece justificável que a historiografia tenha tratado Agesilau como o fator determinante para os excessos de sua *pólis*. Todavia, ao adaptarmos

os pressupostos de Dominique Maingueneau (1997, p. 86), uma vez que Diodoro produziu a sua obra em aproximadamente três séculos da morte de Agesilau, o autor herdou toda uma memória discursiva oriunda da interdiscursividade helênica na qual Agesilau foi representado como um herói pan-helênico, mas também como um traidor da Hélade. Portanto, em virtude do seu objetivo essencial com a *Biblioteca de História*, Diodoro<sup>145</sup> foi obrigado a resumir grande parte da História helênica, tornando mais adequado materializar o *espírito de uma época* na figura de um único ator social.

Ainda assim, Agesípolis foi representado como o comandante mais apropriado para essa expedição. Isso porque este era consideravelmente mais novo que Agesilau e um herdeiro direto ao trono dos Ágidas, tendo recebido uma formação voltada para a liderança e com o objetivo de promover/desenvolver a realeza espartana. Por isso, Xenofonte (*Hel.* V, 3.9) afirmou que, durante a expedição à Calcídia, muitos cavaleiros da Tessália se aproximaram de Agesípolis, demonstrando o quão vantajoso seria se tornar *xénos* de um *basileús* oriundo de uma *pólis* influente, mas também como Esparta aspirava ampliar as a extensão de suas redes políticas.

Levantamos a hipótese de que o governo espartano de 381 tentou diminuir a influência político-militar de Agesilau junto aos helenos. Isso não pressupunha que um dos *basileús* lacedemônios era mais violento ou propenso a intervenções que o outro. Contudo, os aliados de Esparta temiam as ações de seu *hēgemón*. Ainda assim, não podemos negar que a imagem de Esparta estava demasiadamente desgastada com os seus aliados, sendo este um indício de que conexões estavam se desenvolvendo entre os helenos para combaterem as redes políticas espartanas.

Xenofonte (*Hel.* V, 3.10) nos expôs que a *pólis* de Fliunte foi elogiada por Agesípolis por contribuir em demasia com a expedição. A postura dos democratas fliásios pretendia manter Agesípolis fora de Esparta para que Agesilau não liderasse nenhuma expedição na Hélade. Em um trecho anterior, Xenofonte (*Hel.* V, 2.8) afirmou que os oligarcas exilados de Fliunte solicitaram o auxílio de Esparta para que pudessem retornar a sua pátria. Dentre esses exilados estaria Podânemo e os seus partidários, bem como Prócles e os seus aliados (XEN. *Hel.* V, 3.13). Xenofonte explicitou que Podânemo e os seus homens eram *xénoi* de Arquídamos II e Prócles era *xénos* de Agesilau II. Como a *xenía* era herdada, um número significativo de oligarcas e/ou aristocratas de Fliunte integravam as

---

<sup>145</sup> Charles Fornara (1983, p. 44-46) caracterizou a obra de Diodoro como uma *História Universal* interessada em descrever a trajetória de todo o *mundo conhecido*, o que incluía os helenos e as sociedades *bárbaras* que tangenciavam a Hélade.

conexões e a rede política de Agesilau entre os helenos. Sendo assim, era imensamente plausível que os democratas buscassem o auxílio de Agesópolis, afinal era quase inevitável que o governo espartano enviase uma expedição para restaurar os segmentos tradicionais no poder político desta *pólis*.

Por sua vez, em Esparta havia a determinação constitucional na qual um *basileús* permaneceria na pátria enquanto o outro estivesse em expedição. Assim, os democratas de Fliunte estariam buscando edificar boas conexões políticas com outros lacedemônios influentes para evitarem uma possível intervenção em sua *pólis*. Aqui a influência de Agesilau poderia atuar a favor dos oligarcas fliásios, pois, para o governo de Esparta, era muito mais fácil e adequado lidar com regimes políticos de alinhamento semelhante ao seu do que interagir com grupos democráticos.

O que os democratas fliásios não esperavam, segundo Xenofonte (*Hel. V*, 3.11-13), era que o governo lacedemônio pudesse abrir exceções para os casos que necessitassem de uma intervenção direta de Esparta. Portanto, quando os exilados de Fliunte solicitaram o auxílio espartano, Agesilau foi designado como estrategista de uma expedição voltada ao restabelecimento dos oligarcas fliásios em seu território. Mesmo com Agesópolis liderando um contingente militar em Olinto, os espartanos não tardaram em mobilizar uma expedição a Fliunte. A decisão de Esparta demonstrou que os seus valores e as suas leis eram adaptáveis às circunstâncias, aos interesses de seu governo e ao interesse dos seus cidadãos mais poderosos.

Como observamos, Esparta empreendeu concomitantemente duas ações militares de porte significativo com o intuito de assegurar o poder político de seus aliados em suas respectivas *póleis*. Isso faria com que a rede política espartana com os helenos se tornasse ainda mais denso, uma vez que estes se tornariam dependentes de Esparta. A aparente subordinação de Acanto, Apolônia e Fliunte à Lacedemônia estava inserida na lógica da retribuição de um favor. Por isso, os espartanos esperavam que os seus aliados retribuíssem os favores que, outrora, Esparta lhes forneceu.

A intervenção de Agesilau em Fliunte se deu em 381/380, entretanto o *basileús* não dispôs de um contingente capaz de invadir uma cidade com aproximadamente cinco mil homens. Xenofonte (*Hel. V*, 3.14) pontuou que, ao cruzar a Lacedemônia cumprindo todos os rituais para uma expedição segura, muitas embaixadas foram ao encontro de Agesilau para solicitar que este não realizasse uma expedição contra Fliunte. Esta *pólis* se localizava no noroeste da Argólida, no Peloponeso, e uma campanha ao seu território teria a pretensão

de garantir que os opositores de Esparta fossem retirados do poder político. Como haviam amigos estrangeiros (*philóxenoi*) de Agesilau entre os exilados fliásios, percebemos a influência do *basileús* no processo de mobilização militar contra Fliunte. Todavia, destacamos que a existência de governos democráticos contrários à liderança de Esparta no Peloponeso era algo que, estrategicamente, não poderia ser tolerado.

Portanto, consideramos simplista a lógica de que esta incursão foi obra unicamente da influência política de Agesilau. Xenofonte (*Hel. V*, 3.14-15) destacou que Agesilau foi requisitado pelas embaixadas aliadas, pois, para o *basileús*, a sua atitude era justa com aqueles que sofreram um grande mal. Muito embora o governo de Fliunte estivesse disposto a pactuar com Agesilau, este solicitou a entrega da acrópolis e os fliásios não aceitaram. O *basileús* sitiou a *pólis* e tomou as medidas necessárias para que os exércitos aliados se ampliassem com os amigos e parentes dos exilados de Fliunte.

O cerco de Fliunte se estendeu até 379, quando a estratégia de Agesilau começou a surtir efeito prático. A presença dos guerreiros espartanos e de muros ao redor da cidade restringiu o acesso aos alimentos. Somado a isso a recorrente devastação do território impedia que qualquer fliásio do interior da *pólis* recolhesse grãos e outros alimentos, mesmo que tivessem essa oportunidade. Por fim, Agesilau conseguiu obter de Esparta o direito de decidir o destino de Fliunte (*XEN. Hel. V*, 3.21-25). Quando isso ocorreu, Agesilau adotou uma postura que garantiria a sua *inocência* sobre qualquer decisão. O *basileús* determinou que cem homens — cinquenta entre os exilados e cinquenta entre os democratas — escolhessem aqueles que deveriam viver e os que deveriam morrer, para daí estabelecerem uma nova constituição em Fliunte. Feito isso, Agesilau deixou uma guarnição de lacedemônios com o pagamento para seis meses de serviço, o que nos leva a concluir que a nova constituição de Fliunte era de matriz aristocrática/oligárquica e favorável aos interesses espartanos.

A documentação citada acima evidenciou que a supremacia dos aristocratas de Fliunte era do interesse de Agesilau e proveitoso para Esparta. Afinal, Fliunte tangenciava Sición, a Argólida e Corinto, fazendo com que o controle desta área fosse vital para a manutenção dos interesses lacedemônios no norte do Peloponeso. Por isso, embora essa expedição fosse importante para a manutenção das conexões políticas de Agesilau com homens influentes e ricos do Peloponeso, a mesma era de utilidade prática para Esparta e para a sua política de imposição pautada nos termos da Paz de Antálcidas.

No que diz respeito a Agesópolis, este invadiu o território de Olinto em 380, devastando uma parte deste e atacando os aliados que os olíntios haviam conseguido. Xenofonte (*Hel.* V, 3.19) declarou que, neste momento, Agesópolis foi acometido por uma febre — algo incomum para a época do ano — e faleceu no templo de Dioniso em Palene, também na Calcídia. O cruzamento dos indícios de Xenofonte (*Hel.* V, 3.26) e Diodoro (XV, 23.2-3) nos demonstrou que os lacedemônios indicaram Polibíades para o cargo de estrategista no lugar de Agesópolis que, através de seus esforços diplomáticos, conseguiu levar Olinto à rendição. A documentação demonstrou que a postura de Polibíades entre os olíntios foi uma aparente continuidade da política de Agesópolis, o que nos permitiu sugerir que somente desta maneira as negociações teriam sucesso.

De todo modo, a morte de Agesópolis pode ser considerada prematura e afetou o funcionamento das redes políticas de Esparta no norte da Hélade. Considerando a escolha do *basileús* Ágida para o comando da expedição, esta seria uma possível retaliação à preponderância político-social de Agesilau e de suas conexões na Lacedemônia. A morte de Agesópolis abriu o caminho para a consolidação do poder Euripôntida em virtude da aparente ausência de uma liderança espartana na região. Para César Fornis (2016, p. 257), a morte de Agesópolis marcou a supremacia de Agesilau no interior das redes políticas de Esparta por não haver rivais com a sua envergadura e influência político-social entre os lacedemônios.

Se Agesilau foi representado como o maior expoente na realidade interpólide helênica durante a Paz de Antálcidas, a inexistência de alguém na realeza que se opusesse às suas medidas, tornaria hegemônica as conexões e as redes políticas da dinastia Euripôntida no Peloponeso e na Hélade. Considerando a conduta de Agesilau em beneficiar os seus companheiros (*hetaíroi*), o falecimento de Agesópolis fez com que os aliados do Euripôntida aumentassem a sua área de influência até a emergência de outro *basileús* prestigioso na Lacedemônia. Essa situação fez com que os esparciatas atrelados a Agesilau exercessem poder político mesmo na ausência deste heráclida, ressaltando como as conexões entre os nós de uma rede política foram tomadas como extensões da influência e da posição do Euripôntida.

### 3.6 Considerações parciais

No decorrer deste capítulo discorreremos sobre a postura de Esparta no processo que levou ao estabelecimento da Paz de Antálcidas. De fato, a Hélade se encontrava em um momento conturbado pela guerra de Corinto, pois todas as sociedades estavam com a sua economia, sociedade e política desgastadas. A escolha de um tratado de paz partiu de Esparta, uma vez que a sua supremacia parecia ameaçada com a emergência de potências militares como Tebas e Atenas, sem contar a influência que o Império Aquemênida exercia no Egeu e na Ásia Menor.

A presença de Cônon e Farnábazo na frota persa impedia que os lacedemônios expandissem as suas conexões às *póleis* do Egeu e da Jônia, mas também gerava preocupação pela capacidade táctica e os recursos que estes detinham para intervir em regiões da Hélade Continental e mesmo na costa do Peloponeso. A partir de então, o governo de Esparta precisou rever a sua política junto aos helenos para minimizar as suas perdas geopolíticas. Embora a situação de desgaste fosse generalizada, o Império Aquemênida poderia arcar com as despesas de grande parte dos helenos dispostos a atacar os espartanos e/ou os seus aliados ao redor do Egeu. Tal conjuntura fragilizou a influência das redes de Esparta na Hélade, enquanto fortalecia a imagem dos atenienses — através de Cônon — como os *verdadeiros* libertadores das *póleis*.

No momento em que o Império Aquemênida se deparou com revoltas no Chipre e no Egito, além do fortalecimento marítimo de Atenas, o *status quo* se modificou e Artaxerxes se viu obrigado a mudar a favor de Esparta. Como os espartanos, após a derrota em Cnido (394), já não tinham pretensões de retomarem a influência sobre a Jônia, esta se tornavam a melhor *moeda de troca* diante dos persas na dinâmica interpolíade da Hélade.

Para os espartanos, pactuar com os persas asseguraria recursos imediatos para qualquer tipo de empreendimento político-militar no Peloponeso, mas também faria com que houvesse riquezas disponíveis para intervir em sociedades como Corinto, Argos, Tebas e mesmo Atenas se fosse necessário. Portanto, a Paz de Antálcidas foi o mecanismo adotado por Esparta e o Império Aquemênida para debilitar as possíveis ameaças à hegemonia persa sobre o Egeu e a Ásia Menor e a autoridade espartana entre os helenos do continente. No entanto, a postura de Esparta diante de seus aliados e dos seus inimigos fomentou o desenvolvimento de redes políticas que pretendiam se opor ao poder dos

lacedemônios na Hélade. Afinal, o abuso da força coercitiva permitiu que os seus inimigos obtivessem argumentos e evidências contra a sua supremacia no Pequeno Mundo helênico.

As considerações estabelecidas aqui apenas materializaram os possíveis equívocos do governo espartano nas conexões que edificou junto às *póleis*. Não sem motivos, sugerimos que a inquietação espartana por retribuir a injustiça de seus aliados com intervenções militares fez com que estes buscassem alternativas a sua liderança. Todavia, mesmo que Agesilau tenha sido um dos homens mais poderosos de seu tempo, capaz de influenciar direta e indiretamente certas escolhas políticas de sua *pólis*, grande parte de suas intervenções estiveram alinhadas aos interesses de Esparta. Muito embora as suas redes assimétricas e as conexões políticas — no interior da Lacedemônia e na Hélade — fossem poderosas em demasia, as mesmas não podiam sobrepor o poder político de Esparta.

Por outro lado, tornou-se evidente que as escolhas e as intervenções políticas de Agesilau contribuíram para o desgaste da supremacia de sua sociedade. Contudo, este *basileús* não pode ser considerado o único culpado por todo o conjunto de decisões que perpassavam pela pluralidade de magistrados em Esparta. Mediante o exposto, no próximo capítulo iremos apresentar as respostas helênicas aos excessos militares de Esparta, o que culminou na batalha de Leuctra em 371.

## CAPÍTULO IV — A *NÊMESIS*<sup>146</sup> DE ESPARTA E O FIM DO REINADO DE AGESILAU II

Neste último capítulo analisaremos de modo mais detalhado os efeitos diretos dos excessos políticos de Esparta. Nesse sentido, os conceitos de conexões, redes políticas, buracos estruturais, homofilia e intermediários, oriundos das análises teóricas de Charles Kadushin foram de suma importância para problematizarmos os vínculos estabelecidos por Esparta e os seus respectivos interesses. Contudo, através dos pressupostos da História Cruzada, discorreremos sobre a forma como grande parte das potências políticas e militares do *Pequeno Mundo* helênico convergiram os seus interesses até formarem redes políticas de alta densidade ou iniciarem longos períodos de guerra. Por fim, abordamos os últimos anos de vida de Agesilau e as suas atitudes visando a recuperação do *status* e da influência de sua *pólis* diante dos demais helenos. Do mesmo modo, empregamos o método de Análise do Discurso para lidar com a especificidade de nossa documentação, na qual os conceitos de cena enunciativa, discurso e representação foram imprescindíveis aos nossos objetivos. No intuito de correspondermos aos nossos pressupostos, empregamos a documentação de Xenofonte, Diodoro e Plutarco.

### 4.1 O descomedimento das ações de Esparta e a retomada de Tebas

A morte de Agesípolis marcou um novo momento na trajetória político-militar de Esparta. Isso porque a dinastia Ágida vinha enfrentando um momento de fragilidade marcado pelo exílio de Pausânias e a morte aparentemente prematura de Agesípolis. Se considerarmos que uma das características fundamentais da dupla realeza espartana seria a rivalidade, já não havia poder suficiente entre os Ágidas para rivalizarem com a influência que Agesilau<sup>147</sup> e suas redes exerciam no Peloponeso e na Hélade. Embora essa situação

---

<sup>146</sup> Esse termo foi utilizado a partir da obra de Scott Rusch (2011). Ao dialogarmos com Emma Stafford (2005, *passim*) verificamos que Rusch empregou este vocábulo para manifestar que o excesso das atitudes espartanas diante da Hélade acarretaria a *nêmesis*, isto é, a retribuição justa e divina pelos seus atos. Como as atitudes de Esparta e dos seus atores sociais fragilizaram as suas conexões políticas, a sua *nêmesis* seria perder a supremacia entre os helenos.

<sup>147</sup> César Fornis (2016, p. 255-256) afirmou que a submissão de Olinto e Fliunte, em 379, foi o ápice do intervencionismo de Esparta e Agesilau sobre a Hélade. Para Fornis, a morte de Agesípolis fez com que não houvesse ninguém na Lacedemônia com poder suficiente para rivalizar com Agesilau. O *juízo* de

aparentasse certo equilíbrio político, a preponderância política das conexões de Agesilau poderia impactar em inúmeras instâncias políticas, sociais, militares e econômicas de Esparta.

Ao tomarmos a cena enunciativa desenvolvida por Xenofonte no *Agesilau*<sup>148</sup>, vemos os esforços do ateniense em representar esse governante como o homem mais amável entre os helenos e um grande apoiador dos interesses de seus amigos. A intencionalidade do discurso de Xenofonte se torna evidente se considerarmos os feitos espartanos durante a Paz de Antálcidas, pois o autor manifestou a sua comunidade discursiva os benefícios de Agesilau para a Hélade e de sua justiça com os amigos. Nesse sentido, defendemos que a política do Euripôntida em beneficiar os seus amigos para promover conexões de dependência nos moldes do clientelismo tenha afetado as redes espartanas na Hélade de modo emblemático. Assim, levantamos a hipótese de que Agesilau não tenha tomado o conhecimento de todas as atitudes de seus amigos, porém os apoiou mesmo que estas fossem controversas. Logo a sua incessante busca por poder, influência, *status* e centralidade nas/das suas redes acabou influenciando muitas decisões do governo espartano, para o qual a Paz de Antálcidas se tornou um instrumento de supremacia sobre a Hélade.

De todo modo, esse cenário foi caracterizado por Xenofonte como favorável aos lacedemônios, uma vez que os seus principais rivais de Esparta foram desarticulados através da Paz de Antálcidas e os demais punidos pela sua deslealdade.

Esses acontecimentos eram favoráveis aos lacedemônios, pois os tebanos e os demais beócios estavam a sua disposição, os coríntios haviam se tornado os mais fiéis, os argivos estavam humilhados pela razão dos meses sagrados, os atenienses se encontravam destituídos de aliados, enquanto os aliados hostis aos lacedemônios foram castigados, pareceu aos lacedemônios que haviam alcançado uma supremacia mais excelente e segura (XEN. *Hel.* V, 3.27)<sup>149</sup>.

---

Fornis se deu a partir da *Helênica* (V, 3.27) de Xenofonte, na qual o ateniense declarou que os lacedemônios acreditavam ter alcançado uma supremacia mais excelente e segura.

<sup>148</sup> Esses foram os trechos nos quais Xenofonte manifesta, explicitamente, a conduta de Agesilau em favorecer cegamente os seus companheiros para torná-los dependentes de suas conexões com o Euripôntida. Percebam que esses fragmentos correspondem somente a obra *Agesilau*. São eles: 1.17-19; 2.21; 4.3; 6.4-5; 8.1-2; 9.2, 7; 10.10; 11.11-12.

<sup>149</sup> No texto grego verificamos: προκεχωρηκότων δὲ τοῖς Λακεδαιμονίοις ὥστε Θηβαίους μὲν καὶ τοὺς ἄλλους Βοιωτοὺς παντάπασι ἐπ' ἐκείνοις εἶναι, Κορινθίους δὲ πιστοτάτους γεγενῆσθαι, Ἀργείους δὲ τεταπεινώσθαι διὰ τὸ μηδὲν ἔτι ὠφελεῖν αὐτοὺς τῶν μηνῶν τὴν ὑποφοράν, Ἀθηναίους δὲ ἡρημῶσθαι, τῶν δ' αὖ συμμάχων κεκολασμένων οἱ δυσμενῶς εἶχον αὐτοῖς, παντάπασι ἤδη καλῶς καὶ ἀσφαλῶς ἢ ἀρχῇ ἐδόκει αὐτοῖς κατεσκευάσθαι.

Podemos afirmar que o autor ateniense destacou que os lacedemônios estavam convencidos de que haviam alcançado uma supremacia (*arkhē*) mais excelente e segura que nunca. Dialogando com o arcabouço conceitual da Análise do Discurso francesa através de Patrick Charaudeau (2014, p. 180), a postura de Xenofonte estaria inserida na perspectiva do efeito pretendido, ou seja, é o efeito que se almeja e busca causar em seu receptor suposto e elaborado de forma ideal, haja vista que o enunciador não tem controle sobre os efeitos que realmente causará em seu destinatário. O discurso de Xenofonte pretendia destacar que a percepção de Esparta acerca do seu poder não era algo compatível com a realidade política da Hélade, ou mesmo que essa situação se modificaria em pouco tempo em virtude do descomedimento das práticas lacedemônias. No entanto, essa estratégia discursiva não somente tentou fomentar uma imagem de como Esparta percebia a sua posição nas redes helênicas, mas também pretendeu gerar a expectativa em seus receptores diante das consequências que esta postura espartana desencadearia.

Neste momento, Xenofonte<sup>150</sup> declarou que a atitude indevida dos lacedemônios seria passível de punição pelos deuses. O autor (XEN. *Hel.* V, 4.1)<sup>151</sup> afirmou que muitos dos feitos de helenos e bárbaros poderiam ser citados para “provar que os deuses não deixam de dar atenção aos ímpios ou àqueles que fazem coisas injustas”<sup>152</sup>. Tendo em vista que os lacedemônios haviam se comprometido em assegurar a liberdade dos helenos, a sua postura diante dos mesmos se mostrou uma afronta aos termos da Paz de Antálcidas. Hugh Bowden (2004, p. 243-244) destaca que a ênfase dada por Xenofonte de que nada escapa aos deuses manifesta uma parcela da sua crença pessoal, mas também atua nos moldes de Heródoto, ao apresentar um proêmio que tende a nortear a sua audiência sobre aquilo que estaria por vir em seus escritos.

---

<sup>150</sup> Se considerarmos que um dos princípios fundamentais da perspectiva socrática, da qual Xenofonte faz parte, seria edificar ideias por meio de exemplos reais ou alegóricos, Esparta estava se tornando um modelo daquilo que não deveria ser seguido pelos helenos. Para endossarmos essa premissa citamos a *Constituição dos Lacedemônios* (14.1-7), na qual Xenofonte estabeleceu que toda a virtude espartana de outrora foi perdida com o poder que os lacedemônios adquiriram sobre a Hélade. Para Xenofonte (*Cons. Lac.* 14.7), o motivo desta drástica transformação político-cultural foi a desobediência a deus e às leis de Licurgo.

<sup>151</sup> No texto em grego temos: πολλὰ μὲν οὖν ἂν τις ἔχοι καὶ ἄλλα λέγειν καὶ Ἑλληνικὰ καὶ βαρβαρικά, ὡς θεοὶ οὐτε τῶν ἀσεβοῦντων οὐτε τῶν ἀνόσια ποιούντων ἀμελοῦσι.

<sup>152</sup> Conjeturando a partir de Priscila Gontijo Leite (2014, p. 39), as atitudes de Esparta teriam levado o Pequeno Mundo helênico ao desequilíbrio, haja vista que os espartanos não souberam identificar a sua *moira* e quiseram superar os limites de seus feitos de forma descomedida. Sendo assim, o desequilíbrio entre as suas palavras/determinações políticas e as suas atitudes tornaram Esparta suscetível à punição divina. O interessante é perceber que Xenofonte não discute sobre as técnicas militares ou a falta de recursos que levaram ao desgaste de Esparta, seja no âmbito políade seja no âmbito helênico. Para o autor, todas as respostas para a desestruturação espartana estariam na esfera do sagrado.

Xenofonte parece apresentar as vias de conclusão das atitudes de Esparta, uma vez que as suas práticas deveriam ser um exemplo aos demais helenos. Desse modo, o posicionamento adotado pelo ateniense deixa transparecer que, muito embora ele pudesse partilhar da postura espartana, ele não negou que esta foi inadequada e seria punida pelos deuses. Dessa forma, a exposição do descomedimento político-militar de Esparta deveria servir de exemplo para que outros governos ou homens de recursos/influência não procedessem da mesma maneira. Isso porque os exageros lacedemônios teriam levado a sua sociedade a ruína.

O argumento de Xenofonte acaba se relacionando com a historiografia que, de forma tradicional, estabeleceu aspectos de *causa e efeito* para alcançar um responsável pela desestruturação político-social de Esparta. Todavia, uma vez que os indícios documentais — sejam eles do período Clássico sejam posteriores — evidenciam que Agesilau era o ator político-social de maior proeminência na Lacedemônia, a injustiça de Esparta foi atrelada à figura do *basileús* Euripôntida. É evidente que não podemos refutar integralmente a ideia de que Agesilau interveio, em inúmeros momentos, na política espartana através de suas conexões e redes políticas. Contudo, divergimos da perspectiva que responsabiliza este personagem, em detrimento de um estudo sobre a conjuntura da época. Levando em consideração esses pressupostos, o contexto social helênico diante da Paz de Antálcidas favoreceu as ações de Esparta e de sua elite política, contudo a repercussão causada por estas acabou fragilizando as redes de Esparta como também as de Agesilau.

Como destacamos, Xenofonte faz uma denúncia pautada em questões de ordem ética, as quais deveriam estar alinhadas com os pressupostos sagrados. Portanto, muito embora os espartanos acreditassem em seu poder sobre os helenos, cabia-lhes considerar a justiça de suas ações. Isso se manifesta quando Xenofonte (*Hel.* V, 4.1) se posiciona diante das ações de Esparta para com as *póleis*, na qual a impiedade espartana com as leis acarretaria a punição dos deuses. A postura de Xenofonte se tornou curiosa em virtude do seu aparente compromisso diante da audiência de sua obra. Logo, muito embora o autor tivesse alguma simpatia pela organização político-social de Esparta — como se manifestou na *Constituição dos Lacedemônios* —, o seu comprometimento por uma *veracidade discursiva* tornou os esparciatas um exemplo de impiedade.

Por isso, Xenofonte representou os tebanos como injustiçados por Esparta, em virtude da tomada de Cadmeia por Fébidas. Na *Helênica* (V, 4.1), a cena enunciativa criada por Xenofonte inseriu os tebanos nas redes lacedemônias como homens que

pensavam unicamente em seu próprio benefício, uma vez que passaram a governar de forma tirânica. Desse modo, a conduta de Leontíades e de seus partidários foi injusta por não prezar pelo bem-estar de toda a *pólis*, bem como por governar despoticamente. Através de sua introdução, identificamos que Xenofonte objetivou demarcar como a desobediência ao sagrado acabou dismantelandando os governos mais fortes da Hélade. Nos interessa considerar que, ao denunciar as ações espartanas e de seus aliados, Xenofonte nos forneceu indícios de como a perda de popularidade de um nó central e de suas irradiações imediatas levaram à supressão da densidade de suas conexões e à fragilidade de suas redes. Nesse caso, o nó cujas atitudes culminaram no enfraquecimento de suas conexões foi Esparta.

O relato de Xenofonte se inicia pela retomada de Cadmeia pelos desterrados tebanos, em 379. O fato de ser um ateniense levou Xenofonte a se posicionar de forma contrária a governos despóticos e opressores, afinal grande parte da literatura ática do período Clássico se manifesta contra a tirania. Considerando o regime político dos pistrátidas, a tomada de Atenas pelos persas e o governo dos Trinta, Xenofonte teceu apontamentos capazes de situá-lo em prol da liberdade política. Interessa-nos pensar que Xenofonte foi bastante coerente, pois, embora fosse contrário à democracia radical que se estabeleceu em Atenas na década de 410, o autor manifestou a sua admiração pela justiça nas atitudes dos homens. Com isso, mesmo o governo dos Trinta, que inicialmente pretendia afastar a democracia e assegurar uma administração a favor dos segmentos mais abastados, foi criticado por Xenofonte quando iniciaram uma política de perseguições e mortes.

Como um resultado direto do descomedimento espartano, temos as ações dos exilados tebanos, os quais passaram a figurar como exemplos de liberdade, equilíbrio e justiça. Dito isso, Xenofonte (*Hel.* V, 4.2-12) enfatizou que mesmo entre os tebanos havia aqueles que eram partidários de Esparta, porém isso não inviabilizou uma atitude conjunta entre os opositores da política lacedemônia oriundos de Tebas. Um elemento importante foi o auxílio que Téspia e Plateia forneciam a Esparta quanto à submissão de Tebas. Afinal, antes da submissão de Cadmeia, Tebas era uma sociedade que impunha as suas determinações sobre as demais *póleis* da Beócia. Novamente, verificamos que todas as conexões políticas estabelecidas por Esparta estavam em conformidade aos seus próprios interesses, muito embora tenham sido estabelecidas em virtude do apoio e dos objetivos de seus aliados.

Diodoro da Sicília (XV, 25.1-2) concordou com Xenofonte e nos ajudou a endossar o nosso arcabouço teórico de análise ao declarar que os exilados tebanos agiram de modo justo diante dos seus interesses e necessidades. Também destacou a importância das conexões políticas para a realização de grandes feitos em uma sociedade. Dessa maneira, Diodoro nos fez remeter aos estudos de Charles Kadushin (2012, p. 9) ao tratar da homofilia entre os nós de uma rede, ou seja, quando os nós tendem a se conectar pela semelhança de gostos e interesses. Em certa medida, Diodoro reforçou a lógica da justiça divina exposta por Xenofonte quanto à retomada de Cadmeia, haja vista que Esparta havia se comprometido a defender a liberdade dos helenos ao invés de submetê-los. Por não cumprir com o seu juramento, os lacedemônios seriam punidos pelos deuses.

Em sua cena enunciativa Plutarco (*Pelop.* 11.4-5) deu ênfase à postura do tebano Pelópidas, cujas ações permitiram que Tebas ficasse livre de um governo autoritário e ilegítimo, bem como da guarnição lacedemônia que assegurava os interesses dos oligarcas. O autor beócio nos forneceu o nome de um número maior de envolvidos no processo de *libertação* de Tebas, tanto para os partidários de Esparta quanto para os seus opositores. Essa informação nos interessa por alguns aspectos fundamentais, que são: a) Plutarco obteve maiores informações sobre estes eventos por ser beócio; b) por estar situado entre os séculos I e II d.C., o mesmo teve acesso a perspectivas desenvolvidas sobre esse período por pensadores helênicos e latinos; c) ao confrontarmos os seus indícios com aqueles oriundos do período Clássico, notamos a importância da diacronia para a expansão das interpretações históricas sobre este momento e essas realizações. A formação discursiva do biógrafo antigo foi considerada para estabelecermos esses três critérios relativos às conclusões plutarqueanas. Portanto, a especificidade das obras de Plutarco obedecia às determinações do lugar social que este ocupava em uma Hélade dominada pelos romanos. Mesmo diante dessa singularidade, devemos nos utilizar dos indícios documentais deste autor, para ampliarmos as nossas possibilidades interpretativas.

Todos os autores citados ressaltaram que a participação de Atenas nesse processo foi determinante, o que nos leva a concluir que a insatisfação ateniense para com os desmandos espartanos se fortaleceu com o passar do tempo, mesmo durante a Paz de Antálcidas. A postura de Atenas também pode ser compreendida como uma tentativa de obter, ou recuperar, influência junto aos helenos culminando na formação da segunda confederação marítima de Atenas, por volta de 378. Ainda assim, todas as ações helênicas diante da hegemonia militar de Esparta foram reações aos seus excessos de poder. Por

meio dos indícios documentais cruzados em nossa investigação, não verificamos qualquer menção ao Império Aquemênida no que concerne à insatisfação dos helenos para com a supremacia de Esparta. Isso endossa o exposto anteriormente nesta tese, pois para os persas interessava que as conexões do Pequeno Mundo helênico estivessem tensas e prestes a desenvolver buracos estruturais. Afinal, a fragilidade das *póleis* beneficiava Artaxerxes II e o seu reino, os quais não teriam que mobilizar recursos para conter revoltas na Hélade. Em certa medida, tanto as invasões promovidas por Esparta quanto a mobilização dos helenos contra a supremacia lacedemônia estavam nos planos do Império Aquemênida.

Ao cruzarmos o discurso de Xenofonte (*Hel.* V, 4.1-13), Diodoro (XV, 25.1-3, 27.1-4) e Plutarco (*Pelop.* 12.1-13,1), verificamos que estes autores promoveram uma representação singular da atitude dos tebanos exilados em sua tentativa de recuperar o controle de Tebas. Todos os documentos citados reforçaram que os tebanos não atacaram os lacedemônios, somente os seus inimigos políticos oriundos de Tebas. Tanto Xenofonte quanto Diodoro e Plutarco demonstraram que Mélon e os seus partidários tebanos estavam atacando inimigos políticos entre os seus concidadãos. Esses apontamentos ressaltam que estes homens não queriam enfrentar os lacedemônios, mas por quê? Supomos que isso tenha se dado por dois motivos: a) o contingente de Esparta era demasiadamente grande para que estes o enfrentassem; b) os exilados de Tebas queriam manifestar que, na ocasião, não estavam contrários a Esparta e sim aos seus inimigos políticos entre os tebanos. Embora estes apontamentos sejam plausíveis, não podemos esquecer que Leontíades e os seus companheiros estavam conectados a Esparta e qualquer atitude contra os mesmos poderia ser entendida como uma ofensa aos espartanos.

Ao tomarmos a ideia de uma propaganda política elaborada pelos exilados tebanos, estes pretendiam atacar unicamente os seus inimigos dentre os concidadãos para que estrangeiros presentes em Tebas vissem a justiça de suas ações. Para tanto, a ação de Mélon, Pelópidas e de seus seguidores teria a pretensão de angariar o pleno apoio dos atenienses contra Esparta, haja vista que os mesmos estavam buscando aquilo que lhes fora *tomado de forma injusta*, sem ofenderem pessoalmente os espartanos.

A representação que Xenofonte (*Hel.* V, 4.10-13) promoveu dos lacedemônios diante dos exilados tebanos liderados por Mélon nos permitiu observar que o governo de Esparta se preocupava com a perda de Cadmeia. Em certa medida, recordamos que eram muitos os esparciatas que se beneficiavam com as atividades militares em território estrangeiro e, por outro lado, a perda de Tebas seria a emergência da *nêmesis* espartana,

uma vez que esta *pólis* reconheceu a injustiça de suas atitudes para com os tebanos<sup>153</sup>. Como o contingente espartano não foi capaz de resistir às investidas dos exilados tebanos, o mesmo se retirou, pois os cavaleiros de Plateia que vieram em seu auxílio foram derrotados pelos guerreiros de Mélon:

Depois de ouvir sobre a proclamação o *harmostés* lacedemônio na acrópolis tebana enviou mensageiros a Plateia e Tespia com o objetivo de obter auxílio. Ao verem os homens de Plateia se aproximando, os cavaleiros de Tebas saíram ao seu encontro e mataram mais de vinte deles; entraram na cidade após essa conquista, e os atenienses da fronteira tinham chegado e juntos atacaram a acrópolis (XEN. *Hel.* V, 4.10)<sup>154</sup>.

A retirada lacedemônia da acrópolis de Tebas demarca o reconhecimento de sua liberdade, ou seja, caso o *harmostés* espartano permanecesse até a morte em Cadmeia, Esparta poderia mobilizar um contingente de aliados para lutar em prol desta causa. A saída deste comandante representou a incapacidade espartana para resistir às investidas inimigas e a libertação quase voluntária da acrópolis tebana. Xenofonte (*Hel.* V, 4.13) também manifestou algo curioso, a saber: Agesilau se eximiu da liderança argumentando que o seu tempo de serviço militar havia expirado, levando o comando da expedição ao *basileús* Cleômbroto, irmão e herdeiro de Agesípolis.

Mediante o exposto, defendemos que o interesse do governo espartano era manter o domínio sobre Cadmeia e o controle de Tebas, a qual se configurava como um dos maiores rivais político-militares dos espartanos no século IV. Assim sendo, os esparciatas mais influentes na Lacedemônia tomavam as intervenções político-militares em territórios estrangeiros como um mecanismo para a consolidação do poder de sua *pólis* e da influência de suas conexões além do Peloponeso. Do mesmo modo, muitos sujeitos poderosos em toda a Hélade se utilizavam da proximidade que detinham com homens proeminentes em Esparta para se manter no poder de suas respectivas *póleis*, como foi o caso do tebano Leontíades e a sua possível conexão com Agesilau e os seus companheiros.

---

<sup>153</sup> Como via de exemplo, Xenofonte (*Hel.* V, 4.13) nos informou que o governo de Esparta condenou este *harmostés* à pena capital por ter abandonado a Cadmeia. O autor continuou e nos expôs que as autoridades espartanas ordenaram uma mobilização imediata com o intuito de recuperar o controle da acrópolis tebana.

<sup>154</sup> No texto em grego temos: ὁ μέντοι ἐν τῇ ἀκροπόλει ἀρμοστής ἐπεὶ ἦσθετο τὸ νυκτερινὸν κήρυγμα, εὐθὺς ἔπεμψεν εἰς Πλαταιάς καὶ Θεσπιὰς ἐπὶ βοήθειαν. καὶ τοὺς μὲν Πλαταιᾶς αἰσθόμενοι προσιόντας οἱ τῶν Θηβαίων ἰππεῖς, ἀπαντήσαντες ἀπέκτειναν αὐτῶν πλέον ἢ εἴκοσιν: ἐπεὶ δὲ εἰσῆλθον ταῦτα πράξαντες καὶ οἱ Ἀθηναῖοι ἀπὸ τῶν ὀρίων ἤδη παρήσαν, προσέβαλον πρὸς τὴν ἀκρόπολιν.

## 4.2 Os efeitos das ações de Esfódrias para a supremacia espartana

A solicitação de Agesilau para não atuar como o comandante da expedição nos pareceu uma estratégia política pessoal para se mostrar desinteressado quanto aos negócios relativos a Tebas. A experiência política de Agesilau não pode ser desconsiderada a essa altura de nossa análise, haja vista que em 379 Agesilau estaria há aproximadamente vinte anos no trono dos Euripôntidas e conhecia o funcionamento das instituições políticas de Esparta. Portanto, o *basileús* sabia do impacto negativo que uma nova intervenção em Tebas acarretaria a Esparta e ao comandante que estivesse à frente desta expedição. Do mesmo modo, o Euripôntida estaria interessado por afastar de seus opositores a imagem de um *basileús* belicoso e disposto a levar a guerra aonde pudesse para expandir a conexão de suas redes políticas.

César Fornis (2016, p. 256-257) endossa esta perspectiva ao evidenciar que o governo espartano não estava interessado na libertação de Cadmeia em virtude da sua necessidade de conservar a supremacia *firme e segura* que passou a deter com a submissão de todos os seus principais opositores. Fornis, no entanto, pontua que o comandante da expedição contra Tebas, Cleômbroto, não compartilhava da aversão de Agesilau pelos tebanos. A conclusão de Fornis se deu através de Xenofonte (*Hel.* V, 4.16), ao enfatizar que Cleômbroto se preocupou em causar pequenos danos a Tebas e logo se retirou da Beócia.

Não partilhamos inteiramente da postura de Fornis por considerarmos que Agesilau representasse uma política antitebana enquanto os *basileús* Ágidas formavam o contraponto dessa postura. Na verdade, defendemos que Agesilau agiu conforme as circunstâncias para obter benefícios políticos e econômicos, sem que o governo espartano intervisse em suas atitudes. Evidenciamos este posicionamento com a sua abstenção do comando e a justificativa acerca da sua idade, pois, embora fosse do interesse de Esparta submeter Tebas, os resultados destas ações — independentemente de quais fossem — poderiam macular a sua imagem de benfeitora e protetora da Hélade. No entanto, Agesilau não se opôs às ações dos magistrados de Esparta e utilizou as determinações legais para se ausentar desta expedição. Desta forma, se o mesmo nutria um rancor incontrolável pelos

tebanos — como sugeriu a documentação literária e a historiografia contemporânea — o seu tempo de serviço militar não teria sido um impedimento para que atacasse Cadmeia<sup>155</sup>.

Com o retorno de Cleômbroto à Lacedemônia, o esparciata Esfódrias ficou na posição de *harmostés* de Téspia<sup>156</sup> (XEN. *Hel.* V, 4.15; PLUT. *Ages.* 24.3). Esse foi um momento simbólico por marcar o início da desestruturação da supremacia espartana e do enfraquecimento de grande parte de suas redes políticas. A historiografia, de uma maneira geral, pouco problematizou as ações de Esfódrias e as de Esparta diante de seus feitos<sup>157</sup>. De todo modo, concordamos com Jonh Buckler e Hans Beck (2008, p. 79) ao afirmarem que as ações de Esfódrias mudaram os rumos político-militares da Hélade, sobretudo por romper com a Paz de Antálcidas e fomentar a organização de uma ofensiva antiespartana que culminou na batalha de Leuctra (371). Nos interessa pensar nas ações de Esfódrias em conformidade à dinâmica política de Esparta, bem como a sua absolvição durante o julgamento com o auxílio de Agesilau.

Podemos levantar a hipótese de que Esfódrias agiu emulando os feitos de Fébidas — ideia já apontada por Cartledge (1987). No entanto, julgar as suas atitudes como impulsivas ou ambiciosas em realizar coisas grandiosas seria limitar a nossa interpretação sobre esse assunto. Essas variáveis envolvendo o sentimento e a personalidade de Esfódrias devem ser consideradas com ressalvas, haja vista o interesse por trás da intencionalidade da documentação. Ainda assim, como devemos analisar as ações de Esfódrias?

Mesmo na condição de *harmostés*, a marcha de Esfódrias era impossível em virtude da distância e do tempo estimado. Ainda assim, o esparciata levou o seu contingente até

---

<sup>155</sup> Em um artigo recente, Ellen Millender (2018, p. 466) declarou que a capacidade de Agesilau em mobilizar recursos em benefício próprio permitiu que este influenciasse ações político-militares sem que estivesse presente. Contudo, não corroboramos com Millender e, mesmo que a autora tenha apontamentos interessantes e pertinentes, esta afirmou que a obra de Paul Cartledge foi o melhor trabalho existente sobre a vida de Agesilau. Devemos considerar a formação discursiva de Millender e o lugar social que esta ocupa no cenário historiográfico dos especialistas em estudos sobre Esparta, haja vista a preponderância que Paul Cartledge detém nesse meio.

<sup>156</sup> Esse assunto foi abordado no primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>157</sup> Considerando a perspectiva de Charles Hamilton (1991, p. 169), a qual teria se fundamentado em uma análise proposta por George Cawkwell (1973), as ações de Esfódrias seriam uma manifestação direta dos interesses de Cleômbroto e de sua preocupação com a expansão político-militar de Atenas através da organização da segunda confederação marítima. Contudo, Charles Hamilton estaria preocupado em identificar as *facções* políticas existentes em Esparta para edificar uma estrutura política pautada na rivalidade entre grupos de cidadãos e *basileis*. O ponto de vista de Hamilton reverberou na historiografia através de Paul Cartledge (1987, p. 174-175), John Buckler (2003, p. 220-222; 2008, p. 79-84) e Dan Friedman (2014, p. 89-91). O elemento fundamental de todos esses autores foi destacar a intencionalidade de Cleômbroto em desarticular os interesses *imperialistas* de Agesilau e alertar a Esparta de que havia problemas maiores que os tebanos — nesse caso Atenas.

Atenas. Entretanto, não consideramos Esfódrias um comandante despreparado, afinal o mesmo foi representado como um homem de confiança de Cleômbroto. Se o mesmo foi subornado pelos tebanos (XEN. *Hel.* V, 4.20), a sua impulsividade e a sua ambição seriam justificáveis com o ataque a Atenas. Todavia, se estas foram ordens de Cleômbroto (DIOD. XV, 29.5), o esparciata estaria correspondendo adequadamente à conexão mais poderosa e influente de sua rede política.

Seguindo a possibilidade de Diodoro, a mesma nos pareceu contraditória se considerarmos que Cleômbroto herdou as conexões políticas de *xenia* de seu pai Pausânias e de seu irmão Agesípolis e que, durante o governo dos Trinta, Pausânias firmou conexões com os democratas atenienses. As conexões de *xenia* de Pausânias foram passadas para os seus filhos, tornando improvável o interesse de Cleômbroto em atacar Atenas através de Esfódrias. Nesse caso, se os amigos estrangeiros (*philóxenois*) de Cleômbroto provinham dos democratas de Atenas, a devastação que Esfódrias promoveu em Elêusis nos diz muitas coisas. A região de Elêusis era controlada por famílias proeminentes da Ática e um ataque a esta seria uma manifestação da oposição de Cleômbroto aos segmentos mais abastados de Atenas.

Como os atenienses auxiliaram os exilados tebanos expulsos de sua *pólis* por Esparta, as ações contra Elêusis manifestariam a insatisfação espartana pela acolhida que Atenas forneceu aos tebanos, os quais adentraram a Ática através dessa região. Por outro lado, temos também a hipótese de que Cleômbroto culpabilizou a aristocracia ateniense pela retomada de Tebas. Isso porque a elite de Atenas foi incapaz de conter as determinações da democracia. Muito embora Atenas e Esparta fossem aliadas no período em que ocorreu a invasão de Cadmeia, a posição ateniense foi a de um nítido apoio à causa tebana, possivelmente por temer que o mesmo acontecesse consigo<sup>158</sup>.

A própria organização da segunda confederação marítima de Atenas aconteceu com o intuito de recuperar o poder político, militar e econômico que esta *pólis* deteve no século V. Embora Cleômbroto mantivesse vínculos de *xenia* com homens influentes dentre os democratas de Atenas, consideramos que os aristocratas continuavam tendo relevância política para esta *pólis*. Nesse caso, a prioridade seria assegurar os interesses de Esparta em detrimento de questões pessoais. Dito isso, também faria muito sentido que Cleômbroto

---

<sup>158</sup> O governo ateniense também poderia ter se identificado com a situação dos tebanos em virtude do ocorrido com a sua *pólis* após a derrota na guerra do Peloponeso, em que Esparta passou a intervir diretamente na organização política da Ática. A isso se somava a insatisfação dos helenos com o descomedimento espartano através do uso da força e tendo a Paz de Antálcidas como justificativa, logo interessa a Atenas o enfraquecimento da supremacia de Esparta.

tentasse afastar esse estigma atrelado à figura de seu pai. Contudo, se Esfódrias agiu em conformidade a Cleômbroto, o seu planejamento não foi bem-sucedido.

Outro aspecto que merece ser discutido, em relação às ações de Esfódrias e a política espartana foi a atuação dos embaixadores (*présbeis*) lacedemônios em Atenas. Xenofonte (*Hel.* V, 4.22) nos esclareceu que estes embaixadores — Etímocles, Aristólocos e Ócilos — estavam na casa de Cálías, seu *próxenos*, quando receberam a notícia da invasão de Esfódrias à Ática. Xenofonte afirmou que estes esparciatas ficaram consternados com a invasão de Elêusis, afinal estes não ficariam sob o poder ateniense sabendo que poderiam ser capturados. Na passagem seguinte (XEN. *Hel.* V, 4.23), estes embaixadores esclareceram que o governo lacedemônio desconhecia as atitudes de Esfódrias e que fariam de tudo para que a justiça acontecesse.

O que as palavras desses embaixadores nos evidenciam? De imediato, que as conexões políticas que os espartanos formavam com as redes das dinastias heráclidas exerciam uma influência significativa nas determinações políticas da Lacedemônia<sup>159</sup>. Dessa forma, se a invasão da Ática foi orquestrada na reunião de uma *hetaireía* é possível que as demais magistraturas de Esparta — nesse caso *gérontes* e éforos — tinham certo conhecimento de que esta aconteceria. Ainda assim, uma informação encontrada no catálogo prosopográfico de Paul Poralla (1985, p. 54, nº285) nos chamou a atenção ao afirmar que um dos embaixadores espartanos — Etímocles<sup>160</sup> — era amigo de Agesilau II.

Se Etímocles<sup>161</sup> atuava como embaixador, a sua importância política diante dos espartanos era singular. Consideramos também que a conexão entre Etímocles e Agesilau assegurou benefícios mútuos, pois segundo Heródoto (VI, 60), na Lacedemônia, os filhos herdavam a profissão dos pais. Por meio de Heródoto sugerimos que Etímocles tenha seguido os passos de seu pai enquanto embaixador dos lacedemônios<sup>162</sup>. Com isso, não somente Etímocles se beneficiaria ao se conectar a Agesilau, como o Euripôntida poderia intervir em esferas políticas que estavam além das suas prerrogativas. Ampliando essas

---

<sup>159</sup> Embora o contrário também pudesse ocorrer, isto é, os diarcas se beneficiarem com as suas conexões com homens poderosos entre os lacedemônios.

<sup>160</sup> A evidência da amizade entre Agesilau e Etímocles se confirmou em Xenofonte (*Hel.* V, 4.32) quando o autor descreveu que um amigo de Esfódrias reconhecia Etímocles como partidário de Agesilau.

<sup>161</sup> Etímocles também atuou como embaixador lacedemônio em Atenas entre 370/369 após a batalha de Leuctra (XEN. *Hel.* VI, 5.33).

<sup>162</sup> No primeiro capítulo, ao discutirmos os vínculos de parentesco de Antálcidas, verificamos que somente os homens mais influentes em Esparta eram designados para as atividades políticas de importância significativa, como o caso da fundação de uma *pólis* ou mesmo a atuação como embaixador. Antálcidas foi um exemplo emblemático pelo fato de, possivelmente, seu pai ter sido enviado como um dos fundadores de Heracleia Traquínia, em 426. A importância da família de Antálcidas permitiu que este fosse embaixador lacedemônio diante de Artaxerxes, bem como navarco e éforo em Esparta.

possibilidades, podemos considerar que Etímocles e Agesilau tenham herdado essa conexão. Seguindo essa hipótese, a aparente surpresa que o ataque de Esfódrias à Ática surtiu sobre Etímocles seria um indício de que nem o governo espartano e nem mesmo Agesilau apoiavam essa ação. Ao se isentarem da responsabilidade das ações de Esfódrias, os embaixadores lacedemônios mantinham a credibilidade de sua posição política, bem como a de sua sociedade. No que tange a Etímocles, a sua abstenção permitiu que se retirasse em segurança de Atenas e ainda desse tempo para que Agesilau e os membros de suas redes organizassem a melhor das atitudes a serem tomadas contra os seus rivais lacedemônios, entre os quais estavam Esfódrias e Cleômbroto.

Como havíamos esclarecido, Agesilau e os seus partidários contribuíram para a absolvição de Esfódrias. Com isso, o que podemos concluir sobre toda essa dinâmica política envolvendo Esparta e a sua supremacia na Hélade? O ataque de Esfódrias apenas tornou evidente que os esparciatas, ou uma parcela deles, não estavam interessados em presenciar a perda de influência das conexões que a *pólis* detinha entre os helenos. Afinal, as atividades militares em territórios estrangeiros eram altamente lucrativas em uma Esparta onde a falta de recursos poderia acarretar a perda da cidadania<sup>163</sup>.

Nessa ocasião havia ao menos duas possibilidades de escolhas, sendo elas a condenação de Esfódrias e o seu *perdão*. Cada uma acarretaria uma consequência específica, sendo que a primeira delas poderia ampliar as conexões de Esparta e Atenas e beneficiaria a sua imagem diante dos helenos. A partir da análise da documentação literária defendemos que Esfódrias evitou a acusação pelo fato de Agesilau ter atuado a seu favor. Essa decisão também pode ser problematizada.

Uma vez que Atenas estaria edificando conexões com as *póleis* do Egeu, seria uma questão de tempo para que a segunda confederação marítima fosse organizada<sup>164</sup> e passasse a ameaçar a supremacia espartana. Cynthia Schwenk (1997, p. 20-21) endossou essa lógica ao afirmar que a política espartana — iniciada com a Paz de Antalcidas (387) — demonstrou aos atenienses que Esparta estava preocupada em garantir os seus próprios interesses na Hélade. Segundo Schwenk, as atitudes de Esparta contra Fliunte, Mantineia e Olinto permitiram que os atenienses direcionassem as suas atenções para atividades político-econômicas em benefício próprio. A autora defendeu o seu ponto de vista ao citar

---

<sup>163</sup> O capítulo XIV da *Constituição dos Lacedemônios* trata diretamente desses aspectos, uma vez que Xenofonte denuncia os lacedemônios do século IV por terem abandonado as leis de Licurgo e se interessarem pela autoridade sobre os helenos e na acumulação de riquezas.

<sup>164</sup> Perspectiva proposta por Cawkwell (1973) e Hamilton (1991).

que Atenas estabeleceu conexões com Quios, Metimna e Mitilene, além de um acordo com Hebrizelmis, *basileús* dos odrísios, na Trácia, por volta de 384.

As considerações de Schwenk corroboram as análises de Charles Kadushin (2012, p. 27), tendo em vista que Atenas tinha o interesse de expandir as suas conexões política para recuperar o seu *status* e a sua influência no Egeu e na Ásia Menor. A princípio a criação de uma confederação marítima não ameaçava os interesses espartanos, mas poderia influir sobre os interesses de Artaxerxes ou de algum dos membros da Confederação do Peloponeso. Assim, não tardaria para que as redes políticas de Atenas atritassem com as redes políticas e com os compromissos que Esparta detinha com grupos proeminentes em toda a Hélade. Esse posicionamento nos ajuda a responder sobre o motivo de Agesilau e dos membros de sua rede política lacedemônia terem auxiliado na absolvição de Esfódrias, uma vez que seria questão de tempo para Atenas obter um poder político significativo para prejudicar o fluxo de bens e informações das conexões de Esparta.

Em certa medida, a indulgência de Esfódrias apenas agilizou um processo que já vinha tomando forma com as alianças defensivas estabelecidas entre Atenas e os habitantes do Egeu e da Trácia. Para Jacqueline Christien e Françoise Ruzé (2007, p. 269), as conexões organizadas por Atenas se deram nos termos da Paz de Antálcidas, de tal maneira que as suas ações fossem reconhecidas como justas diante da proposta de liberdade e da paz comum (*koinè eirénē*). O *Decreto de Aristóteles* (IG II<sup>2</sup> 43) manifestou um discurso curioso pela posição adotada no decorrer da epigrafia. Nele, os atenienses se colocam como responsáveis pela liberdade e autonomia dessas *póleis*, tal como fizeram os espartanos na guerra do Peloponeso e com a Paz de Antálcidas. Nos interessou verificar que Atenas, ao se considerar injustiçada com o ataque de Esfódrias e a impunidade relativa ao mesmo, acabou organizando uma confederação com o intuito de combater as desmedidas de Esparta. No *Decreto de Aristóteles* temos os nomes de um número significativo de *póleis* que apoiaram os atenienses, o que comprova a insatisfação que Esparta vinha desenvolvendo sobre os helenos<sup>165</sup>.

---

<sup>165</sup> Dentre as *póleis* que aderiram ao *Decreto de Aristóteles* temos Quios, Tenedos, Tebas, Mitilene, Calquis, Metimna, Erétria, Rodes, Poessa, Aretusa, Bizâncio, Cáris, Perinto, Icus, Pepareto, Palene, Esciato, Maroneia, Dium, Paros, Atenas Diades, Córcira, Abdera, Tasos, Calcídia, Trácia, Aenus, Samotrácia, Dicaia/Dicaiópolis, Acarnânia, Cefalênia, Pronus, Hestiae, Iassos, Tenos, Miconos, Antissa, Ceos, Iulis, Carthae, Coresia, Elaeus, Amorgos, Selimbria, Sifinos, Sicinos, Neapolis e Zacintos (IG II<sup>2</sup> 43, A.79-90, B. 1-35). Muito embora Richard Talbert (1985, p. 60) tenha apresentado um número muito maior de *póleis* envolvidas, somente os nomes daquelas que citamos já demonstra a insatisfação dos helenos diante da dinâmica política de Esparta, uma vez que não estava disposta a lutar pelos interesses comerciais marítimos de muitas dessas localidades. Como verificamos no mapa de Talbert, até mesmo cidades que estavam sob o

O argumento oriundo do *Decreto de Aristóteles* acabou levando à criação de uma cena enunciativa na qual os atenienses se representaram como injustiçados diante de Esparta e buscaram conexões com sociedades que se encontravam em uma posição semelhante. Nesse sentido, relacionamos os conceitos de homofilia e buraco estrutural, oriundos dos estudos de Charles Kadushin (2012, p. 9, 27, 62), verificamos que os atenienses edificaram representações que permitiram a criação de conexões com grupos que detinham os mesmos interesses políticos, econômicos e militares que os seus. Logo, à medida que Atenas ampliava as conexões de suas redes, também aumentava os buracos estruturais na rede que Esparta detinha nas imediações do Egeu.

A decisão de Agesilau por apoiar a remissão de Esfódrias estaria alinhada à sua percepção de que a organização de redes contrárias a Esparta, tendo Atenas ou Tebas como líderes, era inevitável. Portanto, a representação que Xenofonte (*Hel.* V, 4.32) edificou de Etímocles demonstrou adequadamente o pensamento de Agesilau e do seu grupo político. Isso porque, em um cenário político-militar no qual Esparta estava fadada a perder muitas de suas conexões, eram necessários homens com as aptidões militares de Esfódrias para impor os seus interesses através da força. Mediante o exposto, Agesilau e as suas conexões se aproveitaram do contexto político helênico para ampliar a sua influência entre os lacedemônios. Nesse caso, os vínculos de clientelismo que criou com Esfódrias e a sua rede política seriam exemplos respeitáveis.

### **4.3 As novas investidas de Esparta e a fragilidade de suas conexões políticas**

Os anos que sucederam à liberação de Cadmeia, à absolvição de Esfódrias e à organização da segunda confederação marítima de Atenas foram determinantes para a desestruturação da supremacia político-militar de Esparta no Pequeno Mundo que foi a Hélade. Diferentemente da tendência historiográfica hegemônica, não temos como precisar o responsável — ou os responsáveis — por essa situação. O que podemos fazer é analisar o contexto histórico descrito pela documentação literária, para daí mapearmos os fatores que contribuíram para a fragmentação do poder e do *status* de Esparta junto aos helenos.

---

controle de Artaxerxes integraram a aliança ateniense, ainda que o *Decreto de Aristóteles* afirmasse o seu interesse de cumprir as determinações da Paz de Antálcidas. Outro elemento interessante é o fato deste decreto nomear os seus integrantes como representante da população de cada *pólis*, como sinônimo de liberdade e autonomia.

Essa trajetória é algo que estamos fazendo ao longo desta pesquisa, haja vista que não rejeitamos a ideia da deterioração da estrutura militar, econômica e social de Esparta no século IV. Contudo, ao verificarmos as redes políticas que Esparta desenvolveu após a guerra do Peloponeso, muitas de suas medidas não se adequaram à posição que passou a ocupar em suas redes políticas com os helenos. Essa situação se agravou com a Paz de Antálcidas, com a qual toda a imagem que os espartanos haviam criado de *libertadores da Hélade* diante dos *anseios imperialistas* de Atenas se esvaiu.

A conjuntura se acentuou com a tomada de Cadmeia. Como destacou John Buckler (1980, p. 15-16), esse evento era fundamental para que Esparta consolidasse as suas áreas de influência na Hélade. Segundo Buckler, o grupo político anti-espartano que vigorava em Tebas vinha mantendo conexões com Olinto e Atenas. Embora os tebanos e os atenienses tivessem interesses específicos com os olíntios, a possibilidade de uma rede entre estas três sociedades e os seus respectivos aliados era algo que Esparta não estava disposta a aceitar. Quando os embaixadores de Acanto e Apolônia solicitaram o auxílio espartano diante de Olinto, esta se mostrou uma grande oportunidade para que os seus principais inimigos fossem sobrepujados. O ataque promovido por Fébidas à Cadmeia não foi considerado pelo governo espartano como uma atitude inadequada aos seus próprios interesses.

Contudo, recordamos que todo o conjunto de atitudes espartanas, sejam aquelas manifestadas pelo governo espartano, sejam aquelas desenvolvidas pelos seus comandantes, acabaram se constituindo em uma aparente inaptidão político-militar. A falta de sensibilidade dos magistrados espartanos — com a excessão, possivelmente, de Lisandro e Antálcidas — para com os efeitos de suas atitudes fez com que os benefícios advindos de suas redes políticas se constituíssem em grandes ameaças a terceiros e estes se conectassem para acabar com a supremacia de Esparta. Justamente em virtude desta especificidade, e pelo amplo poder que Agesilau exercia no cenário político lacedemônio, a historiografia contemporânea o representou como o elemento basilar para a fragilidade da sociedade de Esparta diante dos helenos.

A tomada de Cadmeia deixou grande parte dos helenos angustiados com a ideia de que poderiam ser os próximos. Ainda que os atenienses não tivessem motivações evidentes para uma oposição a Esparta, estes passaram a desenvolver conexões para resistirem a um possível assalto espartano. Uma das bases da segunda confederação de Atenas foi edificar meios para não depender de Esparta e para que obtivesse áreas de influência para além da Hélade continental. Na verdade, o governo espartano não chegou a ser contrário às

tentativas atenienses de promover uma nova confederação marítima pelo fato de não estar inclinado a combater no Egeu. Já haviam muitos conflitos e sociedades para combater — caso Esparta quisesse consolidar a sua supremacia por meio da força — e as Cíclades não estavam no alcance imediato da política espartana.

Possivelmente, o principal interesse de Esparta era tentar erigir uma rede política no Peloponeso para impedir que os seus inimigos se aproximassem de suas fronteiras geográficas, algo semelhante àquilo que foi desenvolvido com a Confederação do Peloponeso. A grande dificuldade nesse projeto se deu pela existência de Tebas nessa conjuntura, afinal não seria simples para os tebanos ignorarem os desmandos espartanos sobre a sua sociedade. Logo, a intervenção lacedemônia no norte da Hélade seria uma maneira de enfraquecer Tebas até que esta fosse incapaz de retribuir a Esparta os danos sofridos com a atitude de Fébidas e subsequentes.

Nesse cenário, a atitude de Esfódrias ao invadir Atenas seria uma manifestação — inadequada e frustrada — de insatisfação espartana para com o auxílio ateniense aos exilados tebanos, em 382. Na condição de *líder dos helenos e guardião da liberdade da Hélade* — nos termos da Paz de Antálcidas —, Esparta não poderia admitir que Atenas apoiasse os exilados de Tebas, os quais representavam uma crítica aos excessos políticos espartanos e uma ameaça à conduta lacedemônia diante de seus aliados<sup>166</sup>. Por outro lado, o que o governo de Esparta não percebeu era que as suas próprias atitudes eram inadequadas para o representante de uma paz comum. Sendo assim, nos parece evidente que Esparta não soube lidar com os deveres inerentes a sua posição política na Hélade e não aceitou que os helenos se opusessem as suas desmedidas, tornando inevitável o desgaste de suas conexões e a formação de buracos estruturais em suas redes políticas.

Por ser unicamente a favor dos seus interesses particulares, o governo lacedemônio tinha o conhecimento dos efeitos diretos de suas atitudes. Isso ficou evidente em Xenofonte, pois, quando foi decretada uma mobilização contra os tebanos, o governo espartano solicitou a liderança de Agesilau pelo fracasso de Cleômbroto em retomar o controle de Tebas.

---

<sup>166</sup> A documentação transparece que o grande erro de Esfódrias foi ter falhado em seus objetivos, afinal, se Atenas fosse invadida e a sua acrópolis tomada ou o Pireu sitiado, a postura dos atenienses partidários de Esparta faria dessa *pólis* uma ferrenha apoiadora em sua luta contra Tebas. A malfadada investida de Esfódrias apenas permitiu que os atenienses se posicionassem no extremo oposto de Esparta em sua contenda contra Tebas. A atuação de Esfódrias, seguida de sua absolvição, interessava a uma parcela do governo espartano e sobretudo a Agesilau pelos benefícios que o auxílio ao esparciata renderia a sua rede política na Lacedemônia.

Por sua vez, os lacedemônios decretaram uma mobilização contra os tebanos e, considerando que Agesilau era mais adequado que Cleômbroto para o mando, lhe pediram que comandasse a expedição. Ele [Agesilau] respondeu que não iria se opor a qualquer decisão da *pólis* e se preparou para a campanha (XEN. *Hel.* V, 4.35)<sup>167</sup>.

Esse trecho pode ser problematizado através de Xenofonte, uma vez que o autor argumentou que Agesilau aceitou o comando da expedição que, anteriormente, havia rejeitado. Com isso, o Euripôntida reconheceu o impacto de suas ações pelo indulto de Esfódrias. Do mesmo modo, a cumplicidade do governo de Esparta pretendia consolidar a sua política interna, algo que na prática não se realizou.

Embora a segunda confederação marítima tenha sido formalizada somente em 377 com o *Decreto de Aristóteles*, a oposição a Esparta já havia se materializado com a retomada de Cadmeia e, por isso, Agesilau assumiu a posição de comandante em 378. A estratégia de Agesilau foi conseguir o máximo de apoio que poderia na Beócia, haja vista que a submissão de Tebas só aconteceria — segundo Xenofonte (*Hel.* V, 4.36-37) — caso o monte Citerón fosse capturado. Para isso, o *basileús* arregimentou os mercenários de Clétor que estavam em conflito na região de Orcômeno.

A atuação de Agesilau também enfatizou a preocupação que o *basileús* detinha com a possibilidade de perder áreas de influência na Hélade continental. Basta recordarmos que inicialmente o Euripôntida se absteve de comandar a primeira expedição a Tebas após a reconquista dos exilados. Todavia, os indícios de Xenofonte representam a forma como os homens mais poderosos e influentes de Esparta pensavam e geriam as suas redes políticas, ou seja, se as suas conexões fossem mais amplas e influentes a sua *pólis* também se beneficiaria. O contrário também pode ser pensado, no qual o governo espartano soube se utilizar das conexões e das redes de seus homens proeminentes para ampliar a sua influência ao redor da Hélade.

Xenofonte (*Hel.* V, 4.37-41) se preocupou em elaborar uma cena enunciativa na qual os feitos de Agesilau fossem exaltados em detrimento de Cleômbroto. Por isso a descrição do ateniense acerca das manobras militares de Agesilau tiveram um tom de exaltação. Ao cruzarmos esses indícios com os textos de Diodoro (XV, 32.1, 33.1), este nos forneceu indícios de que Agesilau não realizou grandes feitos entre os beócios, embora

---

<sup>167</sup> Temos no texto em grego: οἱ δ' αὖ Λακεδαιμόνιοι φρουράν τε ἔφηναν ἐπὶ τοὺς Θηβαίους, καὶ τὸν Ἀγησίλαον νομίσαντες φρονιμώτερον ἂν σφίσι τοῦ Κλεομβρότου ἡγεῖσθαι, ἐδέοντο αὐτοῦ ἄγειν τὴν στρατιάν. ὁ δὲ εἰπὼν ὅτι οὐδὲν ἂν ὄ τι τῇ πόλει δοκοίη ἀντειπεῖν παρεσκευάζετο εἰς τὴν ἔξοδον.

dispusesse do exército espartano em sua integridade. Diodoro afirmou que Agesilau<sup>168</sup> não ousou atacar os tebanos em virtude da presença do *esquadrão sagrado*<sup>169</sup> liderado por Pelópidas e pelo auxílio que Atenas prestava a estes últimos através da liderança de Cábrias e de seu exército de cidadãos e mercenários.

Em suma, Agesilau realizou tanto quanto Cleômbroto no território beócio, isso porque o Euripôntida sabia das limitações de seu exército e da sua incapacidade de enfrentar o contingente inimigo, tanto pela sua posição no campo de batalha quanto pela diferença numérica de seus combatentes<sup>170</sup>. Embora Xenofonte tenha exaltado os feitos de Agesilau, a sua cena enunciativa pretendia minimizar a impressão que a sua audiência desenvolveu do Euripôntida e de Esparta no contexto dessas invasões. De todo modo, Xenofonte não poderia evitar que os buracos estruturais das redes espartanas se ampliassem, haja vista o descomedimento de seu governo e dos seus comandantes.

Para os aliados e membros das redes políticas de Esparta, a mobilização deste amplo contingente tinha uma função muito mais visual e performática do que prática, uma vez que a situação não favorecia ao número de guerreiros liderados por Agesilau. No entanto, o fato de Esparta determinar que os seus aliados deveriam contribuir com as suas investidas militares começou a impactar na afinidade destes com o *status* que a Lacedemônia ocupava entre os helenos. Enquanto a liderança de suas redes coubesse aos esparciatas, estes seriam os responsáveis por determinarem como, quando, quantos e onde os seus aliados deveriam contribuir para as suas investidas militares. Essa situação também revelou a indisposição dos membros da Confederação do Peloponeso em conservarem uma rede política assimétrica com Esparta, pois os benefícios já não correspondiam às despesas

---

<sup>168</sup> Nesse ínterim Xenofonte (*Hel.* V, 4.39) manifestou que Agesilau sofreu um ataque inesperado dos tebanos enquanto o seu exército se preparava para a ceia. Nessa ocasião tomaram três lacedemônios influentes, o que impactaria nos recursos humanos e militares de Esparta. Xenofonte cita Epicídidas e Cleas, mas também o perieco Eudico. Epicídidas fora o esparciata responsável por notificar Agesilau sobre os perigos que Esparta estava enfrentando contra o *sinédrio de Corinto* (XEN. *Hel.* IV, 2.2; PLUT. *Ages.* 15.2). Cleas e Eudico não figuram em outros momentos na narrativa documental, o que nos leva a afirmar que os mesmos eram homens conhecidos no cenário político-militar de Xenofonte, bem como para os interlocutores do autor ateniense. Por fim, estes deveriam ser homens influentes entre os lacedemônios e atuavam como membros diretos das redes políticas de clientelismo criadas por Agesilau.

<sup>169</sup> O *esquadrão sagrado* de Tebas foi, segundo Stephanie Larson (2013, p. 5996), um corpo de guerreiros de elite desenvolvido no século IV, cuja maior peculiaridade era a sua composição de cento e cinquenta pares de amantes (*erastês* e *erómenos*). O objetivo ao se ter amantes combatendo lado a lado seria garantir que um se esforçaria ao máximo para defender o outro, porém, quando um dos amantes morresse, o sobrevivente iria combater sem limitações para retribuir a sua perda ao inimigo.

<sup>170</sup> Scott Rusch (2011, p. 188) descreveu o posicionamento dos contingentes neste enfrentamento destacando a vantagem geográfica dos atenienses e tebanos diante de Agesilau. A descrição apresentada por Rusch seguiu, sobretudo, os indícios de Diodoro da Sicília (XV, 32).

e as perdas que os helenos tinham com essas expedições, as quais geralmente interessavam somente aos lacedemônios.

Um caso interessante foi que, além de Agesilau ter sido incapaz de enfrentar os tebanos, o comandante que o substituiu em Tebas foi Fébidas que, na primeira de suas investidas, acabou falecendo (XEN. *Hel.* V, 4.42-45; DIOD. XV, 33.6). Os efeitos do insucesso deste esparciata aumentou a disposição dos tebanos em seus enfrentamentos como também dos helenos dispostos a firmarem conexões adversas a Esparta. Como a posição dos tebanos diante dos lacedemônios era de uma aparente desvantagem, a sua organização militar era envolta em riscos, mas, se saíssem vitoriosos, acabariam desmantelando as redes políticas de Esparta e a credibilidade que os seus exércitos cultivaram entre os helenos<sup>171</sup>.

Xenofonte (*Hel.* V, 4.47-51) tentou, sem sucesso, manifestar a excelência militar de Agesilau diante desta diminuição da densidade das conexões espartanas. Para tanto, o ateniense narrou a mobilização decretada pelos éforos contra Tebas, em 377. Agesilau foi representado como um comandante inovador que, ao se antecipar ao inimigo, fez com que estes acreditassem em um ataque vindo de uma região (Téspia) quando na verdade viria de outra (Eritras). A conclusão de Xenofonte expôs que Agesilau obrigou os tebanos a recuarem pelo temor de terem o seu território invadido, mas, por outro lado, o Euripôntida saqueou o território de Tânagra. Por sua vez, Plutarco (*Pelop.* 15.5) assegurou que a batalha de Tânagra também marcou uma derrota espartana.

Esse parágrafo reforça a nossa percepção da preocupação de Xenofonte em instituir uma representação elogiosa dos feitos de Agesilau diante de outros comandantes esparciatas e de seus inimigos. Entretanto, bastaria uma observação crítica dos membros de sua audiência para que estes percebessem que as ações e a movimentação de Agesilau já não correspondiam ao treinamento e a efetividade de seus inimigos. Com isso, se a intencionalidade de Xenofonte era tonificar a imagem de Agesilau e, indiretamente,

---

<sup>171</sup> O discurso de Xenofonte nos permitiu destacar alguns elementos curiosos diante da organização militar espartana e do comportamento tebano para com os seus inimigos. Inicialmente, a mobilização espartana manifestou a confiança de que a sua motivação era justa e o número de seus guerreiros suficientes. Essa situação foi desmantelada pelo preparo que os tebanos tiveram para com o território, deixando-o organizado para um ataque oriundo de Téspia, mas também por contarem com o auxílio ateniense e dos mercenários sob o comando de Cábricas. Como descreveu Xenofonte, os tebanos ficaram animados e passaram a atacar Téspia, muito embora não a tenha tomado. A confiança de Tebas com a derrota de Fébidas ressalta que os tebanos pareciam estar arriscando aquilo que tinham em nome de sua luta. Do mesmo modo, tornou-se fundamental para os tebanos se lançarem em todo o tipo de combate para que assim pudessem treinar os seus guerreiros, aspecto pelo qual o *esquadrão sagrado* fez fama. Plutarco (*Pelop.* 15.5) defendeu que a batalha de Téspia foi vencida pelos tebanos.

ampliar a densidade das conexões do Euripôntida com os helenos, esse propósito já não estava sendo realizado<sup>172</sup>.

#### 4.4 O desgaste da supremacia de Esparta e as resistências ao seu poder político

Terminada essa campanha, Xenofonte não descreveu qualquer atividade militar relevante após o verão de 377. Todavia, ao iniciar a sua exposição de 376, o ateniense (XEN. *Hel.* V, 4.58) apontou a grave enfermidade que acometeu Agesilau em Mégara, durante o seu retorno a Lacedemônia<sup>173</sup>. Com isso, o governo lacedemônio decretou que Cleômbroto deveria liderar uma expedição para seguir a estratégia militar elaborada por Agesilau. O *basileús* Ágida não agiu com a iniciativa de Agesilau e acabou retornando da expedição ao perder um pequeno quantitativo de guerreiros. Em que medida essa passagem nos interessa para entender as redes políticas de Esparta?

Para respondermos à questão precisamos expor o discurso de Xenofonte sobre o resultado desta expedição. O ateniense destacou que o retorno de Cleômbroto fez com que os aliados de Esparta se reunissem em seu território para discutir algumas *diretrizes* de guerra. Xenofonte (*Hel.* V, 4.60) afirmou que os aliados se reuniram na Lacedemônia para denunciar que estavam se desgastando enquanto que os espartanos estavam sendo negligentes. Estes homens questionaram a estratégia militar espartana e o gasto desnecessário de recursos com expedições sem resultado, quando poderiam ter equipado embarcações para cercar os atenienses e levá-los à fome — como fizeram ao fim da guerra do Peloponeso — e com esses mesmos barcos levar um exército a Tebas.

---

<sup>172</sup> Xenofonte (*Hel.* V, 4.55) elaborou uma cena enunciativa na qual a sua audiência poderia observar a justiça das atitudes de Agesilau. Essa postura teria permitido que Agesilau obtivesse o apoio de toda a população de Téspia — o que incluía os democratas. Esse apontamento serviu para que, através de uma retórica da moralidade, Xenofonte demonstrasse como as boas ações são seguidas de resultados adequados, enquanto que os excessos são passíveis de punição. Xenofonte (*Hel.* V, 4.56-57) afirmou que os tebanos estavam passando por necessidades de alimentos e que estavam tentando supri-las através do comércio marítimo com a Tessália. Nesse momento, o navarco esparciata Alcetas estava na costa da Eubeia e pôde capturar as embarcações com cereais para Tebas, fazendo os seus homens prisioneiros. Xenofonte concluiu a sua exposição evidenciando que Alcetas acabou sendo morto pelos prisioneiros que fizera após se descuidar ao visitar o seu *erómenos* todos os dias. Em seu encômio a Agesilau, Xenofonte (*Ages.* 5.4-7) se utilizou da pederastia como um elemento de elogio ao *basileús*. Afinal, o Euripôntida foi descrito como um homem que vencera os prazeres dos sentidos e, por isso, deveria ser reconhecido como um verdadeiro líder, digno da admiração de todos.

<sup>173</sup> Xenofonte pontuou que as veias da *perna boa* de Agesilau romperam e ele teve hemorragia. Depois houve um grande inchaço na região e o *basileús* começou a ter dores insuportáveis. Foi aí que um médico siracusano resolveu efetuar uma sangria, abrindo a veia abaixo do tornozelo para que o sangue retido na região escoasse. Contudo, este sujeito foi incapaz de conter a sangria e Agesilau perdeu muito sangue, ficando prostrado durante muito tempo. Não sem motivos, o Euripôntida só aparece novamente no cenário político espartano em 371.

A representação elaborada por Xenofonte nos permite levantar algumas análises sobre esse momento político de Esparta. Não somente os seus aliados estavam demonstrando a sua indignação como declararam implicitamente que as suas conexões poderiam deixar de existir caso o governo lacedemônio não mudasse a sua postura. A acusação de negligência se tornava outra ameaça, pois destacava a incapacidade de Esparta de ocupar uma posição político-militar entre os helenos e as suas redes. Ampliando esta interpretação, os aliados de Esparta estariam enfatizando que os lacedemônios careciam de grandes comandantes militares, haja vista que a referência sobre o que deveria se fazer a Atenas remeteu aos gestos de Lisandro e Antálcidas respectivamente.

Ao considerarmos que em uma rede política de homofilia as conexões entre os nós se beneficiam mutuamente para conservar a estrutura da própria rede como um todo, os gastos espartanos e os resultados duvidosos estavam colocando em risco a integridade de todas as *póleis* vinculadas a Esparta. Nos chamou a atenção o governo espartano ter aceitado as proposições de seus aliados, o que corrobora a ideia de que Esparta tinha consciência da sua dependência com os demais helenos. Seguindo esse viés, é certo que o governo espartano sabia da imagem desfavorável que havia desenvolvido entre os helenos com a tomada de Cadmeia e com a absolvição de Esfódrias. Portanto, receber os representantes aliados e ouvir as suas reclamações era uma estratégia política adequada para a conservação de suas conexões nas redes políticas helênicas.

César Fornis (2016, p. 260) pontuou que todas as medidas tomadas pela assembleia espartana, após a reclamação dos seus aliados, tiveram a influência de Cleômbroto. Isso porque a ausência de Agesilau, em virtude de seu adoecimento, teria minimizado os impactos das decisões das conexões políticas de suas *hetaireíai*. Todavia, o fato de cada *basileús* ou embaixador adotar estratégias políticas distintas lida com a oportunidade e a circunstância do momento, sem que isso manifeste a sua tendência política pessoal. Ainda assim, corroboramos que o adoecimento de Agesilau serviu como oportunidade para Cleômbroto, os membros das suas conexões e os inimigos do Euripôntida reforçarem a influência de suas redes. O fortalecimento das redes e das conexões de Cleômbroto não significou que as conexões de Agesilau foram sobrepujadas. O fato do *basileús* Euripôntida estar ausente de muitas decisões políticas dificultava a intervenção dos integrantes de suas redes na Lacedemônia nas deliberações do governo de Esparta. Nesse sentido, interessou ao governo lacedemônio atuar em conformidade as suas conexões para

ampliar a densidade destas e minimizar possíveis oposições e buracos na estrutura de suas redes políticas.

Ainda assim, o governo espartano aceitou a reclamação dos aliados e direcionou as suas ações militares para o mar. A primeira delas se deu nas proximidades de Naxos e Paros, quando a frota peloponésia liderada pelo esparciata Póllis tomou o conhecimento de embarcações com grãos que iam na direção de Atenas. O almirante espartano partiu com o intuito de capturá-las (XEN. *Hel.* V, 4.61; DIOD. XV, 34.3; POLIENO, III, 11.11). Apesar disso, recordamos que todo o investimento econômico e militar de Atenas estava direcionado às atividades marítimas, aspecto que foi determinante para o sucesso de suas expedições. Com a ameaça de Póllis, o ateniense Cábrias foi indicado estrategista para impedir que houvesse um cerco a Atenas. Diodoro (XV, 34.3-35.2) fez uma descrição ampla da contenda envolvendo lacedemônios e atenienses em Naxos, chegando a pontuar que esta batalha se assemelhava a de Arginusas. Por fim, Diodoro declarou que esta foi a primeira batalha naval que os atenienses venceram depois da guerra do Peloponeso.

Em certa medida, as ações de Esparta e dos membros de suas redes políticas, com ênfase à Confederação do Peloponeso, almejavam obter recursos materiais para a manutenção de seus interesses político-militares na Hélade. A emergência de Atenas e Tebas como nós centrais nas redes da Hélade acabou afetando os pressupostos fundamentais das redes espartanas, isto é, gerar segurança, efetividade e *status* para os seus membros (KADUSHIN, 2012, p. 74). Por outro lado, a oportunidade de rivalizar com Atenas fomentava a expectativa de que uma vitória sobre os atenienses iria tonificar as redes de Esparta e, conseqüentemente, o poder e a influência dos nós que a compunham. Se isso viesse a ocorrer, Atenas seria obrigada a atuar em prol dos peloponésios e contra os tebanos, algo que se assemelhava a um devaneio diante da fragilidade das conexões espartanas e dos seus aliados mais próximos.

Entre 376 e 375, os atenienses enviaram uma expedição marítima ao redor do Peloponeso em retribuição à impunidade de Esfódrias. Com sessenta embarcações lideradas pelo estrategista Timóteo, filho de Cônnon, os atenienses conseguiram controlar Cócira e derrotaram os peloponésios liderados pelo esparciata Nicóloco em Alícia (XEN. *Hel.* V, 4.62-66). Segundo Isócrates (*Antidosis*, 109), foi a vitória sobre Nicóloco e a perda de Cócira que forçou Esparta a entrar em um acordo de paz com os atenienses. Diodoro (XV, 36.5) ampliou a perspectiva de Xenofonte ao expor que Timóteo navegou em direção à Cefalênia e conseguiu tornar a Acarnânia aliada de Atenas. Essa representação elaborada

por Xenofonte e Isócrates apenas endossa o nosso posicionamento, isso porque a perda de influência e recursos passou a afetar a posição e o *status* que Esparta detinha perante o Pequeno Mundo da Hélade. Logo, ao invés de angariar apoiadores com a reversão de suas atitudes, Esparta passou a exibir as suas limitações e a fomentar a necessidade de ser combatida pelos seus maiores rivais. O governo espartano se tornou uma *sombra* indesejada cujos feitos pairavam como algo que deveria ser somente uma réles lembrança na história da Hélade no século IV.

Enquanto a cena enunciativa de Diodoro destacou que os atenienses promoveram a expedição ao redor do Peloponeso para retribuir a injustiça espartana diante das ações de Esfódrias, em Xenofonte o governo de Atenas estaria agindo por solicitação de Tebas. No discurso de Xenofonte os tebanos são representados como grandes oportunistas, afinal a necessidade lacedemônia de defender o Peloponeso faria com que a sua atenção diminuísse para com os tebanos. Foi nesse momento que Tebas pôde atacar os aliados espartanos na Beócia e consolidar o poder da Confederação de Tebas.

A intencionalidade do discurso de Xenofonte, mais uma vez, correspondeu diretamente às demandas de sua formação discursiva e de seu lugar social. O autor não poderia se opor a Esparta em virtude da gratidão que nutria por essa sociedade, como também não poderia representar Atenas de modo pejorativo caso quisesse recuperar a sua cidadania. Dessa forma, o método de Análise do Discurso nos permitiu transpor a superficialidade do discurso e nos leva a desenvolver interpretações cuidadosas perante a especificidade das obras investigadas. É esse cuidado teórico e metodológico que favorece a utilização de documentos diacrônicos com perspectivas assimétricas, sem que a nossa abordagem seja comprometida pelo anacronismo e a parcialidade.

Mark Munn (1997, p. 79) propôs que os enfrentamentos militares que se desenvolveram entre 376 e 375 foram determinantes para a consolidação do poder militar dos tebanos e dos atenienses diante da supremacia de Esparta. No entanto, segundo Scott Rusch (2011, p. 190-192), o sucesso tebano nas escaramuças de pequeno porte promovidas contra Esparta não somente aumentou a sua confiança como também passou a ameaçar os atenienses. As perspectivas de Munn e Rusch merecem considerações em virtude do panorama militar helênico diante de dois grandes nós centrais consolidados no Pequeno Mundo da Hélade e de um terceiro se estabelecendo. A emergência de Tebas como uma potência militar na Hélade continental transformou de forma irreversível a dinâmica das *póleis* imersas em conexões até então regidas por Esparta e Atenas. Embora os espartanos

tenham despontado com a vitória na guerra do Peloponeso, havia uma confluência de interesses que os atenienses passaram a representar diante das *póleis*. Neste caso, Atenas era vista como um contraponto aos excessos de Esparta e aos benefícios que esta fornecia as oligarquias helênicas<sup>174</sup>.

Ainda que este dualismo político-militar estivesse no campo discursivo, quando os tebanos se destacaram como rivais de Esparta, Atenas teve a oportunidade de captar apoiadores a sua *luta* contra os desmandos espartanos. O problema residia aí, pois o sucesso militar que os tebanos foram adquirindo gradativamente permitiu que estes ampliassem as suas conexões e expandissem a densidade destas. Em virtude da sua popularidade e da centralidade que veio a possuir, os tebanos obtiveram a influência e o *status* necessários para enfrentarem Esparta sem depender de sua conexão com Atenas. Fica evidente que a conexão entre Atenas e Tebas era informal e frágil, uma vez que os atenienses não se opuseram à tomada de Cadmeia por Fébidas e consideravam a submissão de Tebas necessária para conservar as antigas bases de poder helênicas — centradas nos atenienses e nos espartanos desde a guerra contra os persas.

A liberação de Cadmeia, somada ao ataque a Atenas, fez com que os atenienses se manifestassem contra Esparta e, novamente, acreditassem que os tebanos estariam em dívidas pelo auxílio prestado aos seus exilados *democratas*. Entretanto, Tebas soube se aproveitar das circunstâncias para alicerçar a sua influência pela submissão de inimigos e a obtenção de conexões com *póleis* aliadas, as quais se tornaram possíveis pelas vitórias que alcançaram sobre inimigos mais numerosos e mais poderosos. Para tanto, o *oportunismo* tebano<sup>175</sup> foi fundamental nesse processo, como ficou comprovado na batalha de Tegira<sup>176</sup> (375). Não podemos minimizar os feitos de Tebas diante de Esparta, porém as derrotas dos

---

<sup>174</sup> Esta visão foi desenvolvida durante a guerra do Peloponeso, a qual considerou Atenas uma *pólis* dominadora diante da Hélade. Essa imagem se inverteu durante a primeira metade do século IV, e muitas *póleis* se aliaram a Atenas para combater a Lacedemônia.

<sup>175</sup> Devemos considerar que a estratégia militar de Tebas, nesse momento, se baseava no oportunismo. Afinal, os recursos materiais e humanos estavam escassos desde a recuperação de Cadmeia. Diante desta situação, a estratégia tebana se mostrou efetiva aos interesses e não deve ser tomada de modo pejorativo.

<sup>176</sup> Xenofonte não comentou sobre esse enfrentamento entre tebanos e espartanos porque marcou uma grande derrota sofrida pelo contingente militar de Esparta. Todavia, temos conhecimento do mesmo através de Diodoro e Plutarco. As palavras de Diodoro (XV, 37.1-2) se resumiram em afirmar que os tebanos venceram a guarnição espartana que se mantinha em Orcômeno e que esta vitória encheu de confiança os guerreiros de Tebas, os quais chegaram a se colocar na posição de disputar a supremacia da Hélade. Plutarco (*Pelop.* 16.4-17.6), no entanto, fez uma descrição ampla deste evento com o intuito de exaltar os feitos do tebano Pelópidas, cujas inovações e manobras militares foram fundamentais no processo de consolidação da proeminência militar de Tebas após a recuperação de Cadmeia. Plutarco chegou a qualificar a batalha de Tegira como o prenúncio do que aconteceria em Leuctra. John Buckler e Hans Beck (2008, p. 108-110) destacaram que Tegira foi um marco na trajetória militar dos tebanos e consolidou a carreira militar de Pelópidas, o qual soube se utilizar da cavalaria e da infantaria de modo coordenado.

lacedemônios manifestaram o desgaste sócio-econômico que esta *pólis* vinha sofrendo com os anos ininterruptos de conflito.

A deterioração sócio-econômico de Esparta se materializou em sua conexão com os tessálios, os quais foram a Lacedemônia pedir auxílio contra a expansão das redes de Jasão de Feras. Xenofonte (*Hel.* VI, 1.-2) apresentou essa circunstância através do farsálio Polidamas, que era reconhecido em toda a Tessália e se inseria na categoria de *próxenos* de Esparta. O discurso atribuído a Polidamas por Xenofonte (*Hel.* VI, 1.4-12) foi enfático quanto à proeminência de Jasão e a maneira como esta vinha ampliando os seus recursos, a sua influência e o seu *status* no norte da Hélade. A situação de Polidamas se assemelha à dos embaixadores de Apolônia e Acanto, os quais pontuaram as vantagens e as desvantagens para Esparta caso os seus aliados fossem perdidos. No caso de Polidamas ficou evidente que Jasão estaria disposto a submeter a Tessália e que isso seria prejudicial para a supremacia espartana sobre os helenos.

O argumento de Polidamas ilustra a realidade político-militar da Hélade na década de 370, em que o desgaste dos helenos era notório. O pedido de auxílio que o farsálio direcionou a Esparta foi emblemático à medida que destacou a maneira como Jasão conseguiu expandir as suas redes e conservar o seu poder político-militar. Embora Jasão tenha promovido conexões políticas com as sociedades que dominou, estas eram demasiadamente frágeis e informais por se fundamentarem na imposição, típicas de uma *rede-ego*. Ainda assim, o contexto histórico de 375 era mais favorável a Jasão do que aos espartanos, os quais viam as suas redes políticas extenuadas pelos gastos com os conflitos, a subsequente falta de recursos, a continuidade nas tensões e guerras, mas, sobretudo, na resistência de seus aliados diante dos seus desmandos políticos.

O elemento basilar do discurso de Polidamas se deu quando este declarou que Jasão detinha os tebanos como os seus aliados e que, caso fosse necessário, estaria disposto a enfrentar os lacedemônios em batalha.

Além disso, os beócios e todos os outros que estão em guerra contra os lacedemônios são meus aliados, e estão prontos a me seguirem caso eu seja capaz de libertá-los dos lacedemônios. Os atenienses também fariam de tudo para serem nossos aliados, mas eu não acho que seja adequado estabelecer relações de amizade com eles, afinal, acredito que seja mais fácil obter a supremacia através do mar do que pela terra. Para que você perceba que meus cálculos são razoáveis, ele [Jasão] disse que considerasse esses pontos: Efetivamente, se obtemos a Macedônia, o lugar de onde os atenienses retiram a sua madeira, sem dúvida, seremos capazes de construir muito mais embarcações que eles. Do mesmo modo, quem são os mais aptos a equiparem essas naus com homens em grande quantidade e qualidade, os atenienses ou eu mesmo? E quem

poderia manter os marinheiros, nós – que enviamos cereais a outras regiões – ou os atenienses – que mal tem alimentos para si, a menos que os compre? (XEN. *Hel.* VI, 1.10-11)<sup>177</sup>.

O substancial da ótica de Jasão estaria na insatisfação que muitos helenos tinham com Esparta, fazendo com que estes se conectassem facilmente para obterem a sua *liberdade*. Jasão ainda teria deixado claro, segundo Polidamas, que pretendia submeter os helenos se utilizando do mar, o que lhe impedia de firmar uma aliança com Atenas. Os indícios de Xenofonte são interessantes por descrever a situação de Esparta sem representar os atenienses como seus inimigos. Essa postura também poderia indicar uma tentativa do autor em recuperar a sua cidadania em Atenas, haja vista que a sua audiência era composta por homens da elite ateniense e capazes de atuarem em seu benefício. Nos chamou a atenção a maneira como Xenofonte caracterizou as fraquezas militares e das conexões espartanas, as quais já não podiam contar com as conexões formadas com muitas *póleis*. O fato de ter sido incapaz de corresponder às demandas de seus aliados fez com que estes sempre buscassem alternativas para se verem livres das conexões que tinham com as redes de Esparta. Isso enfraqueceu o poder espartano de modo irreversível.

A cena enunciativa de Xenofonte manifestou a resposta de Esparta a Polidamas que, embora não tenha sido a mais satisfatória, foi a mais adequada para a circunstância em que se encontravam os seus recursos e a densidade de suas redes políticas. Os magistrados espartanos responderam que, diante dos seus gastos e dos seus contingentes empregados em território estrangeiro, os mesmos estavam impossibilitados de contribuir com forças adequadas para enfrentarem Jasão. Contudo, os lacedemônios também esclareceram que Polidamas deveria organizar os seus negócios e os de sua pátria da melhor maneira que pudesse. O comportamento de Esparta já manifestava a degradação de sua política intervencionista e das condições para que pudesse conservar a supremacia sobre a Hélade.

Entre 375 e 374, Xenofonte (*Hel.* VI, 2.1) nos informou que os atenienses estavam desejosos por uma trégua, tendo em vista as despesas que vinham sofrendo com: 1) a manutenção das embarcações; 2) pelas perdas com a pirataria; 3) pelo fato de Tebas não

---

<sup>177</sup> No texto grego verificamos: καὶ μὴν Βοιωτοὶ γε καὶ οἱ ἄλλοι πάντες ὅσοι Λακεδαιμονίοις πολεμοῦντες ὑπάρχουσί μοι σύμμαχοι: καὶ ἀκολουθεῖν τοῖνυν ἀξιοῦσιν ἐμοί, ἂν μόνον ἀπὸ Λακεδαιμονίων ἐλευθερῶ αὐτούς. καὶ Ἀθηναῖοι δὲ εὖ οἶδ' ὅτι πάντα ποιήσαιεν ἂν ὥστε σύμμαχοι ἡμῖν γενέσθαι: ἀλλ' ἐγὼ οὐκ ἂν μοι δοκῶ πρὸς αὐτοὺς φιλίαν ποιήσασθαι. νομίζω γὰρ ἔτι ῥᾶον τὴν κατὰ θάλατταν ἢ τὴν κατὰ γῆν ἀρχὴν παραλαβεῖν ἂν. εἰ δὲ εἰκότα λογίζομαι, σκόπει, ἔφη, καὶ ταῦτα. ἔχοντες μὲν γε Μακεδονίαν, ἔνθεν καὶ Ἀθηναῖοι τὰ ξύλα ἄγονται, πολὺ δὴπου πλείους ἐκείνων ἰκανοὶ ἐσόμεθα ναὺς ποιήσασθαι. ἀνδρῶν γε μὴν ταύτας πληροῦν πότερον Ἀθηναίους ἢ ἡμᾶς εἰκὸς μᾶλλον δύνασθαι, τοσοῦτους καὶ τοιοῦτους ἔχοντας πενέστας; τοὺς γε μὴν ναύτας τρέφειν πότερον ἡμᾶς ἰκανωτέρους εἰκὸς εἶναι τοὺς δι' ἀφθονίαν καὶ ἄλλοσε σῆτον ἐκπέμποντας ἢ Ἀθηναίους τοὺς μὴδ' αὐτοῖς ἰκανὸν ἔχοντας, ἂν μὴ πρίωνται;

contribuir com as expensas marítimas e; 4) pela necessidade de vigiar o seu próprio território. Dessa forma, Atenas e Esparta firmaram uma paz comum que não durou muito tempo em virtude das atitudes do estrategista ateniense Timóteo. Segundo Xenofonte (*Hel.* VI, 2.2-3), Timóteo recebeu ordens para que regressasse a Atenas em virtude do tratado de paz. No entanto, Timóteo fez com que os exilados de Zacinto fossem desembarcados em sua pátria.

A decisão de Timóteo nos apresenta a efemeridade do acordo de paz e como as redes políticas helênicas eram frágeis e fluidas. O fato de Timóteo ter exilados zacíntios ao seu lado enquanto navegava pelos arredores do Peloponeso demonstra que Zacinto vivenciava um governo oligárquico incapaz de tolerar estes exilados em seu território. Ao desembarcar os exilados em Zacinto, Timóteo desrespeitou as decisões políticas desta *pólis* como também afetou as conexões políticas entre Esparta e Atenas. Isso levou ao desequilíbrio político de Zacinto que não tardou em convocar os lacedemônios para remediarem a situação causada por Timóteo. Supomos que as ações de Timóteo fossem uma afronta a Esparta e ao governo ateniense que decidira pela paz após um grande investimento em guerras. Em resumo, a atitude de Timóteo levou Esparta a reaver o acordo de paz e a iniciar uma expedição a Córçira, região que Atenas tinha grandes interesses estratégicos.

Diodoro (XV, 38.1-2), por sua vez, forneceu uma perspectiva distinta daquela apresentada por Xenofonte. Segundo o historiador, a proposta de uma paz entre os helenos partiu de Artaxerxes II que, em sua tentativa de combater o Egito, precisava de mercenários para os seus exércitos. Stephen Ruzicka (1997, p. 116-119) advertiu que o Império Aquemênida vinha sofrendo grandes reveses com as rebeliões do Chipre e do Egito, no início do século IV. Ruzicka (2012, p. 99-101) considerou que, entre 386 e 380, os egípcios organizaram um sistema de defesas obstinado a torná-lo uma fortaleza contra os ataques de Artaxerxes II. Nessa ocasião, os egípcios tiveram o auxílio do ateniense Cábrias, que esteve em expedição no Egito entre 386 e 380. No período apresentado por Ruzicka, Atenas estava promovendo conexões e redes com todas as sociedades que quisessem se rebelar contra o *grande rei*, pois este era considerado o maior rival dos atenienses em seus esforços por estabelecerem uma nova confederação marítima.

Através de Diodoro (XV, 29.2-4) sabemos que Cábrias vinha atuando em benefício dos egípcios até o momento em que Farnábazo foi indicado como comandante das forças persas em sua tentativa de submeter o Egito. Farnábazo teria levado aos atenienses a

mensagem de que Cábrias deveria recuar em seus esforços pela independência do Egito, caso contrário Atenas seria tratada como inimiga e punida em conformidade às cláusulas da Paz de Antálcidas. Com isso, Farnábazo solicitou que Ifícrates fosse enviado ao Egito como aliado do *grande rei* em seus esforços para recuperar a satrápia egípcia. A conclusão desta empreitada foi que as forças persas foram incapazes de invadir o Egito do faraó Nectanebo, o qual pôde contar com as condições geoclimáticas de seu território, como também pelo desacordo entre Farnábazo e Ifícrates.

O retorno do Império Aquemênida à cena enunciativa da documentação de Diodoro apenas legitima os nossos apontamentos acerca dos interesses de Artaxerxes II. O interesse dessa sociedade sobre a Hélade foi representado como circunstancial, afinal interessava que os helenos fossem enfraquecidos para não serem capazes de promoverem qualquer rebelião nas satrápias da Jônia ou do norte da África. Contudo, a aparição repentina de emissários persas que se utilizaram dos termos da Paz de Antálcidas para promover os seus interesses político-militares reafirma a perspectiva de que, para Artaxerxes, a Hélade se encontrava as margens de seus domínios e deveria lhe fornecer recursos — direta ou indiretamente — sempre que necessário. Portanto, acreditar na mobilização persa para impedir a ampliação do poder das *póleis* helênicas parece não corresponder à veracidade dos indícios analisados.

Independentemente destes fatores, sabemos que Esparta e Atenas estabeleceram um acordo de paz semelhante à Paz de Antálcidas, porém que não durou por muito tempo em virtude das ações de Timóteo diante de Zacinto. Com isso, o governo espartano mobilizou os seus aliados<sup>178</sup> e indicou o esparciata Mnasipo para a posição de navarco com o dever de sitiar Cócira — cidade aliada de Atenas (XEN. *Hel.* VI, 2.4-8). Esparta chegou a notificar Dionísio de Siracusa para que este contribuísse com a expedição, haja vista que o controle de Cócira era algo que também lhe interessava. Nesse sentido, Esparta somente mobilizou o auxílio de Siracusa quando a situação se tornou emergencial, isso porque o governo espartano sabia que o auxílio prestado por Dionísio acabaria sendo cobrado em um momento futuro, porém os lacedemônios não tinham recursos para corresponder a esta demanda.

---

<sup>178</sup> Xenofonte (*Hel.* VI, 2.3) pontuou que estes eram Corinto, Leucas, Ambrácia, Élis, Zacinto, Acaia, Epidauro, Trozene, Hermione e Halia. Estas *póleis* deveriam contribuir com contingentes proporcionais para ocuparem sessenta embarcações. Os lacedemônios também forneceram guerreiros para ocuparem os barcos de guerra.

Xenofonte (*Hel.* VI, 2.9-14) e Diodoro (XV, 47.2-3) comentaram sobre o enfrentamento de Esparta, Atenas e os seus respectivos aliados em virtude das ações de Timóteo. O que nos interessa pensar é que a atitude do comandante ateniense junto aos habitantes de Zacinto estaria atrelada a uma tentativa de tentar retribuir aos lacedemônios aquilo que fizeram ao seu pai, Cônon. Essa possibilidade de análise lida com o fato de que não parecia plausível a um comandante ateniense desobedecer às ordens de sua *pólis*, ainda que conservasse conexões políticas com os refugiados que pretendia auxiliar.

No decorrer da cena enunciativa proposta pelo discurso de Xenofonte (*Hel.* VI, 2.12-13) e Diodoro (XV, 47.2), a mobilização do contingente militar levou Atenas a recorrer as conexões de sua rede, as quais eram compostas por homens das Cíclades, da Trácia e de algumas *póleis* ao redor do Peloponeso. A conclusão desses eventos se deu com a vitória dos atenienses sobre os espartanos, sendo estes liderados pelo esparciata Mnásipo. Xenofonte se aproveitou se utilizou de Mnásipo para retomar a lógica do exemplo, isto é, caberia ao líder personificar os ideais esperados pela sua posição político-militar. Na ocasião, Mnásipo<sup>179</sup> foi representado como um contra modelo, o que poderia ser empregado para legitimar a preponderância de Agesilau na dinâmica política da Lacedemônia e do Peloponeso. Tal hipótese se mostra pertinente se considerarmos que o Euripôntida se encontrava ausente das demandas espartanas por estar se recuperando de uma doença.

Em seguida, Xenofonte (*Hel.* VI, 2.27-36) se utilizou da continuidade de seu discurso para edificar um contraponto a Mnásipo, representado na figura do ateniense Ifícrates<sup>180</sup>. Nesse momento, os escritos de Xenofonte são amistosos e elogiosos com os atenienses, algo que nos permite pensar que se deu pelos excessos de Esparta no decorrer do século IV, mas também pelo interesse do autor em regressar a sua pátria com o passar dos anos. No entanto, em que medida o discurso da documentação citada — com ênfase a Xenofonte e Diodoro — nos auxilia a entender a dinâmica política de Esparta junto a Hélade?

---

<sup>179</sup> Mnásipo não tratou os seus mercenários adequadamente e, além de não lhes pagar o soldo estipulado, chegou a agredi-los fisicamente. Isso fez com que esses guerreiros se tornassem negligentes e não se esforçassem pela causa de Mnásipo, enfraquecendo a influência das conexões espartanas nessa ocasião.

<sup>180</sup> Xenofonte (*Hel.* VI, 2.27-36) elogiou os feitos de Ifícrates, cuja habilidade militar permitiu que surpreendesse um contingente siracusano que tinha sido enviado para auxiliar Esparta.

#### 4.4.1 Esparta: entre excessos políticos e a batalha de Leuctra

A análise documental favoreceu a nossa percepção do jogo de poder, nos dizeres de Charles Kadushin (2012, p. 63), existente entre as conexões helênicas no século IV. Embora todos os nós atuassem visando objetivos específicos e particulares, o desgaste do Pequeno Mundo helênico impactou todas as *póleis* que o compunha. Em virtude da centralidade que algumas sociedades ocuparam nestas redes, a cobrança e as demandas oriundas das *zonas de primeira e segunda ordem* tornaram a sua situação ainda mais deteriorada. Esse foi o caso de Esparta, a qual não soube se adaptar às transformações pelas quais a Hélade e a sua sociedade passaram entre os séculos V e IV, ficando incapaz de lidar com as necessidades dos membros de suas redes. Nesse cenário, alguns nós se aproveitaram da fragilidade espartana para projetarem os seus interesses e as suas conexões. O exemplo mais emblemático foi, sem dúvidas, o de Tebas. Sobretudo com a retomada de Cadmeia, os tebanos ampliaram as suas redes na Beócia e na Fócida, o que lhes garantiu recursos e apoio para resistir às investidas de seus inimigos, tal como na batalha de Tegira<sup>181</sup>.

Ao retomarmos Esparta, verificamos que as suas conexões e as suas redes políticas foram reduzidas se comparadas com aquelas do período de Lisandro. Uma parcela dessas conexões foi perdida com a derrota de Cnido e com a Paz de Antálcidas, gerando buracos estruturais nas redes espartanas. O caso de Cnido se relaciona diretamente com os interesses de Agesilau e sua política de favorecer pessoas próximas para ampliar as suas bases apoio político na Lacedemônia. Nessa situação, Agesilau mantinha uma conexão simétrica com o seu cunhado Pisandro e, ao favorecê-lo, sacrificou o sucesso da frota peloponésia no Egeu. Já a Paz de Antálcidas esteve diretamente relacionada ao desgaste que a guerra de Corinto vinha causando aos recursos humanos e materiais de Esparta e da Confederação do Peloponeso. De fato, ao estabelecer a paz comum tendo Artaxerxes II como fiador, o governo espartano abriu mão de uma parcela de sua influência e *status* para conservar a autoridade em uma área que considerava mais relevante, isto é, a Hélade continental.

Durante esse processo, as intervenções de Agesilau foram pontuais em virtude do impacto que algumas expedições poderiam gerar em suas conexões e redes políticas.

---

<sup>181</sup> No Anexo I podemos ter uma ideia da política tebana ao assegurar o controle da Beócia e da Fócida. Esta última está na direção noroeste da Beócia.

Somente com a perda gradativa de comandantes espartanos é que o Euripôntida foi levado a retomar a liderança no campo de batalha. Entre 376 e 371, Agesilau foi obrigado a se afastar dos jogos de poder inerentes as redes políticas de sua *pólis* em virtude de uma grave enfermidade<sup>182</sup>. Considerando que Agesilau não tinha o controle das ações dos membros de suas redes, ainda que estes atuassem para beneficiá-lo, a sua ausência do cenário político de Esparta também facilitaria que muitos homens influentes empregassem esforços e riquezas para intervir nas magistraturas espartanas.

A ausência de Agesilau facilitava os jogos de poder tanto para os seus aliados — que se utilizavam de seu nome e imagem — quanto para os seus inimigos. Entretanto, não temos indícios o suficiente para afirmarmos que muitas das decisões tomadas pelos magistrados da Lacedemônia estivessem alinhadas aos interesses de Agesilau. Logo, ao reconhecermos os limites de nossa documentação e as variáveis que contribuíram para a sua produção reiteramos que é impossível tomarmos Agesilau como o responsável pela desestruturação dos valores de Esparta. A nossa postura retira a responsabilidade do Euripôntida — como sugeriu Charles Hamilton, Paul Cartledge, Françoise Ruzé e Ellen Millender — e considera as suas ações e conexões em consonância com as redes políticas espartanas pós-guerra do Peloponeso.

Dito isso, nos cabe problematizar os efeitos diretos do esfacelamento da supremacia espartana na Hélade no final da década de 370. César Fornis (2016, p. 261) expôs que os anos que antecederam a batalha de Leuctra consolidaram o poder militar tebano, cujas conexões se tornaram densas e estiveram fundamentadas no combate direto à supremacia de Esparta. Xenofonte (*Hel.VI*, 3.1-2) nos informou que o expansionismo tebano legitimou as pretensões dessa *pólis* diante dos seus rivais no interior da Beócia. Tebas foi capaz de submeter Téspia, Tânagra e Plateia, deixando Orcômeno isolada em seu apoio aos espartanos. Sendo assim, os atenienses ficaram temerosos com o poderio tebano e propuseram, em 371, uma nova paz comum (*koinè eirénē*). Por meio de Xenofonte verificamos que as atitudes de Tebas se assemelharam àquelas tomadas por Esparta imediatamente após o estabelecimento da Paz de Antálcidas, ou seja, firmar um *cinturão* ao redor de sua *pólis*, ampliar o número de conexões assimétricas na Beócia e punir os seus inimigos.

Como Atenas se encontra na fronteira com a Beócia, se tornou conveniente estabelecer uma trégua entre os helenos para minimizar as ameaças ao seu território. Outro

---

<sup>182</sup> Já havíamos demarcado isso anteriormente.

ponto interessante era a preocupação do governo ateniense com a atividade marítima do Império Aquemênida. Isso nos leva a supor que Atenas estivesse interessada em acabar com os enfrentamentos entre os helenos para que, no momento oportuno, mobilizasse uma coalizão contra os persas, emulando as guerras Greco-pérsicas.

Xenofonte (*Hel.* VI. 3.2) representou o cuidado dos atenienses ao lidar com os tebanos e os lacedemônios. A cena enunciativa de seu discurso não somente revelou indícios das tensões entre Tebas e Esparta como também dos interesses de Atenas com essa tentativa de paz<sup>183</sup>. Na Lacedemônia, o discurso dos embaixadores atenienses manifestou ao menos três tendências políticas que vigoravam na Ática acerca da supremacia espartana e daquilo que esperavam com os termos da paz. O primeiro a se pronunciar foi Cálías, cujo ponto de vista obedeceu a sua condição de *próxenos* de Esparta. Mediante Xenofonte (*Hel.* VI, 3.4-6) notamos que Cálías representou a preocupação ateniense com a situação de Téspia e Plateia — controladas por Tebas —, além de destacar os objetivos em comum de Esparta e Atenas, bem como a importância das conexões entre lacedemônios e atenienses que superavam a esfera mortal<sup>184</sup>.

Em seguida, Autócles afirmou que a situação da Hélade era difícil pela incapacidade dos espartanos de cumprir aquilo que se propuseram (*XEN. Hel.* VI, 3.7-9). Auócles se utilizou do discurso espartano diante da Paz de Antálcidas e a defesa da autonomia dos helenos. Este embaixador citou o fato de os lacedemônios obrigarem os seus aliados a participarem de guerras sem que quisessem, e a tomada de Cadmeia como graves ofensas à autonomia das *póleis*. Por fim, Calístrato se pronunciou tentando mediar as falas de Cálías e Autócles (*XEN. Hel.* VI, 3.10-17). Em certa medida, este último retirou a responsabilidade de Esparta com a Paz de Antálcidas e apresentou as vantagens de uma aliança entre Atenas e Esparta. Calístrato reforçou o interdiscurso oriundo de Heródoto (VIII, 144) e relativo à potencialidade de atenienses e lacedemônios na Hélade. Logo, uma aliança entre as duas maiores potências helênicas evitaria tensões entre os helenos e, caso alguém quisesse a guerra, seria mais fácil de vencer em virtude dessa poderosa aliança por terra e mar.

---

<sup>183</sup> Atenas teria enviado primeiro uma embaixada a Tebas para tratar da paz e convocá-la a participar da assembleia na Lacedemônia para discutir os termos da paz (*XEN. Hel.* VI, 3.2).

<sup>184</sup> Cálías era sacerdote dos mistérios de Elêusis e a sua família detinha a *proxenia* de Esparta há gerações. Para endossar o seu posicionamento, Cálías argumentou que os atenienses não poderiam querer o mal dos espartanos uma vez que foram aqueles que ensinaram esses a plantar os frutos de Deméter. O ateniense ainda citou a possível iniciação de Hércules e dos Dióscuros no culto à deusa e a sua filha Kóre.

Xenofonte foi cuidadoso a elaborar esta cena enunciativa, haja vista que a sua preocupação era representar os embaixadores de Atenas como equilibrados e inclinados à paz comum. Essa perspectiva apenas reforça as nossas hipóteses acerca dos esforços de Xenofonte em recuperar a sua cidadania ateniense. O autor também nos forneceu os possíveis pontos de vista dos helenos e/ou dos cidadãos de Atenas sobre as ações de Esparta no período entre o fim da guerra do Peloponeso e a Paz de Antálcidas. Do mesmo modo, a Atenas representada por Xenofonte nessa ocasião se assemelhou àquela que em Heródoto buscou reafirmar uma conexão entre os helenos para que juntos enfrentassem um mal comum. Esse viés coincide com as preocupações atenienses em retomar as atividades da frota persa no Egeu. Por fim, Xenofonte exprimiu que se Atenas e Esparta estivessem atuando em conjunto seriam poucos os inimigos capazes de fazer-lhes frente.

A *Helênica* de Xenofonte (VI, 3.19-20) nos indicou que as atitudes espartanas no decorrer do século IV levaram os tebanos a buscar meios de beneficiar os seus próprios interesses, ainda que isso pudesse gerar tensões entre as suas redes e as de Esparta. Xenofonte manifestou que os lacedemônios, os atenienses e os tebanos fizeram o acordo de paz em seu nome e no de seus aliados. No entanto, os representantes de Tebas tentaram modificar o nome inscrito no juramento para os beócios, destacando o modo como se representavam a sua influência, *status* e centralidade diante dos interesses de inúmeras *pólis* dessa região.

Xenofonte (*Hel.* VI, 3.19-20) e Diodoro (XV, 50.4-5) enfatizaram que Agesilau adotou uma postura enérgica afirmando que se os tebanos não mantivessem o tratado como foi acordado seriam excluídos do juramento de paz. Dessa maneira, os tebanos optaram por não integrar a paz comum para conservarem a sua autoridade e influência nas conexões beócias. Tal como na Paz de Antálcidas, os espartanos se utilizaram da negativa de seus rivais para empreender-lhes uma expedição e decidiram atacar Tebas.

Como Agesilau se colocou na posição de representante lacedemônio diante das demais embaixadas helênicas, a sua atitude esteve atrelada aos interesses de uma parcela da aristocracia espartana em conformidade à posição e ao *status* que Esparta ocupava nas redes helênicas. Portanto, para Agesilau e para a sua *pólis* interessava diminuir o poder e a densidade das conexões tebanas, o que tornaria plenamente aceitável a postura do Euripôntida. Nesse sentido, interessava ao Agesilau e aos aristocratas espartanos conservar a independência de muitas *pólis*, as quais integravam as suas conexões políticas de *xenía* e que estariam ameaçadas com a supremacia de Tebas na Beócia.

A comparação das informações fornecidas pelos textos de Xenofonte, Diodoro e Plutarco (*Ages.* 27.3-28.2) nos fez identificar que grande parte da imagem pejorativa de Agesilau como um ferrenho opositor de Tebas tenha se consolidado neste momento. Plutarco acabou salientando que Agesilau mantinha uma inclinação antitebana. Nos dizeres de Plutarco, dentre os embaixadores tebanos estava Epaminondas — elogiado como um homem de boa educação e versado em filosofia — que se opôs à maneira como todos adulavam Agesilau. Nessa cena enunciativa, Epaminondas argumentou que a guerra fez de Esparta uma sociedade grandiosa às custas do sofrimento de outras, além de afirmar que a paz deveria ser feita em termos de justiça e igualdade para com todos. Plutarco afirmou que Agesilau questionou se Epaminondas considerava justo que os beócios estivessem submetidos a Tebas, e este retrucou inquirindo se era justo que a Lacedemônia estivesse submetida à Esparta.

A representação oriunda da cena enunciativa de Plutarco merece atenção, pois demarcou os fatores que levaram Esparta a primar pela destruição de Tebas. Onde reside a limitação do argumento de Plutarco? A importância de Plutarco, enquanto biógrafo e historiador, é inegável para as pesquisas em Antiguidade. Contudo, devemos situá-lo em sua formação discursiva e em seu lugar social para problematizarmos o seu posicionamento acerca do século IV a.E.C., estando o autor situado entre os séculos I e II E.C. Outro aspecto relevante foi a tentativa do autor por enaltecer os feitos beócios em detrimento de outras sociedades, afinal Plutarco era natural de Queroneia — uma cidade da Beocia — e partidário das atitudes dos comandantes tebanos da primeira metade do século IV, tidos como *libertadores* e modelos de conduta político-militar. Sendo assim, faria todo o sentido edificar a imagem de Esparta e Agesilau como *verdadeiros* algozes da liberdade tebana para que a sua subsequente derrota fosse compreendida como justa e reconhecida pelos deuses.

Tal como Xenofonte, Plutarco se utilizou do sagrado para endossar a sua interpretação dos acontecimentos históricos. Com isso, os excessos políticos espartanos não passariam impunes diante dos deuses, tornando os tebanos verdadeiros heróis, na enunciação e na representação de Plutarco. Essa lógica corresponde à noção de *justa medida*, caracterizada pelo ideal da *sōphrosýnē*, em que todo o ato descomedido seria levado ao equilíbrio, tanto pela força física quanto pelo sagrado. Xenofonte (*Hel.* V, 4.1) materializou essa lógica ao afirmar que os deuses dão muita atenção àqueles que fazem coisas injustas. Portanto, todos os desmandos promovidos pela supremacia espartana

seriam reequilibrados pelo ideal de *justa medida*, logo Xenofonte e Plutarco deram a entender que era esperada a derrota de Esparta contra os tebanos, os quais passaram a figurar como representantes da justiça e da liberdade helênica<sup>185</sup>.

Xenofonte iniciou a sua descrição da batalha de Leuctra destacando que os atenienses cumpriram a sua parte no acordo de paz, retirando as suas guarnições dos territórios alheios e devolvendo aos helenos aquilo que haviam tomado. Entretanto, o governo espartano agiu de forma distinta, determinando que o *basileús* Cleômbroto tomasse o contingente que liderava na Fócida e o mobilizasse contra Tebas<sup>186</sup>. De fato, concebemos que Agesilau teve uma grande influência nessa movimentação contra os tebanos, porém Xenofonte atribuiu essa decisão à assembleia (*ekklēsia*) de Esparta e não ao Euripôntida. Com certeza a posição política de Xenofonte diante dos feitos de Agesilau e de Esparta fez o autor suavizar as atitudes do Euripôntida e de sua *pólis*. Nesse caso, embora Agesilau tivesse tomado todas as decisões diante de Tebas, Xenofonte explicitou que coube ao *dēmos* espartano a responsabilidade por esta mobilização.

Contudo, defendemos que a conduta de Agesilau pretendia assegurar a proeminência de sua *pólis* diante de um rival com grande poder e influência político-militar nas redes helênicas. Se nos guiarmos pelo discurso de Xenofonte, as atitudes de Agesilau como porta-voz espartano junto aos embaixadores estrangeiros almejava assegurar as proposições de Atenas e Esparta como as *póleis* hegemônicas da Hélade. Defendemos que Agesilau tinha o conhecimento das condições socioeconômicas de Esparta, o que o tornaria imprudente ao arriscar um embate direto com os tebanos quando estes já manifestavam um poder militar maior. Por outro lado, supomos que Agesilau e as suas conexões no Peloponeso acreditassem que a sua representação político-militar detinha alguma relevância entre os helenos. Portanto, Esparta, Agesilau e os seus aliados políticos teriam a convicção de que os tebanos não ousariam enfrentá-los no campo de batalha.

Diante disso, corroboramos com Stephen Hodkinson (1995, p. 169) ao considerar que Esparta vinha sofrendo com os efeitos imediatos da guerra do Peloponeso e dos anos que sucederam até a batalha de Leuctra. Em vista disso, Hodkinson não considerou

---

<sup>185</sup> Plutarco considerou os tebanos como vítimas das atitudes de Esparta, sem considerar as atitudes e os posicionamentos políticos de Tebas para alcançar os seus objetivos político-militares.

<sup>186</sup> Xenofonte (*Hel.* VI, 4.2) apresentou a visão do esparciata Protoo — possivelmente um éforo na ocasião — e a sua tentativa de fazer com que Cleômbroto dispensasse o exército e tentasse obter apoio para a causa da paz comum. Todavia, os membros da assembleia foram contrários a esta postura por acreditarem que foram conduzidos a mesma pelo próprio Apolo. Podemos contrapor essa atitude com o ocorrido com Esteneláidas e Arquídamos II às vésperas da guerra do Peloponeso (TUC. I, 79-86).

Agésilau como a causa da *crise espartana*, mas sim como um produto dessa instabilidade política, social, econômica e cultural na qual Esparta esteve inserida. Mediante o exposto consideramos que as conexões e as redes políticas que Agésilau detinha na Lacedemônia exigiram a participação de Esparta no conflito, haja vista a falsa expectativa de vitória ocasionada pela aliança com os atenienses e muitos outros helenos, além da possibilidade de se obter recursos materiais com essa investida.

Ao caracterizar esta mobilização, Xenofonte (*Hel.* VI, 4.3, 5-6) afirmou que Cleômbroto estava receoso, sendo motivado por outros esparciatas a prosseguir com a expedição. Por outro lado, Diodoro (XV, 54.1) destacou a confiança dos tebanos por terem o conhecimento de uma profecia espartana que declarou a derrota de Esparta pelos tebanos em Leuctra. O cruzamento desses indícios destaca os pressupostos relativos ao enfrentamento, afinal os lacedemônios pareciam ignorar a possibilidade de uma derrota enquanto que os tebanos sabiam que perder significaria o exílio de sua pátria.

Uma vez que o sagrado era um elemento característico e vivido no cotidiano das *póleis*, a sua manifestação para tratar da batalha de Leuctra serviu como um modelo de conduta para a audiência dos autores clássicos utilizados. Desse modo, o sagrado se manifestou em momentos derradeiros como uma referência à justiça ou uma oposição ao descomedimento humano. Xenofonte (*Hel.* VI, 4.7) citou ainda o *monumento às virgens*<sup>187</sup>, as quais foram outrora violentadas e mortas por espartanos, bem como o rumor de que todos os templos — beócios — se abriram espontaneamente e as sacerdotisas profetizaram a vitória de Tebas. Por fim, as armas do Heracleion sumiram demonstrando que Hércules<sup>188</sup> saía para guerrear.

Vasileos Aravantinos (2014, p. 151) declarou que Hércules era a divindade protetora de Tebas, tendo atuado em benefícios dos tebanos durante a batalha de Leuctra. A assertiva de Aravantinos nos interessa por considerarmos o papel de Hércules como uma divindade proeminente para a formação e a consolidação da identidade da realeza espartana. Evidentemente, nada impedia os tebanos e os espartanos de terem relações com

---

<sup>187</sup> Plutarco (*Pelop.* 20.3-4) comentou sobre a profecia da *fúria das leucríades* e dos oráculos relativos à punição de Esparta por conta deste evento. Diodoro (XV, 54.2-3) amplia essa perspectiva ao esclarecer que as donzelas da região foram violentadas por embaixadores espartanos. Em virtude da sua desonra, estas jovens fizeram imprecções contra os seus agressores e se suicidaram. Em suma, a documentação literária manifesta um fundo comum para justificar a derrota espartana em Leuctra, o qual se vincula diretamente ao sagrado.

<sup>188</sup> Vasileos Aravantinos (2014, p. 150-151) afirmou que Hércules Promákhos era o protetor da cidade de Tebas, cujo templo estaria em uma área próxima aos santuários de Apolo Ismênios e de Atena Pronaia, possivelmente nos limites da *ásty* tebana, após os Portões de Electra.

a mesma divindade, contudo, diante de um comandante heráclida junto aos lacedemônios, a alusão ao Heracleion endossa a lógica de Xenofonte. Afinal, a cena enunciativa do ateniense representou que os excessos de Esparta seriam compensados pelos deuses no momento oportuno. A documentação literária expôs o quão inevitável era a derrota espartana, como um mecanismo para enfatizar que os deuses eram favoráveis a Tebas. Essa postura não minimizaria a competência e a preponderância militar de Esparta diante de seus inimigos, pois, frente aos deuses, nada poderia ser feito.

Dito isso, Xenofonte começou a apresentar os motivos pelos quais Esparta estava *destinada* a perder a batalha e a sua supremacia. Para além do elemento sagrado, o ateniense listou algumas informações que pretendiam levar a sua audiência às mesmas conclusões que as suas. A primeira delas (XEN. *Hel.* VI, 4.8-12) manifestou que Cleômbroto, na qualidade de comandante e *basileús* lacedemônio, se excedeu no consumo de vinho. Em outra de suas obras, Xenofonte (*Cons. Lac.* 5.4) afirmou que havia certa restrição ao consumo de vinho entre os espartanos para que se mantivessem sóbrios, conscientes e a embriaguez não prejudicasse qualquer situação atuação do dia-a-dia. O cruzamento dessas informações já enfatiza o problema ao redor da atitude de Cleômbroto, uma vez que a sua embriaguez não lhe permitiria tomar as decisões mais sábias em uma situação demasiadamente importante. Aqui Xenofonte também tentou representar algumas justificativas possíveis para o comportamento de Cleômbroto, haja vista que a sua percepção da situação o teria levado a consumir vinho diante do inevitável. Neste sentido, a cena enunciativa de Xenofonte apenas enfatizou o quanto foi preferível para o *basileús* morrer em combate ao invés de fugir do campo de batalha.

O segundo indício da falha de Esparta em Leuctra se deu quando os cavaleiros e peltastas aliados de Cleômbroto reconduziram para o exército beócio todos os homens que estavam fornecendo mercado aos tebanos. Segundo Xenofonte (*Hel.* VI, 4.9), essa atitude fez do exército beócio uma força mais densa e mais ampla que os lacedemônios e os seus aliados. Xenofonte explicitou o aspecto determinante para a derrota de Esparta em dois parágrafos, nos quais exaltou a cavalaria tebana pela boa organização e preparo, enquanto que a cavalaria espartana foi chamada de inútil<sup>189</sup>.

[...] como o espaço entre os exércitos era uma planície, os lacedemônios colocaram os seus cavaleiros em frente a falange, e os tebanos agiram de modo

---

<sup>189</sup> Em grego, Xenofonte se utilizou do adjetivo *ponerótaton*, que está no acusativo superlativo. Logo, a cavalaria espartana era *inutilíssima* diante da tebana.

semelhante. Agora, a cavalaria dos tebanos estava em boa formação, em virtude dos resultados da guerra com os orcomênios e com a guerra contra os téspios, enquanto a cavalaria dos lacedemônios era extremamente despreparada. Os homens mais ricos mantinham cavalos, mas somente quando a mobilização era decretada que os cavaleiros se apresentavam, então eles tomavam o seu cavalo e as suas armas, e entravam no campo de batalha devido as necessidades do momento. Com isso, os cavaleiros [de Esparta] eram os guerreiros mais débeis e menos valorosos (XEN. *Hel.* VI, 4.10-11)<sup>190</sup>.

A motivação para essa debilidade estava na falta de treinamento e porque os homens mais ricos da Lacedemônia criavam cavalos para fins pessoais, ao invés de utilizá-los na guerra. Do mesmo modo, os cavaleiros de Esparta apenas se apresentavam para o serviço quando havia a necessidade, ressaltando a falta de investimento espartano na cavalaria e a sua falta de treinamento<sup>191</sup>.

Se considerarmos o discurso de Xenofonte (*Cons. Lac.* 13.5), o autor já havia manifestado que os esparciatas eram artistas da guerra, enquanto os demais helenos atuavam como meros improvisadores. Ao cruzarmos e confrontarmos esses indícios, relembramos que o lugar social de Xenofonte, no decorrer do século IV, fez com que os interesses político-sociais do autor se transformassem e essas mudanças se fizessem presentes em seus escritos. Na *Helênica* (VI, 4.10-11), a maestria lacedemônia na guerra foi colocada em *xequê* no momento em que o seu governo e a sua aristocracia não se mostraram interessados em investir na cavalaria. Ainda que houvesse a tentativa de muitos autores clássicos — com ênfase a Heródoto, Tucídides e Xenofonte — em representar Esparta como tradicionalista e compromissada com os seus valores ancestrais, esta *pólis* não poderia negar a sua necessidade em inovar e se adequar à realidade militar da Hélade. Portanto, grande parte das representações que Xenofonte produziu de Esparta merece ser tratada com muito cuidado e de forma crítica<sup>192</sup>.

---

<sup>190</sup> No texto grego temos: ἔπειτα δέ, ἅτε καὶ πεδίου ὄντος τοῦ μεταξύ, προετάξαντο μὲν τῆς ἑαυτῶν φάλαγγος οἱ Λακεδαιμόνιοι τοὺς ἵππείας, ἀντετάξαντο δ' αὐτοῖς καὶ οἱ Θηβαῖοι τοὺς ἑαυτῶν. ἦν δὲ τὸ μὲν τῶν Θηβαίων ἵππικὸν μεμελετηκὸς διὰ τε τὸν πρὸς Ὀρχομενίους πόλεμον καὶ διὰ τὸν πρὸς Θεσπιᾶς, τοῖς δὲ Λακεδαιμονίοις κατ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον πονηρότατον ἦν τὸ ἵππικόν. ἔτρεφον μὲν γὰρ τοὺς ἵππους οἱ πλουσιώτατοι: ἐπεὶ δὲ φρουρὰ φανθείη, τότε ἤκεν ὁ συντεταγμένος: λαβὼν δ' ἂν τὸν ἵππον καὶ ὄπλα ὅποια δοθείη αὐτῷ ἐκ τοῦ παραχρήμα ἂν ἐστρατεύετο: τῶν δ' αὖ στρατιωτῶν οἱ τοῖς σώμασιν ἀδυνατώτατοι καὶ ἥκιστα φιλότιμοι ἐπὶ τῶν ἵππων ἦσαν.

<sup>191</sup> Na obra *Agésilau* (9.6), Xenofonte fez uma crítica à criação de cavalos unicamente para competições e para a ostentação de riquezas. Não sem motivos, Xenofonte (*Hel.* III, 4.15; *Ages.* 1.23-24) enfatizou a preocupação de Agésilau com a criação e o treinamento de um corpo profissional de cavalaria, haja vista que considerava essa unidade importante para o exército e, possivelmente, teria percebido a fragilidade militar espartana pela falta de investimentos nessa área.

<sup>192</sup> Xenofonte (*Hel.* VI, 4.12) destacou que outra estratégia tebana foi acabar com o contingente de guerreiros que protegiam o *basileús* Cleômbroto, pois, feito isso, os demais seriam facilmente derrotados. Em certa medida, a engenhosidade tebana analisada por Xenofonte era um indício de que a conduta espartana em seus

Xenofonte (VI, 4.13) endossou o comentado sobre a cavalaria quando ambos os lados posicionaram este contingente à frente da infantaria. Enquanto os tebanos conseguiram rechaçar os cavaleiros lacedemônios, estes ao recuarem se lançaram contra a sua própria infantaria. O discurso de Xenofonte apenas reforçou o amadorismo da cavalaria de Esparta que, diante da dificuldade, agiu de forma inconsequente para com o seu próprio exército. Em seguida, o autor (XEN. *Hel.* VI, 4.13-14) ratificou a viabilidade da estratégia tebana, haja vista que os guerreiros beócios se aproveitaram da confusão causada pela cavalaria lacedemônia para atacar o contingente de infantaria<sup>193</sup>. De modo geral, o discurso de Xenofonte esclareceu os equívocos da postura militar espartana na batalha de Leuctra<sup>194</sup>. Contudo, para minimizar as críticas de seus interlocutores, Xenofonte se utilizou do elemento sagrado para justificar a derrota de Esparta para Tebas, demonstrando que esta era inevitável pela presença divina junto à causa tebana<sup>195</sup>.

A batalha de Leuctra se tornou um marco histórico na Antiguidade e, embora tenhamos utilizado o discurso de Xenofonte como referencial, outros pensadores mediterrâneos expuseram a sua percepção, bem como de sua formação discursiva, acerca deste momento. O orador Dinarco (1.73), o macedônio Polieno (I, 10; II, 3.2), os romanos

---

enfrentamentos era a mesma em grande parte das ocasiões. Portanto, na ausência do comandante-em-chefe e do seu corpo direto de guerreiros, os demais não eram valorosos em demasia.

<sup>193</sup> No momento em que narrou a expedição de Telêutias a Olinto, Xenofonte (*Hel.* V, 2.41) havia evidenciado uma situação semelhante, na qual a cavalaria lacedemônia acompanhada dos cavaleiros aliados, quase desmantelou o exército posicionado em seguida. Entretanto, diferentemente de Leuctra, o comandante lacedemônio em Olinto tinha o apoio de Deltas de Elímia, cuja experiência na arte da cavalaria evitou que os cavaleiros se chocassem com a infantaria aliada.

<sup>194</sup> Scott Rusch (2011, p. 199) declarou que a batalha de Leuctra marcou a derrota de um dos melhores exércitos da Hélade e acabou com a supremacia espartana sobre os helenos. Nigel Kennell (2010, p. 144) enfatizou que este foi um dos maiores desastres militares que Esparta sofreu em sua história, sobretudo pela perda de um número significativo de espartanos. A visão de Kennell foi semelhante à de Jacqueline Christien e Françoise Ruzé (2007, p. 272-273), cuja ênfase recaiu na desordem dos guerreiros espartanos em contato com os cavaleiros lacedemônios que recuavam. César Fornis (2016, p. 262) forneceu uma interpretação bastante singular do desenvolvimento da batalha de Leuctra. Segundo Fornis, a movimentação da cavalaria tebana foi uma distração para a atuação da infantaria liderada por Epaminondas e Pelópidas. Já John Buckler (2003, p. 294) pontuou que a situação de Esparta se tornou severa com a necessidade de decidir o que fazer logo após a derrota de seu contingente. Para Buckler, os comandantes lacedemônios remanescentes tiveram que enfrentar o desacordo entre os aliados e a escolha entre obter os corpos dos guerreiros caídos por meio de trégua ou pelo combate. De fato, recuperar os mortos por meio de trégua seria admitir a derrota e os sobreviventes seriam qualificados como desertores. Outra contribuição fundamental foi a de Françoise Ruzé (2018, p. 320), ao afirmar que Esparta vivenciou o prenúncio de sua desestruturação com a derrota naval em Cnido, porém demorou muito para que os espartanos reconhecessem que estas derrotas eram irreversíveis.

<sup>195</sup> Diodoro (XV, 55.1-56.4) e Plutarco (*Pel.* 23.1-4) foram outros dos que descreveram de forma pormenorizada a batalha de Leuctra, porém o primeiro não fez referência à ação da cavalaria e destacou a precisão das ordens de Epaminondas para alcançar o seu objetivo diante de uma movimentação lenta dos lacedemônios e aliados. Plutarco, no entanto, direcionou a sua atenção às ações de Pelópidas e Epaminondas, cujos esforços derrotaram rapidamente Cleômbroto e os seus homens, deixando os aliados de Esparta à mercê de sua sorte. Diodoro afirmou que Arquídamos, filho de Agesilau, esteve presente com Cleômbroto na formação lacedemônia derrotada em Leuctra quando, na verdade, o contingente de Arquídamos chegou posteriormente para resgatar os sobreviventes do combate.

Cornélio Nepos (XVI, 4) e Frontino (IV, 2.6) e o geógrafo Pausânias (III, 6.1; IX, 13.9) foram nomes importantes da literatura antiga e cada um deles representou os efeitos de Leuctra para a trajetória histórica da Hélade. Mas qual a relevância desta postura? A relevância se dá pela maneira como o cruzamento das inferências documentais pode ampliar a nossa percepção investigativa sobre uma dada temática. Por outro lado, devemos recordar que estes autores foram a base para pensarmos, contemporaneamente, a maneira como os homens da Antiguidade viveram e decidiram como agir em suas escolhas. Portanto, independentemente da ênfase que cada autor forneceu a este evento, a nossa perspectiva sobre o assunto é a de que, após a batalha de Leuctra, Esparta se deparou com aquilo que mais temia no decorrer de sua supremacia, isto é, a irreversível perda de seu poder político-militar sobre a Hélade.

Em certa medida, o governo e os comandantes espartanos estiveram empenhados em assegurar a proeminência de suas conexões diante dos helenos — seja através de alianças defensivas com estes seja com o financiamento dos persas. Todavia, consideramos também que muitas atitudes de Esparta ao invés de assegurarem o seu poder e a sua influência por intermédio de redes políticas densas, acabaram levando ao gradativo desgaste de suas instituições e recursos. A isso se somou o descrédito que os espartanos angariaram com anos quase ininterruptos de conflitos envolvendo outros helenos, os quais já não estavam dispostos a apoiá-los e enfraqueceu a sua posição no Pequeno Mundo em que a Hélade se constituía, tanto em um nível políade quanto em um nível particular. Sendo assim, tivemos a aparente comprovação de que as atitudes de Esparta, no decorrer do século IV, foram determinantes para a sua desestruturação político-social, cuja culminância pode ser identificada com a batalha de Leuctra.

#### **4.5 Os efeitos de Leuctra sobre Esparta e as ações de Agesilau**

O discurso e a cena enunciativa produzida por Xenofonte (VI, 4.16) e Plutarco (*Ages.* 29.2) adquiriram um tom dramático ao abordar como o governo espartano recebeu as informações sobre a derrota em Leuctra<sup>196</sup>. Xenofonte e Plutarco demarcaram a

---

<sup>196</sup> Nos dizeres do ateniense, as notícias chegaram no último dia das Gimnopédias no momento em que o coro dos homens estava se apresentando. Para que não houvesse uma comoção geral, os éforos decidiram que a festividade deveria terminar para depois informar aos familiares dos mortos sobre o ocorrido, embora a lamentação tenha se dado pelos parentes dos vivos, pois os sobreviventes corriam o risco de perderem a cidadania por serem considerados desertores. Plutarco (*Ages.* 29.2) lembrou que os éforos tomaram essa medida porque durante as Gimnopédias muitos estrangeiros visitavam Esparta. Considerando a postura de

prudência dos *éforos* na transmissão dessas informações às famílias dos guerreiros mortos. Um elemento curioso foi verificar que os *éforos* pareciam conscientes do ocorrido, tendo em vista que a sua representação não manifestou surpresa com as notícias.

Xenofonte (*Hel.* VI, 4,17-18) prosseguiu na organização de sua cena enunciativa sobre a preparação de Esparta para minimizar os efeitos da derrota em Leuctra. Toda a sua representação evidenciou as medidas emergenciais e as preocupações do governo lacedemônio, sobretudo no que concernia com os buracos estruturais e a perda de influência de suas redes políticas. Para tanto, os magistrados reuniram todo o contingente possível de lacedemônios e de seus aliados<sup>197</sup> que, liderados por Arquídamos — o filho de Agesilau —, deveriam dar combate aos tebanos em Leuctra e resgatar os sobreviventes deste enfrentamento.

Esse cenário já nos permite verificar a gravidade da situação espartana, afinal, não somente sofreu perdas humanas significativas<sup>198</sup> como também carecia de líderes emblemáticos para guiar os seus guerreiros. Isso se deu pela morte de Cleômbroto em Leuctra e por Agesilau estar se recuperando de uma enfermidade que quase o matara. Devemos considerar também que, junto a Cleômbroto, muitos dos homens de suas redes e conexões na Lacedemônia tenham tombado em combate, impossibilitando que um esparciata proeminente e diretamente vinculado ao *basileús* Ágida tomasse a frente contra os tebanos.

Xenofonte (*Hel.* VI, 4.19-20) declarou que os tebanos tiveram o cuidado de enviar um arauto a Atenas, imediatamente após a sua vitória, com o intuito de informar-lhe sobre o ocorrido e solicitar o seu auxílio. Concomitantemente, os tebanos enviaram mensageiros a Jasão de Feras<sup>199</sup> por conta da aliança que detinham. Para além do discurso de Xenofonte, afirmarmos que a vitória de Tebas acabou materializando o temor ateniense, inicialmente apresentado na exposição de seus oradores na Lacedemônia. De fato, para os atenienses era arriscado que os tebanos detivessem a supremacia militar terrestre junto aos helenos, afinal a Ática e a Beócia faziam fronteira. Nos chamou a atenção a surpresa de

---

Plutarco, as ações dos *éforos* foram prudentes para evitarem que esta notícia se espalhasse de forma inadequada e mostrasse aos estrangeiros a fragilidade espartana naquela ocasião.

<sup>197</sup> Os espartanos teriam contado com o apoio dos homens de Tegéia, de uma parcela dos mantineus, além dos coríntios, dos fliásios, dos aqueus e dos siciônios (*XEN. Hel.* VI, 4.18).

<sup>198</sup> Xenofonte (*Hel.* VI, 4.15) pontuou que dos seiscentos esparciatas presentes em Leuctra quatrocentos foram mortos.

<sup>199</sup> Jasão de Feras reuniu um número significativo de mercenários para que pudessem ajudar os tebanos por terra e mar (*XEN. Hel.* VI, 4.21). Aqui a conduta de Jasão foi substancial, pois os seus conselhos fizeram com que os tebanos não se precipitassem diante da situação.

Tebas pela a sua vitória, uma vez que a sua maior preocupação era o momento seguinte ao conflito. Os comandantes tebanos pareciam cientes de que não tinham condições físicas e materiais para um novo enfrentamento e, por isso, recorreram as suas conexões políticas de maior proeminência<sup>200</sup>.

Dessa maneira, Xenofonte (*Hel.* VI, 4.22-25) se utilizou da representação de Jasão para legitimar a ideia do aparente despreparo militar dos tebanos. Em seu posicionamento, o tirano de Feras manifestou moderação ao esperar o momento oportuno visando ao melhor resultado de suas investidas. Jasão aconselhou os tebanos que não atacassem os lacedemônios imediatamente após o sucesso de Leuctra, afinal os guerreiros da Lacedemônia não teriam nada a perder e combateriam com as suas vidas. Isso levaria a um resultado inesperado e a favor de Esparta. Por isso, Jasão também indicou que Tebas recuperasse o seu fôlego e se fortalecesse para aquilo que estaria por vir. As palavras de Xenofonte representaram Jasão como um homem sábio e tomaram os tebanos como impulsivos diante de um feito inesperado. Ainda que não possamos afirmar que Jasão tomou essas atitudes, é conhecido que Tebas não deu combate aos lacedemônios e permitiu que os mesmos recuperassem os seus mortos, além de voltarem em segurança para a sua *pólis*. Analisando por um viés *psicológico*, a conduta tebana, baseada nas palavras de Jasão, fez com que o sentimento de derrota espartano fosse vivenciado no ambiente políade e em suas conexões distribuídas pela a Hélade. Do mesmo modo, deu tempo o suficiente para que outros helenos se sentissem seguros para romperem com Esparta e se aliassem a Tebas.

Nesse contexto, John Buckler e Hans Beck (2008, p. 133-135) expuseram que Tebas não pretendia edificar uma aliança nos moldes da Confederação do Peloponeso e da Confederação Marítima ateniense. Na verdade, os tebanos estariam interessados em garantir a sua preponderância na Hélade central e ampliar as suas conexões com os reinos do norte da Hélade — os quais integravam a Macedônia e a Tessália. Buckler e Beck afirmaram que os interesses tebanos para o norte da Hélade inviabilizavam a promoção de uma confederação formal, contudo inúmeras sociedades e reinos estabeleceram vínculos com os tebanos<sup>201</sup>. A perspectiva apresentada nos permite admitir que os tebanos souberam

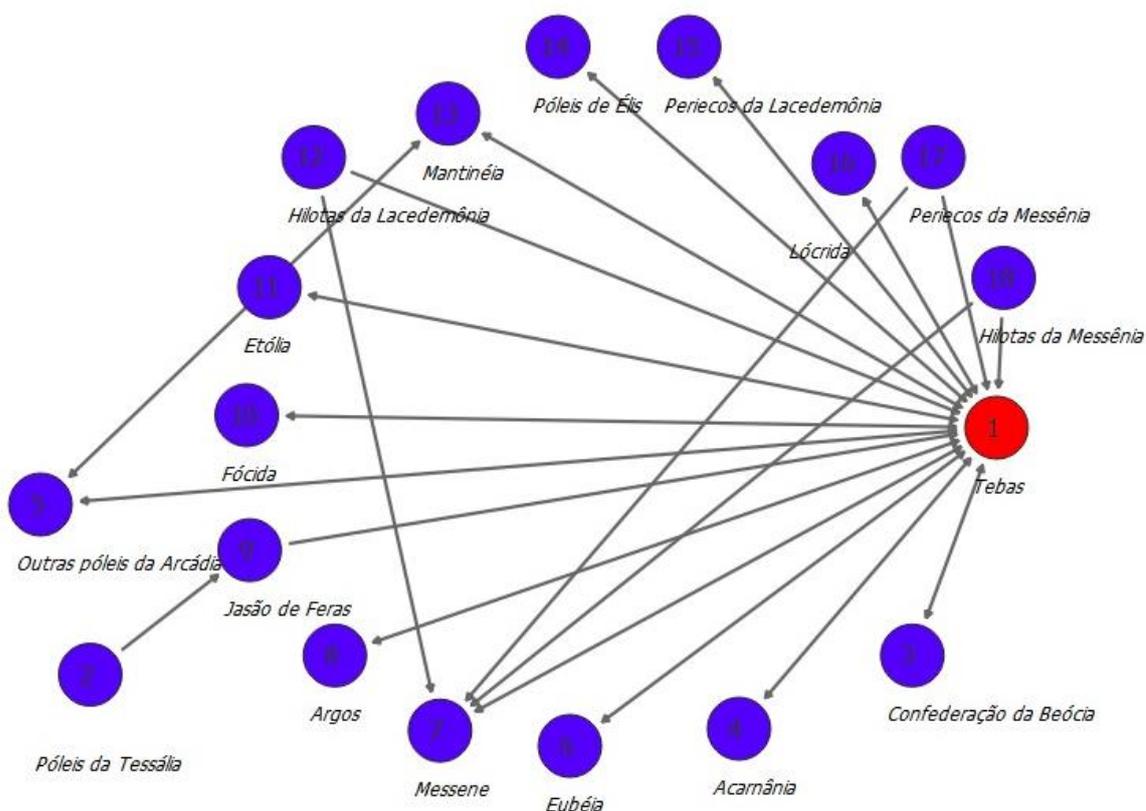
---

<sup>200</sup> Isso fez todo o sentido diante da ideia de que uma rede pressupõe o auxílio e o suporte entre os membros de suas conexões. Algo que pode angariar confiança e densidade para as conexões caso haja o sucesso de um dado empreendimento (KADUSHIN, 2012, p. 60-61).

<sup>201</sup> Dentre as sociedades aliadas de Tebas podemos destacar a Fócida, ambas as Lócridas, a Eubeia, a Acarnânia, a Etólia e a Tessália, além de Argos, a Confederação da Arcádia e Élis. Posteriormente, os tebanos conseguirão o apoio da recém fundada Messênia e do Império Aquemênida.

da fragilidade de sua supremacia, ainda que o seu poder militar fosse inegável. Para tanto, era mais vantajoso edificar inúmeras conexões informais, cujas durações eram circunstanciais, do que tentar implementar uma confederação dotada de bases vulneráveis.

No entanto, Peter Funke (2009, p. 5-11) nos advertiu para que não superestimássemos os feitos tebanos na reorganização política da Hélade. O autor propôs que a grande conquista de Tebas foi acabar com o *equilíbrio* de poderes que havia no Peloponeso, contribuindo para mudanças nas conexões e nas redes interpoliadas que passaram a se organizar. Funke comentou o caso da Arcádia e da formação de uma confederação que, em certa medida, obedecia aos princípios tebanos de formação de alianças. Todavia, Funke declarou que a maior culpada pelo sucesso tebano foi a própria Esparta. O autor afirmou que os seus excessos e a intolerância para com os seus aliados foram determinantes para a oposição que receberam após a batalha de Leuctra e para o desmantelamento de seu *status* e de sua influência.



**Gráfico 3** – Conexões de Tebas após a batalha de Leuctra<sup>202</sup>

<sup>202</sup> Com exceção de Jasão, as pólis da Tessália, Argos e Messene, todos os nós desta rede eram conectados a Esparta e se tornaram opositores a supremacia desta. Nesse contexto, Tebas se tornou o nó central de uma rede constituída pelo buraco estrutural da rede de Esparta.

Este gráfico nos ajuda a representar o que foi exposto acima, afinal a derrota espartana em Leuctra fez com que inúmeros nós de suas redes fossem desfeitos em benefício de conexões com os tebanos. Como Esparta dependia de seus aliados para conservar a sua autoridade e influência política, essa perda marcou o início da desestruturação da hegemonia espartana na Hélade.

Partindo de Funke, sugerimos que Tebas se utilizou da imagem que Esparta vinha angariando junto a Hélade para promover uma representação de justiça diante dos helenos. Com isso, o seu modelo de aliança — como nos informou Buckler e Beck — teria sido estabelecido de forma deliberada para personificarem aquilo que os espartanos não eram, isto é, justos e mantenedores da liberdade helênica. Essa propaganda tebana tinha efeitos políticos precisos em virtude da expectativa de muitas *póleis* em se verem livres da submissão as redes espartanas. Portanto, a postura de Tebas se deu em conformidade à conjuntura política que se desenvolveu após Leuctra, na qual Esparta era uma ameaça que deveria e precisava ser combatida.

Diante desta nova situação pós-Leuctra, os atenienses tentaram restabelecer a paz comum partindo de princípios semelhantes à Paz de Antálcidas (XEN. *Hel.* VI, 5.3). Em certa medida, Atenas estaria tomando medidas *desesperadas* para evitar que Tebas expandisse a sua influência ou mesmo que tentasse dominar sociedades na Hélade central e no Peloponeso. De todo modo, um acordo de paz que assegurasse a autonomia de todas as *póleis* — grandes ou pequenas — prejudicava as conexões e as redes políticas de Esparta e Agesilau.

De imediato, Élis almejou recuperar as *póleis* que havia perdido para Esparta, Mantineia restabeleceu o seu sinecismo e Tegeia expulsou do governo os partidários de Esparta (XEN. *Hel.* VI, 5.2-9). Diante desta situação, os espartanos não poderiam permitir que a sua influência fosse ainda mais comprometida e realizou uma expedição contra Mantineia tendo Agesilau como o seu líder, em 370. Anteriormente, Agesilau tentou negociar com os mantineus para que mantivessem os seus vilarejos separados, mas não obteve sucesso<sup>203</sup>.

---

<sup>203</sup> Xenofonte (*Hel.* VI, 5.10-21) descreveu a expedição de Agesilau contra Mantineia, em conformidade à consolidação da Confederação da Arcádia. Como Orcômeno não se dispôs a se unir aos demais arcádios, muitos mantineus se mobilizaram contra esta *pólis*. Por fim, embora Agesilau tenha devastado uma parte de Mantineia, não ocorreu um enfrentamento militar, haja vista que os homens de Tegeia e muitos outros arcádios se reuniram aguardando a chegada dos tebanos e pelo fato do *basileús* lacedemônio desejar retornar a sua pátria em virtude do inverno.

Segundo Plutarco (*Ages.* 30.5), a expedição à Mantinea tinha o intuito de remover o desânimo que prevalecia entre os jovens de Esparta com a derrota em Leuctra. Anteriormente, Plutarco (*Ages.* 30.4) apresentou a importância de Agesilau — enquanto líder — para uma Esparta enfraquecida e desacreditada de sua autoridade. Uma vez que os espartanos desertores do campo de batalha perdiam a sua cidadania, Agesilau foi representado como um pleno conhecedor do *imaginário guerreiro*. Isso se deu porque, segundo Plutarco, Agesilau foi nomeado legislador por um dia, para que assim decidisse o que fazer com os homens que sobreviveram a Leuctra. Agesilau então determinou que as leis *dormissem por um dia* para que nenhum desses esparciatas fossem acometidos pela infâmia.

Em que medida essa assertiva nos interessa e por que a mesma não foi apresentada anteriormente? O valor deste trecho reside na representação de Agesilau edificada por Xenofonte e, posteriormente, Plutarco. Xenofonte construiu uma cena enunciativa na qual Agesilau se mostrou preocupado em cumprir as determinações da *pólis*, estando predisposto a combater para recuperar a proeminência espartana. Já Plutarco caracterizou Agesilau preocupado com a manutenção dos ânimos pessoais no interior de Esparta para que assim não houvesse revoltas ou manifestações entre os próprios esparciatas. Efetivamente, o gênero literário adotado por ambos os autores em suas respectivas obras influenciou na representação que conceberam de Agesilau. Do mesmo modo, recordamos do objetivo inerente as suas respectivas obras, as quais estavam submetidas ao lugar social e a formação discursiva de seus autores.

Desta forma, o Agesilau de Xenofonte manifestou os interesses políades e afastou a representação de que o Euripôntida comandasse Esparta para si através de suas conexões e redes políticas. Por outro lado, o Agesilau de Plutarco foi um homem voltado para o individual, ainda que as suas atitudes impactassem sobre o *dêmos* de Esparta e da Lacedemônia. Contudo, foi a representação de Agesilau composta por Plutarco que se tornou hegemônica na tradição historiográfica interessada em encontrar as causas precisas para a desestruturação da supremacia espartana sobre a Hélade.

César Fornis (2016, p. 264) foi bastante objetivo ao afirmar que Leuctra marcou o início de um período de *stásis* no Peloponeso pela diminuição do poder, do *status* e da influência de Esparta na região, além do gradativo desarranjo da Confederação do Peloponeso. Fornis finalizou expondo sobre a perseguição que os grupos oligarcas e aristocratas do Peloponeso passaram a sofrer pelos democratas em suas respectivas *póleis*,

pois, em virtude dos resultados de Leuctra, Esparta não poderia ajudá-los a recuperar a autoridade política em suas sociedades. Concluímos que a desestruturação do poder de Esparta enfraqueceu as conexões que mantinha com nós oriundos de outras regiões e esses passaram a ser atacados pelo vínculo que mantinham com os espartanos. Nesse caso, defendemos que os nós de uma rede refletem o poder político do nó central e de maior preponderância, porém, com o enfraquecimento deste, as suas conexões perdem a sua densidade e se tornam suscetíveis aos ataques de outras redes.

Xenofonte (VI, 5.23-24) indicou que após a retirada de Agesilau, os tebanos chegaram à Arcádia. Neste momento, os aliados de Tebas retomaram a ideia de invasão da Lacedemônia, tal como foi proposta pelo *sinédrio de Corinto*. Da mesma maneira que Arquídamos antes da guerra do Peloponeso, os comandantes tebanos ponderaram sobre as dificuldades de se invadir o território lacedemônio. O discurso atribuído aos tebanos foi emblemático por ressaltar o conhecimento que detinham das práticas militares helênicas, de modo que não agiriam pelo impulso. A postura tebana apenas se modificou quando alguns periecos lacedemônios se apresentaram dispostos a se revoltarem contra Esparta<sup>204</sup>. Diodoro (XV, 64.1-4) ampliou a nossa percepção ao pontuar que os tebanos, liderados por Epaminondas, passaram a comandar um amplo contingente de aliados que, devido à dimensão, seria difícil de adentrar a Lacedemônia. Com isso, o contingente aliado foi dividido e invadiram o território lacedemônio por diversos caminhos.

Nesse sentido, o pressuposto relativo ao isolamento territorial da Lacedemônia foi questionado. Embora os acessos ao território lacedemônio fossem desgastantes, a sua transposição não era algo impossível de se realizar. Charles Kadushin (2012, p. 57) nos recorda sobre a importância dos intermediários (*brokers*) para a manutenção de redes políticas, sejam elas formais sejam informais. Os intermediários trocam informações por benefícios, sendo utilizados para a realização de práticas que, em muitas ocasiões, os membros formais de uma rede não poderiam fazê-las. Por outro lado, nada impede que esses intermediários sejam incorporados entre as conexões de uma rede. No caso de Tebas e os nós de *primeira ordem*, o estabelecimento de conexões com os periecos facilitou uma atividade em virtude do conhecimento que estes detinham do local. Para os periecos do norte da Lacedemônia havia a expectativa de que poderiam ser libertados. Logo, o vínculo entre eles e os tebanos foi circunstancial e pretendia minimizar a influência e o *status* de

---

<sup>204</sup> Como um meio de exaltar os comandantes tebanos, Plutarco (*Pelop.* 24.2-4) expôs que Epaminondas e Pelópidas foram responsáveis por conduzirem os aliados tebanos, que ao identificarem a sua impetuosidade e segurança os seguiram sem hesitar.

Esparta para que ampliassem as suas conexões através dos buracos estruturais das redes de Esparta.

Xenofonte (*Hel.* VI, 5.27-29) e Diodoro (XV, 64.1-6)<sup>205</sup> descreveram o processo de organização das tropas tebanas e de seus aliados e a maneira como invadiram, gradativamente, a Lacedemônia. A resistência dos comandantes esparciatas situados em lugares estratégicos e o processo pelo qual lacedemônios livres iam aderindo à causa de Tebas não somente destaca a dificuldade com que o território foi atravessado, como também reforçou a percepção da animosidade obtida por Esparta diante de muitos helenos. No entanto, verificamos através da enunciação dos referidos autores que muitas *pólis* se aproveitaram a fragilidade espartana para ampliar a densidade de suas conexões e ampliar as suas irradiações a outras sociedades.

Em Xenofonte (VI, 5.28-29)<sup>206</sup>, o cuidado dos esparciatas foi representado para que as mulheres de sua *pólis* não se desesperassem e para assegurar que os seus escravos hilotas colaborariam com a causa lacedemônia, evitando que estes ampliassem as fileiras dos tebanos e de seus aliados. Nesse sentido, a postura dos guerreiros e a liberdade dos hilotas são complementares, pois denota a drástica diminuição no número de cidadãos em Esparta e a necessidade de se obter combatentes por outros meios além da procriação. Portanto, o discurso de Xenofonte manifestou a crise social e demográfica que havia em Esparta<sup>207</sup>, impossibilitando uma mobilização adequada contra a invasão tebana. Xenofonte (*Hel.* VI, 5.29-32) se dedicou a narrar a trajetória dos inimigos de Esparta no processo de invasão da Lacedemônia, ressaltando que os fliásios, os coríntios, os epidáurios, os peleneus, os habitantes de outras *pólis* e os mercenários de Orcômeno se mantiveram leais aos espartanos – como observado no gráfico abaixo. Ao realizarem a resistência ao ataque tebano oriundo de Amicleia, os esparciatas foram bem-sucedidos e os inimigos partiram em direção ao mar, atravessando a planície de Helos e chegando à *pólis*

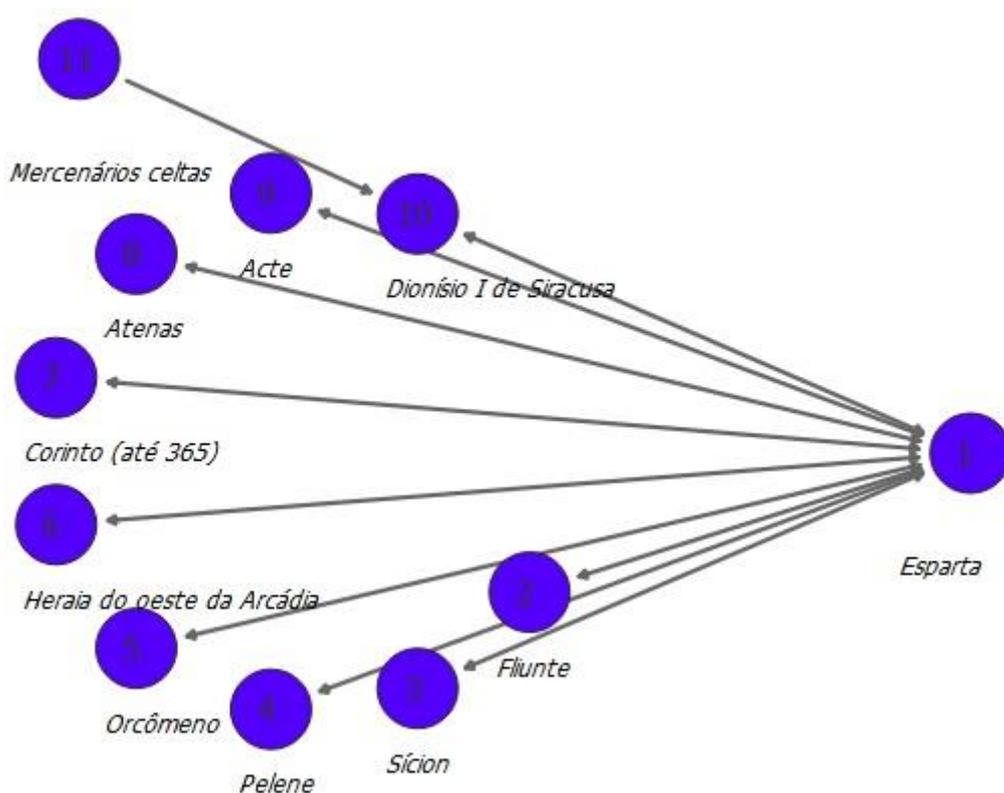
---

<sup>205</sup> Segundo Diodoro (XV, 64.1-6), o contingente foi dividido em tebanos, argivos, eleus e arcádios, os quais deveriam se reunir na *pólis* de Selásia. Nesse contexto, o desempenho do esparciata Iscolau recebeu grande destaque na narrativa de Diodoro, afinal o mesmo ordenou aos mais jovens que o acompanhavam na proteção de Oios, no distrito de Escirites, que retornassem a Esparta para que servissem a sua *pólis* em um momento crítico. Quando todos se reuniram em Selásia iniciou-se a marcha contra Esparta, devastando paulatinamente o vale do Eurotas e levando o desespero e a insegurança para os espartanos e os demais habitantes da Lacedemônia.

<sup>206</sup> Xenofonte declarou que os tebanos e os seus aliados desceram em direção a Esparta pelo lado direito do rio Eurotas, devastando plantações e saqueando propriedades cheias de riquezas. A ênfase em seu discurso recaiu na estratégia dos esparciatas de se colocarem em pontos estratégicos para impedir que a sua *pólis* fosse invadida, no desespero das mulheres ao verem fumaça na Lacedemônia e ao fato de muitos hilotas se alistarem como guerreiros para receberem a liberdade.

<sup>207</sup> Existem análises que demonstram a diminuição do número de cidadãos em virtude da perda da cidadania de muitos esparciatas pela incapacidade de contribuir com as *philítia*. Vide: HODKINSON, 1995; 2000.

de Gíteio. Por fim, Xenofonte afirmou que muitos periecos passaram a se rebelar e a atuar como membros regulares do exército tebano. A conduta daqueles não deve ser reprovada haja vista que a sua identidade se fundamentava no reconhecimento da superioridade esparciata. Era de se esperar que o enfraquecimento espartano conduzisse a tentativas pontuais de obtenção de liberdade pelos periecos e a formação de conexões entre estes e os tebanos.



**Gráfico 4** – Conexões de Esparta após a batalha de Leuctra<sup>208</sup>

O grande feito da invasão tebana a Lacedemônia foi comprovar a fragilidade militar espartana e das defesas lacedemônias, mas também as limitações espartanas em equilibrar as suas demandas político-econômicas diante do desgaste que vivenciou no decorrer do século IV. A chegada dos tebanos ao norte da Lacedemônia e a boa relação que mantiveram com algumas *pólis* desta região ressaltou a dependência que os esparciatas tinham para com os *habitantes ao redor*. Essa aparente *tomada de consciência* dos periecos não deve ser generalizada, pois não foram todas as comunidades lacedemônias que se

<sup>208</sup> O enfoque desta análise reside nas conexões de Esparta, logo, este gráfico não considerou os possíveis vínculos existentes entre os aliados espartanos. Do mesmo modo, esta rede passou a se opor a rede tebana.

rebelaram contra Esparta. Do mesmo modo, podemos inverter a percepção das conexões entre Esparta e as demais *póleis* lacedemônias, tendo em vista que a assimetria de poder existente entre elas não correspondia a dependência dos espartanos para com as atividades dos demais grupos sociais da Lacedemônia.

Assim, a possibilidade de os espartanos rechaçarem os periecos — sejam da Lacedemônia sejam da Messênia — fez com que estes se rebelassem. Para muitos lacedemônios seria fundamental obter a liberdade para garantirem um mercado isento da interferência de Esparta e para reafirmarem a sua identidade étnica e política. Essa conjuntura se estende aos hilotas pela sua importância econômica na vida dos esparciatas. É óbvio que castigos físicos eram realizados a pessoas que mereciam, sendo este um mecanismo pedagógico para que todos os segmentos menos favorecidos reconhecessem a supremacia de Esparta. Como algumas sociedades periecas tinham benefícios pelos serviços que prestavam aos esparciatas — como o caso de Escirites<sup>209</sup> e Gíteio —, muitas dessas *póleis* viam na autonomia política a solução para a sua submissão e dependência política que detinham com Esparta.

Para além das conexões que os tebanos firmaram com algumas *póleis* periecas e e com hilotas, a debilidade social e militar de Esparta foi legitimada com a liberação da Messênia, em 369. Pausânias (IV, 26.5-6)<sup>210</sup> afirmou que os homens de Tebas convocaram os messênios de todo o Mediterrâneo para que retornassem ao seu território ancestral. Aproveitando a situação favorável, Epaminondas fundou a *pólis* de Messene e a consolidou como um ponto de resistência ao fortalecimento espartano no Peloponeso. Nino Luraghi (2009, p. 115-116) propôs que Messene recebeu uma fortificação aos pés do monte Ítome e com vias que facilitavam o contato com a Arcádia, caso fosse necessário resistir a uma investida dos espartanos.

A libertação da Messênia influenciou a economia de Esparta e garantiu a Tebas um importante aliado em sua política de enfraquecimento do poder, da influência e do *status* espartano, tanto no Peloponeso quanto na Hélade. Os tebanos ainda asseguraram que Esparta não teria recursos suficientes para se organizar militarmente contra a supremacia

---

<sup>209</sup> Edmond Lévy (2003, p. 153-154) afirmou que os habitantes de Escirites eram de etnia arcádia e, por isso, estariam mais propensos a se rebelarem contra Esparta por se identificarem com os invasores arcádios. César Fornis (2016, p. 266) manifestou que muitos periecos que habitavam a Lacedemônia já haviam interiorizado os valores culturais dos esparciatas e resistiram à invasão tebana.

<sup>210</sup> O geógrafo se utilizou de uma tradição desenvolvida posteriormente ao feito para demarcar que a libertação da Messênia já havia sido garantida pelos deuses, o que tornava Epaminondas e os tebanos verdadeiros heróis.

de sua sociedade. Com isso, as redes político-militares que os tebanos expandiram para o norte da Hélade e o enfraquecimento das redes e dos recursos de Esparta no Peloponeso passou a preocupar os atenienses, os quais estavam impossibilitados de firmarem uma oposição imediata a Tebas.

Na primavera de 369, os lacedemônios enviaram embaixadores a Atenas solicitando uma aliança diante do poderio de Tebas. Foi acordado que atenienses e lacedemônios se ajudariam diante dessa circunstância e a primeira medida que tomaram foi defender Corinto para impedir que os tebanos deixassem o Peloponeso após todo o *estrago*<sup>211</sup> que fizeram (XEN. *Hel.* VII, 1.15). Essa mobilização obedeceu aos critérios da homofilia, proposto por Charles Kadushin (2012, p. 9), pois Esparta e Atenas se conectaram e firmaram uma nova aliança em virtude dos interesses comuns que conservavam. Entretanto, como evidenciou Xenofonte (*Hel.* VII, 1.15), essa atuação conjunta não obteve o sucesso desejado e ampliou a confiança dos tebanos e arcádios. Os guerreiros da Arcádia endossaram foram representados como impetuosos por Xenofonte, pois atacaram o território lacedemônio posteriormente, sem a presença dos guerreiros de Tebas<sup>212</sup>.

As perdas somadas por Esparta fizeram com que esta *pólis* investisse os seus esforços em recuperar a Messênia, tida como uma das bases fundamentais de sua economia. No entanto, os esparciatas tiveram que conviver com o enfraquecimento gradativo da Confederação do Peloponeso, o que afetava diretamente as suas conexões na Hélade. Nesse momento, o buraco estrutural espartano favoreceu a intensidade das conexões e das redes tebanas, as quais chegaram ao Império Aquemênida.

Xenofonte (*Hel.* VII, 1.27) declarou que, em 368, o sátrapa Ariobárzanes<sup>213</sup> realizou uma nova tentativa de uma paz comum entre os helenos, a qual obedeceria aos moldes da Paz de Antálcidas. Entretanto, um acordo de paz entre os helenos, capaz de reconhecer a autonomia e a liberdade de todas as *póleis* envolvidas legitimaria a independência da Messênia, fazendo com que Esparta não concordasse. Através de Xenofonte verificamos que Ariobárzanes estava conectado a Esparta por meio da *xenia*, o que nos permite afirmar que as suas ações almejavam beneficiar os lacedemônios.

---

<sup>211</sup> Efetivamente os tebanos afetaram a dinâmica político-social de Esparta, logo a ideia de um *estrago* seria unicamente do ponto de vista dos espartanos, cujas perdas foram inestimáveis.

<sup>212</sup> Dioniso I de Siracusa chegou a enviar mercenários para auxiliar os lacedemônios nessa situação adversa, porém estes nunca permaneceram por muito tempo no Peloponeso por serem pagos para ficarem um curto período de tempo em ação (XEN. *Hel.* VII, 1.20-21).

<sup>213</sup> Em Diodoro (XV, 70.2), a iniciativa desta paz coube ao próprio Artaxerxes II e não a Ariobárzanes.

Nesse processo, os helenos enviaram embaixadores a Susa visando ao financiamento desta nova paz comum (*koinè eirēnē*). O cruzamento dos indícios de Xenofonte (*Hel.* VII, 1.34-36) e Plutarco (*Pelop.* 30.3-5; *Art.* 22.3-4) demonstrou que a vitória de Leuctra favoreceu a conexão entre Artaxerxes e o embaixador tebano, Pelópidas. Portanto, concluímos que, para Artaxerxes, o apoio aos tebanos seria vantajoso diante da instabilidade política que o Império Aquemênida vivenciou no decorrer do século IV. Isso porque se os persas apoiassem Esparta os conflitos na Hélade não deixariam de ocorrer e impossibilitaria que *grande rei* obtivesse mercenários helênicos em abundância. Por outro lado, Esparta deixou de ser um nó central e influente no Pequeno Mundo helênico, aspecto que levou muitos dos seus antigos aliados a se conectarem a Tebas após a batalha de Leuctra.

Diante de inúmeros conflitos e do desgaste econômico quase irreversível vivenciado pela Hélade em 365, os coríntios se dirigiram a Tebas e a Esparta para solicitarem um tratado de paz. A proposta de Corinto era se isentar dos conflitos em virtude de suas perdas, considerando que esta *pólis* e toda a sua região estavam cercadas pelos embates entre tebanos e lacedemônios. Xenofonte (*Hel.* VII, 4.7-9) promoveu uma cena enunciativa na qual os lacedemônios permitiram que não somente Corinto, mas que todos os aliados concluíssem um tratado de paz que lhes ausentasse dos conflitos. Entretanto, segundo o ateniense, os espartanos continuariam combatendo até recuperarem a Messênia.

Essa passagem (XEN. *Hel.* VII, 4.7-9) nos forneceu os referenciais para pensarmos a desestruturação das redes políticas de Esparta e o substancial enfraquecimento das conexões políticas de Agesilau. Xenofonte expôs que Esparta reconhecia a sua posição desfavorável nas redes helênicas e que já não tinha meios para manter as suas conexões sob controle. Portanto, esse trecho da *Helênica* circunscreve o fim da Confederação do Peloponeso, algo que se tornou manifesto pelas perdas que Esparta sofreu com a derrota em Leuctra. A situação espartana se agravou quando a Messênia foi liberada, uma vez que a sua economia dependia, em grande parte, dos recursos advindos do plantio dessa região. Sendo assim, Esparta reconheceu a sua *ruína*, embora não pudesse aceitar a liberdade dos messênios. Em certa medida, já no século VI, a supremacia militar que Esparta exerceu sobre uma parcela dos helenos favoreceu a formação de uma identidade política reconhecida pelos helenos e que se expressava pelo equilíbrio e a dominação da Messênia.

Com isso, a privação do território messênio afetava diretamente a imagem, a identidade e o poder de Esparta.

Para minimizar os efeitos desta degradação político-econômica e obter riquezas para investir na reconquista da Messênia, o governo espartano se utilizou da experiência e das conexões — ainda que enfraquecidas — que Agesilau mantinha por toda a Hélade com as suas conexões assimétricas de clientelismo e com a sua rede composta de *xénoi*. A sua influência, mesclada às necessidades de Esparta, fez com que Arquídamos, o seu filho, assumisse as expedições espartanas no Peloponeso. Somado a esses fatores, a perícia de Agesilau no campo de batalha foi empregada como instrumento para uma oposição ao Império Aquemênida, o qual passou a beneficiar os interesses tebanos na Hélade. Assim, Agesilau atuou como mercenário dos sátrapas revoltosos na Trôade e, posteriormente, no Egito.

Xenofonte (*Ages.* 2.26-27) nos informou que Agesilau atuou como embaixador junto a Ariobárzanes contra Autofrádates e depois contra Cotis/Otis. Verificamos que Xenofonte representou Agesilau na condição de embaixador para não o qualificar como mercenário, pois essa imagem não ficaria adequada na cena enunciativa oriunda de seu discurso encomiástico produzido em homenagem ao *basileús*. Concordamos com Paul Cartledge (1987, p. 325-327) de que a atuação de Agesilau como embaixador na Trôade tenha se dado entre 366 e 364, cujos recursos obtidos nessa expedição foram empregados por Esparta na batalha de Mantineia de 362.

#### **4.6 O mercenarismo de Agesilau: considerações parciais**

A tarefa de recuperar a Messênia parecia cada vez mais distante e impossível para Esparta, haja vista que os messênios firmaram conexões com diversas *póleis* e tiveram a sua liberdade reconhecida pelo acordo de paz organizado por Tebas e Artaxerxes II em 368. O fato de Esparta não participar de qualquer acordo de paz comum entre os helenos<sup>214</sup> a isentava de reconhecer a autonomia política da Messênia, embora isso também a colocasse na condição de inimiga da Hélade caso atacasse os messênios. Como Esparta reconhecia a sua situação desfavorável, bem como as baixas possibilidades que detinha para recuperar o seu poder de outrora, retomar a Messênia se tornou uma questão de *honra*.

---

<sup>214</sup> Após a batalha de Mantineia de 362, os helenos teriam organizado uma *koinè eirénē* e Esparta foi a única *pólis* a não aceitar este acordo. Isso porque os messênios também participaram do mesmo e a aceitação de Esparta reconheceria a liberdade dos helenos.

Para tanto, as conexões políticas de Esparta se deram por vias informais e todas em buracos estruturais das redes políticas de seus inimigos, pois estes eram os únicos meios de obter apoio e recursos sem ser atacada por outros helenos — os quais integravam a paz comum de Tebas e o Império Aquemênida.

Os anos de 361 e 360 foram significativos para a trajetória político-militar de Esparta e a de Agesilau, uma vez que este foi enviado como chefe dos mercenários que atuavam na revolta do Egito contra Artaxerxes. Embora o faraó na ocasião — Tachos — tivesse prometido a Agesilau a liderança de todo o contingente de guerreiros, o Euripôntida ficou a frente dos mercenários helênicos (XEN. *Ages.* 2.30). Xenofonte (*Ages.* 2.28) afirmou que Agesilau estava com aproximadamente oitenta anos quando atuou junto a Tachos no Egito e, segundo Diodoro (XV, 92.1-5), deveria ter sido reconhecido pela a experiência de comando. A fuga de Tachos<sup>215</sup> diante de um equívoco militar permitiu que Nectanebo lutasse pela realeza egípcia (DIOD. XV, 92.3-5), embora Xenofonte (*Ages.* 2.31) tenha afirmado que os dois governantes foram escolhidos pelos egípcios e Agesilau tomou a iniciativa de se aliar a Nectanebos.

Plutarco (*Ages.* 37.3-6) pontuou que Agesilau enviou embaixadores a Esparta para saber o que fazer, mas sem enfatizar que Tachos era um comandante inadequado. Xenofonte (*Ages.* 2.30-31) explicitou que a decisão de Agesilau se deu pela necessidade de escolher o mais simpático aos helenos e que, ao se sair vitorioso na disputa pelo trono, teria gratidão pelos lacedemônios. Por outro lado, a perspectiva de Plutarco concedeu importância a Esparta, enquanto *pólis*, e a maneira como Agesilau obedecia à *politéia* ancestral de sua pátria<sup>216</sup>. Agesilau acabou falecendo em seu retorno para casa, porém, segundo Plutarco (*Ages.* 40.1), com duzentos e trinta talentos de prata que seriam empregados em auxílio de Esparta.

Os argumentos apresentados aqui destacam a estratégia de Agesilau II diante da situação desfavorável em que se encontrava no Egito. O *basileús* deveria firmar conexões informais voltadas, unicamente, para a obtenção de bens e riquezas destinadas a contratação de mercenários cujos esforços seriam empregados para reconquistar a

---

<sup>215</sup> Diodoro (XV, 92.1-3) demarcou que Tachos não escutou os conselhos de Agesilau e acabou tomando medidas equivocadas com as suas forças militares, sendo levado a fugir para a Fenícia e se aliar a Artaxerxes novamente.

<sup>216</sup> Em suma, a documentação (DIOD. XV, 93.3-5; PLUT. *Ages.* 39.2-5) convergiu sobre a maneira como Agesilau atuou no Egito, afinal o mesmo permitiu que a cidade onde estava fosse cercada por um fosso para que assim houvesse somente uma entrada e uma saída. Essa estratégia estaria emulando a postura de Leônidas nas Termópilas, em que o espaço físico era capaz de compensar a diferença na quantidade de guerreiros.

Messênia. Nesse sentido, notamos que a fragilidade de suas redes fez com que o Euripôntida adaptasse as suas atitudes mediante as circunstâncias, pois o esforço fundamental era assegurar a autonomia de sua *pólis* e a liberdade de seus habitantes. Ainda assim, até o momento de sua morte, defendemos que grande parte de suas atitudes estiveram alinhadas aos interesses de sua *pólis*. Concomitantemente, relembramos que as redes de Esparta também estavam se desmanchando, sendo o resultado direto dos desmandos de suas políticas durante a supremacia que ocupou entre os helenos.

Esse capítulo tratou da maneira como Esparta agiu em benefício próprio e os efeitos dessas atitudes para a manutenção de sua supremacia na Hélade. Não estamos interessados em inocentar Agesilau de qualquer atitude que tenha tomado, contudo os indícios documentais demonstraram que praticamente todas as suas ações estiveram vinculadas aos interesses de diversos grupos sociais de Esparta. Mesmo as suas decisões mais controversas foram consentidas pelo governo espartano, cujo julgamento teria reconhecido a viabilidade destas para Esparta.

De todo modo, Esparta sofreu um processo gradativo e irreversível de degradação que afetou o seu poder, o seu *status*, os seus recursos, a sua sociedade e toda a sua capacidade de comandar os helenos e defendê-los de si mesma. Nesse contexto, as *pólis* já não tinham um inimigo comum e todos os conflitos pretendiam conservar a influência de uma rede sobre a outra. Por fim, endossamos a lógica de Kadushin (2012, p. 3) de que não existe uma rede sem conexões, a qual pressupõe o consentimento e o apoio de outros para a sua plena realização, como no caso das *pólis* e de seus governos. Nesse caso, conforme Esparta foi perdendo as conexões entre os nós centrais que integravam as suas redes políticas, a sua capacidade de influenciar os helenos foi enfraquecendo ao ponto de ser considerada uma inimiga que deveria ser combatida.

## CONCLUSÃO

Com a batalha de Leuctra, Esparta não foi capaz de retomar o *status* que havia obtido com o final da guerra do Peloponeso. Esse cenário pode ser identificado como um resultado direto da política espartana com o estabelecimento da Paz de Antálcidas, afinal, ao invés de assegurar os termos do armistício, Esparta optou por assegurar a sua área de influência e a assimetria de seu poder militar junto a Hélade. Portanto, os excessos político-militares lacedemônios serviram de motivação para que os helenos ofendidos e insatisfeitos se mobilizassem para impedir que Esparta se mantivesse em sua posição hegemônica. Essa premissa foi exposta por Xenofonte (*Cons. Lac.* 14.6-7) ao afirmar que essa situação se deu pela incapacidade dos espartanos de seguirem as leis de sua *pólis*, o que o ateniense considerou um desrespeito a Licurgo e à divindade políade — a qual poderia ser Zeus, Apolo ou Atena. A perspectiva de Xenofonte é a de que a desestruturação dos valores lacedemônios era algo esperado, uma vez que os seus cidadãos já não obedeciam e honravam o sagrado da maneira esperada.

De fato, o autor ateniense tentou afastar essa imagem de Agesilau por meio de seu encômio; no entanto o *basileús* integrava a dinâmica política de sua *pólis* e atuou diretamente em muitas determinações político-militares. Isso não justifica o posicionamento de Hamilton e de Cartledge em suas respectivas obras. A responsabilidade do Euripôntida pela desestruturação de sua sociedade pode ter sido superior à de muitos esparciatas que não exerceram/exerciam cargos políticos importantes no decorrer do período Clássico, entretanto as medidas e as decisões tomadas pelas instituições de poder espartanas não estavam restritas às casas reais. Como afirmamos no decorrer desta pesquisa, a dupla realza lacedemônia carecia de prerrogativas políticas para tomarem decisões unilaterais visando os seus interesses mútuos e respectivos.

Com isso, muitas das atitudes de Agesilau, tanto no Peloponeso quanto na Hélade, tinham o objetivo de assegurar-lhe a participação em um jogo que, pelas regras de Esparta, o mesmo estaria em desvantagem. Logo, nenhuma das atitudes do *basileús* foi desinteressada, porém, reiteramos, estas não foram as únicas responsáveis pelo enfraquecimento político, social, econômico e militar de Esparta. Seguindo por essa lógica do interesse, nos remetemos a Hamilton e Cartledge que, em função do lugar social que ocupavam, representaram Agesilau como a justificativa pela derrota em Leuctra e a perda

da Messênia. Contudo, não podemos esquecer que estes historiadores são homens de seu tempo, e o eram quando as suas respectivas obras foram publicadas.

Ao pensarmos nisso, também consideramos o fato de Paul Cartledge ser britânico e ter publicado *Agesilaos and the Crisis of Sparta* em 1987, período no qual Margaret Thatcher atuava como primeira-ministra do Reino Unido. Como nos expôs Kenneth Morgan (2000, p. 79-94), o contexto que antecedeu o governo de Thatcher foi conturbado no Reino Unido, tanto por questões internas relativas aos países membros do reino quanto em relação a elementos trabalhistas e à Guerra Fria. Ao assumir o cargo de primeira-ministra, a postura de Thatcher acabou correspondendo aos interesses de um segmento conservador da sociedade britânica, o que explicitaria muitas das suas decisões político-militares e das suas conexões políticas. Conjeturando a partir da obra de Cartledge e de Morgan, defendemos que o autor estivesse disposto a tecer críticas sobre como o comportamento de um governante poreria afetar toda uma sociedade. Nesse caso, a leitura desta obra serviria de crítica a governos autocráticos, com os quais Agesilau acabou sendo identificado em virtude de suas medidas descritas por Plutarco.

Segundo César Fornis (2007, p. 61), Charles Hamilton é norte-americano, o que nos fornece indícios do teor de suas publicações e a sua representação de Agesilau. Em certa medida, o contexto histórico da Guerra Fria impactou na forma como o governo norte-americano passou a lidar com a sua realidade política, social, econômica, cultural e ideológica. Dessa maneira, as medidas de Agesilau e a aparente oposição que este sofreu dos *basileis* da dinastia Ágida poderiam representar, respectivamente, as ações políticas de Richard Nixon e Jimmy Carter. Mediante o exposto, a formação discursiva de Hamilton e de Cartledge, bem como o lugar social que ocupavam em suas respectivas sociedades, foram determinantes para a representação que edificaram de Agesilau. Embora não possamos afirmar que tenham sido essas as intenções desses autores, os indícios históricos do período em que escreveram e das suas sociedades de origem nos ajudam a pensar o posicionamento excessivamente crítico quanto a Esparta e ao reinado de Agesilau.

Esses esclarecimentos nos permitem afirmar que a motivação político-institucional destes autores impactou em suas conclusões sobre Agesilau, mas e o que podemos contribuir para esses debates? Em que medida as nossas considerações são pertinentes para se lançar olhares distintos acerca das conexões de Esparta no reinado de Agesilau II?

De imediato defendemos que Agesilau se tornou *basileús* unicamente pela densidade, a influência e o *status* de alguns membros de suas redes políticas. Aqui

Lisandro seria o ator social mais proeminente e dotado de conexões que superavam as de Agesilau, tanto no Peloponeso quanto na Hélade. A assimetria na conexão do Euripôntida com Lisandro era evidente, muito embora o navarco esparciata tivesse grandes pretensões para o seu amante.

A conexão entre Agesilau e Lisandro foi capaz de edificar uma rede densa entre os helenos, afinal o Euripôntida mantinha vínculos com homens poderosos por meio da *xenia* herdada de seu pai e de seu irmão, enquanto Lisandro ampliou o seu poder ao favorecer a aristocracia helênica nas Cíclades e na Jônia. De fato, nenhum outro esparciata rivalizava com a posição de Lisandro com o fim da guerra do Peloponeso. Desse modo, não podemos culpar Lisandro por qualquer medida político-militar que tenha impactado nos rumos de sua sociedade. Os estudos sobre as redes políticas nos fornecem indícios para pensarmos que Lisandro era incapaz de agir sozinho, embora o seu acesso a recursos e informações o colocasse em um lugar de destaque no interior das redes helênicas.

Diferentemente de Charles Hamilton (1979, p. 326), não conseguimos identificar a existência de *facções* de tendências político-ideológicas restritas e bem delimitadas em Esparta e no Mediterrâneo. Na verdade, partimos da premissa que os homens poderosos e influentes da Hélade mudaram as suas opiniões conforme as circunstâncias políticas e o momento em que se encontravam. Isso faria com que os membros de uma rede política criassem conexões de acordo com os seus interesses e necessidades no interior das redes helênicas. Se tomarmos a formação do *sinédrio de Corinto* como exemplo, Tebas e Corinto se associaram para combater Esparta, algo que poderia ocorrer entre homens no interior da Lacedemônia. Desse modo, pensarmos em *facções* políticas nos moldes de Hamilton se mostrou inadequado e insuficiente, destacando os limites de suas conclusões.

Retomando a conexão entre Lisandro e Agesilau, Xenofonte afirmou que o navarco se utilizou da relação com o Euripôntida para projetar os seus interesses e o de seus aliados em Esparta e na Hélade. Nesse sentido, o governo espartano sabia do ocorrido e aproveitou para se beneficiar com as conquistas de Lisandro e Agesilau. Desse modo, partimos da premissa que ao darmos uma centralidade excessiva a Lisandro ou a Agesilau nas ações espartanas seria ignorar que haviam outros homens e famílias poderosas na Lacedemônia e que poderiam se beneficiar com as expedições propostas pelo *basileús* e o navarco esparciata. De fato, a escolha de Hamilton e Cartledge se deu em virtude da escassez de indícios sobre os atores sociais mais influentes de Esparta, na passagem do século V para o IV. A carência desses nomes inviabiliza a constituição de uma rede densa que englobasse

os setores espartanos mais abastados com as famílias reais da Lacedemônia. Sendo assim, verificamos que Lisandro e Agesilau foram instrumentos de poder empregados por Esparta para garantir o seu interesse político-militar em outras regiões da Hélade.

Mediante esse cenário, descrito e representado pela documentação literária, notamos que Esparta, enquanto *pólis* e governo, usufruiu de sua posição na Hélade e ampliou as suas conexões no Egeu e no Mediterrâneo. Em um primeiro momento, o governo espartano se beneficiou com a sua conexão com o Império Aquemênida e com Siracusa, neste caso as redes eram simétricas e homofílicas, uma vez que não havia a preponderância de um dos nós em relação aos outros e porque mantinham interesses em comum. No caso das *pólis* do Egeu e da Jônia, sobretudo, a assimetria das conexões de Esparta era evidente, haja vista que a sua posição hegemônica lhe permitiu alcançar a supremacia no Pequeno Mundo helênico.

Se considerarmos que as redes precisam de materialidade, as conexões entre os nós precisavam de um acordo entre homens, portanto muitos foram os esparciatas que se beneficiaram com os vínculos de sua *pólis* com os territórios estrangeiros. Entretanto, como nos evidenciou a cena enunciativa de Xenofonte na *Constituição dos Lacedemônios* (14.1-2), os espartanos passaram a se utilizar do poder que detinham para sobrepujar os seus aliados. Com isso, os excessos de Esparta deram origem aos seus males, pois isso demonstrou que os lacedemônios não souberam lidar com o poder que angariaram e/ou receberam. Aqui Agesilau também pode ser considerado, haja vista que o tratamento dado a Lisandro exprimiu a sua falta de moderação diante daquele que o projetou politicamente (XEN. *Hel.* III, 4.7-9). Nesse sentido, os exemplos citados reforçam que os valores de Esparta estavam sofrendo com as transformações político-econômicas provenientes da guerra do Peloponeso.

Como o objetivo de Esparta era consolidar o seu *status* e a sua posição nas principais redes políticas da Hélade, muitas das suas decisões acabaram ignorando os interesses de seus aliados. O buraco estrutural que o governo espartano criou com o Império Aquemênida pode ser um exemplo. Isso porque Esparta preferiu considerar a dívida de gratidão que tinha com Ciro ao invés de ponderar sobre os efeitos que a falha de sua expedição acarretaria entre os helenos. Uma vez que Ciro pretendia tomar o trono aquemênida, o sucesso da sua expedição beneficiaria imensamente os seus aliados, contudo, caso morresse, estes mesmos companheiros se tornariam inimigos do Império persa. Por fim, a derrota de Ciro fez com que Esparta perdesse muito da sua influência na

Jônia e angariasse a inimizade do Império Aquemênida. Esse seria o momento mais adequado para os lacedemônios fortalecerem as suas conexões com os helenos e minimizar o seu ímpeto para com os seus aliados.

A incapacidade de Esparta em equilibrar os seus interesses com o dos nós de suas redes desgastou a sua imagem na Hélade, levando a formação de redes dispostas a subjugar os lacedemônios e a obter a supremacia que estes ocupavam. Mais uma vez afirmamos que a tomada de decisões de Esparta superava a figura de Agesilau e Lisandro, muito embora estes tenham contribuído para a deterioração de algumas das conexões espartanas — com ênfase a Atenas e ao Império Aquemênida. Portanto, consideramos os agentes sociais de Esparta como nós no interior de uma rede mais densa e complexa que não se restringia ao Peloponeso. Isso fazia com que todas as decisões estivessem imbricadas e fugissem ao controle de sujeitos individuais, ainda que não possamos negar a participação direta ou indireta dos mesmos nesse processo.

Nesse sentido, defendemos que a aristocracia envolvida com o governo de Esparta foi a sua própria *nêmesis*, pois as suas ações e o seu abuso de poder fizeram com que muitas de suas redes perdessem densidade ou mesmo gerassem buracos estruturais que logo foram ocupados pelos os seus inimigos e rivais. O *sinédrio de Corinto* foi um ótimo exemplo desta situação, porém este também enfatizou o quanto a influência dos helenos era irrisória diante da capacidade de intervenção dos persas. Por outro lado, a representação do Império Aquemênida como *coadjuvante* lida com a centralidade que os autores helenos deram as suas sociedades em suas respectivas cenas enunciativas. Assim, Esparta identificou o lugar que ocupava no interior das redes mediterrâneas somente quando rompeu as suas conexões com os persas e se viu ameaçada pelo *sinédrio de Corinto*. Esse argumento foi legitimado pela tentativa lacedemônia de firmar a Paz de Antálcidas, na qual Artaxerxes II seria o encarregado por congregar o interesse comum de todos os helenos.

A Paz de Antálcidas serviu de referencial para que os autores clássicos passassem a afirmar que as ações de Esparta seriam punidas pelos deuses. Ao invés dos lacedemônios firmarem conexões homofílicas e simétricas com os seus aliados, eles preferiram se utilizar de sua posição central e do vínculo com os persas para sobrepujar os seus inimigos. Esta atitude demonstrou que o governo de Esparta não aprendeu com os próprios excessos, o que se refletiu na insatisfação dos helenos. Agesilau foi um grande artífice do poder de Esparta durante a Paz de Antálcidas, aspecto que desgastou a sua imagem em muitos

lugares do Pequeno Mundo helênico. O acúmulo de tensões atrelado ao desagrado de muitas *póleis* fez com que o ressentimento de muitos nós enfraquecesse as redes de Esparta, o que foi reforçado pela impunidade de Fébidas e Esfódrias.

Em suma, a documentação literária enfatizou que grande parte das decisões individuais de esparciatas e *basileis* culminaram no benefício de sua *pólis*, embora a falta de reflexão quanto ao que deveria ser feito levou a resultados desfavoráveis para a Lacedemônia. Entretanto, não podemos ser ingênuos em acreditarmos que esses atores sociais não tinham autonomia para fazerem as suas escolhas no jogo político das redes mediterrâneas. O que devemos considerar é que um sujeito em uma posição oficial diante do governo deveria ter cuidado para que as suas decisões não reverberassem nas instâncias superiores de poder de sua *pólis*, embora não fosse impossível de acontecer.

Como estamos limitados às representações documentais que nos chegaram, o exemplo mais emblemático se deu com a retomada de Cadmeia e a formação da segunda confederação marítima de Atenas, as quais manifestaram a insatisfação com Esparta e uma reação ao seu comportamento, bem como um gesto de reprovação aos comandantes militares lacedemônios. Desse momento em diante o desgaste da Lacedemônia se tornou evidente e nenhuma das medidas dos seus comandantes conseguiram suprir as necessidades advindas da supremacia sobre os helenos.

Nesse sentido, Agesilau soube influenciar um grupo significativo de conexões e ampliou a densidade de suas redes políticas no decorrer de seu governo. Entretanto, havia uma relação direta entre o seu poder, a sua posição, a sua influência e a autoridade que Esparta ocupava entre os helenos. Sendo assim, conforme a Lacedemônia foi enfraquecendo as suas conexões, Agesilau também passou a perder influência entre os helenos. Em vista disso, Agesilau foi incapaz de determinar plenamente os rumos da política de Esparta, ainda que as suas redes políticas fossem densas e influentes. Enquanto um magistrado e comandante de amplas prerrogativas, Agesilau não poderia sobrepor as determinações de sua *pólis* em benefício próprio. Em suma, todos os helenos influentes com o qual interagimos e mesmo uma parcela dos persas agiram em conformidade as determinações de sua pátria, uma vez que exerciam funções legais.

A responsabilidade pela desestruturação de Esparta não foi de Agesilau, ou melhor, foi de Agesilau e de todos os esparciatas se considerarmos que um *basileús* na Lacedemônia não poderia tomar decisões à revelia da vontade dos outros. Logo, defendemos que Agesilau iniciou o seu reinado de forma conturbada e em um período de

incertezas, tanto para os lacedemônios quanto para a Hélade. Para assegurar a sua autoridade, Agesilau estabeleceu conexões políticas com homens influentes (simétricas) e pessoas comuns (assimétricas) das *póleis*, de tal maneira que a sua preponderância para além da Lacedemônia fortalecesse a influência de Esparta. Contudo, todas as decisões tomadas pelo *basileús* com os aliados, dentro e fora de Esparta, tiveram efeitos favoráveis e outros nocivos, os quais também impactaram na representação que os espartanos promoveram de si para a Hélade. Ainda assim, o cenário político de Esparta não se resumia a Agesilau, tornando-o somente mais uma peça em um complexo e impetuoso jogo de conexões e redes políticas.

Deste modo, as transformações políticas, sociais, econômicas e culturais inerentes a qualquer sociedade no tempo e no espaço foram as responsáveis pela desestruturação de Esparta no século IV. Não podemos precisar o momento em que esse processo se iniciou, porém todas as mudanças vivenciadas pelos espartanos no decorrer de sua trajetória política acabariam levando à desestruturação de sua *pólis*, a menos que estes soubessem se adaptar plenamente a essas mudanças. Diante das conquistas do final do século V, era possível que os lacedemônios não acreditassem na deterioração de sua sociedade. Entretanto, se pudermos mapear esses fatores, os mesmos não se resumiriam a uma única pessoa, mas a toda uma sociedade que não conseguiu lidar com os deveres inerentes à supremacia que passou a exercer no Pequeno Mundo helênico e diante de poderes que superavam a sua autoridade.

## DOCUMENTAÇÃO LITERÁRIA

ANONIMO. *Antologia Palatina*. Vol. II – Libri VII – VIII. A cura di Filippo Maria Pontani. Torino: Fiulio Einaudi Editore, 1979.

ANONYMOUS. *Hellenica Oxyrhynchia*. Trans. Paul McKechnie, Stephen J. Kern. Liverpool: Liverpool University Press, 1988.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. António de Castro Caeiro. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

\_\_\_\_\_. *Politics*. Trans. H. Rackman. London: William Heinemann Ltd., 1959.

CORNELIUS NEPOS. *On the Great Generals; On Historians*. Trans.: J.C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1929.

DINARCHUS; HYPERIDES, & LYCURGUS. *Speeches*. Trans. Ian Worthington, Craig R. Cooper; Edward M. Harris. Austin: University of Texas Press, 2001.

DIODORUS SICULUS. *The Library of History*. Vol. V – Books 12.41 – 13. Trans. C.H. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 1950.

\_\_\_\_\_. *The Library of History*. Vol. VI – Books 14 – 15.19. Trans. C.H. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

\_\_\_\_\_. *The Library of History*. Vol. VII – Books 15.20 – 16.65. Trans. Charles L. Sherman. Cambridge: Harvard University Press, 1952.

ENEAS EL TÁCTICO; POLIENO. *Poliorcética; Estratagemas*. Trad. José Vela Tejada, Francisco Martín García. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

EURIPIDES. *Electra, Orestes, Iphigeneia in Taurica, Andromache, Cyclops*. Trans. Arthur Way. London: William Heinemann Ltd., 1929.

\_\_\_\_\_. *Tragedias*. Vol. I. Trad. Alberto Medina González; Juan Antonio López Férez. Madrid: Editorial Gredos, 1983.

FRONTINUS. *The Stratagems and the Aqueducts of Rome*. Trans. Charles E. Bennett. London: William Heinemann Ltd., 1925.

ISOCRATES. *To Demonicus; To Nicocles; Nicocles or the Cyprians; Panegyricus; To Philip; Archidamus*. Trans. George Norlin. London: William Heinemann Ltd., 1928.

\_\_\_\_\_. *On the Peace; Aeropagiticus; Against the Sophists; Antidosis; Panathenaicus*. Trans. George Norlin. London: William Heinemann Ltd., 1929.

- PAUSANIAS. *Description of Greece*. Vol. IV, Books 8.22 – 10: Arcadia, Boeotia, Phocis and Ozolian Locri. Trans.: W.H.S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Guida dela Grecia*. Libro III – La Laconia. A cura di Domenico Musti e Mario Torelli. Bologna: Arnoldo Mondadori Editore, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Guida dela Grecia*. Libro IV – La Messenia. A cura di Domenico Musti e Mario Torelli. Bologna: Arnoldo Mondadori Editore, 1997.
- PLATO. *Euthyphro; Apology; Crito; Phaedo*. Cambridge: Harvard University Press, 2017.
- PLUTARCH. *Lives*. Vol. I – Theseus and Romulus; Lycurgus and Numa; Solon and Publicola. Trans. Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Lives*. Vol. IV – Alcibiades and Coriolanus; Lysander and Sulla. Trans. Bernadotte Perrin. London: William Heinemann Ltd., 1959.
- \_\_\_\_\_. *Lives*. Vol. V – Agesilaus and Pompey; Pelopidas and Marcellus. Trans. Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Lives*. Vol. IX – Aratus, Artaxerxes, Galba, Otho. Trans. Bernadotte Perrin. London: William Heinemann Ltd., 1954.
- \_\_\_\_\_. *Moralia*. Vol. III – 172 a – 263 c. Trans. Frank Cole Babbitt. Cambridge: Harvard University Press, 1961.
- THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. 4 Vols. Trans.: Charles Forster Smith. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1956.
- XENOPHON. *Anabasis*. Books I – VII. Trans.: Carleton L. Brownson. Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Anábasis*. Trad. Ramón Bach Pellicer. Madrid: Editorial Gredos, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Hellenica*. Books I – IV. Trans. Carleton L. Brownson. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Hellenica*. Books V – VII. Trans. Carleton L. Brownson. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Obras Menores*. Trad. Orlando Guntiñas Tuñón. Madrid: Editorial Gredos, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Scripta Minora*. Trans. E.C. Marchant. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

## INSCRIÇÕES EPIGRÁFICAS

IG II<sup>2</sup> 43. In: *Searchable Greek Inscriptions* – <https://epigraphy.packhum.org/text/2261?&bookid=5&location=7> (Acessado em 24/07/2018).

## DICIONÁRIOS

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque: Histoire des Mots*. Tome II. Paris: Éditions Klincksieck, 1970.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

## BIBLIOGRAFIA

ANCONA, Clemente. Guerra. In: ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi*. Vol.14: Estado-Guerra. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989. p. 348-371.

ANDERSON, John Kinloch. *Xenophon*. London: Duckworth, 1974.

ARAVANTINOS, Vasileios L. The Inscription from the Sanctuary of Herakles at Thebes: An Overview. In: PAPAZARKADAS, Nikolaos (Ed.). *The Epigraphy and History of Boeotia: New Finds, New Prospects*. Leiden; Boston: Brill, 2014. p.149-210.

ASSUMPCÃO, Luis Filipe Bantim de. *Discurso e Representação sobre as práticas rituais dos esparciatas e dos seus basileus na Lacedemônia, do século V a.C.* 2014. 284 p. Dissertação (Mestrado em História Política) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

\_\_\_\_ (Org.). *Esparta: política e sociedade*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

AZOULAY, Vincent. The Medo-Persian Ceremonial: Xenophon, Cyrus and the King's Body. In: TUPLIN, Christopher (Ed.). *Xenophon and his World: papers from a conference held in Liverpool in July 1999*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. p.147-174.

BARBO, Daniel. O homoerotismo e a cultura política falocêntrica na Atenas Clássica. *Revista Escritas*, v.1, 2008.

BOMMELAER, Jean-François. *Lysander de Sparte: Histoire et Traditions*. Paris: De Boccard, 1981.

- BOWDEN, Hugh. Xenophon and the Scientific Study of Religion. In: TUPLIN, Christopher (Ed.). *Xenophon and his World: papers from a conference held in Liverpool in July 1999*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004. p.229-246.
- BREISACH, Ernst. *Historiography: Ancient, Medieval and Modern*. 3rd. Edition. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2007.
- BRUCE, I.A.F. *An Historical Commentary on the Hellenica Oxyrhynchia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- BUCK, Robert. *Boiotia and the Boiotian League, 432-371 B.C.* Alberta: The University of Alberta Press, 1994.
- BUCKLER, John. *The Theban Hegemony: 371-362 B.C.* Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Aegean Greece in the Fourth Century B.C.* Leiden; Boston: Brill, 2003.
- BUCKLER, John; BECK, Hans. *Central Greece and the Politics of Power in the Fourth Century B.C.* New York: Cambridge University Press, 2008.
- CANFORA, Luciano. *Histoire de la Littérature Grecque – D’Homère à Aristote*. Trad.: Denise Fourgous. Paris: Éditions Desjonquères, 1994.
- CARTLEDGE, Paul. *Agesilaos and the Crisis of Sparta*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. The Spartan Kingship: Doubly Odd? In: *Spartan Reflections*. London: Gerald Duckworth & Co. Ltd., 2001. p. 55-67.
- \_\_\_\_\_. *The Spartans: An Epic History*. London: Pan Books, 2003.
- CAWKWELL, George. The Foundation of the Second Athenian Confederacy. *Classical Quartely*, v. 23, n. 1, p. 47-60, 1973.
- CAWKWELL, George. Introduction. In: XENOPHON. *A History of My Times (Hellenica)*. Trad. Rex Warner. London: Penguin Books, 1979.
- \_\_\_\_\_. The Decline of Sparta. In: WHITBY, Michael. *Sparta*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. Efeito pretendido/efeito produzido. In: \_\_\_\_\_; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 180.
- CHRISTIEN, Jacqueline; RUZÉ, Françoise. *Sparte: Géographie, mythes et histoire*. Paris: Armand Colin, 2007.

- COX, Cheryl A. Marriage in Ancient Athens. In: RAWSON, Beryl (Ed.). *A Companion to Families in the Greek and Roman Worlds*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2011. p. 231-244.
- DEVOTO, James. *Agésilao II and the Politics of Sparta, 404-377 B.C.* A Thesis Submitted to the Faculty of Graduate School of Loyola University of Chicago in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy. Chicago, 1982.
- FALKNER, Caroline. *Sparta and the Sea: A History of Spartan Sea-Power, c.706 – c.373 B.C.* A Thesis Submitted to the Faculty of Graduate Studies and Research in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy. Alberta, 1992.
- \_\_\_\_\_. Sparta and the Elean War, ca. 401/400 B.C.: revenge or imperialism? *Phoenix*, v. 50, n. 1, p.17-25. 1996.
- FORNARA, Charles William. *The Nature of History in Ancient Greece and Rome*. Berkeley: University of California Press, 1983.
- FORNIS, César. *La guerra de Corinto: Fuentes antiguas e historiografía moderna*. Oxford: BAR International Series 1652, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Grecia exhausta: Ensayo sobre la guerra de Corinto*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Esparta: La historia, el cosmos y la leyenda de los antiguos espartanos*. Sevilla: Editorial Universidad de Sevilla, 2016.
- FORREST, William George. *A History of Sparta: 950-192 B.C.* London: Hutchinson University Library, 1968.
- FRIEDMAN, Dan. *Spartan Foreign Policy and Military Decline: 404-371 B.C.* A Thesis Submitted to the City College of the City University of New York in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree of Master of (Fine) Arts. New York, 2014.
- FUNKE, Peter. Between Mantinea and Leuctra. In: \_\_\_\_\_; LURAGHI, Nino (Ed.). *The Politics of Ethnicity and the crisis of the Peloponnesian League*. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 2009. p. 1-14.
- GARCÍA LÓPEZ, José. Plutarco. In: LÓPEZ FÉREZ, J.A. (Ed.). *Historia de la Literatura Griega*. Madrid: Catedra, 1988. p. 1024-1036.
- GRAY, Vivienne. *The Character of Xenophon's Hellenica*. London: Duckworth, 1989.
- HALPERIN, David. *One Hundred Years of Homosexuality and other essays on Greek Love*. New York; London: Routledge, 1990.

- HAMILTON, Charles. *Sparta's Bitter Victories: Politics and Diplomacy in the Corinthian War*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Agasilaus and the Failure of Spartan Hegemony*. Ithaca; London: Cornell University Press, 1991.
- HANSEN, Mogens Herman; NIELSEN, Thomas Heine. The Delian League. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_ (Ed.) *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p.111-115.
- \_\_\_\_\_. Was Sparta a Normal or an Exceptional Polis? In: HODKINSON, Stephen (Ed.). *Sparta – Comparative Approaches*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2009.
- HARMAN, Rosie. A Spectacle of Greekness: Panhellenism and the Visual in Xenophon's *Agasilaus*. In: HOBDEN, Fiona; TUPLIN, Christopher (Ed.). *Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry*. Leiden; Boston: Brill, 2012.p. 427-453.
- HERMAN, Gabriel. *Ritualised Friendship and the Greek City*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HODKINSON, Stephen. Warfare, wealth, and the crisis of Spartiate society. In: RICH, John; SHIPLEY, Graham. (Ed.). *War and Society in the Greek World*. London; New York: Routledge, 1995. p.146-176.
- \_\_\_\_\_. *Property and Wealth in Classical Sparta*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2000.
- \_\_\_\_\_. Was Classical Sparta a Military Society? In: HODKINSON, Stephen; POWELL, Anton. *Sparta and War*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2006. p.111-162.
- \_\_\_\_\_. Transforming Sparta: new approaches to the study of Spartan Society. *Ancient History: Resources for Teachers*, v. 41-44, p.1-42, 2011-2014.
- \_\_\_\_\_. The episode of Sphodrias as a source for Spartan social history. In: ASSUMPÇÃO, Luis Filipe Bantim de (Org.). *Esparta: política e sociedade*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.p.187-232.
- HOOKER, James T. *The Ancient Spartans*. London; Toronto; Melbourne: J. M. Dent & Sons Ltd., 1980.
- HORNBLOWER, Simon. Persia. In: LEWIS, D.M.; BOARDMAN, John; HORNBLOWER, Simon; OSTWALD, Martin (Ed.). *The Cambridge Ancient History*. Vol. VI – The Fourth Century. 2nd Ed. New York: Cambridge University Press, 2008. p. 45-96. (online publication).

- HOWATSON, Margaret C. (Ed.). *Oxford Companion to Classical Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- ISAGER, Signe; SKYDSGAARD, Jens Erik. *Ancient Greek Agriculture: Na introduction*. London; New York: Routledge, 1995.
- KADUSHIN, Charles. *Understanding Social Networks: theories, concepts, and findings*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KENNEL, Nigel. *Spartans: A New History*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2010.
- KONSTAN, David. *A amizade no mundo clássico*. Trad. Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.
- KUHRT, Amélie. *The Persian Empire*. Vol. I. London; New York: Routledge, 2007.
- LARSON, Stephanie. Sacred Band. In: BAGNALL, Roger; BRODERSEN, Kai; CHAMPION, Craige; ERSKINE, Andrew; HUEBNER, Sabine (Ed.). *The Encyclopedia of Ancient History*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2013. p. 5996.
- LEITE, Priscila Gontijo. *Ética e retórica forense: asebeia e hybris na caracterização dos adversários de Demóstenes*. Coimbra; São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume, 2014.
- LEMERCIER, Claire. *Formal Network methods in history: why and how? Social Networks, Political Institutions, and Rural Societies*, Brepols, 2015, p.281-310.
- LESKY, Albin. *Historia de la Literatura Griega*. Trad.: José María Díaz Regañón y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, 1989.
- LÉVY, Edmond. *Sparte: Histoire politique et sociale jusqu'à la conquête romaine*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.
- LEWIS, D.M. Sparta as Victor. In: LEWIS, D.M; BOARDMAN, John; HORNBLLOWER, Simon; OSTWALD, Martin (Ed.). *The Cambridge Ancient History*. Vol. VI – The Fourth Century B.C. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 24-44.
- LIPKA, Michael. *Xenophon's Spartan Constitution: Introduction, Text and Commentary*. Berlin; New York: De Gruyter, 2002.
- LOSEMANN, Volker. Sparta. In: LANDFESTER, Manfred. *Brill's New Pauly – Encyclopaedia of the Ancient World*. Classical Tradition. Vol. V – Rus-Zor. Leiden; Boston: Brill, 2010.

- LOW, Polly. *Interstate Relations in Classical Greece: Morality and Power*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- LUPI, Marcello. *Sparta: Storia e rappresentazioni di una città greca*. Roma: Carocci Editore, 2017.
- LURAGHI, Nino. Messenian Ethnicity and the Free Messenians. In: FUNKE, Peter; \_\_\_\_\_ (Ed.). *The Politics of Ethnicity and the crisis of the Peloponnesian League*. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 2009. p.110-134.
- MACK, William. *Proxeny and Polis: Institutional Networks in the Ancient Greek World*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores; Editora da UNICAMP, 1997.
- MALKIN, Irad. *A Small Greek World: Networks in the Ancient Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- MARINCOLA, John. A New Translation of Hellenika. In: STRASSLER, Robert (Ed.). *The Landmark of Xenophon's Hellenika*. New York: Anchor, 2010.p. 1-316.
- MILLENDER, Ellen. Kingship: The History, Power, and Prerogatives of the Spartans' 'Divine' Dyarchy. In: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. Vol. II. New Jersey: John Wiley & Sons Ltd., 2018. p. 452-479.
- MORGAN, Catherine; HALL, Jonathan. Achaia. In: HANSEN; Mogens Herman; NIELSEN, Thomas Heine (Ed.). *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 472-488.
- MORGAN, Kenneth O. *Twentieth-Century Britain – A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MUNN, Mark. Thebes and Central Greece. In: TRITLE, Lawrence A. (Ed.). *The Greek World in the Fourth Century: From the fall of the Athenian Empire to the successors of Alexander*. London; New York: Routledge, 1997, p. 66-106.
- NOËL, Marie-Pierre. Ἐγκώμιον ou ἔπαινος? Définitions et usages de l'éloge dans l'Évagoras d'Isocrate et l'Agésilas de Xénophon. In: PONTIER, Pierre (Dir.). *Xénophon et la Rhétorique*. Paris: PUPS, 2014. p.253-268.
- PARKER, Victor. Sphodrias' Raid and the Liberation of Thebes: A Study of Ephorus and Xenophon. *Hermes*, v. 135, n. 1, p. 13-33, 2007.
- PASCUAL GONZÁLEZ, José. *Grecia em el Siglo IV a.C.: Del imperialismo espartano a la muerte de Filipo de Macedonia*. Madrid: Editorial Sintesis, 2017 (versão Kindle).

- PORALLA, Paul; BRADFORD, Alfred. *A prosopography of Lacedaemonians: from the earliest times to the death of Alexander the Great (X-323 B.C.)*. 2nd Ed. Chicago: Ares Publishers, 1985.
- RAHE, Paul. *The Grand Strategy of Classical Sparta: The Persian Challenge*. New Haven; London: Yale University Press, 2015.
- \_\_\_\_\_. *The Spartan Regime: Its Character, Origins, and Grand Strategy*. New Haven; London: Yale University Press, 2016.
- RHODES, P.J. Documents and the Greek Historians. In: MARINCOLA, John (Ed.). *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Vol. I. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2007. p.56-66.
- RICHER, Nicolas. *La Religion des Spartiates – Croyances et cultes dans l'Antiquité*. Paris: Les Belles Lettres, 2012.
- ROMILLY, Jacqueline. *A Tragédia Grega*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- ROY, James. Elis. In: FUNKE, Peter; LURAGHI, Nino (Ed.). *The Politics of Ethnicity and the crisis of the Peloponnesian League*. Cambridge; Massachusetts; London: Harvard University Press, 2009. p. 30-48.
- \_\_\_\_\_. Sparta and the Peloponnese from the Archaic Period to 362 BC. In: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. Vol. I. New Jersey: John Wiley & Sons Ltd., 2018, p. 254-373.
- RUSCH, Scott M. *Sparta at War: Strategy, Tactics, and Campaigns, 550-362 BC*. London: Frontline Books, 2011.
- RUZÉ, Françoise. The Empire of the Spartans (404-371). In: POWELL, Anton (Ed.). *A Companion to Sparta*. Vol. I. New Jersey: John Wiley & Sons Ltd., 2018, p. 230-353.
- RUZICKA, Stephen. The Eastern Greek World. In: TRITLE, Lawrence A. (Ed.). *The Greek World in the Fourth Century: From the fall of the Athenian Empire to the successors of Alexander*. London; New York: Routledge, 1997, p. 107-136.
- \_\_\_\_\_. *Trouble in the West: Egypt and the Persian Empire, 525-332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- SCHMITT, Rüdiger. Cyrus the Younger. In: *Encyclopaedia Iranica Online*. Disponível em: <<http://www.iranicaonline.org/articles/cyrus-vi-younger>>. Acessado em: 01/07/2018.
- SCHWENK, Cynthia. Athens. In: TRITLE, Lawrence A. (Ed.). *The Greek World in the Fourth Century: From the fall of the Athenian Empire to the successors of Alexander*. London; New York: Routledge, 1997. p. 8-40.

- SEAGER, Robin. The King's Peace and the Second Athenian Confederacy. In: LEWIS, D.M.; BOARDMAN, John; HORNBLLOWER, Simon; OSTWALD, Martin (Ed.). *The Cambridge Ancient History*. Vol. VI – The Fourth Century. 2nd Ed. New York: Cambridge University Press, 2008. p.156-186 (online publication).
- SEALEY, Raphael. *A History of the Greek City States, ca. 700-338 B.C.* Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1976.
- STADTER, Philip Biography and History. In: MARINCOLA, John (Ed.). *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Vol. II. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2007, p. 528-540.
- STAFFORD, Emma. Nemesis, Hybris and Violence. In: BERTRAND, Jean-Marie (Ed.). *La violence dans les mondes Grec et Romain*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2005, p. 195-212.
- STOKES, Susan. Political Clientelism. In: BOIX, Carles; STOKES, Susan (Ed.). *The Oxford Handbook of Comparative Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 604-627.
- TALBERT, Richard J. A. The Greeks in Sicily and South Italy. In: TRITLE, Lawrence A. (Ed.). *The Greek World in the Fourth Century: From the fall of the Athenian Empire to the successors of Alexander*. London; New York: Routledge, 1997, p. 137-166.
- \_\_\_\_\_ (Ed.). *Atlas of Classical History*. London; New York: Routledge, 1985.
- TAMIOLAKI, Melina. Virtue and Leadership in Xenophon: Ideal Leaders or Ideal Losers? In: HOBDEN, Fiona; TUPLIN, Christopher (Ed.). *Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry*. Leiden; Boston: Brill, 2012, p. 563-590.
- TRITLE, Lawrence. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *The Greek World in the Fourth Century: From the fall of the Athenian Empire to the successors of Alexander*. London; New York: Routledge, 1997, p. 1-7.
- TRUNDLE, Matthew. *Greek Mercenaries: From the Late Archaic Period to Alexander*. London; New York: Routledge, 2004.
- TUERO, Jesús Lens. Otros historiadores del V y IV. In: LÓPEZ FÉREZ, J.A. (Ed.). *Historia de la Literatura Griega*. Madrid: Catedra, 1988, p. 568-592.
- TUPLIN, Christopher. *The Failings of Empire: A Reading of Xenophon Hellenica 2.3.11-7.5.27*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1993.
- WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. *Textos de História*. v. 11, n. 1/2, p. 89-127, 2003.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Beyond Comparison: Histoire Croisée and the Challenge of Reflexivity. *History and Theory*, v.45, n. 1, p. 30-50, 2006.

VLASSOPOULOS, K. *Unthinking the Greek Polis: Ancient Greek History beyond Eurocentrism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. Beyond and Below the Polis: Networks, Associations, and the Writing of Greek History. In: MALKIN, Irad; CONSTANTAKOPOLOU, Christy; PANAGOPOULOU, Katerina (Ed.). *Greek and Roman Networks in the Mediterranean*. London; New York: Routledge, 2009, p. 12-23.

Anexo I — Mapa do Peloponeso



RAHE, 2015, p. xvi.

